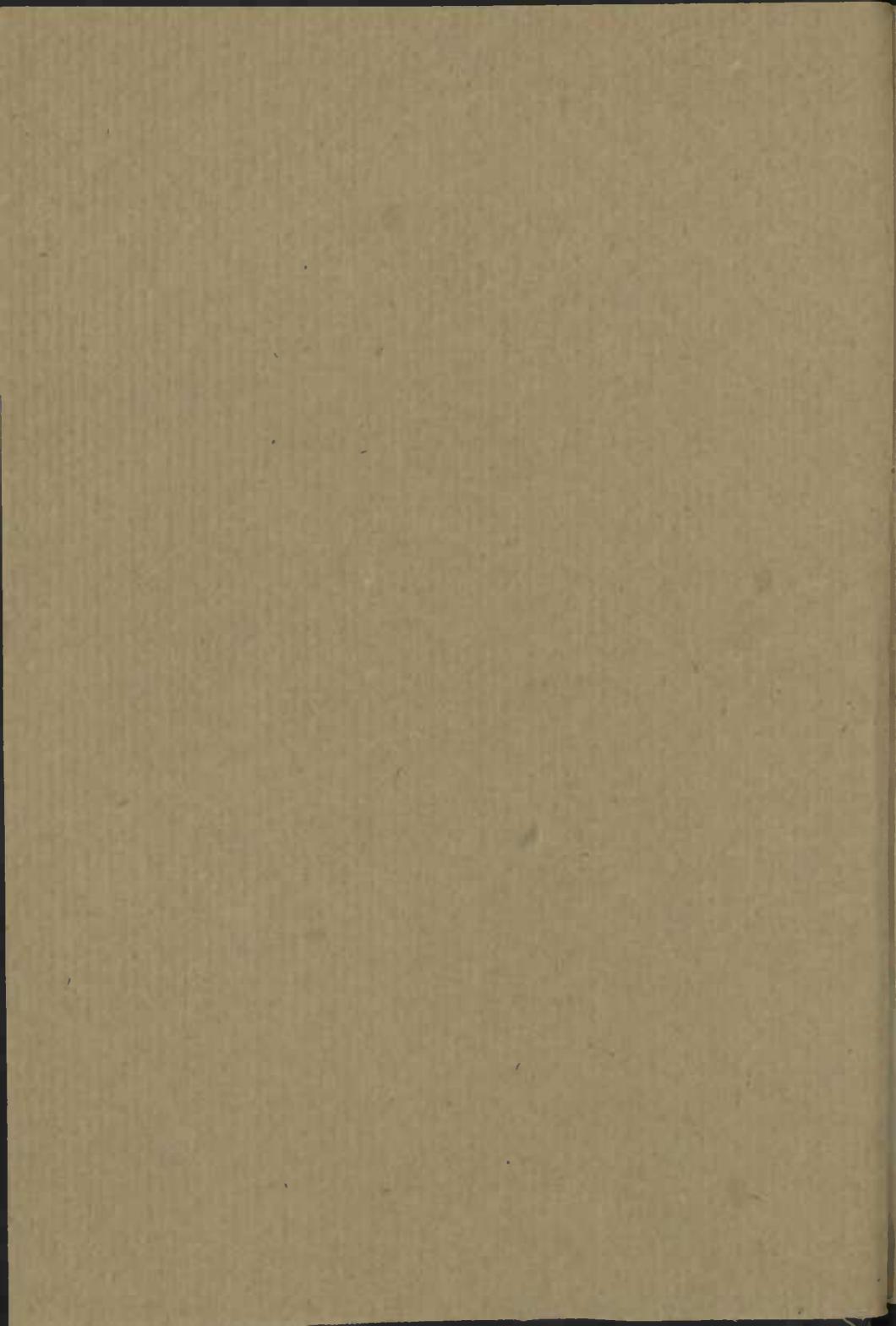


1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000





VERDADEIRO
M E T O D O
DE ESTUDAR,
P A R A

Ser util à Republica, e à Igreja:
PROPORCIONADO
Ao estylo, e necessidade de Portugal.

E X P O S T O

*Em varias cartas, escritas polo R. P. * * * Barbadinho
da Congregação de Italia, ao R. P. * * *
Doutor na Universidade de Coimbra.*

TOMO SEGUNDO.



V A L E N S A
NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.
ANO MDCCXLVI.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.

VERDADERO

M E T O D O

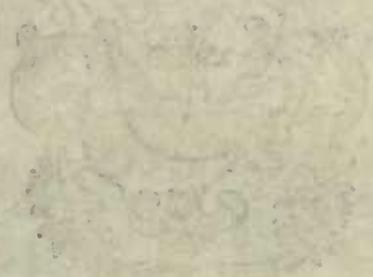
DE ESTADAR

TOMO

Handwritten notes:
1875
1875
1875

... de ...
... de ...
... de ...

TOMO SEGUNDO



V A L E N S I A

EN OFICINA DE ANTONIO BARRA

Y JOSE ...

... de ...

I N D E X.

Do que Contem as cartas do segundo Tomo .

C A R T A IX.

Mostra-se o mau metodo , de tratar a *Metafizica* neste Reino : e danos que daqui resultam . Explica-se, que coiza é *Metafizica*: e mostra, que é inseparavel da *Logica*, e *Fizica* : e que superfluamente que-rem chamar-lhe , ciencia separada . Que nam á tal *Metafizica*, como eles imaginam . Dá-se juizo , das obras do P. Feijoo . Pagina I.

C A R T A X.

Mostra-se, que coiza é *Fizica* . Que em Portugal nam intendem o que é , nem sabem tratar a *Fizica* . Prejuizos dos *Peripateticos*; e danos que resultam , da *Fizica da Escola* . Exceso da *Filozofia Moderna*, e principalmente da *Fizica*, sobre a antiga . Diversidade entre os mesmos *Modernos* : e qual sistema se-deve preferir . Necesidade da *Geometria*, e *Aritmetica*, para entender a *Fizica*: a qual se-deve estudar , nas obras das *Academias Reais &c.* Prejuizos dos *Portuguezes*, de nam quererem ensinar muitas coizas, em *Vulgar*. Dá-se o modo, de ordenar um curso de *Fizica*. Dá-se uma ideia, de estudar com metodo, e brevidade, toda a *Fizica*. pag. 23.

C A R T A XI.

Mostra-se, que a *Etica* pertence legitimamente ao *Filozoso*: que é necessaria ao *Jurista*, e *Teologo Moral*: que é util, para todos os empregos da vida : que é necessaria , aos que ãm-de ocupar , alguns empregos . Apontam-se os defeitos, que se-acham nos *Juristas*, e *Teologos*, por-falta da *Etica* . Particular necessidade que tem dela os *Nobres*, para poderem formar conceito do *Vicio*, e *Virtude*, e fazerem as suas obrigaçoens . Prejuizos de muitos *Nobres*, nesta materia : e modo de os-emendar . Dá-se verdadeira ideia , do que é *Etica*, e suas partes : Aponta-se um modo breve de a-estudar , com facilidade , e utilidade . pag. 61.

C A R T A XII.

Trata-se da *Medicina*, que é uma consequencia da *Fizica*. Nam é impropria aos *Religiozos* . Requisitos da *Medicina* . Que o *Medico*, alem de *Fizico*, deve ser um grande *Anatomico* . Ignorancia da *Anatomia* em Portugal, e principalmente na *Universidade* . Prejuizos que os *Portuguezes* tem, nesta materia : por cuja cauza nam podem saber *Medicina* . Odio que os *Galenicos* tem, aos *Anatomicos* : e por que razim : *Abuzo* dos-remedios, por falta de boa *Fizica*, e *Mecanica* . Que os remedios, pola maior parte, sam imposturas : principalmente os segredos mais louvados . Que o *Galenico*, nam pode ter boa pratica . Que a *Cirurgia* em Portugal, é totalmente ignorada . Aponta-se o metodo de estudar , a verdadeira *Medicina*, e *Cirurgia* . Apontam-se os melhores autores, em *Anatomia*, *Chimica*, *Medicina*, *Cirurgia* . pag. 86.

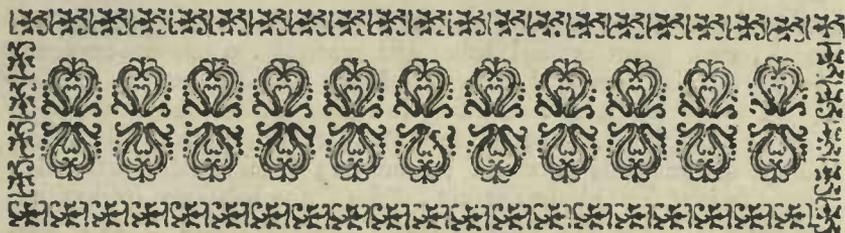
CAR-

O Rigem da Jurisprudencia Romana . Mao metodo de tratála em Portugal; e pefimas consequencias que dali rezultam . Desmedida prezunſam que os Portuguezes tem de Juristas, e desprezo das-outras Naçoens, ſem fundamento . Nam baſta o corpo do Direito , ao Jurisconſulto : requer-ſe Politica , e muitas outras coizas , para ſatisfazer aos empregos . Mostra-ſe com razão , e exemplos , que eſtes eſtudos ſam compativeis , com as Leis . Dá-ſe uma ideia do Direito Civil , até os tempos prezentes . Neceſidade da Iſtoria , para o Direito . Tocam-ſe os defeitos intrinſecos , e extrinſecos da Jurisprudencia . Aponta-ſe o melhor modo , de ter uma pratica util , tanto para o Advogado , como para o Juiz . pag. 139

D iſcorre-ſe da Teologia . Metodo de a-tratar em Portugal, e danos que naceem dele . Frivolas razoens com que os Portuguezes querem defender , o ſeu metodo . Dá-ſe uma ideia , do que é a verdadeira Teologia: como naceo , e ſe-continuou : Aponta-ſe a origem da Eſcolastica , e ſua durasam : e conceito que formáram dela , os doutores deſe tempo . A Teologia Pozitiva , que renaceo com o concilio de Trento , é ignota em Portugal . Mostra-ſe a inſuſtencia das razoens em que ſe-fundam , para a-nam-admetirem . Aponta-ſe o modo com que a-tratam , os Teologos modernos . Neceſidade da Iſtoria , e das Linguas , para ſaber fundamentalmente Teologia . Aponta-ſe o metodo , que deve observar o eſtudiante , que quer ſaber boa Teologia . pag. 195

T rata-ſe do Direito Canonico . Mao metodo de o-eſtudar neſte Reino , e danos que dele rezultam . Dá-ſe uma ideia do Direito Canonico, e da ſua iſtoria . Neceſidade da Iſtoria Ecleziastica , para intender os Canones . Que daqui deve comeſar o eſtudo do Canonista , unido com a Civil , e Geografia Sagrada . Aponta-ſe o metodo , de eſtudar Canones . Neceſidade das Inſtituiçoens Canonicas , antes que ſe-eſtudem , materias particulares . Apontam-ſe algumas melbores : Aponta-ſe, o que ſe-deve eſtudar deſpois : Tocam-ſe os defeitos do Direito Canonico intrinſecos , e extrinſecos . Como ſe-devem regular na pratica, os que eſtudam Canones . pag. 229

A Ponta-ſe o metodo de regular os eſtudos , em todas as escolas ; começando da Gramatica , até à Teologia . Fazem-ſe algumas reflexoens particulares , ſobre o modo de exercitar utilmente os rapazes , na Gramatica : em que ſe-reprovam alguns eſtilos , introduzidos em Portugal . Modo util de exercitar os Medicos , e Cirurgioens . O meſmo ſobre as Leis ; Canones , Teologia : onde ſe-aponta , como ſe-podem exercitar , os Confeſores . Dá-ſe uma ideia , do modo de inſtruir as Molheres , e nam ſo nòs eſtudos , mas na economia , com utilidade da Republica . pag. 253



CARTA NONA.

S U M A R I O .

Mostra-se o mau metodo, de tratar a Metafizica neste Reino: e danos que daqui rezultam. Explica-se, que coiza é Metafizica: e se-mostra, que é inseparavel da-Logica, e Fizica: e que superfluamente queream chamar-lhe, ciencia separada. Que nam á tal Metafizica, como eles imaginam. Dá-se juizo, das-obras do-Padre Feijoo.



Eu amigo e senhor, Quando recebi a ultima de V.P. em data de 15 de Fevereiro, tinha ja comefado outra, para lhe-mandar, e era, sobre a Fizica. Esta sua carta me-obriga, a deixar uma, e meter em meio outra, para satisfazer a sua curiosidade, e responder tambem a um argumento, que me-forma. Mas primeiro, devo agradecer-lhe, os cumprimentos que me-faz, e elogios com que me-orna. Louva V.P. muito, a ideia que lhe-dei de Logica: e se-persuade, que quem nam segue aquella estrada, aindaque fale muito de Logica, nam saberá, que coiza é Logica. Vistoque a Logica comua, serve alguma coiza, para arengar nas escolas: mas fóra dali, para nada serve. Desorteque se só os que tem estudado esta Logica, discorrem bem, fica quazi todo o genero humano condenado, a dizer parvoices: vistoque a milesima parte dele, nam entra nas escolas.

Eu recebo o cumprimento que me-faz: e nam por-motivo de vaidade, mas porque conheço, que assim é: e vivo persuadido, que nam dise senam a verdade: nem direi mais a V.P. coiza, que seja contra o que intendo. Alem diso sei, que o que afirmei a V.P.

ja agradou a omens doutos, nam só deste Reino, mas de outras Naçoens, com quem conferi sobre esta materia . o que me-confirma de novo, que nam é dezacerto . Mas, falando com V. P. com a nosa solita confianca, nam sei, se achará muitos da-sua opiniam . Omens conheço eu, aos quais se V.P. diser, que a forma Silogistica, nam é a coiza mais necessaria no-mundo ; se-escandalizarám mais, doque se ouvirem alguma erezia . Estes, que beberam o silogismo em idade tenra, nam querem ouvir falar de outra coiza : uns, por-malicia, porque nam sabem falar em outra materia : outros, por-ignorancia, porque nunca examináram a questam . e estes sam os mais . Dise com galantaria um ingenho Espanhol, que metade do-mundo, vive da-opiniam da-outra metade. e eu cuido, que se-pode profeguir adiante, e dizer, que de dez mil omens, 9999 vivem da-opiniam do-decimomil. Ouvirá V.P. louvar um omem, por-muito douto, em uma Cidade, e talvez um Reino inteiro . Quantos acha V.P. que sejam capazes, de votar na materia ? e ainda destes, quantos acha, que tenham examinado, a doutrina do-outro ? talvez nam achará 4. e contudo todos os mais nam cesam de aclamar aquele omem, por-um grande doutor, fomite polo ouvirem dizer . Admirava-se comigo certo Religiozo de vida contemplativa, sobre a quantidade de omens, que nam seguem a religiam Catolica : e tudo era exclamar ; como era possivel, que a maior parte do-mundo, nam conhecesse os erros que abraçam ! Compadeci-me da-bondade do-dito Religiozo, e lhe-adverti, que a razam era, porque nam examinávam fundamentalmente as razoens, porque a-abraçavam : mas, cheios de prejuizos, seguiam o que lhe-ensináram . Quantos pois, lhe-dizia eu, acha V.P. entre os mesmos Catolicos, que saibam os verdadeiros motivos, porque abraçam a sua religiam ? Nam digo eu entre os Catolicos, mas entre os mesmos Ecleziasticos, e Profesores, quantos sam, os que sabem com fundamento, por-que razam, fomite a nosa religiam, se-deve seguir ? E se tantos seguem a boa religiam, e que se-funda em razoens tam claras, e fortes, sem a-examinarem, mas porque assim foram criados ; que maravilha, que os que nunca ouviram outra coiza, sigam o que lhe-ensináram ? As mesmas demonstraçoens matematicas, que sam tam claras, se nam se-examinam, nam se-intendem . com maior razam das-outras coizas, que nam sam evidentes . Esta é a forsa da-preocupasam . ela faz obrar os Omens, com a mesma forsa, que faria a razam . Onde nam é maravilha, que os omens, criados com o silogismo, desde a sua primeira idade, com tanta forsa o-defendam . necessariamente deve ser assim . O que porem devemos fazer é, tomar as coizas como mere-

merecem . E assim reconhecendo nós , que estes nam examináram a materia ; nam fazer cazo da-sua autoridade, em coiza alguma . Onde aquele , *Dizem-no todos* , nam deve fazer forsa a ninguem , para seguir , o que eles dizem . E' necesario primeiro ver , quem eles sam : e se examináram o que dizem , sem afeto às partes .

Isto digo a V.P. paraque nam creia facilmente , que todos ám-de seguir a sua opiniam : e paraque , persuadido disto , a-nam-promulgue , sem algumas cautelas . Quando V.P. quizer ler ao P. * * alguma das-minhas cartas ; será necesario primeiro , preparalo com seis sangrias , e uma boa purga : e , se isto nam bastar , para o-livrar do-seu mau umor , com um vomitorio . O P. colegial * * * concedo , que seja mais capaz , de receber doutrinas : mas é necesario, fuministrar-lhas com advertencia . Em uma palavra , V.P. nam leia as minhas cartas , senam a quem as-intenda : porque perderá o tempo , e a paciencia , e talvez a fama . As coizas é necesario ilas comunicando , pouco a pouco : principalmente a estas cabesas duras , juizos de pedra e cal , que nam tem percesám , e às vezes nem menos uzo de razam . Tenho respondido , à primeira parte da-carta . passo à segunda .

Nela me-diz V.P. que o P. * * me-pede com instancia , que una a Metafizica Intencional com a Logica : e dela lhe-diga o meu parecer, antes da-Fizica . Ja vejo, que por-aqui andou, algum livrinho destes meios modernos, ou Tosca , ou Purcocio , ou coiza semelhante, que fazem esta divizam . O que mais me-admira é , que me-pésa isto , despois de ter ouvido , que coiza é Logica . de que bem claro se-mostra , que cazo se-deve fazer , desta Metafizica Intencional . Contudo para satisfazer o empenho dese bom Religiozo , e , mais que tudo , o preceito de V.P. direi o que basta , para intender melhor o que dise , e para se-intender , que coiza é esta Metafizica .

Os Filozofos Peripateticos nam fazem esta divizam na Metafizica . Sam os Cartezianos , e Gazendistas , que , tendo observado , que nos-últimos sinco capitulos do-duodecimo livro da-Metafizica de Aristoteles , se-fala na sustancia Espiritual , e nos-outros primeiros livros , se-fala de outras razoens ; introduziram esta divizam na Metafizica . Chamam Metafizica Intencional , às divizoens do-Ente, das-Cauzas , dos-Predicamentos &c. que o intendimento considera , como coizas separadas da-Materia . Chamam Metafizica Real , à que-las coizas , que na realidade sam separadas da-Materia ou Corpo , como Deus , Anjos , Alma &c. Estes segundos procedem mais methodicos , que os primeiros : mas dos-primeiros é que tomáram , as ideias de Metafizica . Más é certo , que uns e outros applicam à

este nome, ideias, que lhe-nam-convem. Este nome, *Metafísica*, é de nova invenção: e nam da-mam de Aristoteles. Tiraño Grammatico, e Andronico, que foram os que em Roma no-tempo de Julio Cezar, puzeram em melhor forma, os livros de Aristoteles, que Silla Ditador tinha trazido de Atenas, como em outra carta difemos; ou o mesmo Apellido Ateniez; como outros querem; tendo disposto em varias clases, as obras dele; uniram todos os mais livros, que julgáram, nam pertencer para a Logica, ou Fizica, ou outra faculdade; e lhe-deram este titulo: *Metafísica*. que vale o mesmo que, *livros postos depois da-Fizica*. Os que se-seguiram depois disto; adotáram este nome, no-mesmo sentido: Mas os Dialecticos desde o seculo XI. com cega veneração da-Antiguidade, fizeram escrupulo, de mudar, ou examinar as coizas. Desorteque tomando este nome, como se fosse proprio; o-aplicáram a umas certas coizas ou especulaçoens, que eles inventáram à sua eleição: como abaixo direi. E daqui é que naceo, que, sem examinarem, nem entenderem a razão, chamáram *Metafísica*, às suas particulares ideias.

Sendo pois que nós oje, nam temos necessidade, de seguir a ordem de Tiraño, e Andronico; tambem nam temos necessidade, de tratar separadamente, esta *Metafísica Intencional*, debaixo de um titulo particular, e com todo o aparato da-*Metafísica das-escolas*. Unicamente devemos examinar, se o que se trata com este nome, pertence a alguma ciencia particular, ou nam.

Isto suposto, devendo dizer o meu parecer a V. P. repito mui claramente, que é loucura, separar estas metafísicas, das-outras partes da-Filozofia. *Metafísica Intencional*, é pura Logica: *Metafísica Real*, é pura Fizica: e tudo o mais sam puerilidades. Isto é tam claro, que até eses modernos, que partem em duas a *Metafísica*, poem a *Intencional* depois da-Logica: e a *Real* depois da-Fizica. Deviam porem, tirar-lhe o titulo de *Metafísica*, e unila com a Logica, e Fizica. Fizica é a ciencia, que trata da-natureza das-coizas: cuja pertende alcançar, por-meio das-suas propriedades. E como seja certo, que polas propriedades alcançam os Filozofos; tanto a ideia que tem, da-natureza do-Espirito, como do-Corpo; nam fica lugar de duvidar, que o conhecimento dos-Espiritos, seja verdadeira Fizica. Mas esta parte da-Fizica, que trata dos-Espiritos, a que chamam *Pneumatologia*, deve ser tratada, depois da-Física comua: visto que da-noticia dos-Corpos; suas propriedades, e leis do-movimento &c. se-tiram bellissimas provas, para mostrar a diversidade, entre o Corpo, e Espirito. e assim na Fizica salarei nela.

Quan-

Quanto à Metafizica Intencional, persuade a mesma razam; que, se nela se-acha alguma coiza boa, deve ser tratada, junto com a Logica. Mas, para deenganar melhor esse Padre, a quem fizeram grande forsa, os titulos de Metafizica, que leo separados; farei alguma reflexam, sobre isto a que chamam Metafizica.

Os Metafizicos, que procedem com mais metodo, comecam a sua Metafizica, polos Univerfais: porque como ela trate do-Ente em comum, e outras razoes Genericas, explicam primeiro, que coiza é Univerfal, e como se-faz. Mas destes Univerfais, cuido tenho dito o que basta, para saber o que valem. Toda a arenga eterna das-*Precizoens*, para nada mais serve, que para intender, que o intendimento tem faculdade, para considerar muitas ideias como se fossem uma: separando as particulares diferensas dos-objectos, e considerando em que coiza convem. vg. Todos os omens discorrem, e sentem. Onde, em virtude desta semelhança, o noso intendimento, que tem uma admiravel facilidade, para considerár o objeto em cem diferentes maneiras; forma a ideia de uma coiza, que sente, e discorre: e a isto chama, *natureza umana*.

Isto basta que se-intenda una vez, observando a fecundidade que a alma tem em formar ideias: comparar umas com outras: e desta comparasam, tirar cem mil diferentes ideias compostas. Mas nam o-intendem assim os Peripateticos. antes tomando o dito tratado, como fim das-suas especulacoens, levantam mil questoes escuzadas, e perdem anos inteiros, com estas arengas; que sam reprovadas polos omens mais doutos; entre os mesmos Peripateticos, como em outra carta adverti. Eles fazem mil exames, sobre o objeto daquele ato. uns dizem, que a separasam, se-faz no-objeto: outros, que a separasam, consiste em diversos atos. Isto provem, de que nam se-explicam bem: pois na realidade, todos dizem a mesma coiza: e convem no-que bastava, para nam perderem o seu tempo. Concordam, que o meu conhecimento, nam divide realmente, o *animal do-racional*. se pois o-nam-divide realmente, fica claro, que qualquer outra separasam, á-de ser feita, polo ato do-intendimento. Toda a bulha consiste, na explicasam desta palavra, *objeto*. Uns dizem, que o intendimento poem o *animal racional*, *no-estado intencional*; e que ali divide os graos como lhe-parece: e aisto chamam, *precizam objetiva*. Outros enfadam-se terrivelmente para mostrar, que o intendimento conhece à *parte rei*, ambos os graos; porque as especies que vem do-objeto, representam igualmente ambos.

Parece-me, que, sem grande trabalho, se-conhece, que ambos fazem questam de nome: e que, para a-defenderem, se-servem de termos

mos que nam significam nada . Aquilo , de pór o objeto no-estado intencional , se acazo nam quer dizer , que o intendmento , pode fazer uma ideia , que nam exprima , as differenças dos-objetos ; certamente sam vozes sem significado . Os outros , cuido que ainda discorrem pior , quando dizem , que as especies do-objeto , representam o animal , e racional : e manifestamente se-fundam todos , em um falso suposto . No-Omem , o *animal e racional* , é a mesma coiza : e nada mais é , que a nosa alma . porque o corpo nem discorre , nem sente : mas é a alma , que , segundo os movimentos do-corpo , sente . Mostra-se isto claramente , no-omem que tem os nervos atados , ou uma perna violentissimamente comprimida , ou inferma ; o qual nada sente , aindaque lha-ofendam : porque está impedida a comunicasam com o cerebro ; aonde , quando a impresam chega , é que a alma sente . Isto é claro : e nenhum omem de juizo , duvida destas experiencias . Mas aindaque admitamos , que o corpo sente , sempre é certo , que o corpo nam entende , mas samente a alma : a qual nam manda especies aos olhos . E aqui temos já , que toda aquela questam se-funda , sobre una manifestissima falsidade : e que estes pobres omens , estam disputando , de *lana caprina* . Se examinamos todas as outras , achará V. P. que se-fundam neste suposto , ou em outro semelhante . E a qui temos , que toda aquela palhada , se-reduz a nada : e basta saber , o que assim difemos .

Quanto aos Universais *in specie* , fundam-se tambem , em outros supostos ou falsos , ou duvidozos . Nós vemos , que os brutos conhecem ; e fazem operaçoens , que nam se-podem explicar , sem algum genero de discurso . no-que convem , alem de muitos SS. PP. Teologos , e Filozofos de grande nome : e oje é coiza recebida , entre os melhores modernos . Onde o asinar o *racional* , por-diferença do-Omem , se nam é manifestamente falso , ao menos , é muito duvidozo . Da-outra parte : nam sabemos , se os Anjos sentem . porque se as nosas almas separadas , sentem as penas ; porque nam direi , que os Anjos (ponho de parte a bemaventurança) podem sentir ? Ao menos sei , que a minha alma , que é espirito , ainda estando no-corpo sente : onde nam acho diversa razam , para os Anjos . Onde nem menos sabemos , se o *animal* , como eles o-intendem , é Genero . Deixo outras mil observaçoens que mostram , quanto podemos duvidar , sobre aquelas materias . Ora é certo , que a dividam em 5 especies , funda-se sobre estes principios : e consequentemente nam merece , que se-lhe-de tanto tempo , e cuidado ; por-ferem coizas totalmente falsas , ou desnecessarias . Digo pois , que de Universais , basta notar , o que dife na Logica : aonde , em lugar destas , se-podem fazer outras reflexoens utilissimas .

Quan-

Quanto às divizoens do Ente, e Sufstancia &c. basta olhar, para uma arvore filozofica vg. a de Purcocio, ou outra mais ampla e explicada, como vi algumas: e ali observar, como dividem o Ente: que nomes lhe-dam &c. E isto, mais por-nam parecer noviso, na Teologia Escolastica, ou livros dos-Peripateticos; doque por-ser necessario. tudo o mais deve-se totalmente fugir. E ainda na dita arvore ja emendada, nam á pouco que duvidar: porque nela nam achamos collocado o *Vacuo*: que é um ente mui real, e nada dependente da-imaginasam. Mas, deixando isto, para o noso cazo, é o que basta: e tudo o mais é superfluo. Se V. P. aperta com proguntas eses, que tratam muito disto, achará que limpamente lhe-confesam, que para nada servem. Mas, semque eles o-digam, mui bem se-conhece. e assim nam se-deve fazer cazo, do-que o-nam-merece. Deste principio fica claro, que conceito se-deve fazer, de tudo o que se-diz, do-Ente em comum. Aquele *conceito formal do-Ente*, que tanto dá que entender a muita gente; sam puros Universais, e ja ficam criticados assim. Onde mui superfluamente quebram a sua cabesa com ele, os que já na Logica tem escrito, 20 cadernos de Universais.

Pasemos às divizoens do-Ente, e primeiro à divizam, em Real, e da-Razam. O que dizem das-trez propriedades, *Unitas, Veritas, Bonitas*, é tal, que me-ênvergonho repetilo. Explicam a *Unidade*, com estas palavras: *Id quod est indivisum in se, & divisum a quolibet alio ultima divisione*: Mas apostarei eu, que quem ouve esta explicasam, intende menos o que é *ser um*, doque se lho-nam-diselem. Qualquer pessoa ainda rustica sabe, que o *ser um*, é *nam ser dois*: porque esta ideia desi é clarissima. Pois isto mesmo é o que dizem os Logicos, por-palavras mais obscuras. Esprimida toda aquela definisam, nam diz mais que isto. sendo certo, que o estar unido a outro, com o qual fasa: um todo; é nam estar dividido dele, e é, nam ser dois. E eis aqui que a dita definisam, nam nos-ensina mais, que o que sabe, um Galegó de mezes. e toda a disputa da-individuasam, vai polos arés; porque o que tem de bom; o-sabemos sem isto. Mas o pior é, que eses mesmos, que querem profundar o pensamento, despois de dizerem muito, nam nos-chegam a explicar distintamente, por-qual razam, Eu nam sou Pedro. Eu, e Pedro temos as mesmas propriedades, e facultades. tomára pois que estes, que quebram a sua cabesa, com as disputas da-individuasam, e se-persuadem, que chegaram ao ultimo conhecimento das-coizas; tomára, digo, me-explicasem, por-qual razam Paulo, nam é Pedro. Dirám, que é coiza evidente, que Eu nam sou Pedro. concedo: mas se isto é tam claro, que todos o-conhecem; paraqué é necessario persuadilo?

Alem

Alem diso, por que quebram a sua cabesa, com a disputa do-Individuo: a qual nam só nam dá noticia alguma nova, mas nem menos-nos-explica a razam, diso mesmo que ja sabemos?

O que dizem da-Verdade, é ainda mais bonito. Consiste a Verdade, segundo eles dizem, emque eu tenha, todos os predicados que devo ter. Nam sei, se se-pode ler isto sem rizo. porque, a falar verdade, ter eu menos predicados fizicos, doque devo ter, é uma coiza bem difficultosa de se-intender. Se Pedro nam tivesse, todos os predicados que deve ter, nam seria Pedro. o mesmo digo das-outras criaturas. O que suposto, toda a doutrina que tiramos da-Verdade, e suas consequencias, e esta: Saber, que Pedro é Pedro: Cavallo é Cavallo: e Pedro nam é Cavallo. Cuido porem, , que, sem grande doutrina, intendem isto todos: onde as disputas que sobre isto se-formam, de nada servem neste mundo.

A Bondade, é quazi o mesmo que a Verdade. Dividem-na, em bondade de perfeisam *esencial*, *integral*, e *accidental*: que vale o mesmo que dizer, que uma coiza, tenha todos os predicados que lhe-competem, em cadaum daqueles generos: e nada tenha de superfluo. Poem mais outra bondade, a que chamam de *amabilidade*: e consiste, emque cada ente possa terminar, um ato de amor. Daqui pasam a determinar, qual daquelas bondades, é propria do-Ente. e tratam isto com toda a extensam, que pede uma materia de considerasam. Entra tambem alguma coiza da-*Malicia* do-Ente: e com isto se-entretem. Ora eu cuido, que isto é tam manifestamente ridiculo, que perdera o meu tempo, em mostralo. E cuido tambem, que se o seu P. * * reflectir nisto, escuzará de me-pedir, que lhe-dé a explicasam: e conhecerá, com quanta razam deixo de falar, em semelhantes puerilidades.

Ao Ente Real, segue-se o *da-Razam*: sobre que nestes paizes, costumam escrever, infinitos cadernos. e Peripatetico (1) sei eu, que, avendo de comesar o tratado do-Ente da-razam, se-dá os parabens a si-mesmo, com estas palavras: *Nullibi tenuius filum net mens humana, nusquam subtilius speculatur, quam dum hoc ens fabricat. - - - Cum ergo nullius in toto cursu philosophico maior vel fama sit, vel exspectatio; suis illud hic coloribus adumbrabimus: ortum ejus, causas, lineamenta, indolem describemus.* e continua o tratado, com toda a aplicasam, que promete no-prologo. Creio, que para comprehender bem, a necessidade da-materia, basta que

(1) *Comptonus in Philosophiä.*

que eu lhe-ponha diante dos-olhos , o que contem . e , por-nam-fair do-tal autor ;

Depois de longos prenotandos , pergunta : Se se-dá Ente da-razam . Mostra , que se-dam objetos impossiveis , distintos realmente de todos os possiveis : cuja rezolusam dece , da-preocupasam em que está , que os possiveis tem um ser , distinto da-omnipotencia de Deus . Pasa aos particulares entes : pergunta , Se a denominaçam extrinseca é ente da-razam . se a chimera é negasam . se a cabeça de Elefante , corpo de Leam , pez de Cavallo unidos , sejam ente da-razam . se a uniam de identidade entre Cavallo e Leam ; o-seja . se as relaçoens , negaçoens ; privaçoens , imaginadas onde nam devem estar ; ou o corpo imaginado espirito , o-seja . Pasa à produsam , e examina : Se o ente da-razam seja um todo , composto de conhecimento , e objeto fingido ; ou somente o objeto . se o intendimento é cauza do-ente da-razam . se é cauza eficiente verdadeira , ou metaphorica : e responde a uma enfiada de argumentos . Para abreviar-mos , pergunta , Se o sentido , se o appetite , se a vontade , se a imaginativa , se a apreensam , ou juizo , se nenhum ato verdadeiro , se todo o ato falso , se Deus , se os Anjos , possa cadaum destes , fazer ente da-razam . Examina tambem , onde esteja o ente da-razam : se se-posa mover : se é branco , ou negro : se sam semelhantes uns a outros : se se-divida bem , em negasam , privasam , e relasam : se as segundas intensçoens sejam entes da-razam : e outras coizas destas .

Parece-me que o amigo * * ouvindo somente este ladainha , se-envergonhará , de me-ter falado , em semelhante materia . Um mestre que se-cansa , em disputar tudo aquilo , e o-inculca , como coiza utilissima , merece estar fechado em uma caza , retirado da-sociedade umana , e fazendo toda a sua vida , entes da-razam . Nam me-parece , que seja necessario persuadir , que tudo aquilo , é uma ridicularia . um omem dezapaixonado , que ouve somente propor as questçoens , conhece mui bem , quantos prejuizos tem na cabeça , quem as-defende . Quantas coizas falsas supoem , que nam sam assim ! Quantas se-chamam com diversos nomes , que sam a mesma coiza ! Nam tenho tempo , para impugnar estas ridicularias : nem tambem é necessario . Bastar-me-á perguntar ao seu * * se julga , que tudo aquilo , ou alguma daquelas coizas , é util , para regular o intendimento ; ou se é conducente , para intender alguma parte das-ciencias ? Se nam é louco , responderá , que para nada serve . E , quando nam ouvese outra razam , está só bastava , para desterrar estas arengas , nam só da-Metaphizica , mas do-mundo .

A outra celebre divizam do Ente, é em Positivo, e Negativo. Aqui se-examina miudamente, o ente Negativo, e Privativo, que é primoiormam com o da-razam. Proguntam, se a negafam seja uma entidade, que tenha por-objeto, desviar a forma: e outras coizas semelhantes. Perdêra o tempo, e a paciencia, se falafe em mais coizas destas. e asfm digo brevemente, que tudo aquilo é indigno, de um omem de juizo: e que nam sei que consciencia tem, os que obrigam os discipulos, a estudar isto. Toda a noticia util, que se-tira dali, se-reduz, a intender trez nomes. *Ente da razam*, é tudo o que existe no-intendimento: e no-noso cazo, é um impossivel conhecido. *Negafam*, é quando uma coiza, nam existe no-mundo. *Privafam*, é quando a tal coiza, falta em um fugeito, que a-pode ter. vg. a falta de vista em um omem. Isto basta que o mestre vocalmente o-explique, aos discipulos: o mais é superfluo.

Segue-se a celebre divizam do-Ente, em Divino, e Criado. O examinar, se a razam de Ente é univoca, para Deus, e Criaturas: se transcende as diferensas: é coiza na verdade indigna, de omens que comem pam. Se o que proguntam é, Se tanto Deus, como as Criaturas, existam: cuido que a isto pode responder qualquer criansa, que saiba falar, e intenda os termos: e no-mesmo tempo vale o mesmo que proguntar, se o que existe, existe. Se pois querem comparar a existencia de Deus, com a das Criaturas, sam loucos. Se dizem mais alguna coiza, nada nos-empórta, nem serve para as Ciencias em coiza alguma. A outra questam, *Se o Ente transcende as diferensas*, também me-parece Tartara. Confeso a V.P. que quanto mais a-leio, menos a-intendo. e quando ouso dizer, que *Ens transcendit differentias*; ouso certas palavras, a-que nam descubro significado: nem atequi ouve quem mas-explicáfe, em modo que o-intendese-mos.

Mas considere V.P. comigo, o que dizem da-*possibilidade*, e *atualidade*. Proguntam, se a possibilidade se-distingue atualmente da-Omnipotencia divina: e se esta coiza que se-distingue, é positiva, ou negativa, ou potencial. No-primeiro, afirmam: e no-segundo, negam: e daqui saiem varias outras questoes. vg. Se os possiveis dependem-atualmente de Deus: se sam mais necesarios que a Omnipotencia &c. Esprema V.P. toda aquela disputa, e verá, que se-reduz, a um círculo viciozo; ou a nada: e que é discorrer de uma coiza, que nam sabemos, nem nos-empórta saber. Primeiro, explicam a *possibilidade*, por-uma nam repugnancia dos-extremos. Proguntados eles, que coiza é nam repugnancia, dizem, *Que se acazo se-puzesem a parte rei*, nam se-dariam contraditorios. Se reproguntamos,

porque nam se-dariam contraditorios : que ám-de dizer ? senam , porque Deus os-pode produzir ? Mas eles nam se-acomodam com isto , e dizem : Que emtanto Deus os-pode produzir , emquanto nam tem repugnancia alguma . Mas se tornamos a proguntar , porque nam tem repugnancia ? ou ám-de recorrer , a um circulo viciozo ; ou dizer , que é , porque Deus os-pode produzir . Assimque toda a doutrina que dali se-tira , é esta : Que aquella coiza é possível , que Deus pode produzir . coiza que percebem , os que sabem , o puro significado das-palavras . Tambem é coiza galante , o que dizem , *do-ser potencial* , que tem os possíveis . Proguntados eles , que coiza seja este ser potencial ; respondem , Consistir emque pondo-se a *parte rei* , nam rezulte implicancia alguma : e tornamos a cair , na primeira qhestam . Fazem aqui outra nova embrulhada com dizerem , que as Efencias sam *ab aeterno* : sam ingeneraveis , e incorrutiveis . Isto esprimido à nam , nam quer dizer mais doque , que nam podemos intender , que um Ente seja o que é , e juntamente seja outro Ente . Onde se Deus *ab aeterno* tivese , as ideias dos-Entes , que agora existem ; necessariamente seriam as mesmas que agora sam : pois de outra sorte , nam seriam ideias dos-mesmos Entes , se pudessem mudar-se ; semque se-mudafem as especies dos-Entes . E isto assim explicado , é coiza que intendem mui bem todos .

Proguntam tambem , *Per quid res transeat formaliter ab statu possibilitatis , ad statum actualis existentia* . Mas se eles confessam , que nam á tal res *qua transeat* : vistoque antes de se-produzir , nam tinha ser , e samente era verdade dizer , que a tal entidade , que agora se-produz , era possível : fica claro , que nam á tranzito algum ; mais que no-modo de se-explicar . Daqui segue-se , que tudo o que eles dizem , da-Efencia , e Existencia possível , e atual ; sam palavras sem significado . Nace todo este defeito , deque os tais chamados Filozofos , servem-se de palavras em um sentido metaforico , no-qual se-podem receber : e despois , tomando-as em sentido proprio , deduzem delas qwestoens contrarias , às que tinham estabelecido : como nos-exemplos apontados se-conhece . E assim com estes exemplos nada mais concluem , que oscurecer aquilo , que desi era claro : e perder nisto o tempo . Nesta materia basta saber , que aquilo é possível , que Deus pode produzir . Daqui paradiante , tudo o que se-affirma , sam parvoices : porque nem sabemos , nem temos ideia alguma do-*Possivel* . Poderemos arengar muito , e dizer mil metafizicas : mas nam diremos coiza alguma boa . e tudo o que eles dizem , se-reduz , a separar a ideia de Existencia , da-idea de Efencia : e considerar cada objeto delas , como se-fossem coizas separadas .

A quarta divizam do-Ente, é em Espirito, e Corpo. Aqui, depois da-costumada questam, de ser univoca &c. (coizas escuzadas: pois com a simplez noticia da-arvore, como disse, aprende-se mais, que com todas aquelas explicaçoens:) entram a examinar, qual é a natureza do-Corpo, e qual a do-Espirito. Creio nam me-negará V.P. que isto é mera Fizica: e que ambas se-tratam, quando se-examina, que coiza é *corpo*, e *espirito*. Mas o que acho mais galante, é o modo com que a-tratam. Do-Corpo, dizem aqui alguma coiza: e mais para baixo dizem o restante, no-Predicamento da-Quantidade. Do-Espirito porem, comumente nam explicam o que devem: porque nam achará V.P. que provém, que á um Ente totalmente diferente do-Corpo, a que chamamos *Espirito*. porem supoem isto mesmo, que devem provar: e todo o tempo pasam em proguntar: Se pode aver sustancia espiritual que intenda, mas nam possa querer: Sustancia que possa querer, e nam possa intender: as quais rezolvem *affirmative*, alem de outras muitas questoens curiozas.

Certamente acho muita grafa, neste modo de disputar: e persuadome, que quando V.P. o-considerar, nam poderá menos, que rir-se. Sendo aquestam do-Espirito tam controversa, entre as melhores penas da-republica Literaria; e sendo um dos-principais fundamentos, para provar a existencia de Deus: é coiza digna de admirasam, que estes tais Metafizicos a-suponham certa; e vam utilizingando sobre coizas, que nam nos-emportam! Que diria um destes a Tito Lucrecio Caro, que pertende, que a Materia é a que intende; ou a qualquer outro Epicureo? que diria a Espinoza, que pertende, que a *inteligencia*, e *extensam*, sam modificaçoens da-Materia? Nam ignora V.P. que dano tem feito, os principios destes dois omens no-mundo: e que trabalho é necesario, para reduzir os seus sequazes, e consutalos. Mas isto nam intendem os Metafizicos Peripateticos: antes, supondo o que devem provar, brevemente dizem, qual é a natureza do-Espirito. Porem eu ainda acho mais grafa, nas Possibilidades. Nós neste mundo nam sabemos, que coiza é Espirito: e eles ja determinam *pro tribunali*, quantas sortes á de Espiritoç! Ja achei um destes que provava, que se-podia dar, *spiritus volens & non intelligens*, com certas palavras de S.Francisco de Sales, e dois ou trez outros misticos: os quais falavam em tam diferente sentido, como o dia da noite: ou, aindaque falassem neste sentido, nam eram provas bastantes, para este paradoxo. Verdadeiramente nam sei, se os que afirmam a possibilidade desta sustancia, intendem bem o que dizem. eu suponho que nam. polo menos eu nam os-intendo: e acho muitos da-minha opiniam. Mas, con-

cluin-

cluindo ao noso cazo, digo, que as possibilidades, devem-se separar: e as outras coizas, devem-se tratar nos-seus proprios lugares na Fizica.

A ultima divizam, é em Sustancia, e Acidente: a qual serve de degrao, para tratar dos-Predicamentos. Mas, como nos-Predicamentos, tratam difuzamente da-Sustancia; aqui tratam dos-arredores. E assim divertem-se em disputar, Se a *perfeidade* actual, é da-esencia da-Sustancia. se o Acidente tenha duas *inaleidades*. se pode o Acidente produzir a sua *inerencia* distinta. se pode estar como a Sustancia; e se assim estará violento. se a *asám* criativa do-Acidente seja sobrenatural: e mil coizas destas, que nam tenho paciencia para repetir. Quando eu diga a V.P. que todas estas questoons, se-fundam no-prejuizo, deque os Acidentes sam aquelas coizas, que eles imaginam; tenho respondido o que basta para mostrar, que é loucura, quebrar a cabeça com isto, antes de examinar, se verdadeiramente os Acidentes sam, como eles os-pintam. Este exame nam se-pode fazer, senam quando na Fizica se-examina miudamente, que coiza é isto, a que se-chama Acidente. Ondé polo menos é certo, que aqui, nam se-deve disputar tal coiza: porque se-funda em imaginasoens, que dezaparesem, quando se-examinam à luz da-bou Fizica.

Mas se neste meio tempo, queremos examinar de pasagem, que coiza é Acidente; veremos, que as tais questoons, com muita razam se-devem desferrar. ponho exemplo. A cor de uma pedra rustica, é um Acidente: sobre o qual o Peripatetico faz mil questoons fantasticas. Mas diga ele quanto quizer, das-produsoens dos-Acidentes, e das-asoens Criativas, e Eduativas; é certo que nunca advinhára, que aquela cor se-muda, sem nova produfam, somente com alizar a pedra; se eu nam lho-mostrase, com a experiencia. Ora é certo, que esta experiencia constante, deita abaixo, tudo quanto ele diz do-Acidente. porque esta única experiencia mostra, que o acidente da-Cor, consiste na diversa dispozifam, da-superficie de um corpo, que reflete a luz: que é o mesmo que dizer, que nam é uma entidade distinta-da-Sustancia. E daqui tambem se-segue, que, se pudeseamos fazer, que a luz reflectise para os meus olhos, da mesma sorte, que atualmente reflete da-pedra; dar-se-ia cor *in adu secundo*, (perdoe-me esta palavra) aindaque nam ouvese pedra. porque os meus olhos, receberiam a mesma impresam: e, por-consequencia, a alma formaria a ideia clarissima do-mesmo objeto: no-que consiste a vizam. Outro exemplo seja a *Diaphaneidade*. V.P. ve um vidro claro e diaphano. Se ouvimos os Peripateticos, achará, que batizam a tal diaphane-

neidade ou transparencia, por uma entidade, distinta da-Sustancia: e cuidam, que assim é. Mas eu com outra experiencia destruo tudo. Rose V.P. com um pouco de esmeril, ou areia mui fina, uma das-superficies do-tal vidro; e achará, que se-acabou a transparencia: pois, quando muito, somente dá tranzito à luz. Profiga paradiante, e una dez ou doze destes vidros, ou lentes grossas; e achará, que ficam tam opacos como uma pedra. O mesmo digo da-ponta de Boi, que reduzida em laminas sutis, é alguma coiza transparente, e dá lugar à luz. o mesmo do-Pinho, do-Papel &c. do-mesmo oiro, e prata reduzidos à folhas delgadissimas; e observados com o microscopio. De que fica claro, que se a transparencia se-muda, sem nova produçam, e se-pode aquistar outra vez; com alizar o vidro &c. nam é aquele accidente, que eles imaginam: mas uma reta dispozifam de partes, que dam pasagem à luz. De tudo isto se-segue, que estas questoes, fundam-se em prejuizos mui ridiculos: e assim de nenhum modo, nem aqui, nem lá se-devem admitir.

Vamos aos Predicamentos. Antes deles, fazem os Peripateticos uma grande bulha, sobre os *Univocos*, *Analogos*, e *Equivocos*: Questoes desnecessarias: pois a simplez explicafam destes nomes basta: e esta, deve-se procurar na Logica. O mesmo digo dos-Postpredicamentos: que tudo sam carambolas.

Dos-Predicamentos é necessario advertir, que muitos Peripateticos, na Logica, explicam está divizam: para darem uma ideia do-modo, com que todos os Entes, que á no-mundo, podem ser Universais, e Particulares; para servirem de predicados, e fugeitos nas propozifoes. e aqui tratam da-natureza, de cadauma daquelas especies de Entes. Mas o que se-explica na Logica, nam dá doutrina alguma util; ou necessaria: como entam disemos. o que se-explica na Metafizica, é ainda pior. Se eles dispuzesem as ideias gerais do-Ente em boa ordem, reduzindo a cada classe, os que lhe pertencem, para evitar a confuzam no-intender o Ente; e explicafem os nomes gerais, que se-podem attribuir, a todas as naturezas comuas; poderfiam sofrer. mas isto é o que eles nam fazem. Eles pecam por-dois principios: 1. porque explicam a natureza fizica dos-Entes; devendo somente tratar das-ideias universais. 2. porque nestas mesmas ideias gerais, que confundem com as fizicas, tratam coizas indignas. vg. longas disputas sobre a definifam do-Predicamento: ou se Cristo; chamado por-algum destes trez nomes; *Jesus*, *Manoel*, *Cristo*, pode entrar em Predicamento. Finalmente disputam eternamente, sobre as regras predicamentais, que sam menos intelligiveis, que

que a Eternidade . O melhor do-cazo está , em que avendo Peripateticos mais advertidos , que chegaram a conhecer esta inutilidade ; e que reconhecem , que os Predicamentos podem-se dispor , de outra melhor maneira ; contudo , os colegas nam fazem cazo diso ; e profigam com as suas escaramufas . Sendo pois , que os mesmos Peripateticos lhe-chamam inútils , nam tenho necessidade de o-provar .

Segue-se o primeiro Predicamento , que é a Sustancia : sobre que ja dissemos alguma coiza . Aqui proguntam coizas , indignas de se repitirem : e todas fundadas no-prejuizo , que a Sustancia seja , o que eles imaginam . Mas como claramente se-mostra , que a dita imaginam nam tem fundamento ; fica tambem claro , que a dita disputa vai polos ares . Rirá V. P. se eu lhe-difer , que estes , que falam tanto da-Sustancia , o menos que sabem é , que coiza seja Sustancia : e contudo , nam á coiza mais verdadeira que esta . Os Omens nada sabem da-Sustancia , com ja em outra disse . Vendo que os accidentes , se-alteram no-mesmo fugeito ; e nam podendo intender , que coizas tam mudaveis , nam asentem sobre algum fundamento ; imaginam uma certa baze dos-Accidentes , a que dam o nome de Sustancia . Tudo o mais , que diferem paradiante , sam mentiras : porque , examinados eles bem , nam tem outra razam que dar . Quanto ás ideias , que nós temos das-Sustancias particulares , sam compostas das-ideias dos-Accidentes de cada uma : paradiante , tudo é obscuro . De que se-seguem duas coizas : a 1. que loucamente se-perde o tempo , em disputar uma coiza , que nam sabemos o que é . 2. que , devendo-se disputar , deve fazer-se na Fizica : despois de examinar estes Accidentes , polos quais nós distinguimos as Sustancias .

A este tratado unem o da-Sustancia : que é muito mais obscuro . Isto impropriamente se-introduz na Filozofia : porque , como logo se-entra na *revelasam* , o seu proprio lugar é , no-tratado de *Incarnatione* , ou *Trinitate* . Mas , por-nam deixar escrupulo ao noso P. sobre isto , digo-lhe , que esta disputa em uma é outra parte , se-reduz a poucas palavras . O que nós sabemos da-Sustancia é , que nos-revelou Deus , que a natureza umana de Cristo unida á pessoa do-Verbo , nam é pessoa Umana , mas Divina : e que as afoens se-atribuem ao Verbo . Alem diso revelou-nos , que cadauma das-pessoas Divinas nam era parte , nem accidente da-outra : aindaque todas tivessem a mesma natureza . mas que as afoens de cadauma , se-atribuiam somente a ela . Isto é , o que nós cremos , e o que sabemos . mas o como isto se-faza , totalmente o-ignoramos , e é misterio . O que daqui inferimos é , que quando a natureza criada , se-une a uma

Pessoa

Pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se-ficam attribuindo à divina. Daqui para diante, nam sabemos nada: e tudo o que disserem, os que salam tanto da-Susistencia, sam loucuras. Onde nem menos sabemos, se uma natureza criada completa, unida a outra criada completa mais perfeita, perca a propria susistencia. O que sabemos é, que um todo unido a outro todo, sem perder nada da-sua natureza, perde a susistencia. vg. Uma gota de agua separada da-outra, é um *suposto*: unida a outra, perde a propria susistencia; e resulta um *suposto só*. A alma, e corpo separados, sam dois *supostos*: unidos, perdem as susistencias particulares, sem perderem a propria natureza, e resulta um terceiro *suposto*. podem porem aquistar a propria susistencia, separando um do-outro. De que se-colhe, que esta Susistencia, é uma denominasam externa, que significa aquelle particular respeito, ou relasam, com que consideramos o Ente: mas nam significa alguma coiza, que se-separe, ou una ao Ente. Isto porem dizia-se em duas palavras: bastando advertir, que todas as naturezas completas, susistem e tem *jus* nas suas afoens.

Alguns Peripateticos com efeito asentam nisto. e a opiniam mais recebida reconhece, que susistir, é nam estar unido, a outro *suposto* mais nobre, que me-uzurpe as minhas afoens. Outros porem, fundados nos-prejuizos das-formas Peripateticas, defendem, que a Susistencia, é uma forma Peripatetica distinta: e sobre isto fazem cem-mil questoes eternas. Onde é muito de admirar, que dois omens doutos, como foram Suares, e Valensa, censurem muito a opiniam contraria: quando eles nam dam mais fundamentos, que os prejuizos das-formas Escolasticas; com outras iguais coizas, violentissimamente arrastadas. tanto é certo, que a preocupasam cega o juizo! Sendo pois esta disputa inutil, e nam sendo aqui o seu lugar; deve-se desterrar.

Sobre os outros Predicamentos, á menos que dizer no-cazo prezente: e claramente se-conhece, que sam pura Fizica. Na *Quantidade*, examinam, se o corpo se-compoem de partes indiviziveis: o que nam se-pode examinar, senam na Fizica. Ainda aquella questam peripatetica, Se a *Quantidade* se-distingue da-Sustancia; nam se-pode intender bem, sem primeiro ter visto na Fizica, que coiza é Corpo &c. A *Relasam*, é bem claro, que pertence à Logica: e tudo o que dela se-diz, se-deve reduzir, a mui poucas palavras. Sabemos, que no-mundo á *Relasans*, quero dizer, *uns certos respetos de uma coiza para outra*. Perdoe-me V. P. a explicasam, porque nam acho em Portugal, palavra propria para explicar, o que intendem

tendem os Filozofos ; por-esta palavra , *Relaxam* . Mas , o certo é , que temos fundamento , para comparar algumas coizas com outras ; postas estas , ou aqueles condisoens . v.g. Pedro , cazando-se , dá-nos fundamento , para o-comparar-mos com a molher , e dar-lhe este nome , *Marido* . Onde relaxam em si mesma nada mais é , que uma condisam , para comparar uma coiza com outra . Mas isto , pode-se dizer na Logica , em poucas palavras : e para lá é que pertence , quando se-trata dos-nomes relativos . tudo o mais , que aqui acrescentam os Peripateticos , funda-se no-prejuizo , das-Formas distintas : e nam merece , que se-lhe-responda .

O mesmo digo dos-ultimos seis Predicamentos , que os Metafizicos tratam , mui de passagem . A doutrina que dali se-tira , é tamsoamente intender , o significado dos-nomes : o que se-pode tambem fazer , com o uzo . As outras questoes que se-formam , sam todas ridiculas , e fundadas no-suposto , das-Formas distintas . Ao menos nam me-pode negar V.P. que nam se-poderám intender , semque primeiro saibamos , se á tais Formas . o que nam é Metafizica , mas Fizica .

Paso com os tais Metafizicos modernos , à outra parte da-sua Metafizica , que sam as Cauzas do-Ente , e suas divizoens . Os Peripateticos enchem a sua Fizica , com esta disputa : e nada mais fazem , que tratar de cauzas , com toda a extensam . Alguns modernos rezervam-nàs para este lugar : e primeiro , tratam das-Cauzas em comum : despois , das-particulares divizoens de Cauzas . Seja como for , sobre as Cauzas em comum , dizem-se coizas indignas de se-ouvirem . Fazem infinitas questoes , sobre os constitutivos de Cauza *in actu primo proximo* , *remoto* , *remotissimo* . demoram-se muito , com as condisoens pozitivas : em que entra aquela nunca afás aborrecida arenga , das-*prioridades reais* , e da *razam* . e aqui ajuntam , uma longa enfiada de *possibilidades* , para saber , se uma coiza se-pode produzir a si , ou a outra . Para mostrar a V. P. o merecimento destas questoes , basta pedir-lhe queira refletir , e examinar , que utilidade delas se-tira , para ser bom Fizico . Cuido , que sem muito trabalho se-conhece , que um omem , que soubese infinitas dàquelas arengas , e nada mais soubese ; seria um verdadeiro ignorante de Fizica . Polo contrario para saber , se as condisoens constituem a Cauza , no-*ato primeiro proximo* : a simplez explicasam dos-termos , poupava estas disputas : pois é certo , que *caussa in actu proximo* , e *cauza preparada com todas as condisoens* , vale omesmo . De que concludo , que a explicasam dos-termos bastava . e acrescento , que seria melhor , nem menos explicalos : porque *atos primeiros proximos* ,

e remotos : *condiçens positivas*, e *negativas* : primeiro *ser*, e *segundo ser* : sam arengas que confundem o juizo, e para coiza nenhuma servem .

Mas de passagem nam deixarei de tocar a V.P. aquela celebre questam : Se a existencia, é necessaria para produzir . Peripateticos á, que seguem a negativa, e defendem, que uma coiza, que nam existe, pode produzir algum efeito . E que conceito forma V.P. de Filozofos, que se divertem com isto? Tanto vale proguntar, se uma cauza, para produzir, requier existencia, como se um omem, para estar em caza, requier caza . Esta questam parece-me, que se-intende melhor, quando nam se-explica . Se discem a um omem, o mais ignorante do-mundo, que *Adam atualmente falava* : que responderia ? ou riria, ou diria, que era impossivel, que um morto falásse . e, se o-obrigassem a dar a razam ; necessariamente diria, que, estando o corpo desfeito em terra, nam avia boca para falar . Estamos no-cazo . Os Omens intendem melhor certas coizas, quando nam lhas-explicam : e talvez os rusticos tem melhor juizo, que os Filozofos .

O mesmo digo das-divizoens das-Cauzas ; cuja arenga inteiramente se-devia desterrar, das-escolas . O que dizem da-Cauza *Material*, e *Formal*, é fundado em uma imaginagam : pois nam á tais cauzas no-mundo . *Cauza* significa, o que produz alguma coiza : e neste sentido o-recebem, até os mesmos idiotas . a *Materia*, e *Forma* nada produzem . Funda-se toda esta disputa em sonharem, que a *Materia* e *Forma* produzem por-uma *asám educativa* . Querendo explicar, o que é esta *asám educativa*, nam sabem, o que dizem . sabem muito, e nam concluem nada . Com esta sorte de Filozofos, nam devemos perder tempo : é preciso obrigalos, a que provem primeiro, o suposto . Se os-aperta desta maneira, achará, que ficam calados : pois *asám educativa*, sam duas palavras sem significado, e a que nam corresponde objeto algum . Confeso-lhe ingenuamente, que obrigando alguns destes *Metafizicos*, a que me-provassem, que avia tais *asóens educativas*, sem outra violencia ficáram mudos .

O mesmo julgo da-cauza *Final*, e *Exemplar* . Os Peripateticos proguntam mil coizas galantes, sobre uma e outra . e tudo se-funda, emque á no-mundo uma tal *asám*, cuja natureza é, ser dependencia do-Fim, e do-Exemplar . Negue-lhe V.P. esta baze, e caio toda a machina . O certo é, que eles nam provam, isto mesmo que supoem : mas esta supozisam, nasce de outra supozisam . Toda a utilidade, que dali se-tira, se-reduz a isto : Que o agente

agente racional, que obra alguma coiza, tem seu *fim*, polo qual a-faz: e muitas vezes o-faz, para imitar alguma coiza, a que chamam *Exemplar*. E isto intende-se facilmente sem explicaçoens: mas de nenhum modo conduz, para intender o que é Física.

Aquella cauza, que produz alguma coiza, aque eles chamam *Eficiente*, esa é a verdadeira cauza: e dela se-deve tomar algum conhecimento. mas nam neste lugar; pois V. P. nam ignora, que é verdadeira Física. Deve porem abreviar-se este tratado: e separar dele, aquellas inutis questões, que nele introduziram os Metafizicos vulgares. Todas reconhecem, o mesmo principio, que asima disemos, vem afer, que existam as tais afoens *edutivas*, e *criativas*: das-quais nagem estas celebradissimas questões. Falando da-Física direi, o que se-deve tratar: porque aqui cauzará embaraço. Alguns outros termos, que na Metafizica se-disputam, como do-*Perfeito*, e *Imperfeito*: do-*Necessario* e *contingente* &c.: nam tem dificuldade alguma, que mereça atensam: basta explicar os termos, que logo se-intendem. Mas isto pode-se fazer na Logica, quando se-explica, o significado dos-termos; ou no-de-curso da-Filozofia.

Em uma palavra, toda a Metafizica util se-reduz, a definir com clareza alguns nomes, de que se-servem os Filozofos: e a intender, e perceber bem alguns axiomas, ou propozisões claras, que pertencem aos ditos. E isto, em qualquer parte que se-faça, deve-se compendiar muito, e explicalo em poucas palavras, se quere, que seja util: apontando o que é certo, e o que é duvidoso entre os Filozofos.

Perfuado-me, que tenho mostrado a V. P. quam pouco fundamento tem, este comum prejuizo, de quererem fazer desta chamada Metafizica, uma ciência separada. pois é bem claro, que os que asim falam, nam intendem, o que dizem: nem tomáram, o trabalho de examinar, se verdadeiramente o tal tratado merece este nome: ou se o que se-escreve, debaixo do-dito titulo, é util, ou nam. Se o seu P. Colegial * * * nam fosse tam pertinaz defensor, dos-antigos prejuizos, que bebo na escola; e quizesse por-um pouco despirse deles, e examinar, se estas Metafizicas vulgares valem alguma coiza; pouparmeia todo este discurso: visto nam aver coiza mais clara, que o que digo. Mas este é o peccado original dos-Peripateticos, que nada examinam com fundamento: porem de um nome que recebem, formam uma questam: e, com cega venerasam, e escrupuloza reverencia, vam uns detraz dos-outros: e até parece que tem medo, que os-almeeiem fo

bre estas materias. Acharam este nome *Metafizica*, nos-antigos manuscritos; e sem mais averiguafam asentaram, que devia ser ciencia separada. Se os que lhe-chamaram *Metafizica*, lhe-tivesem posto o titulo, *Caldeira*, ou *Tizoira*; veria V.P., que os sinceros Peripateticos aceitavam o dito nome. e teriamos oje uma *caldeira*, ou *tizoira filozofica*, como ciencia separada, sobre o qual nome se-diriam mil coizas bonitas. Nas escolas da-antigua Filozofia, quero dizer da-Peripatetica, o entendimento está, como disse um belo ingenho, a razam de juro: porque nenhum se-serve dele livremente: mas cobram aquilo, que os mestres lhe-querem permitir. Nenhum examina as coizas, com o proprio juizo. E daqui nadem todas as arengas, com que se-perde inutilmente-aquele tempo, que se-devia empregar em outras coizas. O pior é, que alguns destes meios modernos, digo os Cartezianos, e Gazendistas, aindaque intendam o contrario, como ja achei alguns; sam obrigados a fazer, a mesma separafam, por-nam escandalizar os velhos. veja V.P. quam grandes raizes tem lançado a dita opiniam! Pertence agora a V.P. explicar isto muito bem ao seu amigo. e, se nam ficar satisfeito, diga-lhe, que me-proponha por-carta as suas dificultades, que eu responderei.

Mas antes de acabar esta carta, responderei a um periodo, que vejo no-ultimo paragrafo da-sua, sobre o P.Feijoo. Nam respondo para V.P., que ja sabe a resposta, que devo dar: respondo para ese seu amigo, que propoem a duvida, e mostra, ser pouco informado do-que deve. Digo pois brevemente, que eu nam condeno, quem le o Feijoo: antes, se é pessoa ignorante, ou dos-que nam tem seguido os estudos, lhe-aconselho, que o-leia; pois achará ali muita coiza boa, que certamente nam achará, em livros Portuguezes. Digo porem, que para um bom Filozoso, ou omem, que á-de seguir a boa Filozofia, pode ser prejudicial: mas polo menos é superfluo o dito livro: e nam pode dele tirar coiza boa. Quem tem uma boa Logica na cabeça, e alguma erudifam; rise dos-que admiram o Feijoo; e publicam (como o seu P.Colegial), que ninguem pode ser douto, sem ter lido o Feijoo. Examine V.P. todas as materias do-Feijoo, à luz de uma boa Logica, e verá, que qualquer omem de juizo dirá o mesmo, sem ter mais lido o Feijoo. Eu nam tenho o Feijoo diante dos-olhos, porque averá mais de doze anos, que o-li; mas do-que tenho na memoria intendo, que posso formar este juizo. ponho um exemplo. Diz o Feijoo, no-primeiro tomo, se me-nam-engano, que aquele proverbio: *Vox Populi, vox Dei*, é falso: e mostra isto com alguns exem-

exemplos. Qualquer bom Filozofó, é que tenha um juizo claro; reconheça, que nam á conexam nenhuma, entre a voz do-Povo, e a voz de Deus. muito mais se quer olhar, para o que succede no-mundo. pois em qualquer paiz do-mundo se-vem mil impostores, que enganaram por-muito tempo os Povos. Aqui mesino em Lisboa, tenho visto varias vezes muitas beatas, canonizadas polo Povo, ferem ao despois castigadas publicamente polo S. Oficio. Com estes exemplos pode qualquer omem, poupar o discurso do-Feijoo. O Filozofó porem dá um passo adiante, e reconhecendo, que nam á coiza que mais arraste o Povo, que a preocupasam, em que cadaum está, da-sua religiam; e que a major parte dos-omens, que comumente pensa mal, nam distingue o branco do-negro: inferre claramente, que, se um impostor afetar uma exterioridade religiosissima, necessariamente á-de ser tido por-um santo. e este juizo nunca erra. Este é o caso dos-Farizeos, que afetavam uma exterioridade sacrosanta: Mostrava a experiencia, que eram uns ladroens, os quais faziam que a apparencia de virtude, servise á sua utilidade, vingansa, e outros vicios, que a Escritura lhe-atribue. Nem posso persuadir-me, que entre os Judeos, nam ouvesem omens de perspicacia, que os-conhecessem, e descobrissem: ao menos o exemplo d'El-Rei Alexandre Janneo (morrendo, disse a sua molher Alexandra, que, se queria conservar o Reino, fizesse tudo o que quizessem os Farizeos: osquais persuadiam ao Povo tudo o que queriam, justo, ou injusto: como na verdade succedeo.) mostra, que entre os Judeos, nam faltava quem os-conhecia bem. mas como os ignorantes eram os mais, os Farizeos triunfavam. Deforteque o Filozofó, conhece fundamentalmente, que a voz do-Povo rarisimas vezes é voz de Deus: e o ignorante, tem mil exemplos diante dos-olhos, que provam o mesmo.

Diz mais o Feijoo, que estes espiritos soletos, sam arengas. que a idade dos-omens, nam tem padecido coiza alguma: &c. Tudo isto persuade a boa razam, e a experiencia: pois é certo, que, a quem é medroso, gatos parecem espiritos: e quem olha para os velhos da-nosa era, e os-compára com os que floreciam, no-tempo de Augusto, e no-tempo de David, á quazi trez mil anos; ve em ambos os tempos, omens da-mesma idade. Um dos-nossos Italianos, chamado *Lancelotto*, compôs, muitos anos antes do-Feijoo, um livro, que intitula *l' Oggidi*: em que mostra, que o mundo em diversas materias, é o mesmo que primeiro: e nos-vicios, que nos-parece terem chegado ao seu auge, mostra, digo, que os pasados, eram muito mais viciozos, que os

mo-

modernos . Nam trago mais exemplos , pois com estes á vista , reconhecerá V.P. que é verdade o que digo , que uma boa Logica , applicada a qualquer materia , poupa todos aquelles discursos .

Quanto a alguma erudisam que dá , sobre as guerras Filozoficas , e modos de argumentar &c. nada diso serve para discorrer bem . Quem tem na cabeça boa Logica , nam necessita de ler aquilo : antes embrulhará o juizo , se o-ler ; porque nam ensina bem . Sobre alguma coiza que diz de Fizica , nos-Paradoxos , e outras partes ; é necessario estar muito acautelado , porque diz alguns erros gordos . O Feijoo nam é Filozofico , nem nunca o-foi . Confesa ele , que é Peripatetico , e que se-acha muito bem , com as formas Aristotelicas . Isto basta para o canonizar , e saber , que nem na Logica , nem na Fizica pode discorrer bem . Isto se-confirma novamente , pois faz paradoxos de coizas , que sabem os rapazes , no-primeiro mez da-escola : e em muitos dos-Paradoxos engana-se , e diz erros . Alem diso , de Matematica nada sabe , como se-vé dos-paradoxos que propoem . Seguindo a sua opiniam , podia unir , trezentos mil paradoxos : e escrever toda a Fizica , e Matematica por-paradoxo . Nam sabendo pois Matematica , como é possível , que discorra bem na Fizica ? Este paradoxo nam só é menos verosimel , mas é totalmente inintelligivel , como direi tratando da-Fizica . Alguma coiza que diz menos má é , o que leo nas Colesoens das-Academias Regias , buscando materiais para o seu Teatro . mas isto ou é mui pouco ; ou o-explica mal ; ou , aindaque o-explicase bem , quem le Filozofia , escuza o dito Feijoo . Com effeito o Feijoo só agrada aos ignorantes : os omens verdadeiramente doutos , ou ao menos de juizo claro , deixam a sua lisam aos idiotas , mas nam se-fervem de tal livro . nem eu o-aconselho , por-nam embrulhar as ideias da-mente , e originar confuzoens . Nem cuide V.P. que digo isto , polo ter lido no-seu Antagonista Mañer : nam senhór : mas polo que me-lembra do-dito autor , e a razam me-persuade , ser assim . Tambem do-Antagonista formo , o mesmo Conceito . reprendeo algumas coizas bem : mas tambem , porque nam intendia as materias , disse muita parvoice . Isto é o que me-ocorre dizer por-agora : com mais vagar explicarei o restante . Deus guardeo&c.

CARTA DECIMA.

S U M A R I O .

Mostrase que coiza é Fizica. Que em Portugal nam intendem o que é, nem sabem tratar a Fizica. Prejuizos dos Peripateticos, e danos que rezultam da Fizica da-Escola, Exceso da-Filozofia moderna, e principalmente da-Fizica, sobre a antiga. Diversidade entre os mesmos Modernos: e qual sistema se-deve preferir. Necessidade da-Geometria, e Aritmerica, para intender a Fizica: a qual se-deve estudar, nas obras das-Academias. Prejuizo dos-Portuguezes, de nam quererem ensinar muitas coizas em Vulgar. Dá-se o modo, de ordenar uma Curso de Fizica. Da-se uma ideia, de estudar com metodo, e brevidade toda a Fizica.



El amigo e senhor, Despois de algum tempo de descanso, é justo que continue o exercicio ja comefado, e dezempenhe a minha palavra. Direi pois a V.P. alguma coiza, da-principal parte da-Filozofia, que é a Fizica: visto que a Logica, parece ser somente, uma disposifam do-intendimento, para conhecer as coizas como sam. Ja dise a V. P. em outra carta, que

Fizica, era o conhecimento da-natureza de todas as coizas: o que se-alcanfa, por-meio das-suas propriedades, e da-redusam aos proprios principios. E daqui cuido podia poupar o trabalho de lhe-dizer, o conceito que deve formar, da-Fizica deste Reino. Mas como V.P. quer que lhe-diga distintamente, o que intendo; e esta carta é confagrada a iso; faloei brevemente. O que suposto digo, que neste Reino nam se-sabe, que coiza é Fizica: ainda aqueles que falam muito nela. Querendo V.P. lanfar os olhos sobre aquilo, a que aqui chamam Fizica, intenderá melhor o que lhe-digo. Toda esta Fizica se-reduz, a tratar da-Materia, Forma, e Privafam in abstracto: dos-ape-tites da-Materia: das-divizoens das-Negafaoens: e outras destas coizas em comum. Despois diso, das-Cauzas tambem em comum. porque aindaque prometam, tratar delas em particular, nada menos

fa-

fazem, que isto que prometem : e todo o tempo se-pasa em disputar, palavras gerais. Com isto se-occupa a Fizica dos-Peripateticos. Ora é bem claro, que tudo isto sam arengas que nada significam : e é disputar de nomes. sendo certo, que eles nam provam que á tal Materia, ou Forma, ou Privafam como eles imaginam. E quanto aos nomes, todos os-admitem : a dificuldade está em determinar, o que significam os tais nomes. Um Atomista, tambem se-serve da-palavra Materia, Forma, e Privafam. um Epicureo, um Pitagorico &c. nm artifece que faz uma estatua, tambem se-pode explicar polos mesmos termos. Nisto convivimos todos. Onde se o Peripatetico nam quer mais, que isto, nam á mais verdade, que o que ele diz. Mas eles nam querem só isto : querem que existam umas tais coizas, como eles imaginam. e diso é, que nós quizeramos as provas. as quais ainda até aqui nam tem aparecido.

Consiste a sua grande prova, emque as formas peripateticas, sam admitidas por-Aristoteles. Creia V.P. que quem diz isto, nunca leo Aristoteles, ou polo menos nam o-intendeo. Vindo-me uma vez a curiosidade, de ler o texto Grego de Aristoteles, nam achei tal coiza. consultei os que fizeram a parafrase, e vi, que, quando alcansáram bem a mente do-Filozoso, nam dizem palavra, de que se-posa inferir, que as *formas* sejam entes distintos da-Materia : antes tudo o contrario. O modo com que S. Tomaz de Aquino o-explica (1), mostra bem, que com a palavra *Forma*, nam quiz introduzir uma nova sustancia, ou natureza distinta da-Materia : mas uma diversa afesam, ou modificafam da-Materia. Ele diz expresfamente, que Aristoteles nunca dise, que a Forma ou sustancia ou accidental tenha ser proprio, e se-produza : mas que o Composto é que se-produz. e a esta produsam do-Composto, que explica pola materia modificada, chama, produsam accidental da-Forma. Alem diso, compara frequentemente os compostos naturais, com os artificiais : nos-quais nam se-dá, produsam alguma de natureza : aindaque se-de, uma nova modificafam da-Materia. E isto, intendido sem paixam, quer dizer, que nam á tal *forma*, que seja coiza realmente distinta.

Mas eu quero admitir de grafa, que S. Tomaz o-intendese como

(1) L.7. *Metaph. lect. 1.* & art. 4. in *Corp. 1.2. quest. 110.*
lect. 7. & *lect. 8.* -- l. 12. *Me-* art. 2. ad 3.
zoph. lect. 1. 1. part. quest. 65.

como eles dizem: digo, que o-nam-intendeo bem: e que pesi-
 namamente o-intendem todos, os que seguem estas pizadas. Tenho
 para isto uma prova tal, que nam tem resposta. Esta é tirada
 de Cicero, o qual intendia Aristoteles muito melhor, que S. To-
 maz. Cicero falava o Grego, como o seu Latim. tinha estudado
 na Grecia: tinha ouvido muito tempo os dicipulos de Aristoteles,
 erdeiros da-sua dontrina, digo, os Peripateticos: com os escri-
 tos dos-quaes podia suprir as faltas que se-achasem, nos-Livros
 do-Filozoso: Alem diso tinha os tais manuscritos mais sinceros,
 do que nos oje nam temos: era perfeitamente instruido nos-dogmas
 da-Academia Velha, e Nova: quero dizer, da-escola de Platam,
 e seus sucesores, cujo Platam ele sempre lia, e a cada passo
 louva. possuia perfeitamente a istoria dos-dogmas dos-antigos Fi-
 lozofos: desorteque os seus livros sam o melhor, e mais antigo
 monumento, que neste genero nos-deixou a Antiguidade. cir-
 cunstancias todas que nam se-acham em S. Tomaz. Contudo isto
 Cicero nos-seus livros filozoficos repete a cada passo (1), que
 Platonicos, e Aristotelicos, só diferiam nas palavras, mas con-
 cordavam na sustancia: e isto dilo com tal confianca, que nada
 mais. E' certo porem, que Platam nam admitio tal Materia,
 Forma, e Uniam, como os mesmos Peripateticos modernos con-
 feslam. De que eu tiro por-consequencia, que nem menos Aris-
 toteles: e que teve muita razam S. Tomaz, em dizer o contra-
 rio. Acrescento a isto, que o mesmo Cicero no-primeiro livro

TOM. II.

D

das-Quest-

(1) *Platonis autem auctori-
 zate, qui varius, & multiplex,
 & copiosus fuit, una, & con-
 sentiens duobus vocabulis, Phi-
 losophia forma instituta est, A-
 cademicorum, & Peripatetico-
 rum: qui rebus congruentes,
 nominibus differebant. Cicero A-
 cademic. Quest. l. 1. n. 4. Et haud
 paulo post. Ita facta est differendi
 ars quadam Philosophia, & re-
 rum ordo, & descriptio disci-
 plina, qua quidem erat primo
 duobus, uti dixi, nominibus
 una: nihil enim inter Peripa-*

*teticos, & illam veterem Aca-
 demiam differebat. Abundantia
 quadam ingenii prestabat, ut
 mihi videtur quidem, Aristo-
 teles: sed idem fons erat utris-
 que, & eadem rerum expeten-
 darum, fugiendarumque parti-
 tio. Et iterum l. 4. n. 5. Quo-
 rum e numero tollendus est Pla-
 to, & Socrates: alter, quia
 reliquit perfectissimam disci-
 plinam, Peripateticos, & Aca-
 demicos, nominibus differen-
 tes, re congruentes. Et saepe
 alibi.*

das-Questoes Academicas, explicando a divizã da-Filozia dos-Aristotelicos, e Platonicos, de tal sorte expoem, o que era a sua Fizica, que nam deixa que duvidar na materia. Diz exprefamente, que eles nam consideravam senã, cauza Eficiente, e Materia. a qual materia quando era formada polo eficiente, se-fazia qualidade, isto é; composto determinado. a dita formafam era uniam, e mudanfa de partes da-materia. Alem difo nam distingue a *materia*, do-*corpo*: porque diz, que esta se-compoem de partes divizeis *in infinitum*: nam avendo coiza neste mundo, que nam se-pofa dividir. Isto, é muito mais, diz Cicero. E isto é em carne o sistema de Democrito: e é totalmente contrario, ao que os Peripateticos modernos afirmam, ter dito Aristoteles.

O mefmo Aristoteles, que com a fua confuzã, talvez afetada, deu principio a este modo de falar; no-decurso das-fuas obras mostra bem, o que ele intendia por-estas palavras. Em dois livros fomite falou ele da-Materia, e Forma: e nos-mais livros de *Phyfico auditu* tratou largamente do-Movimento, e propriedades do-Ente movel fenfivel. Razã por-que os doutos fufpeitam, que nos-ditos dois livros fomite quizera Aristoteles explicar, o que intendia por-*Materia*, e *Forma*: mas nunca lhe-pafára pola imaginã afirmar, o que dizem os Peripateticos. Alem difo, efcrevendo ele varios livros, de *Celo*, *Generatione*, *Meteoris*, *Historia*, & *Partibus animalium*, *Anima*, *Parvis Naturalibus* &c. nam explica fenomeno algum, com palavras gerais: e comumente nam se-afasta, da-opiniã de Democrito, que pafava polo melhor Fizico da-Antiguidade: funda-se nas obfervãoes fobre as partes, que compoem os animais, para poder difcorrer deles. Sei que é confuzo, e que tem outros defeitos: mas ifo provem primeiro, de querer impugnar os outros Filozofos: da-corrufam dos-livros: e tambem da-falta de metodo: o qual metodo era incognito aos Antigos: e tambem pode provir, de se-acharem entre os feus livros muitos, que ele nam efcrevã. Mas basta olhar para os que fã fem controversia feus, dos-quais os melhores fã os 9. de *Historia animalium*: os 4. de *Partibus animalium*: e os 5. de *Generacione animalium*: para intender, o que digo. Nestes livros nam se-ferve de *Materia*, *Forma*, e *Privã*fam; mas obferva miudamente as operaões, as partes, o modo de gerar, a diversidade dos-sexos, a virtude do-femen, e as diversas efpecies de oviparos, e viviparos. No-que mostra o uzo, que se-deve fazer da-experiencia, e o modo, com que se-deve tratar a-Fizica. Mas isto que fez Aristoteles, nam fazem,

os que se-chamam Aristotelicos . antes mui pertinazes nos-seus costumes , tendo-felhe metido em cabeça , que Aristoteles disse ; o que eles supoem ; o que colhem de algumas palavras obscuras ; arrastam violentamente as outras palavras , para o mesmo sentido que querem : e nam fazem cazo da-prova clarissima que se-tira, das-suas mesmas obras .

A outra celebre prova dos-Peripateticos consiste , em se-cobrirem com a capa da-religiam : pertendendo introduzir as *formas accidentais peripateticas* , porque assim o-definio a Igreja no-Concilio Constancienſe , contra Wickleff. Quem ouve esta obſeſam de repente , e nam é informado do-negocio , intende , que é zelo : mas examinando bem o cazo , acha-se ser pertinacia , e inveja , nacida de uma grandissima ignorancia . A isto tem-se ja respondido com larguissimas respostas , e Livros inteiros : desforteque sô os ignorantes , e bem ignorantes , tem duvida nesta materia . Primeiramente , ainda ate agora nam definio a Igreja , que ouvesem Accidentes na Eucaristia . isto vemos nós todos : e nam costuma a Igreja definir , o que se-ve . Nem Wickleff negou nunca , que ouvesem Accidentes . o que disse foi , que com eles estava o pam : e a Igreja definio , que nam estava o pam com eles . As primeiras duas propozicoens de Wickleff , como lemos no-Concilio Constancienſe (1) , sam estas : I. *Substantia panis materialis , & similiter substantia vini materialis remanent in Sacramento altaris* . II. *Accidentia panis non manent sine subiecto , in eodem Sacramento* . Um Peripatetico fará aqui uma bulha eterna : mas o certo é , que o ereje em ambas quiz dizer o mesmo : e uma é explicafam da-outra . Porque , o que quiz dizer é , que nam se-destruia o pam : nem em seu lugar entrava Cristo realmente , mas só em figura . o que explica na III. *Cristus non est in eodem Sacramento identice , & realiter in propria presentia corporali* . Assim o-intendem todos , os que trataram da-dita erezia , e a-condenaram . Especialmente um Sinodo convocado por-Tomaz Arundellio Arcebispo de Cantuaria , grande antagonista de Wickleff , poucos anos depois da-sua morte , digo , no ano 1396 . condemnando 18 . artigos do-tal ereje , tirados do-seu *Trialogo* ; das-ditas duas propozicoens faz uma só (2) I. *Manet panis substantia post ejus consecrationem in altari , & non desinit esse panis* . e logo immediatamente expoem a terceira do-Concilio Constancienſe ;

D 2

que

(1) *Seſſ. VIII.**de fordusum in tractatu contra*(2) *Vide Guillelmum Win. Wickleſſi errores .*

que é esta: II. *Sicut Joannes fuit figurative Elias, & non personaliter: sic panis est figurative Corpus Christi &c.* e a III. deste Sinodo é esta: *In capite, EGO BERENGARIUS, Curia Romana determinavit, quod Sacramentum Eucharistiae est naturaliter verus panis: loquendo conformiter, ut prius, de pane materiali albo, & rotundo (1).* Na qual propozizam claramente se-conhece, que o intento de Wickleff nunca foi outro mais, que negar, que na Eucaristia, em lugar da-sustancia de pam, estivese o corpo de Cristo. Quando um Filozozo admite esta declarasam, satisfaz a tudo quanto pede dele a Igreja. Se pois os Acidentes sejam Aristotelicos, ou nam, ainda até aqui nam se-moveo esa controversia na Igreja. Nem cuidoo se-moverã: porque iso nam pertence à fé, com que nos-devemos salvar: nem à jurisdicam, que Deus deo à Igreja: a qual somente se-dirige àquele ponto, e nam à Filozofia. e nunca a Igreja costamou definir questoons de Filozofia, que nam tocam com o Dogma.

Sendo pois isto tam claro, com razam dizia à V.P. que ou a grande ignorancia faz nacer estas duvidas, ou a inveja, e obstinasam cega os olhos para nam conhecer, que isto nam merece, o nome de duvida. Muito mais despoisque omens doutisimos, como o P. Maignan, Saguens, e Malebranche mostraram, nam só o que se-devia intender; mas tambem provaram, que todo o sistema da-Grafa (que é a outra parte da-objesam) podia-se explicar maravilhozamente, sem recurso às formas Peripateticas. da-mesma sorte, que por-doze seculos o-explicaram os maiores Doutores da-Igreja; que sabiam mais, e era n mais zelantes pola sua gloria, doque nam sam estes modernos argumentadores. Antes confeso a V.P. que lendo, o que nesta materia escreveo o P. Genari Dominicano, só entam fiquei bem persuadido, da-razam que tinha o Saguens, e outros que o-seguiam: namobstanteque eu nam siga nem Maignan, nem Saguens no-modo de filozofar. E para prova do-que asima digo, observei uma coiza, que é mui digna de notar; vem aser, que avendo tantos Filozozos, e Teologos seculares, que podiam impugnar, este novo metodo de filozofar; os Religiozos foram, os que fizeram maior bulha, porque tinham jurado aquelas doutrinas; e sose como sose, aviam defender aquilo mesmo, que tinham abraçado. E isto justamente é o que eu muitas vezes lamentei com

(1) *Vide Natalem Alexandrum ad Seculum XIV.*

com V.P. que o jurar determinada doutrina, é o primeiro impedimento, para toda a sorte de estudos.

Destes dois principios, ignorancia, e preocupasam, naceram aquellas infinitas arengas, a que se-chama Filozofia neste paiz. Embebidos daqueles principios, nam se-querem abaixar às experiencias acompanhadas do-raciocinio. Todo o ponto está em fazerem disputas, sobre as fornias Cadavericas, e a ordem Transcendental entre Deus, e as Criaturas: com outras semelhantes ridicularias, que decem daquele primeiro, e errado principio: e com muito trabalho ficam ignorantes de Fizica. Tantos anos de disputas, tañtas sutilezas, nam deitam uma oitava de verdadeiro espirito filozofico: quero dizer, de um juizo prudente, e critico, capaz de fazer observaçoens utis, e discorrer com fundamento sobre as cauzas, de qualquer efeito natural. A trez ou quatro palavras se-reduz, toda a sua Filozofia natural. Pasma um omem, de ver a facilidade com que explicam, qualquer fenomeno que se-ofrece. Fala V.P. do-Raio, e respondem-lhe, que se-compoem de *materia*, *forma*, e *privasam*: a materia sam os vapores igneos, nos-quais se-introduzio a fórma de fogo, que o-fez romper para a terra. Isto é quanto pode dizer, segundo os seus principios, um Peripatetico. Diz a verdade: mas nam chega a explicar, que coiza é Raio. nem nos-faz a merce de dizer, por-que razam a fórma de fogo, que em todos os individuos é a mesma; na *chama* suba para cima, e no-*raio* caia para baixo. E que se-chamem Filozofos estes-tais! e que condenem, os que observam miudamente a natureza! Se a Fizica é, o conhecimento da-natureza, quem mais observou a natureza, com discursos aereos? Tanto sabe um puro Peripatetico, dos-efeitos naturais, quanto sabe um cego, de cores: ambos falam do-que nam viram: um porque nam tem olhos, e outro porque os-nam-quer ter.

Dirmeám, que tambem os Peripateticos observam, a natureza das-coizas. que nas Universidades, emprega-se o quarto ano, em estudar a Fizica particular. que tambem disputam dos-Ceos, Meteoros, Parvos Naturais, Gerasam dos-viventes, e outros destes efeitos naturais. Mas isto, P. muito Reverendo, nam me-faz mudar de opiniam: antes me-confirma no-propozito. Eses tratados, sam disputas de nomes, applicadas aos Ceos, Meteoros, Gerasam &c. Estas materias estudam eles, polo *Suares Luzitano*, ou polo *Comptono*, ou *Rhodes*, ou coiza que o-valha: a Gerasam e Corrusam, por-uma postila impresa, do-*P. Francisco Ribeiro*: os outros, por-outros semelhantes manuscritos. e como estes li-
vros,

vros sam publicos , neles pode V. P. informar-se , da-verdade do-que digo . Estes bons Religiozos , pasáram a sua vida no-su cubicalo , escrevendo . serviram-se do-que acháram escrito . e assim podia n compor obras melhores , daquelas por-que se-guiáram . Diga-me V. P. quem ensinou Filozofia natural ao *Suares* , ou *Comptono* , ou *Arriaga* &c. ou aos outros , que os-seguiram ? onde fizeram as experiencias ? que autores citam ? Alguma coiza que dizem menos má e , o que tiráram , do-P. Scheiner , Kirker , e algum outro , mas como estas , aindaque trouxesem algumas observaçoens boas , e experiencias constantes , eram ipoteticos na-explicafam das-câuzas ; que é o mesmo que dizer , eram maos Filozofos ; enganáram-se igualmente que eles . Para discorrer bem sobre a natureza , é necesfario ter juizò claro , com todos os requisitos , para observar bem : observar muito , e bem ; ou fazer-se servir , dos-que o-fizeram : e fundar os seus raciocinios , em principios evidentes , quais sam os matematicos . E quantos acha V.P. , que tenham estes postulados ? Se V.P. ouvise um omem , que , sem ter ido à India , ou ter lido muito , e conversado muito com os que la foram , e examináram o cazo-bem ; disese , mil coizas da-India ; e isto com tal confiança , que , sendo contrariado constantemente polos que la foram , e consideráram bem aquela Península ; ainda assim perzistia na sua opiniam ; cuidoo , que nam deixaria de se-riir . Pois tambem eu me-rioo mnito dos-que , sem ireni ao paiz da Fizica , falam , e decidem sobre as finas partes : e falo tanto cazo deles , como V. P. faria daquele Historico . E como vejo , que todos os Peripateticos seguem , aquella estrada ; pois , se bem admitem alguma experiencia velha , explicam-na de-maneira tal , que perde toda a sua forsa ; por-iso intendo , que toda a sua Fizica , se-deve desprezar : e o-mesmo julgam comigo , todos os omens doutos .

Nem vale o dizerem , que alguns mais modernos , recebem as experiencias . isto sam arengas : porque neste particular , nam á meio . Quem recebe as experiencias , e , em virtude delas , quer discorrer ; deve renunciar o Peripato : quem abrafa o Peripato , deve renunciar as experiencias . sam coizas totalmente opostas ; que uma destrue a outra . Todos vem subir a agua na siringa . contudo o Peripatetico , chama-lhe , medo do-Vacuo : o Moderno , pezo do-Ar . O que lhe-chama , medo do-Vacuo , diz umas palavras , que nada significam : porque se V.P. o-aperta , e lhe-môstra , que aquele medo cêsa , em uma determinada altura (v. g. 32 pés de agua : e .28 polegadas de azougue , que vem

a pezar quazi o mesmo : porque uma polegada de azongue está em equilibrio com quatorze quazi de agua) pois dali para cima, aindaque se retire o embolo , nam sobe o liquido : mostra-lhe evidentemente , que nam sabe o que diz . Desta experiencia , seguem-se duas coizas . 1. que a natureza tem medo , de pouco vacuo , mas nam do-muito . 2. que o Univerſo receia , as arranhaduras , mas nam as feridas grandes . o que desfaz totalmente , o que ele dizia . O mesmo se-pode observar , correndo por-todas as experiencias : as quais , quando se-profundam , ſam contrarias às explicaçoens , que elles dam . Certo Jesuita , de muito bom nome na ſua Religiam , contando-me em certa ocaſiam , que tinha viſto um omem de forſa , introduzir violentamente uma ſiringa de agua , em uma bola de bronze , ja cheia de agua ; me-diſe , que , avendo de reſponder a eſta experiencia , nam ſabia achar reſpoſta , ſenam dizendo um deſpropozito : e era , que o bronze ſe-tinha dilatado : ou parte da-agua , ſaído polo bronze . Reſpondi-lhe eu ; que nam era tam grande deſpropozito , que nam ſoſe apadrinhado , por-experiencias conſtantes . e referi-lhe algumas : entre elas , a da-Academia del Cimento , em que uma bola de oiro cheia de agua , oprimida violentamente com uma machina , comefou a ſuar agua em ſutiliſſimas gotas . Contei-lhe mais , que a agua , e todos os fluidos , eſtavam cheios de ar : o qual podia ter-ſe comprimido ; ou ſaído polo ingreſo da-ſiringa , ou outra parte ; dando lugar à nova agua . Finalmente provei-lhe com experiencias conſtantes , que o bronze , digo , o cobre , de que ele falava , podia ter cedido em alguma parte ; principalmente ſe era ſoldado &c. , e dilatar-ſe a ſoldadura : Quando eu aqui chegava , reſpondeo-me o Religiozo : Amigo , ſe iſto é verdade , vai polos ares , toda a minha Filozofia : pois com eſta , nam ſaberia o que devia reſponder . E cuido que tinha razão : pois ſe a experiencia é bem conſtante , poderá às vezes ſer difficultoza , na Filozofia moderna : mas neſta , que ſe-chama Peripatetica , certo nam tem reſpoſta . Sendo pois que uma experiencia conſtante , prefere a todas as ſutilezas da-Eſcola ; fica claro , que nam ſe-deve fazer caſo deſtas Filozofias ; aindaque ſe-queiram cobrir , com alguma experiencia .

Que coiza mais certa , e mais bem moſtrada , que a circulaſam do-ſangue ? contudo ſe V. P. observa , como a-prova o P. Ribeiro (1) , confirmará o que dhe-digo . Em vez de recorrer,

às

(1) De Gener. & Corr. Diſp. 1. Sect. 3. fol. 50.

às demonstraçoens de Harveo , que entram polos olhos , e se-confirmam com a boa razam ; funda-se nisto : Que admitida a circulafam , intende-se melhor , como o fangue leva o calor , e espiritos , a todas as partes do-corpo : paraque elas pofam fazer , as fua funçoens . 2. Que afimcomo no-Univerfo , gira o Sol por-tudo , para aqueantar todas as partes ; afim no-corpo , deve girar o fangue , paraque fe comunique o calor , e espiritos animais , a todas as partes do-corpo . 3. Que a natureza , fórnia todo o fe-to junto , em modo de circulo ; paraque nam difputem as partes , a primazia : e paraque todas as partes , levem o calor &c. , e alimento : e nada mais diz . E que lhe-parecem eíta razoens ? acha V. P. , que um Filozôfo , que nam tivefe outras provas , devia admitir , a circulafam do-fangue ? Efte bom Religiozo deixou a melhor razam , só por-feguir , as fua metafizicas , que fe-eftribam , em mil fupoftos falfof . A prova da-circulafam do-fangue é , que vemos inchar a arteria , da-par-te do-corafam , e a veia , da-par-te contraria : digo , quando fe atam , ou apertam . Alem difo , vendo-se com o microfcopio , que toda a nofa carne , é um compofto de futiliffimas fibras , que fe compoem , de vazos miudiffimos : e vendo tambem , que os vazos fanguiferos , nam fã os menores , mas os da-limfa , que nam-cem daqueles : fegue-fe , que a limfa fe-deve diftribuir , por-todas as partes do-corpo , para as-alimentar . muito mais , porque a transpirafam prova bem , que a limfa chega , a todas as extre-midades dos-vazos . Sendo pois que nam transpira toda , e nam pára alí ; é claro , que deve tornar o fangue , para as partes interiores , para alimentar umas partes , e depozitar a limfa , que alimenta outras : e deíta forte continuar o feugiro . Prova-fe novamente , com o movimento do-corafam , que por-forfa á-de empurrar o fangue pola arteria : prova-fe , da-elaficidade dela , e nam da-veia &c. , e com algumas mais razoens , que , quem é pratico da-Matematica , intende logo . Mas o P. Ribeiro recorre fomente , à communicafam do-calor às partes remotas : a qual , quando foie neceffaria (que fe-duvida) , podia muito bem na fua fentenza comunicar-fe , femque o fangue giraffe : viftoque , fe-comunica por-produfam , e nam por-moto local . Recorre , aos espiritos vitais : que é uma coiza , que ninguem até aqui provou : polo menos , é muita duvidoza : avendo muitos bons Filozofos , que dizem o contrario . Recorre , ao giro do-Sol . Porem ou Sol gire , ou nam , na ipoteze de Copernico , nada tem ifto que fazer , com o giro do-fangue . Recorre , a que

que a natureza fórma, todas as partes do-feto juntas. O que negam os bons Filozofos: mostrando, com razoes evidentes, que o feto está formado, desde a primeira criasam do-Omem. Recorre a isto: *quod natura format partes, per modum circuli, ne de primatu certent*. que são palavras, a que não responde ideia alguma certa; nem se-podem entender. Finalmente a tudo isto ou falso, ou duvidoso recorre, para provar uma coiza certissima. Este é o modo, com que os Peripateticos se-servem das-experiencias. quando pelo contrario deviam buscar fonte a experiencia, e o que nela é certo: pondo de parte, toda a especulacão impertinente, e mal fundada.

Quem não segue esta estrada, perde o seu tempo. Nós não temos conhecimento immediato das-naturezas: unicamente temos dois meios, para o-conseguir, observar as propriedades: e ver se, mediante alguma rezolucão; podemos chegar a conhecer os principios, de que se-compoem esta ou aquela entidade fisica. Este deve ser o primeiro emprego do-Fizico, observar, e discorrer. Não devemos querer, que a natureza se-componha, segundo as nossas ideias: mas devemos acomodar as nossas ideias aos efeitos, que observamos na natureza. Este é o grande defeito do-Peripato. preocupados com a sua Materia, Forma, e Privacão, julgam, que são capazes de disputarem, em toda a materia. creem poder explicar tudo, com aquelas expressões; e tudo emburham com elas. Se eu dissesse a um omem, ainda de muito boa percepcão, que um relógio era composto, de Materia, Forma, e Privacão: a materia, era um ente indifferente para todas as formas: a forma, outro ente incompleto, que contrai a materia, para uma determinada especie: a privacão, a falta da-antiga forma, que se-partio, quando se-introduzio esta presente: que entenderia este ouvinte com toda esta explicacão? Depois de eu ter arengado um dia inteiro, achar-se-ia como no-principio, e justamente impediria lhe-explicáse, que coiza era relógio. Suponha V. P., que não estamos longe desta supozicão. Cada composto natural, tem mais artificio, que um dos-nossos relógios, que tocam me-nuetes. Dos-viventes, é tam manifesto, que será superfluo provarlo. das-pedras, deve-se formar o mesmo conceito; principalmente depois que o doutissimo Boile mostrou, que a estrutura das-pedras preciosas, é composta de folhas sutilissimas, de figura geometrica. Onde quem não considera os compostos naturais, como artificios de Deus, ou zomba, ou é cego: e quem, reconhecendo isto, ainda além diz, que o artificio se-explica, com

materia, fôrma, e privafam; é totalmente louco. Se os omens quizesem depor os prejuizos, e servir-se dos-seus olhos, reconheceriam a verdade, do-que aqui apontô. mas a preocupafam nos-Peripateticos é tal, que nam lhe-deixa abrir os olhos, para ver o que devem. Que emporta que Aristoteles, ou todos os Filozofos da-Grecia disefem, que o Ar era leve; se estou vendo experiencias, que provam, que é pezado? Que tempôrta que digam, que a Luz é uma qualidade, distinta de todo o corpo; se me-mostram efeitôs, que me-obrigam a dizer, que é um corpo? Que emporta que os Escolasticos afirmem, que a organizafam de um vivente, sam acidentês, que rezultam da-fôrma fustancial; se eu vejo, que é um perfeito artificio, que nam tem nada que fazer, com a fôrma, poisque existe partida a dita? se eu vejo, que a circulafam do-sangue, e outros umores, mostra distintamente, que o corpo do-animal, é uma machina *idraulica* maravilhoza: a qual pode viver muito bem, sem alma inteligente: e cuja vida em nada depende, do-conhecimento? Certamente que de nam considerar assim o corpo, naceim todos os enganos: e despoisque, postas de parte as preocupafões, comefaram a considerar o corpo umano, como é em si, e examinale mediante as-leis do-movimento; tem-se descuberto coizas, que se-ignoravam.

Quero ainda fupor, que efes Filozofos, fofem os maiores omens do-mundo: nada difo basta, paraque eu nam ceda à evidencia, e despreze a fua autoridade. Mas que fouberam efes Filozofos, em comparafam do-que nós oje sabemos? Os Socrates, Diogenes, Soloens &c. os Estoicos, e muitos outros, applicaram-se ao Moral. mas que moral é o feu, para se-comparar com o nôfo? Qualquer pobre molher Catolica, é infinitamente mais alumiada, doque nam era Platam: e sabe mais verdades emportantes, doque ele nam fabia metafizicas. O fober entam, que a alma do-Omem era um puro efpirito: que nós obrava-mos, por-um fim fobrenatural: que o conhecimento difte só podia fer, a nofa maior felicidade: era conhecimento, que estava rezervado para um grande Filozofô; e ainda destes, rarifimo o-intendia, como devia fer. mas isto oje, sabe qualquer menino. Nam falô do-modo de o-dizer: pois é certo, que aprendemos mais, em uma pagina dos-nofos livros bem efritos, doque em livros inteiros de Platam. Mas aindaque se-pudefe comparar, com o nôfo Moral, nada difto ajuda para a Fizica.

A Dialectica dos-Antigos, era muito diferente da-nofa. Os

que melhor discorreram, como Socrates, nam se-afastaram muito, da simplicidade do-nosso dizer. Os que quizeram futilizar muito, como os Estoicos, e alguns Peripateticos, deram n'outro extremo, que era, a confuzam. Que semelhança tem a Logica de Aristoteles, com algumas modernas, que eu vejo? tanta como o dia, com a noite. O menos mau, que eu acho nos-Antigos, é o metodo: sendo que falta a quazi todos. o pior, sam as regras, que pola maior parte sam inutilissimas. Mas ainda o metodo é tal, que quem quizer, nam saber Logica, basta que leia, polos livros dos-Antigos. Abra V.P. Aristoteles: e fico seguro, que, depois de ler um dia inteiro, nam colherá coiza alguma boa. Estou certo porem, que, se ler alguma Logica moderna bem feita, entenderá o que diz, e poderá tirar ditames, nam só para a Filozofia, mas para toda a materia: e mui principalmente para formar, verdadeiro conceito da-Fizica.

Nesta pois, que adiantamento fizeram os Antigos? Disputavam sobre os-primeiros principios gerais. um dizia, que de agua? outro, que de terra: e outro, que de fogo se-compunham todas as coizas: e nisto paravam. Democrito passava entre eles, polo primeiro Fizico. Depois dele, Aristoteles: que nos-tratados particulares, nam se-afasta das-suas opinioes: e Epicuro, que o-seguiu em tudo. Mas que sabiam estas omens? Aristoteles applicou-se ás observaoens. conhecto, que era necessario, intender as leis do-movimento, para poder conhecer a natureza: e melhor o-deo a intender, tratando nos-livros *de Physico auditu*, do-movimento, e suas especies. Mas alcançou por-ventura as leis do-movimento, para explicar os efeitos particulares? nada menos, porque tal nam consta dos-seus escritos. Epicuro tambem disse, que tudo se-compunha de atomos, que se-moviam assim, ou assim: disse muita coiza boa, para aquele tempo; mas quando quiz entrar, nas coizas miudas, nam explicou efeito algum natural, dando a verdadeira razam dele.

Todos estes omens merecem louvor, por-aquilo que nos-deixaram escrito: e porque chegaram a conhecer alguma coiza, que nós oje temos demonstrada: e talvez nos-indicaram a estrada em outras &c. Eu acho nos-antigos Filozofos, espalhados alguns pensamentos, que nós oje recebemos como certos: mas sem metodo, sem razam, sem demonstram; e, pola maior parte, por-via de conjectura. Contudo isto nam se-devem comparar, em muito menos preferir, aos nosos Filozofos modernos. Eles nam tinham os Telescopios, para observar os astros: os Engiscopios, para os in-

vizíveis: e os mais instrumentos sem numero, de que o metodo moderno enriqueceo a Fizica. Todas estas machinas ou se inventaram no-seculo pasado, ou neste presente: e todos os dias se-vam inventando. E que utilidade nam rezultou, destas experiencias? que dezenganos nam temos alcançado, mediante estas observaçoens? As leis do-movimento, que, segundo Aristoteles, sam a chave para penetrar os-segredos da-natureza; oje estam demonstradas: e mediante as ditas, explicam-se muitos efeitos, deque se-ignorava a cauza. Antigamente os Filozofos nam viam nos-animaes senam aquilo, que podem observar os carneiros: nas arvores, aquilo que sabem os carpinteiros: nam tinham mais conhecimento das-plantas, doque pode ter um jardineiro: nem dos-metaes sabiam outra coiza, senam o que sabe um fundidor. Mas oje os Filozofos, fazem anatomia em todas estas coizas: e explica-se a dispozisam organica, de muitas destas partes, como se-explica, a dispozisam de um relógio. Este modo de examinar a natureza, tem aberto os olhos aos Filozofos: e tem-lhe mostrado, que da-dispozisam machinal de varias partes, dependem alguns movimentos, que se-atribuam a causas occultas. Oje conhecemos mui bem, a fabrica do-corasam, e, mediante este conhecimento, podemos explicar, todos os seus movimentos: o que ignoravam os Antigos: aindaque confuzamente soubesem, que avia um principio de movimento. Finalmente os omens, estam oje cheios de noticias utis: quando até aqui, só tinham conceitos impertinentes, e expresoens mui confuzas, de que nam se-tirava doutrina alguma. Nam quero com isto dizer, que os que observam a natureza, tenham clara ideia, das-esencias das-coizas: estou mui longe diso. Conheço, que muitas coizas, se-tem descoberto: mas que muitas mais, ficam por-descobrir, rezervadas para os nosos vindoiros. O que digo é, que este mejo é o unico, para descobrir a verdade: com esta circumstancia de mais, que ou nos-descobre a verdade; ou nam nos-lizongeia, com uma ciencia mentiroza: pois nele claramente se-distingue, o que é verdadeiro, daquilo que é verosimel, e que é falso.

E, na verdade, nunca pude sofrer estes, que se-servem de palavras pouco uzuais, e intelligiveis: nem distinguem o verdadeiro do-falso; o claro do-duvidozo: mas recolhem-se ao sagrado de certas palavras, como os Ebreos à sua Cabala, e os Egipcios às suas Cronicas: e até parece, que tem medo de se-explicar. Este é o comum vicio dos-Aristotelicos. toda a sua Fizica é misterio. sam altissimas contemplaçoens, cubertas com o veu, de

de palavras pouco comuas, e fóra do-significado uzual: Se V.P. traduz em bom Portuguez, uma opiniam Peripatetica, perde ameadade da-sua forsa: se a-chega a explicar, e lhe-pede a razam de cada parte, perde-a toda. Que sorte de Filozofia é esta, que nam se-pode explicar! Quando eu nam tive-se outra razam mais, que ver quanto é necesario, para intender os livros Peripaticos; isto bastava, e sobrava, para desprezar tal metodo, e tal doutrina. A Fizica nada mais é, que as consequencias, que tira a razam, dos-efeitos naturais: e estas, devem-se explicar desorte, que, os que tem juizo as-intendam. Eu logo suspeito mal de um omem quando vejo, que busca rodeio de palavras, para me-perfnadir alguma coiza. Se a razam é boa, nam necessita adornos: se o-nam-é, nam se-deve uzar na Fizica, nem em nenhuma ciencia. Se eu falo a um omem, em *materia, forma, e privasam; atos primeiros, e segundos; asoens edutivas &c.* isto é uma selada tal, que estou certo, nam intenderá palavra. Polo contrario, se lhe-aponto, ou mostro as experiencias, que se-fizeram nesta, ou naquela materia; e lhe-explico as consequencias, que daqui se-tiram; cuido, que me-á-de intender: e, se for omem, que se-aplica, facilmente se-capacitará, do-que lhe-digo. Por-este principio, digo da-Fizica, o que ja dise a V.P. da-Logica, que Fizica, que nam se-intende, deve-se desprezar: e coizas, que nam se-provam, nam se-devem admitir. O Fizico deve falar claro: propor as suas razoens, em qualquer lingua, desorteque todos o-intendam: e sobre tudo, deve estar tam advertido, nas provas que recebe, que sejam como a moeda corrente, que corre em todo o paiz.

Mas ainda neste particular, devo advertir a V.P. que á grande diversidade, entre uns, e outros Modernos. Os primeiros que sacudiram o jugo de Aristoteles, como Cartezio, e Gazendo, aindaque sosem Anti-Aristotelicos nos-fundamentos, muito se-inclinavam ao Peripato, no-metodo. Viam-se obrigados, a dar razam de tudo; porque os Peripaticos, com quem brigavam, os-obrigavam a isto. e como nós nam tenhamos, tal conhecimento das-coizas naturais, que posamos dar razam de tudo; por-iso, para fazer o seu sistema verosimel, se-valeram do-metodo aristotelico, que, pola maior parte, funda-se em supozisoens, e nam em provas. Por-iso os Cartezianos, e Gazendistas, aindaque se-chamem modernos, porque se-fundam nas experiencias; contudo sam Filozofos ipoteticos; que é o mesmo que dizer, maos Filozofos; porque supoem muitas coizas, que nam

nam provam. Depois, refinando os omens, os seus pensamentos, e achando, que nam se-deve admitir nada sem prova; desprezaram todas as ipotезes, e uniram-se à experiencia, e ao que della se-tira: Antes quizeram confesar, que ignoravam muitas coizas, que dar razoes, que nada valessem. Foi grande protetor d'este metodo, o famoso Newton nos-fins do-seculo pasado. Depois disso, admitio-se nas Academias de Londres, Pariz, Leopoldina, de Berlim, de Bolonha, de S. Petroburgo &c. desfortaque este é o metodo, que oje corre entre os doutos. Nam se-admitem ja ipotезes: nam se-faz cazo, do-que nam se-prova concludentemente: poem-se os olhos na experiencia; e procura-se dar razozam provavel, daquilo que se-ve. Os que nam se-tem internado, nesta sorte de estudos, e nam tem lido o que devem, julgam os modernos todos, pola mesma medida: uma vez que falem em Cartezio, ou Gazendo, a todos chamam modernos: como mil vezes observei neste Reino. Até aqui os Religiozos, que seguiam a moderna, quazi todos eram Gazendistas, e muitos Cartezianos. Oje o metodo de Cartezio, quazi nam tem sequazes: o de Gazendo, ainda existe em parte. mas muitissimos Regulares seguem a estrada modernissima: cujo numero cada vez se-aumenta mais. Os Seculares que intendem, comumente sam Newtonianos.

Este é o sistema moderno, nam ter sistema: e só assim é que se-tem descuberto alguma verdade. Livre de paixam, cada Filozofa propoem as suas razoes, sobre as coizas que observam, as que sam claras e certas, abraçam-se: as duvidozas, ou se-rejeitam; ou se-recebem no-grao de conjeturas, em quanto nam aparecem outras melhores: e assim é; que se-forma o corpo da-doutrina. Estes Peripateticos quando ouvem dizer, que um oitem nam tem sistema, nem autor determinado, a quem siga; fazem grande galhofa. Mas niso mesmo mostram, nam saberem que coiza é Fizica: porque se o-soubessem, deveriam estimar, quem se-vale do-seu juizo, e nam quem o-cativa. O fim do-Fizico é; descobrir a verdadeira cauza, dos-efeitos naturais. e para conseguir este fim, nam deve fazer cazo, do-que dizem os outros: sim, do-que mostra a experiencia. E como nas obras das-Academias publicas, e dos-seus membros, se-expoem simplesmente, o que se-tem observado; e, quando muito, ajuntam-se algumas conjeturas as mais verosimeis; destes livros deve servir-se o Fizico; que nam tem comodidade, para fazer as experiencias. V.P. nam ignora, que para fazer aquelas experiencias, requer-se muito din-

dinheiro, muito juizo, muito tempo, muita paciencia, e muita gente. Ali se acham observaçoens, feitas em diferentes materias, e diferentes partes do-mundo, e com despezas incriveis: de que nam é capaz um só homem. Alem diso, ali nam á perigo, que aleguem uma coiza falsa, por-verdadeira: porque, primeiro que se-publiquem, sam vistas e revistas, e aprovadas, polo corpo da-Academia. coitadinhos deles, se aleguem falso: fariam logo mil criticas, que os-dezazariam. E assim me-persuado, que as ditas obras, devem-se considerar, como o melhor tezoiro da-Fizica. No-que virá V.P. a reconhecer, que grande serviso fazem ao publico os Principes, que fundam, dotam, e protegem semelhantes Academias; e remuneram os que se-asinalam nestes estudos! fazem tam grande utilidade ao publico, que nam á louvor, nem agradecimento que os-iguale. Mas, tornando ao meu argumento, digo, que a Fizica se-deve procurar, nos-livros destes insignes omens, que com tanto cuidado, investigáram a natureza. Mas aqui advirto logo, que seria superfluo, empregar-se neste estudo, sem ter primeiro, os-requisitos necesarios: quero dizer, sem ter primeiro estudado, Geometria, e Aritmetica. Para persuadir a V.P. esta propozisam, bastará trazer-lhe à memoria, que coiza é Fizica.

A Fizica, é a ciencia que examina, a natureza do-Corpo, e Espirito, mediante os efeitos que conhecemos. Do-Espirito nam é agora questam, sim do-Corpo. Os corpos tem propriedades gerais, e particulares: e estas dependem daquelas. Desfor-teque para conhecer bem, os-phenomenos corporeos, e suas cauza's, é necessario primeiro saber, que coizas sam comuas a todos os corpos, para as-separar, das-que sam particulares de diferentes corpos. Para isto é necesario, formar verdadeira ideia do-Corpo: e, pondo de parte todos os prejuizos, examinar, qual é a natureza daquilo, a que todos constantemente chamam, *Corpo*. Certo é, que nós nam conhecemos claramente nos-corpos, senam extensam, impenetrabilidade, figura, e mobilidade. Eles podem ser outra coiza muito diferente, e seria temeridade negalo, se uma antoridade infalivel o-affirmase. mas devendo-se isto determinar com a luz da-razam, nam podemos com verdade afirmar, que conhecemos outra coiza mais, que a dita. Onde para julgar-mos, que conhecemos alguma coiza bem, é necessario, que a-posamos explicar, segundo as coizas, que claramente entendemos: como fazemos a um relógio, que se-abre; e no-qual se-ve o movimento, e figura de cada parte. A ideia de corpo assim
for-

formada, nos-conduz a examinar diferentes coizas, que sãmi necessarias, para bem intender, o que é corpo. Porque da-*Extensam*, pasamos à *Divizibilidade*. da-*Impenetrabilidade*, pasamos à *Dureza*, *Densidade absoluta*, *Porozidade*, *Raridade*, e diversidade de corpos, nacida da-mesma, ou diversa figura das-particulas.

Das-ontras particulas da-ideia de corpo, *Figura*, e *Movimento*, nace outro exame principal, que se-deve fazer, sobre o corpo. Todo o corpo é limitado, que é o mesmo que dizer, é *figurado*: representando arredor diversas superficies; as quais, como comprehendem todo o corpo, consideram-se como limites dele: que é o mesmo que dizer, que constituem a medida, de toda a masa, ou mole do-corpo. Ora é certo, que da-dita grandeza da-masa, depende e se-alcança, a quantidade das-forças dos-corpos. De que fica claro, que, para conhecer as forças corporeas, é necessario o conhecimento das-superficies: que é o mesmo que dizer, é necessaria a Geometria. Quem pois quer indagar, as forças dos-corpos, deve conhecer, a velocidade do-movimento do-corpo movel, e a sua grandeza. E como a grandeza do-corpo, dependa da-sua superficie; daqui vem, que quem quer saber, as forças dos-corpos, deve medir as superficies, e a velocidade do-seu movimento. Ora é certo, que o Fizico deve conhecer, as forças dos-corpos: das-quais rezultam todos os efeitos, que se-observam na natureza, como mostrarei: e como as tais forças, se-deduzam da-figura, e movimento; deve o Filozoso saber conhecer uma, e outra: saber as suas propriedades, mostralas &c. o que requer totalmente a Geometria. Desta é inseparavel a Aritmetica: em que, na era presente, necessariamente se-compreende a Algebra: que é uma Aritmetica literal, mediante a qual se-facilitam as demonstraçoens, e se-descobreni muitas coizas que antigamente se-ignoravam; e algumas nam se-sabiam provar. Com estas preparaçoens, é que o Fizico poderá mostrar, as leis, e propriedades do-movimento: sem o conhecimento das-quais, nam se-pode dar um passo na Fizica: Comque a Geometria, e o Calculo, é a chave mestra de toda a Fizica, e Matematica. Com elas mostra o Fizico, as leis do-movimento dos-corpos: a asã mutua dos-corpos duros, e elasticos: e comprehendê tambem o movimento de gravidade tanto absoluta, como equilibrada, a que chamamos *Mecanica*; ou *Statica* &c. Com elas explica as leis dos-corpos fluidos, a que se-chama *Idrostatica*, e *Idraulica*: segundo as coizas que considerava:

dêra: como tambem a concorrência dos-solidos com os fluidos: Noticia indispensavelmente necessária, para intender o movimento dos-fluidos nos-tubos, e tambem nos-vazos do-corpo humano: o que tudo se comprehende, debaixo desta palavra, *Mecanica*. Creio, que V.P. nam me-negará, que o conhecimento destes phenomenos, seja proprio do-Fizico, por-ser coiza bem manifesta. o que admettido uma vez, deve conceder, que, sem a Geometria, e Arithmetica, a que chamamos, *Matematica Simplez*, nam se-podem conseguir. Além disto, V.P. nam ignora, que aquilo a que chamam, *Matematicas Mixtas*, como a *Mecanica*, *Statica*, *Idrostatica* &c. *Astronomia*, *Optica*, *Perspetiva*, *Geografia*, *Gnomonica* &c. sem a *Matematica Simplez*, nam se-podem intender: motivo por-que comumente sam tratadas, polos *Matematicos*. Mas por-pouco que V.P. refléta sobre isto, achará, que nada mais sam, que conhecimentos fizicos, examinados com os principios da-*Matematica Simplez*; e que devem pertencer à *Fizica*. A coiza é tam evidente, que os mesmos *Peripateticos*, em parte a-confessam: visto-que eles tambem tratam, dos-sistemas dos-Ceos, das-orbitas dos-Planetas &c. Outros, dam alguma ideia da-*Geografia*: e estes meios modernos, tambem tratam dos-fluidos, solidos &c. E nam se-podendo isto saber, nem separar, em modo algum, da-*Geometria*, &c. fica claro, que a *Fizica* require absolutamente, a *Matematica*.

A prova melhor disto é, abrir os livros, nos-quais se-reconhece a verdade. vg. Intendem os *Peripateticos*, que a *Astronomia*, é verdadeira *Matematica*. A *Astronomia* porem, nada mais faz, que explicar os phenomenos dos-Ceos, que nós vemos, digo, os movimentos dos-Planetas. e como nam pode explicar isto, sem saber as propriedades dos-triángulos, e linhas curvas; porque estes é que ensinam, a nam errar nos-raciocinios; daquivem, que lhe-chamam *Matematica*. Mas esta mesma razam milita, na *Fizica*. Explique-me V.P. a acceleraçam do-movimento de um grave, que caie perpendicularmente, ou por-um plano inclinado: ou que penetra um fluido: ou qualquer outro phenomeno natural: nam poderá dar, perfeita razam disto, sem os principios da-*Matematica*. motivo tambem porque digo, que a *Fizica* discursiva, é *Matematica Mixta*. Nela a experiencia, reputa-se por-*Dato*: e o raciocinio, é deduzido da-*Matematica*, que ensina a nam erar nos-discursos. Onde, quem sepára uma coiza da-outra, contrareia a boa razam, e tambem os antigos *Filozofos*: entre-ós. quais *Matematico*, e *Fizico*, significava o mesmo;

comio V.P. pode obſervar , na iſtoria da-antiga Filozofia . Eſta ſepararam de Fizico , e Matematico , entrou nas escolas ſomente, nos-ſeculos da-ignorancia ; e eſpecialmente deſpois que os Peripateticos reduziram a Fizica , a uma mera eſpecularam impertinente : na qual certamente nam tem lugar a Matematica . Porem os antigos Filozofos , eram igualmente Matematicos . Chamam-ſe uns Filozofos , outros Matematicos , olhando para as coizas que eſcreveram : porque alguns eſpecialmente eſcreveram , ſobre a Geometria , Seſoens Conicas &c. e daqui naceo o ſimplez titulo de Matematico . Mas , tornando ao cazo ,

Quando a Matematica , nam foſe totalmente neceſaria , para a Fizica ; ſeria neceſaria , na prezente providencia : pois , ſem ela , nam é poſſivel , intender os livros , dos-melhores Filozofos modernos , e os ſeus raciocinios , que ſe-fundam na Geometria : mediante a qual , provam o que propoem ; ou mediante a Algebra , que é um metodo ainda mais curto . Onde , como eſtas duas ciencias ſam as que deram , e vam dando , luz à Filozofia , ſem elas , é ſuperſtuo entrar na Fizica . Tem alem diſto a Geometria a propriedade , de acostumar o intendimento , a nam admitir ſenam aquilo , que é evidente : e em certo modo , ſerve de nova Logica , para a Fizica . Em muitas Universidades , coſtuma-ſe explicar Geometria , e Aritmetica , antes da-Fizica ; pola meſma razam . O certo é , que ninguem contraſta eſta prerogativa , a eſtas duas ciencias . Nelas diſcorre-ſe com tanta evidencia , que fica o intendimento plenamente ſatisfeito : e enche-ſe a memoria de verdades evidentes , que ninguem pode negar : com as quais ſe-exercita a diſcorrer bem , em todas as materias . Platam intendeo muito bem eſta verdade , quando pr-gou na porta da-Academia , eſte edito : *Nullus Geometria expertus intrato* . Os Pitagoricos , de quem Platam o-aprendeo , praticavam o meſmo : e muitos outros tanto da-séta Jonica , como Italica . O meſmo Arifoteles declarou , nam ſer apto para a Filozofia , quem nam ſabia Matematica . Mas , ſem buscar exemplos remotos ;

A Fizica nam recebo aumento ſenam , deſpois que a-comesáram a tratar os Matematicos . Galilei , Cartezio , Gazendo , Hobbes , os dois Paſcoais , o P. Merſeno , Borelli , Torricelli , e outros grandes Filozofos , que nos-principios do-ſeculo paſado , reſta-beram a Fizica ; foram os maiores Matematicos do-ſeu tempo : e a alguns deles devemos , o aumento da-Geometria , e Algebra . Deſpois , Huygens , Montmort , e outros que promovèram confi-dera-

deavelmente a Fizica ; foram tambem os que mostráram , como se-pode aplicar a Algebra , a questoes provaveis . Depois , Newton , os dois Bernoulli , Cheyne , o Marquez do-Ospital , e outros famosos omens , que , nos-fins do-seculo pasado , introduziram , o verdadeiro metodo de filozofar , foram tambem os que levantáram a Matematica , àquele degrao de perfeisam , em que oje se-acha : inventando , ou ilustrando o calculo *integral* , e *diferencial* , com o qual excedemos muito aos Antigos inventores da-Matematica , na facilidade , e nos-descobrimentos . Alem disto , os que fundáram as Academias Experimentais , eram famosilimos Matematicos : e os que as-cultivam , sam o mesmo . Desorteque , entre os omens doutos , querer ser Fizico , sem Matematica , é erezia .

Mostra tambem a experiencia , quanta utilidade se-recebe dela : porque os rapazes , que tem alguma tintura destas doutrinas , fazem mui diferente progresso na Fizica , que todos os outros . O que é tam manifesto , que quem oje quizesse duvidar disto , reputar-se-ia louco . Nam digo , que deva saber estas coizas , como Newton , ou Leibnitz , ou Bernoulli &c. o estudante que quer fomite , intender os livros , e nam quer , descobrir novos problemas &c. nam necessita tanto . Basta saber bem Geometria : o que pode fazer polo P.Tacquet , com as notas de Whiston : quando nam entendese o Francez , e Italiano : porque neste cazo , acharia algumas breves , e bonitas , vulgares . Deve alem disto ver , os Teoremas de Archimedes : e o tratado das-Seoes Conicas do-P.Grandi , com as notas de Cameti , que sam claras : aindaque as do-P.Orlandi , parece-me que sam mais claras , e facis . Para a Aritmetica , basta o mesmo Tacquet , no-tradado que fez dela , em que dá as demonstraoes ; com o suplemento de Nicolao de Martino , que é a melhor edisam . Antes será necesario , que o estudante ao principio deixe , muitas coizas menos necessárias , que se-acham nele ; e saiba somente as principais . Em falta desta , o P. Paolino de S.Joze , compoz uma Latina , breve , e clara : e o mesmo compoz uns elementos Latinos de Algebra , bons para principiantes , porque sam claros . A Algebra , nam é tam dificultosa , como muitos imaginam ; principalmente a quem somente quer , intender os autores : mas é sumamente necessária ; porque todos se-servem oje dela , para provar com brevidade , e facilidade : e ainda na Geometria demostram com Algebra . E será superfluo , procurar bons livros , quem nam tem estes principios : porque para este omem , cada regra será um enigma . Onde per-

suado-me , que quem o-nam-tem feito antes da-Logica , deve-o fazer immediatamente antes da-Fizica , ou junto . Quem pois , tivefe ja alguma ideia da-Matematica , ou tivefe algum mestre , que lha-explicafe ; podia servir-se dos-5 tomos de Matematica do-Wolffio ; que faz um curso inteiro , e é o melhor , e mais moderno . Este autor porem nam é para todos : porque diz muito em poucas palavras ; e requer voz viva do-mestre : por isto o advirto . Para as Sefoens Conicas , é mais claro , aindaque mais difuzo , o Marquez do-Ospital : mas escreve em Francez .

Creio , que quando V. P. aqui chegar , terá alguma dificuldade , nesta minha propozifam : talvez porque nam está acostumado , a ouvir este novo metodo : mas tenha por-certo , que nam á mais verdade que isto . Abra os livros dos-melhores Filozofos modernos , de Huygens , Newton , com os comentarios de Jacquier , e le Sueur , de Sgravefande , Musschenbroek , Manfredi , &c. e outros semelhantes a estes , que sam estimados de todo o mundo ciente ; ou alguma das-Colefens das-Academias ; e achará , que , para se-dar razam certa das-coizas , recorrem logo à Matematica . O mesmo Purcocio , que é Carteziano de pés , e cabeça , estava tam persuadido disto , que la poz na sua Fizica , uma ideia da-Geometria : aindaque seja coiza ridicula . Mas nam receio , que V.P. tenha dificuldade em se-capacitar : de quem duvido muito é , do-P. * * ou algum destes Catoens Peripateticos , que tem quazi por-blasfemia dizer-se , que a Matematica , é necessaria para a Filozofia . O pior é , que alguns omens doutos em outras materias , caíram nesta simplicidade . Certamente o P. Belleli , que foi Geral dos-Agostinianos , omem mui douto na Teologia , como consta dos-seus livros ; tinha esta erezia na cabeça . Falando com ele algumas vezes , nunca lhe pude persuadir esta verdade . Fora Peripatetico nas escolas , e desorte bebèra a tal doutrina , que estava impossibilitado , para intender o cazo . Mas cá em Portugal , em que estes conhecimentos sam raros , achará V. P. muitos Bellelis . Contudo isto eu creio , que nam tem razam : porque do-que alguns praticam , podiam outros tomar regra . Os doutos Jezuitas obrigam os seus Filozofos , a irem trez dias na semana ouvir , alguma explicafam de Euclides . E aindaque despois , nam safam uzo dele , porque o seu metodo de filozofar , nam o-permite ; contudo , mostram a boa intensam , e podiam ter sequazes .

Sei , que a maior parte dos-Profesores d'este Reino , consideram a Matematica , como alheia da-Fizica : e quando ouvem falar

lar em Mathematico , logo lhe-proguntam , se á-de chover , ou fazer bom tempo : confundindo loucamente , as conjeturas de alguns maos Fizicos , e piores Astrologos , com a verdadeira Mathematica . E ja afisti a umas conclusoens de Mathematica , em que , vendo-se o defendente obrigado , a mostrar o que dizia , com uma figura ; gritou o arguente : *Que bixaroco é este ? tire para la iso* . O auditorio aplaudio muito este dito : mas eu tive compaixam de uns , e outros : tal é a ignorancia destes paizes ! Os mesmos conclusoens de Mathematica , sempre lhe-introduzem , questoes de *Materia prima* , e outras da-sua Fizica : porque , sem isto , nam tem arguentes . E finalmente , nunca vi conclusoens de Mathematica , em que nam ouvesem rizadas . desorteque vam às ditas conclusoens , como quem vai à comedia : porque intendem , que sam ridicularias , que só servem para divertir .

Naverdade nam sei , se á coiza mais vergonhoza , doque um omem , que sobe à cadeira , e tem nome de Mestre em Artes , nam saber , que coiza é um Angulo , ou Retangulo : nem poder explicar diñculdade alguma , que da Mathematica se-tire . Muito diferentemente o-intendia um douto Jesuita , que era o P. * * Este omem me-dise algumas vezes , que , tendo tomado alguma ideia da-Geometria na mocidade , em todos os seus estudos reconhecèra , a necessidade que tinha dela : e que sempre chorava o tempo , que nam empregára nela . Acrecentava , que , se dependese dele , daria outro metodo às escolas : e faria sem duvida , que a-estudafem antes da-Fizica .

Tendo pois o estudante visto a Geometria , e Aritmetica , tenho que fazer outra advertencia , antes que entre na Fizica . Digo pois , que devemos distinguir , duas sortes de estudantes . Se ele nam estudou Filozofia alguma , em tal cazo devem-lhe dar , uns Elementos de Fizica , de que neste seculo acham-se alguns Latinos bons . Se o estudante foi primeiro Peripatetico , neste cazo , o primeiro passo deve ser , mandar-lhe ler algumas historias , das-melhores experiencias , que se-tem feito em toda a Fizica ; segundo a ordem das-materias . Sei , que as melhores sam em vulgar : mas muito se-pode tirar , dos-livros Latinos (*). Esta leitura é o me-

lhor
 (*) Neste particular só temos dos-Antigos Arijoteles , e Plinio : os quaes , aindaque bons para os seus tempos , nada valem no-nosso , e estam cheios de infinitas fabulas .

lhor consêlho que se-pode dar , a um Peripatetico : dezengana muito : persuade muito : e impede muitas repetiçoens . Nem pode dezagradar uma istoria destas , na qual nam a paixam , ou interesse , o que succede nas outras , encobre muitas coizas , e altera outras . naquelas acham-se muitas falsidades : nestas somente verda-

Dos-Modernos , as melhores obras de observaçoes , sam as seguintes . Memorias da Academia das-Ciencias de Pariz . desde o ano 1666 , em que se estabeceo , até 1739 . publicou tomos 54 em 8 . em lingua Franca . Tem alem diso a Istoria da-dita Academia , escrita por Du Hamel em Latim , e comesa no-ano 1665 . até o ano 1698 . em 4 . = Tranzacçoens Filozoficas da-Regia Sociedade de Londres . confirmada em 1662 . a qual desde o ano 1665 . até 1732 . publicou 34 volumes em 4 . em Inglez . Lowthorp compendiou toda a obra , em 3 tomos Inglezes . Os primeiros trez tomos desta obra , ja se-acham em Latim : e ultimamente em Napoles comesarã a traduzir esta obra em Italiano . comesa em 1720 . até 1730 . = Experiências da-Academia del Cimento em Florensa . sam Italianas . fol. 1667 . = Academia de Petersburg . que comesou em 1725 . até 1744 . tem publicado 13 tomos em 4 . sam Latinos . = Miscelanea Curiosa Medico-physica Curiosorum Naturæ . comesou em 1670 . que a-confirmou Leopoldo , até 1742 . tem 32 volu-

mes em 4 . = Acta Eruditorum Lipsiæ . comesarã em 1682 . e sempre se-continua , dando todos os anos um tomo em 4 . Aqui se-acham , entre outras coizas , algumas de Fizica boas . Tem-se feito o compendio desta obra , recolhendo somente , o que pertence à Fizica ; e tirando tudo o que era suspeito na Fé . esta coleccionam faz-se em Veneza . Acham-se mais outras Academias , mas de menor consideraçam .

Alem diso nos Diarios , que se-tem publicado , e publicam , encontram-se frequentemente bellissimas coizas , pertencentes à Fizica : folhas volantes , dissertaçoes avulsas de infinito presô . Apontarei alguns : outros acham-se facilmente .

Diario dos-Sabios . comesa em 1665 . até 1743 . tomos 131 em 12 . Francez . = Diario dos-Eruditos de Italia . comesa em 1710 . ate 1740 . tomos 44 em Italiano . = Bayle , Republica das-Letras . em 1684 . até 1709 . tomos 46 = Istoria Critica da Republica das Letras . Utrecht 1712 . ambos Francezes . = Memorias de Trevoux . em 1701 . até 1744 . tomos 132 Franc . = Memorias Literarias da-GranBre-

dades observadas, e aprovadas por-todos. A mesma diversidade das-materias agrada: e experimenta-se um particular gosto, em reconhecer a origem de muitas coizas, que todos os dias estamos observando; e que talvez nam advertimos; ou, se advertimos, igno-

tanha 1714. até 1744. tomos 40. = *Jurnal Literario. na Haja, Francez. 1713. até 1732. tom. 19 em 12.* = *Biblioteca Germanica: ou, Istoria literaria de Alemanha &c. 1720. até 1740. tomos 50.* = *Biblioteca Universal, e Istorica. 1686. até 1692. tom. 22.* *Joam le Clerc = Bibliotheca Selecta. 1702. até 1713. sam tom. 26. ella é o suplemento da antecedente: ambas Francezas. Bibliotheca Antiga, e Moderna do-mesmo Clerc, para o ano 1714. = Bibliotheca volante. 1697. tom. 5 em 8. = Racolta, ou Coleçam de Opusculos Cientificos, e Filologicos. Veneza 1728. até 1744. tomos 36. em 12. Italiano. = Diario dos-Eruditos Ultramontanos: traduzido do-Francez. 1722. até 1744. tomos 260. = Reflexoens sobre as Obras de Literatura. em 1738. até 1740. tom. 12. Franc. = Bibliotheca Italica, ou Istoria Literaria de Italia. 1738. até 1733. tom. 18. Franc. = Bibliotheca Difficursiva das-Obras dos-Doutos de Europa. 1728. até 1743. tomos 31.*

Alem destes, acham-se outros Diarios, que agora nam me-correm: e outros, que todos os dias se-publicam nova-

mente, em varias partes de Italia, e França, e Olanda &c.: que é bom sabelos, e buscalos, para nas ocaziõens ter promptas aquellas disertaçõens, que neles se-acham. A verdade porem é, que estes, que temos apontado, sãõ os melhores, e mais buscados. mas todos os dias podem apparecer coizas novas: e é bom, ter noticia delas.

Dos-autores particulares no-seculo pasado, acham-se trez omens grandes, antes da-abertura das Academias. O primeiro foi, Bacon de Verulamio: depois, o P. Merfano: o terceiro, Roberto Boyle: que escreveram bem, e em Latim. Tambem no fim do-dito seculo, escreveu bem L:enwenhoek: que publicou as suas observaçoens em 4 volumes de 4. Latinas: alem de alguns outros. Neste prezente seculo decimooitavo, é que tem apparecido, istorias de observaçoens Fizicas maravilhozas: mas quazi tudo em linguas vulgares. Desfortegue posso dizer, que das Latinas, acham-se algumas, que tem boas observaçoens: mas nam temos ainda em Latim, um corpo inteiro, digno de se-ler.

ignoramos. Tem mais outra circumstancia, que nam pede estudo cansado: porque nam sendo especulatoens, facilmente entram, e se-conservam; nem é necessario decoralas, pois basta telas lido, e sabelas procurar na ocaziam propria.

Ora um tal estudo, persuade muito, nam com oratoens estudadas, mas com a evidencia: e dezengana muito. Porque vendo eu, que a agua na siringa, sobe polo pezo do-Ar: vendo, que o Ar tem uma forsa elastica prodigioza, e consequentemente, peza mui bem; quando onso dizer ao Peripatetico, que o Ar é sumamente leve: que a Agua sobe por-medo do-vacuo: nam tenho necessidade de lhe-responder, mas com uma rizada, lhe-dezato o argumento. Damefina forte, mostrándo-me, que a cor da-tintura do-Chá, da-Ourina &c. provem das-particulas que nadam no-fluido; separadas as quais, o fluido fica transparente como primeiro; fico dezenganado, que, quando o Peripatetico me-diz, a sua costumada arenga das-qualidades, diz uma puerilidade. Alem diso, mostrando-me a experiencia, que muitas doensas provem, de uma quantidade de bichos insensiveis &c. v.g. a sarna &c. quando me-falam em qualidades occultas, devo rir-me: pois conheço muito bem, que só me-curará aquele remedio, que matar os ditos animais. E isto, intendido uma vez, impede cem mil repetitoens, que seriam necessarias, no-metodo contrario. Esta, como digo, é uma leitura necessaria ao Filozofa, que foi Peripatetico; para o-dezenganar, e poupar todos os momentos uma bulha, que se-devia originar, sobre cada fenomeno natural. Os que poreo nam sam prejudicados nesta materia, utilmente a-podem, e devem ler, junto com a Fizica. porque como nos-Compendios de Fizica, em que se-discorre; as esperiencias supoem-se, ou só brevemente se-a-pontam; esta noticia nam dá, quanta erudisam é necessaria. E assim pode o Fizico, nas oras menos ocupadas, ler aquelas experiencias, que conrespondem à materia, que atualmente estuda. digo, o que nam foi Peripatetico: porque o que o-foi, deve primeiro lela. Com este conselho, curei algumas pessoas, daquela geral doensa que padecem os Peripateticos, de contradizerem tudo, e quererem raciocinar onde nam devem; e persuadi-lhe, (o que eles nunca puderam entender) que nem tudo se-pode saber na Fizica. E quanto amim, seguro a V.P., que este metodo, me-utilizou muito. Aquellas noticias excitáram-me a curiosidade, de fazer algumas experiencias, ou para me-dezenganar, ou para me-satisfazer: e confeso ingenuamente, que semelhante estudo abrio-me os olhos melhor, que os longos raciocinios. De ler o que os outros

tos fizeram, quiz eu tambem experimentar : e descobri algumas coizas, que certamente nam tinha lido . desorteque passando no-campo, ou em algum jardim, e ainda dentro da-Cidade, fiz algumas observaçoens, que nam foram infrutuozas, e deram-me maravilhozos ditames . Desta sorte (diz um omem douto, que tambem fallava por-experiencia) . quando um Fizico observa a natureza, acha-se Filozofio por-divertimento .

E aqui, ocorre-me advertir outra coiza a V.P. que o omem, que em Portugal quer saber Filozofia bem, estava para dizer, que o-nam-pode fazer, sem intender Francez, ou Italiano : porque nestas duas linguas ou se-compoz, o que á melhor, ou nelas se-acha traduzido, o que outras Nasçoens compuzeram . Poucos omens escrevem oje em Latim : porque os Modernos, persuadiram ao mundo uma coiza, que os Peripateticos nunca intenderam; vem a ser, que, para ser bom Filozofio, nam é necessario saber Latim. Cuido, que ja em outra carta adverti a V.P. ser este o defeito comum deste Reino . todos afetam explicar-se em Latim: e com tanto falar Latim, é coiza digna de admirarem, que tam poucos saibam Latim . Eu sou um dos-mais apaixonados, por-esta lingua: e intendo, que um omem verdadeiramente douto, deve sabela com perfeisam, para ler os belos modelos da-Antiguidade, na lingua original . Muito mais, porque nam á coiza mais bela, que saber falar, e escrever bem Latim : nam só para escrever cartas; mas para orar em publico entre os doutos, e intender os autores, que trataram varias facultades . Mas no-mesmo tempo conheço, que para ser douto, nam é precizamente necessaria . Tudo o melhor da-antiguidade, se-acha oje traduzido em Francez, Italiano, e alguma outra lingua . Os mesmos poemas Epicos de Virgilio, e Omero; como os de Lucrecio, Oracio, Terencio &c. tudo isto está oje traduzido em verso Italiano elegantissimo, e alguns em Francez &c. As Oraçoens e obras Retoricas de Cicero, de Plinio &c., e as suas epistolas tambem estam traduzidas . Os Historicos Latinos, e Gregos . Desorteque, posso ser bom Poeta, Historico, Retorico, Orador, sem ser Latino . O mesmo digo da-Logica, Geometria, Algebra &c. tudo isto temos em Vulgar . Na Fizica, tem praticado o mesmo : quazi todos oje compoem em Vulgar . A Teologia Dogmatica, acha-se em Vulgar : porque a Escolastica traduzida, perde a sua forsa . Os prolegomenos, e aparatos Biblicos, os comentarios da-Escritura, tambem os-temos em Vulgar: como V. P. pode ver no-P. Calmet, que é o melhor comentador literal, que até aqui tem aparecido . As Leis

temos oje em Francez, ou Italiano. A mesma pratica delas, acha-se em Italiano, como V. P. pode ver, no *Doutor Vulgar* do Cardial de Luca. Desorteque na prezente era, podemos saber muito, sem saber Latim.

Sei, que em Portugal pratica-se o contrario, com tanto empenho, que quem defendese umas concluzoens de Filozofia em Portuguez, perderia o conceito. Quando nam ouvem *ergo*, e *atqui*, com todos os termos Arabios, nam ficam consolados. Chega iseb a tal extremo, que quem estuda polo *Larraga*, ou *Felix Potestas* em Portuguez, perde o conceito na opiniam de alguns Moralistas. E dise-me psoa de autoridade, que certo antor compuzera um destes livros, com este titulo: *Cazos de moral em Portuguez, para os Clerigos basbaques deste Arcebispado*: e que se o S. Oficio, nam lhe-riscava o epiteto, *basbaques*; se-imprimia assim. Reconheço, que aos Clerigos é preciso, saber Latim: mas nam lhe-chamaria *basbaques*, se, nam o-sabendo, soubesem outras coizas. Condeno sim, a leitura do-*Larraga*, e outros tais Moralistas: nam por-serem em Portuguez, mas por-serem maos livros, e perigozos. O certo é, que os Filozofos Gregos, nam escreveram em Arabio, nem em Caldeo, mas em Grego: o mesmo fizeram os Romanos: o mesmo os Atabios. Onde, digam o que quizerem os Portuguezes, é sem duvida, que podemos ser o-mens mui dontos, sem saber Latim.

Mas, tornando à Fizica, todas as Nafcoens cultas tem-na escrito, na sua lingua. Olandezes, Tudescos, Inglezes todos escrevem em Vulgar. Mas quazi todo isto, acha-se oje traduzido em Francez: e, se ajuncamos as muitas obras Francezas, que nesta materia apareçam todos os dias; vem daqui, que a lingua Franceza seja oje necessaria, e quazi vulgar das-Ciencias: desorteque quem a-nam-fala, polo menos intende-a. Os nosos Italianos, que até aqui aprendiam o Francez, para lerem as tais obras; picados disto, comesaram tambem a escrever em Vulgar, para que os Francezes aprendesem a nosa lingua: como protesta o *Valignieri* nas suas obras. Alem disto, traduziram em Italiano, tudo, ou quazi tudo o que saie em Francez, para utilidade de-Italia: como tambem muitas coizas Inglezas. E como nam me-consta, que os Francezes &c. traduzam na sua lingua, os nosos livros; por-este principio me-persuado, que a nosa lingua, é oje a mais rica destes monumentos; porque tem os seus, e os alheios. Sei, que algumas coizas se-tem traduzido em Latim, mas pouco. onde quem oje quer ver, o que se-tem composto, é necessario que in-

intenda, alguma daquelas linguas. O estudo, como ja disse, nam é tam dificultozo, e é de suma utilidade. Mas quando nam ouvêse outro remedio, podia-se procurar algum livro Latino, que suprisse a isto. Verei; se me lembro de algum melhor, e o apontarei, querendo V.P. mas, para lhe-dizer o que intendo, nam sam dos-que mais me-satisfazem.

Tendo feito estas preparaçoens, deve o estudante passar para a Fizica: buscando nam autores difuzos, mas breves, e que exponham com boa ordem, os elementos da-Fizica. Para falar nisto como devo, seria necessario, fazer um Curso de Fizica: e assim, apontarei somente a ordem: o mais, deve-se procurar, nos-autores que a-tratam. Se V.P. tivese o Curso de Fizica, daquele *** em que ja lhe-falei, escuzava estas explicaçoens: porque ali, acha-se disposto tudo, como deve ser. Mas, como nam tem noticia desta manuscrito, direi o que me-ocorre, aindaque vãreia alguma coisa do-metodo da-dita Fizica. Parece-me, que é mui natural o seguinte.

Deve o estudante comesar, polos principios universais. Ex-primeiro, examinar a natureza da-Materia: nam segundo as ideias metafizicas: mas segundo as ideias que temos daquillo, a que todos chamam, *Materia*, ou *Corpo*. Depois, explica-se o que se-intende por-*Fôrma*. posto o que, devem-se explicar, as propriedades da-Materia, e especialmente a divizibilidade. Tem logo lugar examinar, quais eram os principios dos-outros Filozofos, como Democrito, Epicuro &c. onde se-examina tambem o Vaco, *Materia* sutil &c. os principios de Leibnitz, Empedocles, e Chemicos &c. Pafe daqui a examinar as coisas, que convem a todos os corpos, a que chamam propriedades. Primeiro, a natureza do-movimento total, suas *propriedades* &c. movimentos compostos, e curvas que nascem deles: movimento de gravidade: onde se-examinam os principios de Monsieur *Newton*, de Monsieur de *Mairan*, e os principios da-*Statica*: os diversos movimentos dos-graves que caem: a communicam do-movimento, e os principios da-*Dinamica*. Segue-se examinar, os movimentos dos-fluidos, e descobrir, os principios da-*Idrostatica*: considerar bem, os movimentos dos-fluidos, tanto nos-tubos, como fóra: sua *resistencia*: e os fenomenos que dependem da-*gravidade* do-Ar.

Depois d'isto, examina-se, as diferentes constituiçãoens dos-corpos, das-quais nascem aquelas coisas, que nós chamamos *sensaçõens*, a saber, corpos Calides, Frios, Duros, Elasticos, Fluidos, Moles &c. Sabores, Cheiros, Sons, e suas especies, com as

consonancias muzicais &c. Particularmente se-deve considerár a Luz; e suas propriedades: sua refração nos-vidros: reflexão nos espelhos: vizam directã, reflexa, refractã: e a natureza das-Cores: em que á muito que dizer.

Isto posto, antes de examinar as coizas em particular, examinará o Mando geralmente. Primeiro a Esfera: depois os Tempos: logo os diferentes sistemas, de *Tolemeo*, de *Cepernico*, as orbitas dos-Planetãs, e o de *Tico Brahe*. Vistos eles todos, deve determinar, qual deles se-deve abraçar: examinando fundamentalmente, as razoens de *Newton*, de *Cartezio*, de *Leibniez*. Depois trata-se das-estrelas Fixas, das Errantes, e dos-Cometas.

Segue-se o globo terrestre. E primeiro, os Meteoros umidos, spirantes, igneos, emfaticos. Depois, o fluxo e refluxo do-mar, segundo as opinioens de *Galilei*, *Walis*, *Cartezio*, e *Newton*: determinando, qual parece mais provavel.

Depois disto, examinam-se as trez especies de corpos, que á na terra. primeiro, os Minerais: depois, os Vegetais: e em terceiro lugar, os Animais brutos. Depois o Homem: considerado primeiro, segundo os orgaos, e machina do-corpo, que é a Anatomia: depois, segundo a origem das paixoens, e forsa da-imaginaçam. Mas nestas duas partes de Vegetais, e Animais, é necessario, ter grande advertencia, de se-conformar em tudo e por-tudo, com as experiencias modernas: porque os Antigos, ignoravam algumas destas coizas.

Parece-me, que esta ordem de comprehender a Fizica, é natural. Nam condenarei porem, quem a-nam-seguir em tudo: mas quizer seguir, a ordem do-Tosca, ou do-Purcocio &c. comtanto-que nam lhe-siga as opinioens: pois, como disse, aqueles livros, e outros semelhantes sam, os que nam devem estudar os rapazes: pois tem mil supozisoens falsas, e ensinam muito mau gosto de Filozofia.

Tendo examinado a natureza dos-Corpos, deve examinar, a dos-Espiritos. Deve pois o estudante, seguindo o mesmo metodo, provar a existencia, e espiritualidade da-nosa alma tendo advertencia de fugir, quanto pode, as supozisoens: porque é uma materia mui melindroza, ha qual, quem nam admite provas sem replica, perde o seu tempo. A razão disto é, porque avendo tantos omens que negam, a espiritualidade da-alma, é necessario estar muito advertido nas provas: porque, sem isto, nam se-podem convencer. antes pode servir de impedimento, para provar a existencia de Deus. Isto para os Peripateticos, é
pior,

pior que lingua da-China. Comumente recebem este ponto, e nam o-provan: pois todas as suas provas se-reduzem, a supozifoens, e metafizicas pouco soffríveis, que se-desfazem com grande facilidade: como V. P. pode observar, nos-livros destes vulgares Peripateticos. Onde destes, ninguem se-deve servir. Nem menos dos-Cartezianos, ou Gazendistas em tudo: porque tambem supoem muito. O verdadeiro metodo, é o seguinte.

Provar, que á uma coiza em nós, que conhece, e quer: e que esta nam é corpo. A primeira parte, é evidente: a segunda prova-se, comparando as propriedades do-corpo, com as do-intendimento: e descobrindo a diversidade em ambas. Este argumento, se o-sabem dilatar bem, é de tal evidencia, que persuade. Feito isto, nam se-deve demorar com examinar, se os entendimentos todos sam da mesma especie: isto é advinhasam. Nem menos deve disputar, se as potencias se-distingam da-alma: se á *verbum mentis*, especies intelligíveis, e outras destas arengas. Isto é uma rapaziada, originada polos prejuizos dos-Peripateticos; que nam tem lugar, quando os omens argumentam com sazoens: pois fora da-opiniã Peripatetica, é evidente, que nam se-pode fazer tal prgunta. Unicamente tem lugar, expor o modo, com que a alma conhece, e pasa de um conhecimento para outro semelhante: a que chamamos *discursão*. Mas tudo isto por-conjeturas, vistoque neste particular, nada temos de certo. E aqui tem lugar, outras duas questoes: examinar, se o que dizem os Peripateticos, dos-conhecimentos distintos do-intendimento, ou dos-abitos distintos, a que chamam, *naturezas mere facilitantes*; seja verdade. Nam, porque isto em si tenha dificuldade, ou utilidade alguma; mas paraque, examinando bem os argumentos dos-Peripateticos, fique novamente persuadido, que, a quem nam admite os seus prejuizos, nam fazem forsa semelhantes fundamentos. Quanto aos-abitos de Fé, Esperansa, e Caridade, Graça Santificante, Lume da-Gloria, e outras virtudes espirituais; pertence á Teologia mostrar, que se-explicam maravilhozamente, e mais conforme aos SS. PP. sem tais fórmãs distintas: como em outra parte insinuei.

Depois, deve provar o outro ponto esencial, que vem a ser, que este principio intelligente, que em nós experimentamos, é de tal natureza, que pode querer, e nam querer uma coiza, ou a sua contraria: ao que chamamos *liberdade*, no-sentido commum. Este ponto é mais facil de provar, doque a espiritualidade: mas nam tam facil, que nam tenha contra si, alguns Filozofos

zofos modernos, de muito bom nome . E aqui, tendo entendido, que coiza é *voluntario*, e *livre* ; nam deve em modo algum demorar-se com examinar, se a liberdade, é intrinseca ao ato, com outras ridicularias destas ; que sam palavras sem significado : nem menos deve proguntar, por-que se-determina a vontade : porque isto intende-se melhor, quando se-nam-explica . Estes sam os dois pontos principais nesta materia, Espiritualidade, e Liberdade .

Alem disto, pode-se considerar a alma, no-estado de uniam com o corpo . E como suponho, que o estudante terá examinado, no-principio da-Fizica, em que consiste a uniam da-alma espirital, com o corpo ; nam tenho que lhe-repetir . Tambem nam se-deve cansar em examinar, se a alma é fórma do-corpo : e se em cada omem, se-acha uma só alma . Porque alem de que isto, está definido pola Igreja ; é evidente, que o que nos-faz ser omens, e distinguir dos-que nam sam omens, é este principio inteligente : no-qual sentido se-deve chamar, fórma do-Omem . E como nam á razam alguma para dizer, que no-Omem aja duas almas ; tambem isto, sem falar nas provas, reputa-se, por-principio evidente . Tambem é ridiculo examinar, se a alma está em todo o corpo, ou só na cabeça : nam avendo certeza alguma neste particular . Se nisto tem lugar as conjeturas ; deve dizer-se, que está somente na cabeça : assimcomo nam á duvida alguma, que samente na cabeça intende . Se a alma separada está violenta : se fala : se se-move : sam questoes que disputam os Peripateticos com grande calor ; mas sam coizas, que totalmente nam se-devem disputar : pois ou sam mui claras ; ou tam obscuras, e inutis, que perderemos o noso tempo falando nelas . O que suposto, somente se-deve examinar, ou explicar com alguma probabilidade ; que a alma se-chama fórma do-corpo, porque o-governa, e dirige, e ele lhe-obeedece, quando ela manda : polo contrario o corpo, chama-se *comparte* da-alma, porque a alma nam recebe os primeiros conhecimentos, senam dependente do-corpo : e sente, e conhece tudo, o que o corpo lhe-presenta . O fato é certo : e basta pouca reflexam, sobre as nosas operasoens, para o-conhecer e entender . Porem como isto se-faza, e suceda, isto é o que nós nam sabemos explicar, senam por-conjetura : e nenhuma parece mais verosimel, que aquela que o-explica, mediante a lei estabelecida entre o corpo, e alma .

Isto é, quanto pode saber um Filozofos, dos-Espiritos criados . Quanto ao tratado dos-Anjos, nam pertence ao Filozofos : sendo

sendo certo, que nenhuma razão natural, quanto mais demonst-
trafiam, persuade, que ajam Anjos. Assimque fomento, por-meio
da-revelafiam, sabemos, que os-á: e fomento por-ela podemos
saber, o que lhe-compete. Tudo o mais que podemos conjetur-
rar é, que se entre o homem, e o mais estúpido animal vg. a
ostra; á tanta diversidade de viventes, uns dos-quais conhecem
mais, doque outros; entre o mesmo homem e Deus, é verosí-
mel, que ajam outros entes, mais perfeitos: *in infinitum* &c.
Mas isto nam tem mais forsa, que de conjetura. Onde nam ce-
do admirar-me, que muitos, debaixo do-especiozo nome de Fi-
lozofos modernos, introduzam na sua Metafizica Real, uma lon-
ga disputa sobre os Anjos; fundada em textos da-Escritura, e
razoens de conveniencia, e verosimilidade: que tem tanto que
fazer, com a Filozofia, como o Gran-Turco, com o Papa. O
certo é, que estes homens pervertem, a ordem das-coizas: nam
sendo proprio da-Fizica, se nam o que se alcança, com a luz
da-razão. Mas de passagem direi a V. P. que o dito tratado
dos-Anjos, está cheio de infinitas ridicularias: e nada mais é,
que uma advinhafiam, indigna de homens prudentes. Quando pro-
vassem, que á Anjos: que tem diversas gerarchias: que tem apa-
recido aos homens: que Deus se-servio deles, para muitas coizas:
e permittio, que fizessem outras: é tudo o que, com verdade,
podemos saber dos-Anjos. Examinar como falam: como se-mo-
vem: e outras coizas destas, é puerilidade: e querer falar em
uma coiza, de que nam sabemos nada. Mas na Teologia re-
conherá V. P., a nenhuma utilidade do-dito tratado.

Finalmente deve o Filozofio examinar, a existencia do-espi-
rito increado, cauza e principio de todas as coizas. Este deve
ser, o principal empenho do-Filozofio, pois este é o fundamento,
de toda a Filozofia, e religiam: e tudo se examina, com a luz
da-bom razão. Nenhum dos-Peripateticos prova este ponto; mas
supoem-no: vistoque as provas que dam são tais, que mostram
supolo, e nam provalo. Este ponto, como V. P. sabe, foi sem-
pre, e ainda por-nossos pecados é, debatido entre alguns Filozof-
fos: pois em todos os seculos, se-acháram homens, que procurá-
ram obscurecer esta verdade: e ainda no-pasado, ouveram alguns
ingenhos sublimes, que escreveram largamente, contra esta ma-
teria: e arrastáram muitos, para a sua parte. Estas disputas fo-
ram cauza que vimos, que o modo, com que até aqui nas
escolas se-provava, a existencia da-Divindade, nam era o ver-
dadeiro: e era exposto, a mil respostas, pois era fundado, em
mil

mil supozisoens. Devo dizer a V.P. que ainda que esta verdade, seja tam clara, contudo ainda até aqui, nam se-acháram provas, que a-puzefem longe de toda a objefam, e tapafem a boca aos Ateiftas: Mais facil é mostrar, que os argumentos deles nada valem; doque perfuadir-lhe, que os nosos se-devem admetir. Mas, para abreviar, digo, que o metodo que me-parece mais proprio, e eficaz, é este. Provar primeiro, que este Mundo foi criado *in temporè*: pois se o-admitimos eterno, perde-se a melhor razam para provar, que á um Deus. Depois, mostrar, que este tal Mundo, nam foi feito cazualmente; mas com fuma advertencia, e por-alguma cauza inteligente: Em terceiro lugar, que esta cauza inteligente, nam pode ser materia, mas é algum ente separado da-materia. Em quarto lugar, que nam só o Mundo foi feito *in temporè*, por-uma cauza inteligente, que nam é materia; mas que foi feito de uma materia temporal, nam eterna: quero dizer, de uma materia criada com o mesmo mundo. Esta serie de propozisoens, vi em uma obra bem moderna: e achei, que era necesaria: porque alguns concedem umas, e negam outras razoens. Mas desta sorte, sam todos obrigados a reconhecer, que existe uma cauza inteligente, que nam é materia; a qual produzio nam só o Mundo; mas á mesma Materia. Provado isto, fica claro, que á Deus: porque isto queremos significar, por-esta palavra, *Deus*. Depois, tem lugar provar, que esta tal cauza nam só criou, mas ainda oje governa o Mundo: ao que chamamos, ter providencia do-Mundo: Alem difo, que nam sam duas, mas uma só. Estes dois pontos, provam-se com os mesmos fundamentos: e ambos, em quanto pertencem ao Teologo, seguem-se da-existencia de Deus: principalmente provada, do-modo que apontamos. Onde, deve o estudante procurar, alguma outra prova, mais como confirmafam das-ditas, que como provas novas.

Posto isto, pode mostrar brevemente, que aquela tal cauza, deve ter muitas propriedades singulares: deve ser livre, omnipotente, omnipotente &c. o que tudo se-inferre, de ser a primeira cauza, e nam ser feita por algum' outra. Isto, basta ao Filozofio: o restante, estudar á na Teologia.

Tenho exposto em breve a V.P. o que é Fizica, e o modo com que se-deve estudar, e ordenar um curso de Fizica. Digo porem agora, antes que pase adiante, que este effudo, que parece cansado, pode-se fazer com muita facilidade; avendo me-

todo.

todo. Ponho por-maxima fundamental, que em dois anos pode o estudante, ver toda a Filozofia, do-modo que digo. No-primeiro ano, pode o estudante, aindaque seja preguifozo, estudar Geometria, Aritmetica, e ter alguma ideia de Algebra. Nam cuide V. P. que peso muito: conheço rapazes, que em dois mezes estudáram os Elementos de Euclides: e intendo, que em quatro mezes pode sabelos muito bem, quem nam fizer outra coiza. A Aritmetica é mais facil, que a Geometria: em um mez, se-pode saber perfeitamente: posto o que, facilmente se-intende a Algebra: porque, alem de ser uma Aritmetica literal, do-que tem de particular, pode-se dar bastante ideia em um, ou dois mezes, para poder intender os livros: porque para sabela perfeitamente, quer-se muito mais tempo.

Mas, para nam amofinar os rapazes, com a especulafam seca da-Matematica; parece-me mais proprio, unir os estudos, como fazem em infinitas partes da-Europa, e principalmente em Italia: e a experiencia mostra, que produz mui bom efeito. No-primeiro ano, que ensinam Logica, todas as menhas explicam uma ora, Matematica. Em um mez, se-acaba a Aritmetica, e nam só as regras principais, mas tambem as particulares: mas nam podendo ser em um mez, seja em dois. Acabada a Aritmetica, entra-se com a Algebra, uma ora cada menha: a qual, nam se-podendo acabar nefe ano, continua-se no-seguinte da-Fizica. E de tarde, nefe primeiro ano de Logica, a primeira ora é de Geometria.

No-segundo ano, que é de Fizica, pratica-se o mesmo. Pola menha a primeira ora, Algebra: de tarde a primeira ora, Seosens Conicas, Problemas de Archimedes &c. No-restante do-tempo, digo, da-lifam, explicam a Fizica. Onde, em dois anos, acabam o curso de Filozofia. Mas, quando nam se-pudese, nos-Estudos Publicos, acabar nestes dois anos, podiam prolonga até a metade do-terceiro ano: e na ultima metade outra materia.

Nem parefa maravilha, dizer eu a V. P. que, estudando pola menha Aritmetica, ou Algebra, e de tarde Geometria; contudo isto possa acabar-se a Logica nefe ano. porque como a verdadeira Logica nam embarafa os rapazes, com disputas de coizas claras; mas simplesmente as-propoe, e explica bem; daqui vem, que se-percebe melhor com a conversafam de omens doutos, que com o estudo. E se o mestre sabe expor os documentos com clareza, e vestilos de algum exemplo sensivel; pode estfinar mais

Logica, em uma conversasam, doque outros nam fazem, em um ano. Em certa parte de Italia, me-palio u ni peçoã grande, que dese alguns documentos da Logica a um seu filho: e lhe-ensináse, de que livros se-podia servir. Na primeira conversasam, que eu tive com o dito filho, adverti logo, que tinha frequentado um estudo publico, em que certos Religiozos tinham-lhe enchido a cabeça, de mil especulaçoens e prejuizos. Neste cazo, para livrar o rapaz de prejuizos, e mostrar ao pai, que dezejava, e sabia servilo; sem me-obrigar ao none de mestre, segui uma estrada de ensinar Logica, que a V.P. parecerá nova, mas para ele foi muito util. O metodo foi este. Aconselhei ao pai, que fechase todos os livros, e manuscritos, que o rapaz tinha: e nam lhe-deixase, uma só folha de papel escrito. Co necci pois a conversar com o rapaz, e em cada conversasam fui-lhe dando lisoens, tanto mais eficazes, quanto eram sensiveis: pois nas mesmas conversasam, e respostas que ele dava, lhe-mostrava eu evidentemente, o artificio da-verdadeira Logica. Com esta circumstancia de mais, que aprendia no-mesmo tempo, a formar juizo critico, em toda a materia: pois eu nam deixava passar propozisam, ainda das-suas mesmas, sem que lhe-proguntase o motivo, e chegase com ele a descobrir, a verdadeira origem do-raciocinio. Conversava-mos duas, e trez tardes na semana, segundo se-oferecia. Tive eu cuidado, de comerar por-divizoens gerais, e facis de se-intenderem: despois, pasei às mais particulares. E ordenava desorte as minhas conversasam, que a seguinte entronicase com a antecedente: e com esta ocaziam pedia-lhe conta, do-que lhe-tinha explicado antes. A conversasam nam era sempre em caza, mas muitas vezes passando polo campo. Desta sorte pasados trez mezes, sabia o rapaz mais Logica, doque o mestre que primeiro lha-ensinára. No-fim dos-trez mezes aconselhei, que comprase uma Logica moderna bem feita: e a-lese segundo as reflexoens que tinhamos feito: e notase as particularidades, que eu nam pudera dizer na conversasam. Deste modo saio bom Logico, e em breve tempo. Ele me-confessou ingehuamente, que ao principio, formára mao conceito do-neu metodo: mas com o andar do-tempo, ele mesmo se-maravilhou, do-progreso que tinha feito. Esquecia-me dizer, que quando eu o-deixava, escrevia a lisam que eu lhe-dava: o que lhe-aconselhei, cazo mais que nam tive memoria.

Com semelhante metodo, ensinei a uma Senhora Logica: e a-introduzi na Fizica. e, o que mais é, ensinei-lhe Latim, por-

por-um metodo totalmente novo , que talvez algum dia explicarei à V. P. Agora digo fomite , que nam estudou por-Gramatica alguma : pois somente tinha as lizoens , que eu lhe-ditava , e ella escrevia . Desfortaque com a pena na mam , soube nam só Gramatica , mas boa Latinidade : e oje nas Belas letras , e Filozofia pode-se ouvir . V. P. perdõe a digressão , que foi necessaria para mostrar , que eu nam pedia coizas que excedesem , as forzas de um rapaz : principalmente quando tem cuidado , de o-instruir com metodo . Onde torno a repetir , que quem nam tem estudado Aritmetica , deve estudala no-primeiro ano , e Algebra : e de tarde , Geometria , e Sefoens Conicas ; posta a quab coiza , a metade do-dito ano , basta para a Logica . Muito mais , porque os preceitos dela , executam-se na Fizica , nas conversatoens particulares , e em todos os discursos : e assim tem o estudante ocaziam , de os-trazer à memoria mil vezes . E isto mesmo , é estudar Logica .

Segue-se a Fizica : a qual , a quem tem estudado o que digo , é facilissima , e nam custa trabalho . Porque quando entra na Fizica , com o estudo do-Calculo , e Geometria , entende mais Fizica em um dia , doque outros em um mez . e vendo a applicação da-Matematica Simplez aos fenomenos da-Fizica ; entende a Matematica sem trabalho , (porque o-veo o fim) para que serve ; e a Fizica com gosto , porque chega a reconhecer , as verdadeiras causas das-coizas naturais . Alem diso , nas ferias dese meio tempo , pode ler alguma istoria , das-observatoens exatas que se-tem feito na Fizica ; ou a istoria da-Filozofia Natural , que vale o mesmo . Seria muito util , que o estudante , assim como vai lendo as materias , fosse tambem lendo as experiencias ; consagrando cada dia , uma ora a esta leitura , seguindo a ordem das-mesmas materias . Nam é crivel , quanto este metodo facilite a perceção da-Fizica : porque , sabendo o que na verdade pasa na natureza , as consequencias que dali se-tiram , e o modo de as-explicar , mediante os principios da-Matematica , (em que consiste a Fizica) naturalmente se-oferecem , e entram no-juizo . Alem diso , este estudo é a-primeira parte da-Fizica : e assim parece-me , que nam se-deve separar dela . Contudo , nam condenarei , quem , estudando por-um bom curso de Filozofia experimental , nam ler logo a istoria das-experiencias ; mas quizer rezervalva para as ferias , ou coiza semelhante .

Isto é , o que se-me-oferece dizer por-carta . Reconheço , que seria necesario , apontar muitas rezolutoens particulares , em ma-

teria de Fizica; para dezengañar o estudante, que nem tudo o que passa, com o nome de Filozofia moderna, se-deve admetir. Mas isto, seria fazer um tratado; e nam dar uma ideia, como V. P. pedia. Creio porem, que tenho dito o que basta, para um omem se-regular. Quem afenta, em nam admetir ipotезes, mas somente o que se-prova claramente: e foge de toda a sorte de livros de Peripateticos: e le as experiencias sem paixam: e sabe consultar as obras das-Academias, e seus membros, em que as coizas se-expoem bem: Alem diso, quem le por-Newton, Musschenbroek, 'S Gravefande, De Martino, Keill, e outros Filozofos semelhantes; este omem, aindaque se-encontre, com um Fabri, ou Tosca, ou Saguens; ou Cordemoi; ou Regis &c. e outros modernos ipoteticos; saberá neles deixar o que deve: escolher o melhor: emendar algumas coizas: e finalmente, separar o branco do-negro. Mas a melhor, e mais emportante advertencia é esta: que o verdadeiro Filozoso deve persuadir-se, que nós neste mundo, sabemos pouquissimas coizas com certeza: e das-cauzas dos-efeitos naturais, sabemos ainda menos: e que é melhor, saber pouco com certeza, que acumular conjeturas, e nam concluir nada. Proguntarmeá V. P. paraque deixo a segunda parte do-terceiro ano vazia? eu o-direi em outra carta: que agora nam tenho tempo. Guarde Deus a V. P. &c.



CARTA UNDECIMA.

S U M A R I O .

Mostra-se, que a Etica pertence legitimamente ao Filozofio . que é necessaria, ao Jurisconsulto, e Teologo Moral . que é util, para todos os empregos da-vida . que é necessaria, aos que ám-de ocupar alguns empregos . Apontam-se os defeitos que se acham nos-Juristas, e Teologos, por-falta da Etica. Particular necessidade que tem dela os Nobres, para firmarem conceito do-Vicio; e Virtude, e fazerem as suas obrigaçoens. Prejuizos de muitos Nobres, nella materia: e modo de os-temendar. Dá-se verdadeira ideia, do-que é Etica, e suas partes. Aponta-se um modo breve de a estudar, com facilidade, e utilidade.



PROMETI a V. P. no-correio pasado apontar, em que se-devia empregar, a segunda parte do-ultimo ano de Filozofia: e a isto satisfazo agora. Digo pois, que se-deve empregar, na Etica: a qual, sendo disposta como deve ser, pode-se estudar sofrivelmente, nos-ditos seis mez.s. Mas, para evitar confuzoens, explicarei primeiro o que digo. Nam intendo por-E-

tica, aquella infinita especulacão, que nam estabelece maxima alguma util, para a vida civil, ou religiam; mas que pasa o seu tempo, em disputar mil questoes curiozas, e superficialmente toca as necessarias: e, em lugar de mostrar ao Homem as suas obrigaçoens, é cauza de perder tempo, com coizas ridiculas, e metafizicas sumamente desnecessarias. O que intendo por-Etica é, aquella parte da-Filozofia, que mostra aos Onens, a verdadeira felicidade: e regula as açoens, para a-conseguir. Cicero (1) dá a Socrates o louvor, de ser o primeiro que reduzise as maximas

(1) *A Socrate omnis, qua sophia manavit. Cicer. Tuscul. Quæst. l. 3. n. 8.*

mas do-direito natural , a corpo de doutrina . Seu dicipulo Platan , e Aristoteles , escreveram nesta materia bem , em quanto à substancia . Cicerô tambem o-fez famosamente , nos-livros *de Officiis* &c. e mais alguns . Os que a estes se-seguiram , trataram pouco da-Etica : menos alguns Jurisconsultos insignes da-Antiguidade , que muito bem se-serviram dela . Os mais modernos , cuidaram pouco nisto . Somente no-fim do-Seculo XVI. é que comesarã a reconhecer a necessidade dela , para regular o juizo do-Omem , e facilitar a perceçam de muitas ciencias . No-seculo pasado , comesarã alguns , a escrever bem nesta materia . Contudo , muitos trataram-na com tal especulafam , que com razam se-pode dizer , que é mais Logica , que Etica : defeito que condenam muito , os omens de melhor doutrina . Somente no-prezente seculo , é que se-comesou a discorrer bem nisto .

E certamente (como adverte bem o dontissimo Muratori) , os que tratam a Etica , com tanta especulafam , nam intendem que coiza é Etica , nem paraque serve . A Etica , rigorosamente falando , deve servir de instrufam aos omens , em duas coizas principalmente . Primeiro , deve ensinar , em que consiste a suprema felicidade do-Omem . despois , explicar as virtudes , e o modo de as-conseguir . E isto , nam se-faz com especulafam , e sutilezas : mas com boas doutrinas , e solidas , expostas com clareza e facilidade . Sem duvida é coiza vergonhoza , que o Filozofô conhece , como deve regular o juizo , para discorrer bem ; saiba como pode alcançar o conhecimento da-natureza ; e somente ignore o fim , paraque foi criado , e qual é aquela felicidade , que ele procura , e à que todos aspiram . Este omem nam pode fazer coiza alguma boa . Quem nam sabe , para onde vai , nem que estrada seguir ; forzosamente cairá , em infinitos precipicios . Polo contrario , quem sabe o fim para onde deve ir , naturalmente descobre a estrada , que o-conduza para o dito fim : e reconhece as obrigaçoes , de quem quer encaminhar-se para ele .

Perfuadem-se muitos , que a Etica somente pertence aos Teologos , a que chamam Moralistas , ou Casuistas : e com esta opiniam , separam-na da-Filozofia . Acharam , que S. Tomaz na segunda parte da-sua Suma , trata da-Etica ; e , sem mais exame , entenderam , que se-devia tratar bem no-meio da-Teologia . Achei muitos desta opiniam em Portugal , ainda dos-que se-chamavam mestres . Mas semelhantes omens , julgam muito mal nesta materia , assimcomo em muitas outras : e o menos mau que tem é , nam entenderem o que dizem . Consistindo a Etica na coléfam

se preceitos, que a luz de uma boa razão mostra, serem necessários ao Homem, para fazer afoens onestas, e tambem utilis à sociedade civil; pertence legitimamente ao Filozofio. Alem disto, os antigos Filozofos, que nós deram os primeiros principios desta ciência, nam erañ Teologos, nem Cristaos, mas Etnicos. A questam do-Sumo bem, foi sempre disputada, pelas melhores pedras da-Antiguidade. Basta ler, os livros de *Finibus bonorum, & malorum*, de Marco Ciceró; para ver, com que empenho era tratada pelos Antigos. Academicos, Estoicos, Peripateticos, Epicureos todos trabalháram sobre este ponto. A questam dos-diversos *Officis* ou obrigaçoens do-Homem, tambem se-disputou mui bem. Panecio Grego, e Cicero Latino escreveram mui bem sobre ella. Os Estoicos, tirando algumas fútilezas de Logica, quazi nada mais faziam, que empregar-se na Etica, e por-ella regular as suas afoens: cuja seta foi famosa na Antiguidade, pola inteireza da-sua vida. Pois aindaque errassem no-estabelecer, qual fosse o Sumo bem; contudo, as afoens externas da-vida, regulavam-nas com a mesma inteireza, como se o-tivessem acertado. De que nós fuministraram bons exemplos, os dois Catoens, Seneca Filozofio, Epicteto, Marco Aurelio Antonino, e outros. Desfortequê sendo a vida dos-mais illustres Filozofos da-Antiguidade, um perpetuo exercicio de Filozofia; e sendo as suas escolas, aquelas em que se-davam, belissimos preceitos para a vida; loucamente separaram estes Peripateticos a Etica, da-Filozofia: e pouco conformemente aos seus principios, pois o seu Aristoteles escreveu muito disto.

Mas a principal razão, porque a conselho ao principiante, estudar a Etica é, porque como vejo, que a maior parte destes Homens, pasam da-Filozofia, a estudar Jurisprudencia, ou Moral; em todos estes cazos acho, que é sumamente necessaria ao estudante, para formar verdadeira ideia dos-estudos: porque ella é a Logica da-Teologia Moral, e Jurisprudencia. Isto nam intendem muitos, dos-que estudam nma e outra destas facultades: mas esta é a verdade. Sendo a Etica deduzida da-boua razão, excita nós-Omens, os principios do-direito natural: dos-quais se-tiram as dezoitoens, dos-cazos particulares. A falta desta erudisam é cauza, que tanta gente erre nesta materia: porque poem infinita distancia, entre cadauma destas leis. Mas a verdade é, que a Lei Divina, a Natural, a das-Gentes, sam a mesma lei: toda a diversidade está, no-modo da-publicasam. A Divina, foi publicada pola bouca de Deus: a Natural, é a mesma lei Divina proposta aos Omens, pola facultade que a alma tem, de conhecer o bem: a

das

das-Gentes, é a mesma lei Natural, posta em execução por Povos inteiros. Além disto, a lei Civil, e Ecclesiastica, polo que respeita a honestidade das-afções humanas, é em tudo conforme à boa razão. Este é o motivo, porque Povos tam diferentes, de lingua, de paiz, de costumes, abrasaram o Direito Romano: por-ser uma Filozofia Moral, reconhecida justa, pola maior parte dos-Omens. Onde, disse com razão Cicero (1), que estimava mais as leis das-XII. Taboas, que todas as bibliotecas dos-Filozofos. O certo é, que elas foram, e sam estimadas, nam por-outro principio, senam por-serem racionaveis. e lei, que nam é deduzida da-boua razão, nam merece o nome de lei. A lei Ecclesiastica, ja se-sabe, que se-conforma em parte, com a Escritura, e Tradisam, e em parte, com a Civil: onde fica superfluo provar, que é racionavel.

Esta é a conformidade das-leis entre si: a qual mostra bem, a dependencia que tem da-Etica. Mas, falando especialmente da-Etica a respeito da-Teologia Moral; é certo, que convem ambas em algumas coizas: porem diferem em outras. A Etica, e a Moral, tratam ambas do-Sumo bem, e das-infermidades do-animo: Diferem porem, porque a Teologia, tira as suas conclusões das-verdades reveladas: a Etica, da-razam. A Filozofia, mostra a verdadeira felicidade, mas nam sugere meios bastantes, para a-conseguir: porque somente considera o Omem, com as forças da-natureza corruta: nem chega a conhecer, a verdadeira origem das-infermidades do-animo: nem ensina outra coiza mais, doque conformar-se com a lei Natural. A Teologia porem, reconhece a verdadeira origem da-natureza corruta: aponta os meios sobrenaturais, quero dizer, tirados da-revelasam, para emendar as infermidades do-animo: e nam só ensina, conformar-se com a lei Natural, mas tambem com a *Positiva Universal*: de-sorte que ensina alguns *Ofcios*, que o Filozofos ignora. Desta sorte serve muito a Etica ao Teologo: porque lhe-prepara a estrada: confirma as suas conclusões, com a autoridade dos-Filozofos: e dispoem o Omem, para receber a religiam.

(1) *Fremant omnes licet, quis legum fontes, & capita dicam quod sentio. Bibliothecarum mehercule omnium Philo- sopherum, unus mihi videtur perare. Cicero. de Orat. l. I. XII. Tabularum libellus, si n. 44.*

Asentando nisto, fica bem claro, quam util, e quam necessario é, o estudo da-Etica, para os que ám-de exercitar certas faculdades. Um omem, que tem na cabeça, os principios da-*Jurisprudencia Universal*, a que chamam, *Direito Natural*; e tambem se-podê chamar, *Direito das-Gentes*; nam só intende as coizas bem, mas julga diferentemente que outros, que nas ocazioens vam consultar os livros. Observei muitas vezes, que os ignorantes da-*Jurisprudencia*, julgáram de repente alguns cazos muito melhor, doque estes chamados *Jurifconsultos*, que praticavam grande aparato de leis, para os-decedir. Nam que as leis, nam decidam bem o ponto: mas porque muitas vezes, nam sendo cazo uzual, a regra do-direito *Natural*, apresenta-se mais depresa ao juizo, doque a lei que faz ao cazo. Com esta reflexam, aconselhei a alguns amigos, que nam tinham noticia destas coizas, que, para suprir em certo modo esta falta, procurassem ter na memoria, as regras do-*Direito*: porque sendo extraidas do-corpo do-*Direito* todo, nos-cazos repentinos, quem as-posue, e intende bem, julga melhor qualquer cazo, doque os que afetam exquizita erudisam. E esta razam abraza igualmente a *Lei*, que a *Teologia*. Mas especialmente a *Etica* serve ao *Teologo*, porque lhe-prepara a estrada: confirmando as suas conclusioens, com a autoridade dos-*Filozofos*, e com os principios da-boua razam.

Da-falta deste principio nasce, aquele embaraço, que *V.P.* verá muitas vezes, em *Teologos*, e *Juristas*. Quando propoem um cazo, a algum destes, se o-nam-tem lido, nam sabem dizer duas palavras. Sendo que nam examinam, os principios da-lei, nam se-podem servir, do-proprio raciocinio, e criterio: e só se-servem da-memoria: a qual, nam sendo sempre fiel, ou talvez nam tendo o omem ouvido a tal especie; fica mudo, ou diz um despropozito. Este defeito acha-se em ambos: mas principalmente nos-*Moralistas*. Estes, comumente nam dam razam do-que dizem: mas apontam soinente, os autores *Cazuistas* de onde o-recebèram: os quais nem menos asnam razam, mas fundam-se em outros antecedentes. E assim, copiando-se uns a outros, multiplicam-se os livros sem necessidade, nem utilidade. Poso segurar a *V.P.* que lendo *Plutarco* nos-seus livros de *Moral*, *Cicero* nos-de *Officiis*, *Seneca*, e outros, observei varias vezes, que escreviam melhor, que os *Teologos* de profisam. naquelles verá *V.P.* principios de nma boua razam: nestes nem sombra. Ora sendo o *Teologo*, e *Jurista*, juizes de profisam, cuido que sam obrigados a

conhecer, quais são as fontes, de-que a Lei tira as decizaens, dos-razos particulares.

Alem diso, esta noticia é necessaria, a qualquer omem particular, aindaque nam aja de seguir, alguma daquelas profissoens. Mandam-se os mosos às escolas, para estudarem Filozofia. Se proguntais aos pais o motivo, dizem que é, para civilizarem o juizo, e afoens; e saberem falar; e poderem ser utilis à sociedade umana. Ora eu intendo, que, para conseguirem este fim, nam só devem estudar Logica, e Fizica, mas, muito principalmente, a Etica: a qual é util, em todos os empregos da-vida. Um omem nam só uza da-Etica com os outros; mas com a sua familia, e consigo mesmo. Os dez Mandamentos, que ensinam os principios de toda a Etica, nam se-podem intender bem, sem esta explicafam. De-que concluo, que em todas as afoens é necessario, aquele conhecimento.

Ainda para o trato civil, é mui util, e necessario, Todos os omens gostam de julgar, das-afoens dos-outros, ou sejam suditos, ou Soberanos: nam á conversafam em que nam entre, um bocado deste negocio. Mas as tais censuras comumente são erradas, porque quem as-faz, nam tem o fundamento necessario. Nam á coiza mais ridicula que ver, nam digo su alfaiates, e sapateiros &c. mas Clerigos, Frades, omens de letras, de nascimento, de empregos, estarem falando tardes inteiras, em coizas pertencentes ao direito Natural, ou das-Gentes, ou Politica; sem saberem, os primeiros elementos destas coizas. Dizem mil parvoices: publicam leis mui destemperadas: condenam umas sem motivo: louvam outras por-ignorancia: finalmente dizem coizas indignas de omens, que vestem camiza lavada. O pior é, que são pertinazes nas suas teimas: e, quando decidem a materia, nam admitem apelasam, nem agravo: como varias vezes observei, com suma confuzam minha. Cuido, que o remedio disto é, beber em tenra idade, a dontrina necessaria: porque se nam fizer, que vomitem sentensas, ao menos impedirá, que digam despropozitos. Onde, a consideralo bem, a Etica em toda a sua extensam, é emprego de todas as profissoens, e de toda a gente civil.

Alem diso, a Etica é necessaria, para formar verdadeiro conceito das-coizas, e saber dar-lhe aquela estimafam, que cada uma merece. saber distinguir a Virtude, do-Vicio; reprovando este, e estimando aquela. Ninguem pode duvidar, que omem, que nam sabe distinguir estas coizas, nam é omem: muito menos, é omem civil.

civil : e tambem ninguem pode duvidar , que , sem Etica , nam se-conhece isto . Desta falta rezulta um grande dano , em todas as republicas : porque nam sabendo os omens , qual é a Virtude , para a-seguirem , e estimarem ; nem promovem estas com o exemplo , nem reprimem os vicios . Daqui tambem nasce , qua se-estimam coizas , de que nam se-deve fazer cazo : e nam se-dá à Virtude , o preso que se-deve : ou se-chama Virtude , àquilo que o-nam-é . defeito mui comum das-peesas nobres , e grandes . Estes Senhores , preocupados com a sua nobreza , chamam a esta , virtude : e , por-legitima consequencia , tiram , que tudo o mais é vicioso ; e desprezivel . Em todos os seculos do-mundo acham-se estes prejuizos : mas nos-seculos da-ignorancia , quero dizer , despoisque os Barbaros destruíram o Imperio Romano ; ou , para falar com mais precizam , desde o seculo X. até os tempos do-Concilio de Trento ; teve mais vigor esta preocupasam . Nestes dois ultimos seculos , alguma coiza tem o mundo aberto os olhos : porque finalmente omens mui doutos escrevèram , e faláram muito sobre isto . Mas estes sermoens sam como os das-Misoens : em que os viloens choram , gritam muito , esbofeteiam-se , em quanto ouvem o Pregador : despois , continuam como de antes .

Nace este prejuizo , como digo a V. P. , deque o Grande ignora , que a origem de toda a nobreza , é a Virtude (1) . Esta nobreza , aindaque adventicia , pode-se-lhe chamar *natural* : os em-pregos , sam a nobreza *civil* : os filhos destes , tem nobreza *ereditaria* , que é o infimo grao da-nobreza . Os Omens nacèram todos livres , e todos sam igualmente nobres . O direito das-Gen-tes introduzio , com as divizoens , as Republicas , e Monarchias : mostrando a experiencia , que , nam se-obedecentlo a alguem , confundia-se toda a sociedade umana : e mostrando tambem a boa ra-

I 2

(1) --- Quis generosum dixerit hunc , qui Indignus genere , & praclaro nomine tantum Insignis? Juvenalis Satyra VIII.

Et ibidem : Tota licet veteres exornent undique cetera Atria , nobilitas sola est atque unica virtus .

Non facit nobilem , Atrium Animus facit nobilem : cui ex plenum fumosis imaginibus . Ne- quocumque conditione ; supra mo in nostram gloriam vixit : nec conditionem licet assurgere . Se- quod ante nos fuit , nostrum est . neca &c.

zam, que, no-estado em que a natureza umana se-acha, nam se-pode conservar, sem obedecer a alguem. O emprego foi cauza, que se-estimavam aqueles primeiros reinantes, porque dependiam todos deles. Com o tempo, passou com titulo de eransa, o que tinha sido eleisam: Mas muitas Republicas, e talvez as mais famozas, conservaram o governo eletivo. Estes Principes buscaram entre os cidadoens, os melhores, e mais virtuozos omens, para que lhe-atitifem, e de quem se-servisem na guerra, e na paz. Estes foram mais considerados, que os outros cidadoens: e este é o principio de toda a nobreza. Os filhos herdavam dos-pais as virtudes, e, consequentemente, a estimavam: porque, na verdade, os pais tinham cuidado, de os-instruir como deviam. Este costume considerou-se por-obrigavam, e com o tempo foi o mesmo, consideralos filhos de nobres, que julgalos erdeiros, das-suas virtudes, e estimalos por-este motivo (1). Talvez entrou aqui, a condecendencia de alguns Principes, que, nam podendo premiar os pais, premiavam os filhos: para animar os outros, a seguir a Virtude, vendo que a decendencia, era remunerada. Abuzaram os Nobres desta benignidade: e pertendèram, que fosse divida do-nascimento, o que só era premio da-virtude. Pertendèram, que a onra ou estimavam fosse tributo. Sem advertirem, que sendo a estimavam, e onra, uma asam exterior, com que eu exprimo o conceito que tenho, da-excelencia, ou virtude de outro; nam posso fazelo a um, que nam tem excellencia sobre os outros; ou de quem nam se-deve formar este conceito.

Mas, por-pouco que reflectisem sobre isto, conheceriam estes Senhores, que manifestamente se-enganavam. O ser filho de um omem illustre, nam é o mesmo que ser illustre. Poderá o abuzo-introduzir, que tenha entre o Povo, a mesma estimavam do-pai: mas assimcomo este costume nam faz, que ele tenha em si mesmo, excellentes virtudes; assim tambem nam faz, que seja verdadeiramente nobre. Consiste pois toda a nobreza deste omem, em se-dizer, que é filho de um omem nobre, e que se-trata com mais fausto, que os outros: averá outros que tenham tanto, e mais dinheiro: mas porque nam estam naquella opiniam, nam sam nobres. O que, examinado bem, quer dizer, que a dita nobreza, é uma pura opiniam do-Povo. Dispa V. P. dos seus vesti-

(1) *Fortes creantur fortibus, & bonis*
Est in juvenis, est in equis patrum
Virtus &c. Horatius.

vestidos este Grande: separe as carruagens e criados: e nam poderá distinguilo, do-omem mais ordinario do-Povo. Onde, sem fausto, tem perdido toda a nobreza. E se neste estado, o-transfere a outro paiz distante, nam só nam é nobre, mas é pozitivamente vil. Mas nam o-intendem assim muitos Grandes: pois estam tam persuadidos, que a excelencia, é propriedade da-sua natureza; que, com esta opiniam, colocam-se na primeira esfera dos-nobres: na segunda, poem os que tem cargos: na terceira, os que sam insignes pola virtude. Mas tudo é polo contrario. Os omens insignes, é que sam os verdadeiros nobres: esta nobreza é natural: de que ninguem os-pode despojar. Respondeo com galantaria uma psoa a outro, que lhe progunta, como distinguiria um nobre, de quem o-nam-era; deste modo: *Dispilos ambos nûs, e ouvilos falar.* dando a intender, que os accidentes do-vestido, e tratamento enganam muito, e impedem formar, verdadeiro conceito da-Virtude. Em segundo lugar entram; os que tem cargos na Republica. Aos magistrados, e semelhantes, que se-dam, ou devem dar, a omens capazes, é devido todo o respeito. Na ultima, e infima classe, ficam aqueles, que nem pola virtude, nem polo emprego merecem estimasam: mas só a-tem pola acendencia.

Temos outra casta de Nobres, ainda mais prezunidos, que nem menos admitem, duas segundas classes de nobreza. tudo o que nam sam eles, desprezam. só para eles valem os titulos. Quando vem subir algum omem na Republica, a cargos grandes, logo vam buscar, o seu nacimiento umilde: e, nam podendo negar-lhe a estimasam polo emprego, cuidam muito em deslustralo, nas conversas oens particulares. Estes, ou sam mais ignorantes, ou mais maliciozos. Deviam estes advertir, que os titulos sam a coiza mais accidental, que á no-mundo. porque no-estado em que estam muitos Reinos, e Republicas da-Europa, melhor direi, de todo o mundo polido, samente os cargos, e o dinheiro, é que se-reputa nobreza: pois com o dinheiro ou se-consegue a estimasam, ou o cargo. Alem diso, os titulos nem em todas as partes correm, polo mesmo preso: pois um titulo de Portugal, transplantado em Franca, ou Italia &c. vale pouco, se ele nam tem, com que lhe-de preso. Nam assim os cargos, e o dinheiro: que sempre conseguem a mesma estimasam. Um Inviado, ou Embaixador &c. seja quemquer que for, sempre consegue estimasam, em toda a parte: e um omem rico. Mas nam sucede assim com outros Senhores. e eu vi alguns, de anti-

tiquissimas familias, que, achando-se em paizes distantes, faziam bem miseravel, e vergonhoza figura. * * Alem disto, se a nobreza de um titular ou fidalgo nasce, da vontade do-Principe, que quer, que aquele omem seja onrado, isto é, seja fidalgo; o mesmo Principe, que dá o titulo, ou nobreza a um, pode dala a centmil: e consequentemente todos ficam igualmente nobres. Nam assim a nobreza, que consiste na virtude: pois nam o Principe ma-pode dar, nem tirar. A mesma lei confirma isto: pois degrada os omens da-nobreza, em certos cazos (1): de que as historias nos-dam mil exemplos. O que mostra evidentemente, que esta chamada nobreza hereditaria, ou jus à estimasam dos-omens, é coiza que se-pode dar, e tirar: E consequentemente, ninguém se-deve desvan-cer, porque a-tem: nem desprezar outro, porque a-conseguiu mais tarde.

E na verdade seria coiza digna de rizo, se nós oje despreza-femos, tantos Imperadores, tantos Reis, Generais &c. tantos Pontifices, Cardiaes, &c. porque tiveram nascimento umilde: sendo certo, que neles ou as virtudes, que os levantáram a-queles cargos, ou os mesmos cargos, lhe-conciliáram a estimasam. Vespaziano nam era nobre: nem Tito, ou Domiciano, ou Pertinaz, ou Macrino, ou Masimino, ou Felipe, e outros semelhantes: antes muitos destes eram filhos, de pais umildes. Mas todos eram Cezares, e Senhores do-mundo: e muitos deles, como os dois primeiros, e o quarto, eram nobres pelas suas virtudes. O mesmo polo dizet, de muitas peoas grandes do-mundo. Onde quem nam reconhece isto, ou é muito ignorante, ou louco.

Certamente se eu examino as antigas Republicas, acho-as nisto, muito mais advertidas, que as nosas. Em todos os Reinos do-mundo civil, acho singularmente estimada a virtude, ou nobreza natural: mas quanto à nobreza civil, vejo no-Oriente que consistio sempre, ou no-dinheiro, ou na vontade do-Principe, que fez nobre, quem lhe-pareceo, sem olhar para acendencia, ou coiza semelhante. Assirios, Persiaes, Egicios praticáram sempre o mesmo. José era um pobre omem, e escravo: mas Ramezes Minum, ou o Faraó da-quele tempo, nam reparou niso, para o-levantar ao lugar de Vice-Rei do-Egito: olhou somente para a sua capacidade, e utilidade que podia resultar ao Reino. Ainda depois de ver, a umildade da-sua familia, e a

(1) Veja-se a Ordenasam de Portugal. no li. 5. tit. 92. pro-

profíam, a que os Egípcios tinham aborrecimento; nam lhe-rebaixou nada, da-estimação que tinha. E o que mais é de admirar, que succedese isto no-Egito: onde, pela maior parte, os empregos ou grandes, ou pequenos, eram hereditarios nas familias, e nam passavam de umas para outras diferentes. Isto chama-se conhecer verdadeiramente, o merecimento dos-omens. Aman era Amalecita de vil nascimento: mas nada disso bastou, para nam fazer a segunda figura, no-Reino. *Mardocheo* pelo contrario, era um homem de ordinario emprego, na familia de *Asuero*: mas nem menos isto impedio, que o dito Rei o-onrásse tam distintamente, com aquelle celebre pregam, (que devia abrir os olhos aos Grandes, e persuadir-lhe, que a sua nobreza nada mais é, que a vontade do-Príncipe) = *Assim se-deve onrar, quem El-Rei quizer onrar* = . Nam aponto exemplos da-istoria Profana, porque sam menos notos.

Na Grecia, é coiza bem nota, que os cargos quasi sempre se-conferiam a omens, por-si illustres; e que só estes foram reputados nobres. Aristides, Temistocles, Pericles, Trábullo, Epaminondas, Eumenes, e muitos outros grandes omens, que occuparam os primeiros empregos; só foram estimados pelas suas virtudes. Mas sobre tudo a istoria Romana suministra estes exemplos. Nunca floreceo mais esta famoza Republica, senam despois-que se-abrio a porta para o consulado, e outros cargos, nam só a toda a Cidade, mas tambem a todo o imperio Romano. Concorreram de todas as partes omens grandes, com a mira de subirem, ás primeiras dignidades do-Imperio. o merecimento servio-lhe de escada, para os-conseguirem. Acham-se mais Generais famozos, Consules, Oradores entre as familias plebeias, que entre as patricias. a virtude e merecimento servia-lhe de nobreza. E aindaque os patricios muitas vezes julgasem diferentemente; o Povo, e os omens grandes, sentenciáram comumente, pelo merecimento. E é muito de notar, que ainda quando a plebe, esporiada pelas sediciozas arengas dos-seus Tribunos, obteve com tanto furor do-Senado, poder tirar de entre os Plebeos, os Tribunos Militares; que eram os unicos, que governavam a Republica naquele tempo: quando chegon a eleisam, cedeo das-suas pertensoens, em obzequio do-merecimento. Os Patricios, para conseguirem o seu fim, introduziram entre os Candidatos, alguns Patricios de notorio merecimento. De a plebe, vénerando neles a virtude, cedeo dos-seus empenhos, só para eleger os Patricios. E nam obstante as muitas repressensoens dos-melhores magistrados ple-

plebeos; continuou muito tempo, em eleger Patricios, quando lhe propuzeram omens de merecimento. Assim se-estimava naquele tempo a Virtude! Ainda a mesma dispozifam da Republica no-estimar os nobres, me-agrada muito. Avia Censores, cujo emprego era, examinar as afoens, e rendas dos-nobres, e plebeos. Um Senador, ou Cavaleiro que o-desmerecia, por-algum titulo; era degradado do-seu posto, e nobreza. Muitas vezes a pobreza, quando nam era acompanhada da-virtude, servia de motivo: nam assim a solida virtude, aindaque sem renda: esta sempre conseguia o premio e a renda: e muitas vezes do-erario publico dotaram as familias, de omens illustres pobres. Desta sorte entre aqueles graves Senadores, nem o cargo, sem proporcionada renda, conseguia estimafam; nem ambos, sem a virtude, se-podiam reputar nobreza.

Mas como muitos nam intendem isto, por-isto vemos tantos nobres cheios de prejuizos, como asima dizia, sobre a sua nobreza: que nos-querem inculcar, por-uma coiza diferente da-opiniam do-Povo: querendo batizar a virtude, como apendiz da-natureza. De que vem, que V.P. tera muitas vezes ouvido dizer, que o *Sangue puxa: que cadaum procede como quem e: que um filho de tal pai, nam podia obrar de outra sorte*. palavras que ou se-devem tomar em diferente sentido, ou nam significam coiza alguma: e que eles testemunhas proguntados, nam sabem explicar. Pois se acazo nam querem dizer, que e propriedade do-Nobre, fazer boas afoens; nam sei que posam significar. Que pois nam seja propriedade, parece-me que se-segue claramente do-que asima difemos: e ficaria ainda mais claro, se quizessem fazer a experiencia, em um filho de um Grande, que acaba de nacer. Se conduzirem esta crianca a um paiz incognito, e for criada por-viloes; a-de ser vilam; e nam principe: e em tudo se-parecera com quem a-criou: de que ja se-tem feito varias experiencias no-mundo. Esta opiniam nasce nos-omens da-ignorancia. Se o Nobre sobese, que coiza e Virtude; e como se-adquire; conheceria, que o nascimento nam tem, influxo algum nela. Se um mofso nam tem talento para intender bem, docilidade para receber os documentos, e boa educafam; seja quemquer que for, rarissima vez obrara bem: vistoque ainda muitos que a-tiveram, obraram muito mal; porque neles a malicia desfazia, quanto produzia a educafam. Caio Caligola Imperador era de uma casa illustissima: tinha sido bem educado: dera na mocidade indicios de boa indole; contudo, saio um tirano. Nero era de outra familia

familia illustre, e por-adosam da-mesma familia . Quem teve melhor educalam-que ele ? Um Filozofa tam grande como Seneca , instruio-o desde rapaz : um Politico tam grande como Afranio Burro , dirigio-o nos-primeiros anos . Deu ao principio mostras de virtude : e nam ouve coiza mais bela , que o primeiro quinquenio do-seu governo : mas pouco despois foi Nero . Que Imperador Romano ouve , que tivese as virtudes , e doutrina de Marco Aurelio ? quem instruio melhor seu filho Comodo ? e que filho faio mais defemelhante ao pai ? Nam cito mais exemplos : sendo que para os ignorantes , ou bastam estes , ou sam superfluos : os inteligentes sabem mui bem , que o sangue do-pai podera communicar ao filho , alguma enfermidade ereditaria , como Gota , Escorbuto , Galico , Epilepsia &c. mas de nenhum modo lhe-comunica nem vicios , nem virtudes . Estes omens confundem as coizas , e os termos . Quando se-diz , *Que um omem procede como quem é* &c. quer dizer , que conhecendo , que é filho ou decendente de um omem illustre , polas suas asoens e virtudes ; tem obrigalam , de imitar os seus antepasados , e exceder os inferiores tanto nas-asoens , quanto os-excede no-tratamento . Onde , neste sentido , procede como quem é , porque tem obrigalam , de proceder assim . procede como filho de tal pai , porque se-supõem , que um pai virtuozo , educa bem os seus filhos , e lhe-inspira aqueles documentos eroicos , que sam necesarios para a vida . Este conhecimento é , que deu ocaziam àqueles proverbios : dos-quais porem abuzaram os omens , intendendo outra coiza diferente .

Ora é certo que, se considerafem bem estes Senhores , todas estas coizas : se reconhecem que o Nobre , (falo sempre da-nobreza ereditaria) em nada se-distingue do-Plebeo mais , que no-tratamento : se advertisem que este titulo , o qual supõem a virtude , traz consigo a obrigalam de a-posuir , e exceder os plebeos nas virtudes : Sem duvida , que formariam mui diferente conceito do-mundo : e ou procurariam a virtude com empenho ; ou nam desprezariam os que a-posuem ; e muitos se-envergonhariam de si mesmos . Nam veria-mos aquelas ridiculas asetafoens , que fazem nauzea aos omens que tem visto mundo ; e em que muitos collocam toda a sua nobreza : digo , nam tratar , nam conversar com toda a gente , nam frequentar os doutos , nam ter conrespondencias literarias &c. Muitos para fingirem uma nobreza mui elevada , até sam descortezes . nam comprimentam quem os-sauda : nam respondem a quem lhe-escreve ; ou se o-fazem , é de uma

maneira mais injurioza , que civil. Em uma palavra , sam como os Farizeos , que até tinham medo , de tocar com o vestido um Judeo , que nam fosse damelma feita , persuadindo-se , que ficavam impuros . Estes defeitos achei em varias partes da-Europa , mais ou menos : mas principalmente * * * e sobre tudo em Portugal . O que attribui , a que estes Senhores Portuguezes tem menos pratica , das-Nafoens do-mundo , que os Estrangeiros : difficultozamente saiam do-seu Reino , e sua caza : e assim , ignoram como se-vive , nas outras partes do-mundo civil . o que ja adverti a V.P. em alguma das-nofas conversafcoens . Verdade é , que algum Senhor achai neste Reino , diferente dos-outros : mas eu falo do-comum , que se-regula polas opinioens que apontei : as quais co no digo , nacam da-ignorancia da-Istoria , e do-trato do-mundo .

Estas duas coizas sam , as que emendam estes defeitos . Nam quero buscar exemplos na Grecia : pois é certo , que nam ouve regiam , em que se-fizese mais estimafam da-Virtude , sem excetnar as cortes dos-Principes , e Monarcas . Todos sabem , que estimafam tiveram , na corte de um Rei tam rico como Creso , os famosos Filozofos da-Grecia . que cazo , e uzo fazia aquele grande general , e politico Pericles , das-lifoens de Anaxagoras . com quanta diligencia concorriam os nobres de Atenas , a caza do-Filozofos Socrates . com quanto respeito recebeo Dion a pessoa de Platam , em uma corte tam depravada como a de Dionizio . que bom gosto de literatura inspirou Aristoteles , em seu discipulo Alexandre Magno : e como o-estimou seu pai Felipe , e com que atensam lhe-efcreveo . Finalmente é noto . que Pitagoras , e seus dicipulos foram muito estimados , polos Principes daquela parte de Italia , a que chamáram Magna Grecia . Nomiar a Grecia é o mesmo , que nomiar o exemplar de toda a virtude , e bem gosto em artes , e ciencias . Nam quero sair da-Republica Romana , que conheceo mais tarde , todas estas virtudes .

Nam á duvida , que qualquer Senador Romano , ou pezoz consular , tinha outro tratamento e estimafam , tam diferente dos-Grandes desta era , como o dia da-noite . O luxo e magnificencia da-maior parte daqueles Senhores era tam grande , que igualava o de muitos Reis . Contudo a Istoria nos-fumministra mil exemplos , da-afabilidade , e dosura daqueles grandes omens , e estimafam que faziam da-Virtude . Luculo aquele insigne Filozofos , grande general , e riquissimo Romano , seguindo o exemplo de Cipiam , o segundo Africano , (este nas suas expedicoens militares , sempre fo-

ra acompanhado por-dois omens doutos , Polibio , e Panecio) teve sempre no-seu campo , o Filozofio Antioco : e diz a istorya , que dezejou , e procurou com todo o empenho , a amizade do-Filozofio . Que carater amavel de um tam grande omem ! Gneo Pompeo , aquele grande omem , que arruinou imperios imensos: que era omnipotente na Republica : tornando a Roma vencedor de tantas gentes , depozozito entrou na Ilha de Rodas , só para ver o Filozofio Posidonio . e chegando à porta , ordenou ao litor , que era uma das-guardas consulares , que nam batêse com o bastam , segundo o costume . Onde , exclama Plinio (1) , aquele Pompeo , a quem o Oriente , e Ocidente abaixou a cabeça , ele mesmo respeita e se-abaixa , à caza de um Filozofio , só para o-ouvir ! Caió Cezar , aquele Ditador , que dominava tantos Reis ; nam só estimava os omens doutos , mas nunca deixou de con-responder-se com eles , e com os amigos ; ou responder a quem lhe-escrevia , ainda peoas ordinariissimas .

Tambem Otaviano Augusto , entre os cuidados de todo o imperio Romano , tinha oras de descanso , em que se-empregava na conversafam dos-literatos daquele tempo : e nam só conversava com eles , mas os-amava , e estimava . é noto que falo de Virgilio , e de Oracio : aos quais tratou nam só como letrados , mas como amigos . Augusto tornando do-Oriente , quiz restaurar-se do-grande trabalho das-suas jornadas , ouvindo a leitura , das-Georgicas de Virgilio . O Poeta lia cada dia um livro : e diz a istorya , que Augusto , quando lhe-parecia que estava cansado , ordenava a Me-cenas que o-focorrese , lendo por-ele . Que bondade de Principe ! Um omem senhor do-mundo uzar tanta familiaridade com um Poeta , que estima a sua faude , como a coiza mais preciosa ! O mesmo Augusto , occupado na guerra contra os Biscainhos , sabendo que o seu amigo , compunha a Encide , escreveu-lhe repetidas cartas , pedindo-lhe , que lha-mandáse para a-ler . Virgilio desculpou-se sempre , com a imperfeisam da-obra : dizendo-lhe , que ainda nam estava completa , para lha-mostrar (2) . Augusto nam se-ofendeu desta resposta : e contentou-se de a-ouvir ler , quando chegou a Roma , em companhia de sua irman Otavia . Com Oracio teve o

K 2 mes-

(1) Pompeius confecto Mi-
tridatico bello , intraturus Pos-
fidonii , sapientia professione cla-
ri , domum , fores percuti de
(2) Macrobi . l. 1. c. ult.

more a liçtore vetuit : & fa-
sces liçtorios janua submisit is ,
cui se Oriens Occidensque sub-
miserat . Plin. l. 7. c. 30.

mesmo Augusto igual amizade. Mecenas, aquelle grande omem, que só se-aproveitava da-amizade de Augusto, para utilidade dos-omens doutos, introduzio-o na-Corte: e estimou tanto o Poeta, que no-seu testamento o-recomendou a Augusto, como a si-mesmo. Augusto, em obsequio desta recommendaçam, fello seu secretario: e asim o-escreveo a Mecenas: prometendo-lhe, que passaria da-sua meza, para a meza imperial (1). Oracio regitou esta onra, e desculpou-se com as suas molestias: do-que nam se-ofendeo Augusto. Antes pouco despois lhe-escreveo, dizendo-lhe, que bem o-dezejava na sua meza, se as suas enfermidades lho-permetissem (2). Quem pode ler isto, sem ficar vivamente penetrado da-bondade, e afabilidade de um tal Principe, que entre as adulatoens da-purpura, sabe tomar o gosto à amizade, como faria um particular? Quem nam admira, na liberdade com que Oracio responde, a lhanza daquele commercio, e a diferença daqueles costumes aos modernos? Um secretario de gabinete, à meza de um Principe! um Poeta, que recuza esta onra! um Principe senhor do-mundo, que nam recebe isto por-injuria! que lhe-conserva o mesmo amor: que o-comprimenta por-cartas: que nam cesa de explicar-lhe o desejo que tem, da-sua companhia!

A mesma liberdade das-cartas me-recreia. O tratamento sempre é o mesmo: o titulo do-emprego é que distingue a pessoa, com quem se-fala. Eles escreviam asim: *Oracio a Augusto Imperador. Augusto Imperador a Virgilio, ou Mecenas, ou Oracio &c. Marco Cicero Proconsul saudava Apio Pulchro Imperador. Cezar Imperador, a Cicero Imperador.* ou, com confiança, *Cicero a Peto, Cicero a Atico, Cicero a Tiro.* Que-nobre simplicidade é esta! quanto mais estimavel é este modo de escrever, doque aquella ridicula affectaçam, que as secretarias modernas tem introduzido, de falar por terceiras pessoas: ou com mil expressoens que nada significam: e para conseguir as quais, tanta gente perde a paciencia, e o juizo. Chega isto a tal extremo, que, ainda escrevendo em Latim, se-escandalizam alguns; se os-nam-racham com *Excelencias, e Senborias*: ou se quem escreve se-poem em primeiro lugar: ao que chamam injuria. Sem advertirem, que asim se-de-

(1) *Veniet igitur ab ista parasitica mensa, ad hanc regiam;*
 (2) *Sume tibi aliquid juris id usus mihi tecum esse volui, apud me, tanquam si convictor si per validudinem tuam fieri mihi fueris. Recte enim, & posses. Suet. in vita Virg. non temere feceris; quoniam*

se-deve escrever na dita lingua : como admiravelmente nota o douto Luiz Vives , reprehendendo estes reparadores . Pois sendo certo que a primeira coiza , que ocorre a quem le a carta , é a peçoã que a-escreve ; e comumente a primeira coiza que se-le , é o nome de quem a-escreve , para saber quem é : que dezatenham ou impropriedade é , que quem a-escreve se-nomeie (o que fizeram muitos doutos nos-dois seculos pasados , escrevendo a grandes Principes) em primeiro lugar ? Verdadeiramente estes que reparam nisto , e cifram toda a sua nobreza , nestes tratamentos ; sam almas pequenas , e vis , que se-enchem com poucas coizas : as almas illustres e grandes , nam reparam nestas ridicularias . Quam diferentemente os Antigos , ainda escrevendo a Reis , e Imperadores ! (1) *Plazam a Dionizio . Aristoteles a El-Rei Alexandre . C. Plinio Secundo saudã o seu Tito Vespaziano . C. Plinio Cecilio saudã Trajano Imperador .* E é muito de notar , que ainda no-V. seculo Auzonio , pondo o nome de Paolino antes do-seu , desculpa-se com o verso (2) . E se Marcial em alguma parte , fez o contrario a Domiciano , ninguem duvida , que a maior parte , ou quazi todas as inscricoes , nam sam suas . Nam sãlo no-Imperador Marco Aurelio : o qual nam se-envergonhava de ir às escolas publicas , ouvir as liçoens de um celebre Filozofõ . Deixo por-brevidade mil outros exemplos . E , concludo ao noso cazo , que proporsam , pergunto , acha V.P. entre os Grandes da-nosa era , e os exemplos que aponto ? eu certamente nenhuma . sam formigas à vista de montes . Contudo isto vemos , que aqueles faziam , o que estes desprezam fazer . De que eu concludo , que aqueles intendiam as coizas como deve ser , e estes nam .

Perdoará V.P. esta digressã que fiz , sobre os costumes dos-nossos antepasados , ou dos-abitantes daquela parte da Europa , em que eu nacì : porque falando da-Republica Romana , nam poço menos que ficar penetrado , dos-belos exemplos de virtude , que nela encontro . a admirasam me-transporta , e conduz fóra de mim : como creio que fasa a todo o omem , que sabe pezar as coizas . Tudo era grande entre os Romanos . As mesmas reliquias das-suas fabricas , a que eu chamo cinzas da-antiga Roma , mostram , o

(1) *Πλάτων Διονυσίω . Αριστοτελης Βασιλεϊ Αλεξάνδρω .*

C. Plinius Secundus T. Vespasiano suo Sal.

C. Plinius Cecilius Traiano Imperatori .

(2) *Paulino Ausonius . mecum sic suasit , ut esses*

Tu prior : & nomen praegrederere meum . Epist. 20.

hom gosto, e a grandeza daqueles Senhores. Eles naceram para dar leis ao mundo: e ainda oje as-dam em toda a materia: mas sobre tudo na Jurisprudencia Natural, e Civil: a qual só se-aprende bem, observando aqueles antigos exemplares, que foram a admirafam de todo o mundo. Por-iso naqueles paizes estrangeiros, em que se-lem muito os livros da-Naqueidade, acham-se algumas virtudes civis, que sam ignoradas em Portugal. Deveremos porem fazer justifa, a muitos Principes modernos, que sabem estimar a virtude, e uzar grande cortezia e afabilidade, ainda tratando com os suditos. E, para nam sair dos-Estrangeiros em que falo, podia citar a V.P. mil exemplos, que nam tem resposta. Os Francezes excedem muito nisto. E eu ti a belissima resposta que deo o Duque de Orleans Regente do-Reino, à Universidade de Pariz, que lhe-fazia um comprimento; que següro nam ter visto, coiza mais cortez. A mesma Rainha Izabel de Inglaterra, a que alguns chamam imperioza, e politica, deff mostras de infinita afabilidade. Quando o Baudio Professor de Umanidades, lhe-fez um comprimento Latino, por-parte dos-seus companheiros; ela lhe-deo uma resposta Latina, que nam se-pode conceber nem mais cortez, nem juntamente mais grandioza (1). Estes exemplos, e outros que encontra, quem paseia polo mundo, persuadem muito aos senhores Grandes. Onde este é o motivo porque dizia a V.P. que o sair fora do-Reino, seria coiza mui util, para aquistar estas virtudes. Em falta disto, nam acho melhor meio que a Etica, ornada de exemplos civis tirados da-Istoria. Um moço educado desta sorte, principalmente por-um ommem, que saiba propor-lhe, e dilatar-lhe os exemplos; nam po-de menos que fazer, um grande progresso em toda a materia, a que despois disto se-aplicar. Como entende as coizas polos seus principios, julga diferentemente as ditas: e assim será util em todos

Os

(1) *Ego bene animadverto, ex tua perdocta oratione, quod vestra dominatio me non satis novit. alioqui non attribuisset mihi tam immodicas laudes; quibus me potius onerasti, quam honorasti. Equidem eas in me non agnosco: sed accipio a te amanter, tanquam ab homine amico, & benevolo. Amor tibi*

dictavit, tam bona verba. ubi autem amor dominatur, ibi iudicium non potest esse rectum. Interim gratias tibi habeo, quam possum maximas, propter tuam talem erga me affectum. & obnixè te rogatum cupio, ut velis in ea voluntate constanter perseverare. Vide Orationes Bau-

os seus empregos. Torno a repetir, que na Etica se-devem instruir os rapazes: porque ou dela passem à Teologia, ou às Leis, em ambas as partes é necessaríssima: ou sigam a milicia, ou si quem governando a caça, em todos estes empregos é util, e necessaria a Etica.

Quero pôr em repetir neste particular uma advertencia, que eu fizo ja no-principio da-nossa correspondencia; vem azer, que eu falo com V.P. como se falase com um principiante. O estilo didatico permite-me estes descuidos: e a minha repetida protesta deve desculpálos, no-animo de V.P. o que seja dito uma vez, para sempre. Conheço que V.P. concorda comigo neste ponto: mas tambem prezumo, que, tendo tido apaciencia de me-ouvir até aqui, quererá tambem ouvir, qual é o melhor metodo de aprender isto com facilidade. o que eu farei brevemente.

Digo pois, que a Etica em toda a sua extensam, ou a Filozofia Moral naturalmente se-divide, em duas partes principais: uma, trata do-samo bem, e modo de o-conseguir; e a esta costumamente chamam Etica: outra, expõem as diversas obrigaçoens do-Omem, a que os Estoicos chamavam *Ofcios*, que é o mesmo que dizer, indica o que deve fazer o Omem, que se-quer regular pela boa razam. Estas asçoens ou sam onestas, isto é, conformes á lei da-razam: ou sam utis samente: de que nasce outra nova divizam, desta segunda parte. A Filozofia que considera as asçoens onestas, chama-se *Jurisprudencia Natural*, ou *Universal*: que è aquela que aponta, as obrigaçoens do-Omem com Deus, consigo, e com os outros: v.g. de um Pai com um Filho: Marido com a Mulher: Amo com Criados: Rei com Suditos: e Nam com outra Nam. Em cadauma destas coizas, aponta a *Jurisprudencia Natural*, que coiza deve fazer, ou nam fazer o Omem, para se-conformar com a reta razam: e promover a sua felicidade, e de todos os outros omens. A parte da-Filozofia Moral que considera, as asçoens utis, chama-se *Prudencia Civil*, ou *Politica*. Esta trata das asçoens utis a Cidades, e Reinos: no-que se-compreende, dirigir as asçoens utis á uma familia, a que chamamos *Economia*. Esta é a divizam.

Porem para formar um omem verdadeira ideia da-Etica, deve primeiro formar conceito disto, a que chamamos, *Omem*, em quanto aos costumes. Deve pois trazer à memoria, que o Omem, composto de corpo, e alma, é uma creatura infeliz; sujeita a mil mizerias, e enfermidades do-corpo, e do-animo: Porque os conhecimentos do-Omem sam muito limitados, e expostos

a mil erros; de que a experiencia nos-dá mil exemplos; que pode confirmar com o que leo na Logica, e Fizica: e porque as propensoens do-animo, a que chamam afetos da-vontade, padecem os mesmos inconvenientes, e nam abrasam o que podem, e devem: o que cada omem pode provar, com o que experimenta em si. Considere também, que os costumes do-Omem, ou aquela propensam que nos-move a obrar mais desta, que daquela forte, depende em muito, do-temperamento do-corpo; e ás vezes de algumas coizas exteriores ao Omem, como sam as onras &c. o que a experiencia nos-confirma, com mil exemplos. Considere alemdiso brevemente, que de todas estas enfermidades tanto do-corpo, como do-animo, é cauza, a vontade do-mesmo Omem. De que se-conclue, que deve o Omem, em quanto pode, procurar o remedio, a todas estas enfermidades: cujo remedio deve ser, a *suma felicidade*, ou pose de um *sumo bem*, se este é possível: o que por-agora nam provo, mas suponho.

Tendo estes prolegomenos, deve o estudante, para poder examinar se o-á, e qual é este ultimo fim e sumo bem, deve, digo, ver brevemente, quais foram as opinioens dos-antigos Filozofos, sobre este ultimo fim: ou para conhecer os erros de todas elas: ou para escolher entre elas, a mais verosimel, re-
futando as outras todas. Estabelecido isto, segue-se examinar, se se-pode conseguir nesta vida, uma tal bemaventurança natural. Despois notar brevemente, (porque pertence à Teologia) qual é a bemaventurança sobrenatural do-Omem, e os seus dotes.

Daqui pasará a examinar, por-que meios se-alcança esse fim. E como os meios sam semente, os atos humanos, deve saber, que coiza é ato umano, e suas variedades: despois, qual seja a liberdade dos-atos humanos. E aqui tem lugar, servir-se das-verdades da-Escritura, e algumas expressoens de PP. que nos-ensinam como devemos falar: visto estudar Filozofia Cristã, nam Etnica. Nam deve porem nesta materia embarasar-se o estudante, com as disputas da-Escola, sobre o modo com que a ciencia divina, e tambem o auxilio divino, nam impede a nosa liberdade. Neste lugar basta abrasar, a opiniam mais provavel; rezervando para a Teologia, a disputa. Onde basta saber, o que a Igreja defenio nesta materia, contra Pelagio de uma parte; e contra Lutero, Calvino, e Jansenio da-outra. Despois, tendo entendido que coiza é, ignorancia, medo, concupiscencia; trez coizas que se-opoem à liberdade dos-atos, deve-se examinar, que coiza seja bondade, e malicia dos-atos humanos, e como se-distinguem.

E sendo

E sendo que a bondade, ou malicia deles depende da-Lei, deve intender, que coiza é Lei, e qual é a origem dela. Advertirá pois, que todas as leis tem, o mesmo principio. v.g. Lei Natural, é a mesma Divina: com a diversidade, que aquella conhece-se pola luz da-razam: esta foi publicada, e escrita por-Deus: a lei das-Gentes, é a mesma Natural, em quanto olha para as afoens externas. A razam disto, é manifesta: porque a mesma Jurisprudencia natural que ensina, a conformar as afoens com a lei Natural, tem dois fins: o primeiro, subordinado à Etica, paraque os omens que amam a Deus, tenham regra certa de regular as afoens. o outro fim, a que chamam segundo, é, promover a externa felicidade de todos os omens: para o que basta a asám externa: namobstanteque para se-obrar bem, deva unir-se uma com a outra. Onde, se olhamos para cada omem só, o fim da-lei Natural consiste, na asám interna, e externa. se olhamos para a mesma, como applicavel a todas as Gentes, a que chamamos *Jus Gentium*; só se-olha, para a asám externa, que é o fim immediato que Deus teve, quando criou a natureza umana. O que mostra, que lei Natural, e das-Gentes, é a mesma lei: a primeira, applicada a cada omem: a segunda, a todos. O que é necessario intender bem, para se-livrar de alguns prejuizos, e mal fundadas opinioens, que se-acham nesta materia.

Segue-se saber, qual seja a lei divina positiva Universal, e Particular: qual a umana tanto Civil, como Canonica: isto istoricamente. Finalmente deve advertir, quais sam as propriedades da-Lei, *publicasam, interpretasam, revogasam &c.* o que é muito necessario, para os ditames civis. E aqui entra por-co-roa saber, qual é aquella particular prudencia do-intendimento, que nos-ensina, a conformar as afoens com a Lei, a que chamam *Conciencia*: e suas divizoens: e como se-deve regular o-Omem, por-ela. Compreendê isto, a longa disputa das-probabilidades, que certamente nam é propria deste lugar. Onde parece-me, que bastará ao estudante saber, o que neste particular é condenado, e o que é tolerado: intendo a razam natural disto, que comumente se-ensina: que se-reduz a isto. Que ninguem deve obrar, contra a conciencia verdadeira, ou seja certa, ou provavel. Que a opiniã mais provavel se-deve preferir, à menos provavel. Que a mais segura deve preferir-se, à provavel, se esta tem mais fracos fundamentos. Que contra a conciencia duvidosa, nam se-deve obrar coiza alguma. Que de dois males morais, nenhum

se-deve eleger . Que os escrúpolos sem fundamento, se-devem desprezar : Que quando o Omem tem consciencia erronea invencivelmente, deve obrar conforme ella . Como tambem se é vencível , em materia indifferente : Sendo porem materia prohibida, ou mandada , nam pode obrar , sem primeiro examinar , a consciencia . Isto , é o que basta saber por-agora : o mais , reserva-se para outro tempo .

Da-conformidade das-afoens com a Lei, nasce no-Omem aquillo , aque chamam *Virtude*: como tambem dos-muitos pecados se-gera o costume , a que chamamos *Vicio* . Deve pois aqui entender , qual é a ideia de *Virtude* . Que esta se-divide em quatro especies , a que chamam *Cardiais*, ou *Fundamentais* ; porque delas nascem todas as outras . E deve saber , como obram as *Virtudes* . Esta doutrina , tendo recebido os principios da-Fizica que sugerimos , facilmente se-percebe : e bem se-compreende , que nam á mais que uma virtude , que é a *Prudencia*: á qual , seguindo diversas applicaçoens , tem diversos nomes . Onde deve formar , verdadeiro conceito das-coizas , sem fazer cazo , do-que dizem muitas *eticas* neste particular . E daqui , por-contraria razam , conhecerá , que coiza é *Vicio* .

A segunda parte da-*etica* divide-se , como disemos , em duas partes . A primeira , é a que trata , dos-varios officios ou obrigaçoens do-Omem : da-qual agora discorreremos . Deve pois o estudante saber , quais sam as obrigaçoens , que a lei Natural mostra , devo uzar com Deus , e comigo em quanto ao corpo . Depois , os officios que um omem tem , com outro omem , ou uma Nam com outra : tanto os *absolutos* , como lhe-chamam os *Juristas* , e de que nasce perfeita obrigaçam ; como os *ipoteticos* &c. Seguem-se as obrigaçoens dos-Cazados : dos-Pais , e Filhos : Amos , e Criados : Principes , e Suditos . Finalmente , para compreender tudo bem , deve saber os meios , por-que os Omens se-movem a observar as leis : a saber a Pena divina , e humana : a Guerra , com as suas antecedencias , e consequencias : Patos de guerra , e de paz &c. Esta materia nam é tam difuza , como muitos crêm : pois pode-se compendiar muito bem ; e com facilidade se-pode tomar ideia , de todas estas obrigaçoens : porque o que agora se-procura , nam é uma longa istoria ; mas a razam primaria , de todas estas obrigaçoens .

Parece-me , que nisto se-compreende , o que basta ao estudante . A outra parte da-*etica* , aque chamam *Jurisprudencia Civil*, ou *Polizica* ; e que ensina o modo , de regular as afoens dos-omens par-

particulares , em quanto sam membros da-sociedade civil ; nam julgo ser tam necessaria , ao estudante de Filozofia ; que nam quer fer , ministro de-Estado , nem ter empregos publicos . Onde por-agora somente explicaria , a primeira parte da-Etica , e a Jurisprudencia Natural , que é necessaria a todo o homem . Porem quando o estudante quizesse , seguir a Lei , &c. neste caso obriga-loia , a que a-estudase , e completase o estudo da-Etica , antes de entrar na Lei . A razam disto é , porque a Jurisprudencia Civil , tam necessaria a todos os que tem empregos publicos ; nam se-pode separar da-Etica , sem cair em infinitos erros : porque homem , que nam despe primeiro , por-meio da-Etica , os vicios do-animo ; todas as afoens deste homem , nam sam officios , mas vicios e maldades . A Politica sem Etica , é arte de enganar : pois só é bom cidadam , o que é homem bom . Onde quem quer seguir aqueles empregos ; deve unir a prudencia , com os principios da-Etica . Mas disto falarei a seu tempo : que neste lugar nam é necessario .

Sei que alguns , que abraçam uma divizam nam desemelhante da-que infinuo , executam-na muito mal : pois enchem a Etica de disputas , sutilezas , divizoens impertinentes , com o pretexto de seguir em tudo Aristoteles . &c. Outros , introduzem longuissimas disputas , mais proprias de Teologos , e Juristas , doque de Filozofos . Mas no-nosso caso deve-se fugir um , e outro extremo . As coizas que sam incontroversas , ou claras ; devem-se expor brevemente : e naquelas que sam disputadas , pode-se dar a razam clara do-que se-diz ; e talvez responder aos argumentos contrarios , sem declinar para o-softima . Este é o motivo ; porque a Etica dezagrada a muitos : porque devendo tratar-se historicamente , visto-que a maior parte assim se-deve expor ; eles enchem-na de tais arengas , que nem menos um homem feito os-pode entender . Dificultozamente se-acha uma Etica , feita polo modo que digo . Os que escreveram bem nesta materia , sam Grocio (1) , e o Baram de Puffendorf (2) : Porque ainda-que antes de Grocio , o famoso Bacon de Verulamio dese os principios , e ensinase a estrada nesta materia ; nam deu porem um sistema inteiro , com bom metodo , como o Grocio : e melhor que este , Puffendorf .

L 2

Mas

- (1) De Jure Belli & Pacis . 4.º volum . 2 .
 (2) De Officio Hominis & Civis . 16.º = de Jure Natura & Gentium 16.º

Mas estes são autores difuzos, e somente proprios para os mestres, e ambos erejes; e aindaque comumente os-leiam todos. O Muratori escreveu uma Etica em Italiano: mas tambem é difuzo, e em varias partes nam agrada a muitos, pois declina muito para sermam. Alguns Alemaens vg. Heinecio, Vitriario &c. tem escrito bem nesta materia, principalmente nestes ultimos tempos: mas nem a todos agradam. Certo amigo noso o *** tem composto uma, que me-parece proporcionada ao intento. a qual seria util que se-impresse: e é Latina. No-entanto, pode-se ler Puffendorf: e quem nam tiver outra, pode ler o compendio de Purcocio: e aindaque na minha estimasam, e tambem de omens doutos, nam valha nada, porque disputa muito. Se o mestre vise, que o estudante nam podia acabála toda, bastaria que lhe-explicásse as principais partes: e lhe-encarregásse, que antes que se-aplicásse a outro estudo, a-lesse e considerásse bem. Por-isto digo, que para estes principios, deve-se buscar nam livro grande, mas compendio, e claro: e em Portugal, onde ainda nam se-introduzio este estylo, é necessario uma Etica particular: e nam servem todos os livros, que em outras partes agradam.

Mas tambem devo advertir a V.P. que neste particular tanto cuidado se-deve ter, em buscar uma Etica boa, como em fugir, de todas as que são más: achando-se muitas nocivas, e outras impias, ou pouco menos. Na classe das-nocivas, ponho a Etica do-Conde Tezauro: pois por-querer seguir muito Aristoteles, fez uma obra descarnada, cheia de muitas divizoens, e poucas doutrinas boas: o que quero se-intenda tambem, de outras semelhantes a esta. Entre as impias, a primeira é a de Machiavelo: porque nam dizendo ele senam aquilo, que se-pratica todos os dias nas cortes, e outras partes; facilmente inspira o veneno dos-seus principios, apadrinhado polo uzo comum. Ponho em segundo lugar, a de Spinoza Olandez, que é impia por-outro principio. tira a liberdade ao Omem: e confunde o Omem com Deus: e tudo isto debaixo de belissimas expressoens, que podem enganar qualquer. Ponho em 3. lugar Tomaz Hobbes Inglez. Este omem foi um grande Filozofa, e Geometra: e tambem em materia de prudencia Civil escreveu mui bem, nos-seus trez livros intitulados: *Elementa Philosophica de Cive*, aonde trata do-direito Natural, e das-Gentes. mas entre elles introduzio mil ipotezes falsas, e temerarias, e é um verdadeiro Epicureo. Locke outro Inglez famoso, tratou tambem do-direito Natural &c. com a sua costumada penetrasam, e profundidade: mas á muita gente a quem nam

nam agrada por-certas razoens : polo menos , nam fez um corpo inteiro de doutrina . Cuido, que polos mesmos principios , nam agrada o Barbeirac . O certo é , que estes autores tem muita coiza boa, e tambem muita má . onde nam fervem , senam para omens feitos , e bem fundados nos-principios da-religiam Catolica : que os-podem ler sem perigo , e deles tirar o que é util . Digo isto a V.P. porque como creio nam terá toda a noticia , destes livros estrangeiros , nam succeda enganar-se ; aconselhando a algum dos-seus amigos , ou dicipulos , a leitura destes , e semelhantes autores ; que frequentemente se-acham citados com grande louvor, por-alguns , que nam explicam , nem distinguem isto bem .

Tenho dito a V.P. o que me-ocorre , sobre o modo de completar o estudo filozofico . A alguns dezagradará este metodo , porque nam costumam aprovar , senam o que eles praticáram ; sem examinarem , se foi bem , ou mal feito . Com estes nam disputo : nem para estes escrevo . Escrevo sim para V. P. : que sei nam me-condenará , sem primeiro ouvir , e examinar , as minhas razoens . Mas nem menos amo tanto a minha opiniam , que me-persuada , que nam se-pode dispor tudo , de outra maneira : bem que a minha se-conforme , com a de muitos omens doutos . Antes sou tam docil nisto , que pode admitir , diversidade de pareceres , que eu mesmo confeso , que se o estudante quizer empregar todo o ano terceiro , com a Fizica ; nam o-condenarei : contantoque , antes de estudar alguma das-profisoens apontadas , estude a Etica , que sam os primeiros elementos . Porem devendo dizer a V. P. o meu parecer , dise como se-podia ordenar , um curso de Filozofia completo , e util nam só para regular o juizo ; mas tambem as asoens da-vida : coiza que ou o omem fique em caza , ou siga alguma faculdade , sempre é necesaria . Alem diso , dei a ideia , de seguir um curso muito mais util , no-mesmo , e ainda menor tempo , doque comumente empregam em coizas desnecesarias . Se pois salamos das-Universidades , em que se-determinam 4. anos para a Filozofia , com muita mais facilidade , se-pode fazer este estudo no-4.º ano . Aindaque eu intendo , que nefas mesmas Universidades bastavam os trez anos : e nos-estudos particulares podia encurtar-se o tempo . E quando se-executáse este metodo como digo ; facilmente se-conheceria , quam diferente utilidade se-tirava da-Filozofia , doque até aqui se-tem tirado . Deus guarde a V. P. muitos anos &c.

CARTA DUODECIMA.

S U M A R I O.

TRata-se da Medicina, que é uma consequencia da-Fizica: Nam é impropria aos Religiozos. Requirizos da-Medicina. Que o Medico, alem de Fizico, deve ser um grande Anatomico. Ignorancia da-Anatomia em Portugal, e principalmente na Universidade. Prejuizos que os Portuguezes têm nesta materia: por cuja razam, nam podem saber Medicina. Odio que os Galenicos tem aos Anatomicos, e por-que razam. Abuzo dos remedios por-falta de boa Fizica, e Mecanica. Que os remedios, pola maior parte sam imposturas: principalmente os segredos mais louvados. Que o Galenico, nam pode ter boa pratica. Que a Cirurgia em Portugal, é totalmente ignorada. Aponta-se o metodo de estudar, a verdadeira Medicina, e Cirurgia. Apontam-se os melhores autores em Anatomia, Chymica, Medicina, Cirurgia.



Eu amigo e senhor, Recebi com grande gosto a carta de V.P. de 13. de Julho, em que me dá noticia da-sua faude, e dos-seus trabalhos literarios felizmente concluidos. Tenho particular consolafam dos-seus lustres, e aumentos: e de-zejára com todo o gosto, poder concorrer para eles. Mas se nam tenho esa fortuna, terei ao menos a satisfasam de lhe-obedecer, em coizas do-seu agrado, e empenho; como farei agora nesta carta. Devo porem advertir a V.P. que eu nam sigo o metodo, que me-infinua nesta sua carta: porque altera sumamente a ordem, que eu tinha estabelecido. Pasar logo da-Filozofia à Teologia, aindaque possa ser util aos Religiozos, é, alterar a ordem dos-tratados, e confundir as ideias aos principiantes. A materia que propuz a V.P. nas minhas duas ultimas, conduz-me a falar em duas faculdades, que sam consequencias das-ditas. Falo da-Medicina, e Jurisprudencia: porque aquela, é uma continuasam da-Fizica, e esta, da-Etica: com as quais tem mais proximo parentesco, com

com

com a Teologia . Onde , seguindo o plano ideado , falarei nesta carta , sobre a Medicina : na seguinte , sobre as leis Civis : vencidas as quais difficuldades , obedecerei a V.P. no-que me-ordena . E espero , que , ouvindo as razoes que me-movèram , me-desculpè , nam seguir o fio que me-insinua , só por-seguir outro mais natural .

Assimque a Medicina , é o argumento da-prezente carta . E aqui me-parece ouvir ja , um confuzo susurro dos-leitores , e destes Socrates Portuguezes , que se-escandalizam , que um omen de profisam regular , e de um instituto tam apertado como o meu , queira entrar em seara alheia , e discorrer em uma materia tam distante , segundo eles dizem , do-meu instituto . Tambem nisto , seja dito aqui entre nós , reconheço a infinita ignorancia destes paizes . Primeiramente , se a Filozofia nam é impropria aos Religiozos , nem menos o-deve ser a Medicina : da-qual mais de trez partes , sam pura Filozofia . Alem diso , nam acho algum canone de Concilio , que proiba aos Religiozos , dizer o seu parecer sobre a Medicina , ou Cirurgia . Polo contratio acho , que por-muitos seculos os Clerigos Seculares e Regulares , foram os unicos Medicos dese tempo , e os que se-aplicaram à Fizica , e Medicina . No-XI. e XII. seculo da-Igreja , nam avia coiza mais frequente , que esta . Obicio Religiozo de S. Vitor , era Medico de Luiz VI. Rei de Franca : Fulberto Bispo de Chartres , Pedro Lombardo chamado o Mestre das sentensas , Rigordo Monge de S. Dionizio , deixando agora outros muitos , eram Medicos . Finalmente isto era tam vulgar , que o Concilio Lateranense congregado por-Inocencio III. no-ano 1139. considera como um abuzo envelhecido nos-Monges , e Conegos Regulares , exercitarem a profisam de Medicos , e Advogados , para conseguirem riquezas . Nam condena o uzo , mas o abuzo : vistoque despois dese Concilio quasi trezentos anos , os Clerigos exercitaram a Medicina : aindaque nam a Cirurgia . O que bastava , para convencer estes criticos , que fogem de ouvir as reprehensoens , como o pretexto de nam serem feitas , por-omens da-sua profisam . Mas esta nam é a questam . o ponto está se o que censura , faz isto com razoes boas , ou mas . O que suposto , sem fazer caso doque dizem estes Senhores , darei a V. P. as minhas razoes . Se eses a quem as-propuzer , souberem intendelas , e consultas , terei particular consolasam : quando nam , nam devem olhar para quem o-diz , senam para o que diz . Aindaque sem vaidade alguma podia dizer a V. P. que talvez tenha eu estudado mais Medicina , e assistido

tido a mais anatomias, e conversado mais dias, com os que eram insignes nestas materias; doque muitos, que as-profesam neste Reino. Mas, deixando da parte tudo isto, digo da-Medicina, o que ja disse da-Fizica, que neste Reino, nam se-sabe de que cor é: e que nesa Universidade, sabe-se ainda menos. vistoque na Corte, à forsa de conversar com alguns estrangeiros, tem algumas pessoas aquistado, noticias menos más: que certamente nam se-acham nas provincias: Cuido, que provarei a V.P. com facilidade este ponto, se lhe-trouxer à memoria, o que é a verdadeira Medicina, e o que ja lhe-dise, da-Filozofia deste Reino.

A Medicina é a Ciencia, *que ensina a conservar, e recuperar a vida perfeita, e saude do-corpo humano*. Esta definisam nam tem controversias, porque é clara, e abraçada geralmente. Daqui fica claro, que coiza deve saber o Medico: porque examinada esta definisam, e cadauma das-suas partes, conhece-se até onde se-deve estender, o conhecimento da-Medicina. Deve pois o Medico saber 1. que coiza é corpo. 2. que coiza é corpo humano. 3. que coiza é vida do-corpo humano inteira e perfeita. 4. que coiza é vida imperfeita, e ofendida. 5. que coiza é saude perfeita. 6. que coiza é saude ofendida. 7. que coiza até aqui tem descoberto o ingenho humano, para conservar, e recuperar a saude. Estes conhecimentos pode ter qualquer Filozofa, sem ser Medico. O 8. e particular do-Medico é, saber aplicar esta medicina, em certo tempo, e certo modo, e certa dóze &c.

Cadauma destas partes divide-se em outras, que abraçam legitimamente tudo, o que é necessario a um bom Medico. O primeiro conhecimento, que é saber, que coiza é Corpo, traz consigo o conhecimento, de quasi toda a Fizica. Porque somente se-sabe que coiza é corpo; quando, postos de parte todos os prejuizos, se-forma verdadeira ideia do-corpo, examinando qual é a natureza daquilo, que todos constantemente asentam, que é *corpo*: despois as propriedades, e todos os accidentes que lhe-competem. Em uma palavra: lembre-se V.P. do-que lhe-dise na Fizica, que era necessario ao omem, que queria saber que coiza é corpo; e asente que tudo isto, é necessario ao Medico. Onde deve saber a Geometria, e Calculo: porque sem esse conhecimento, nunca chegará a conhecer, que coiza é corpo, e quais sam as forsas dos-corpos duros, e elasticos: como tambem dos-fluidos, e mutua concorrencia deles.

Esta noticia, é indispensavelmente necessaria, a quem quer conhecer, que coiza é corpo; e especialmente necessaria, a quem do-mo-

do-movimento dos-corpos deve deduzir os phenomenos, que succedem no-corpo humano, tanto entre os solidos, como nos-fluidos que correm por-eles: o que comprehende, a maior parte da-Fizica. E nem só isto, mas, rigorosamente falando, nem menos pode o Medico pafar-se de examinar, os phenomenos que rezultam, das-diversas unioens de partes insensiveis de corpos, a que chamam principios de sensaçoens: como sam as *cores, calor, frio &c.* e todo o sistema dos-Ceos; com as suas consequencias. Das-quais duas coizas, juntas com o que disemos, se-compoem isto a que chamamos, Fizica completa. A razam disto é, porque se nam se-acóstuma, a discorrer bem nestas materias; e em todas elas nam faz um sistema fundado nas experiencias; como *datos*; e regulado polos principios da-Matematica, que nam deixa errar nos-racöcínios, que dela se-deduzem; todos os momentos achará diñculta-des insuperaveis. Tambem se nam souber, o sistema das-Cores; nam intenderá bem, que coiza é vizam: de que servem os orgaos: cómo se-podem curar as enfermidades dos-olhos: nem poderá de repente julgar, se esta ou aquela coiza é nociva à vista &c. Tambem o sistema Planetario bem entendido, (intendo por-isto, nam só o diferente sitio dos-Astros no-Univerfo, mas a constituisam fizica deles) pode livrar o Medico, de mil terrores pánicos: v.g. nam querer sangrar em Lua nova, e outras ridicularias destas. Finalmente, pode esta erudisam dar ao Medico, mil noticias utis sobre o Ar, e mui necessarias para alcanfar a cauza, de muitas enfermidades. De que venho a concluir, que nam só o que convem ao corpo geralmente, mas uma inteira noticia da-verdadeira Fizica, é sumamente necessaria ao Medico: e que daqui é, que deve comesar, o estudo da-Medicina. E tendo dito a V. P. isto, fica superfluo repetir-lhe pàrticularmente os motivos, porque ao Medico é necessario, saber Geometria, e Aritmetica, e as outras partes da-Fizica. Tudo isto explico com uma palavra, dizendo, que o Medico deve ser, um perfeito Fizico: isto é, deve saber que coiza è corpo, e todas as suas propriedades: saber bem a historia dos-phenomenos naturais, e mediante o que sabe com certeza dos-corpos, isto é, mediante a noticia da-Matematica simplez, deve descobrir as cauzas, dos-particulares phenomenos que observa. Isto claramente se-colhe, da-definisam da-Medicina, e concedem-no sem repugnancia, os mesmos Peripateticos.

Deste primeiro principio fica claro, que conceito se-deve formar, da-Medicina deste Reino. Porque sendo todos estes Medicos Peripateticos, que vale o mesmo que dizer, ignorando a Filozofia,

fia, e especialmente a Fizica; é certo, que nam podem saber, coiza alguma da-Medicina. Aindaque estes Medicos lesem, algum dos-livros de Aristoteles das-coizas naturais, como da-Gerusalem e natureza dos-animais; Meteoros &c. em que se-acham bastantes observaçoens boas; nam podiam discorrer melhor. E' certo, que o Medico que estudou aquilo, a que nas escolas se-chama, *Fizica de Aristoteles*, que consiste, em palavras gerais; tudo explicará segundo o dito sistema: servindo-se de trez vozes, *materia, forma*, e *uniam*: de 4. *elementos*, *qualidades* &c. com as quais certamente nam se-intende, o que dise Aristoteles nos ditos livros: nem se-pode tirar documento algum util, para a Fizica. Mas o pior é; quem nem menos isto lem; e apostarei eu, que nam acha V.P. um só, que saiba, que materias tratou Aristoteles. O que digo por-experiencia: pois nem menos até aqui achei, leitor algum de Filozofia nestes paizes, que me-responde se coerentemente, a esta pergunta.

O Medico, pasa para a Medicina, com a noticia que tem na Fizica. e como ja em outra carta mostrei a V.P. que os que seguem o Peripato, nam podem saber Fizica; fica claro, que coiza pode saber o Medico, que nam estudou, as coizas necessarias para a Fizica: que ignora, que coiza é corpo: e que nem menos sabe, que esta noticia nam se-pode ter, sem um perfeito conhecimento da-Matematica simplez. Nem cuide V. P. que engrandese muito a minha propozifam: eu o-deixo à sua experiencia, e fico certo, que, se diser a algum Medico, que a Medicina nam se-pode saber, sem estas Ciencias; á-de ouvir grandissimas rizadas. o que certamente provem, de nam saber, que coiza é Fizica. Na verdade-intender, que podem saber que coiza é corpo, sem considerar o corpo, polo modo que apontamos, é loucura. E nem menos Aristoteles apadrinhára tal opiniam: pois conhecia ele muito bem, que sem o movimento, e suas propriedades, ignora-se que coiza seja a natureza corporea: e o-deu mui bem a intender com o exemplo, vistoque estudou a Matematica: nem podia ser de outro modo, tendo estudado na escola de Platam.

O segundo requizito consiste em saber, que coiza é corpo humano. E este é o principal emprego do-Medico: vistoque neste é, que se-deve empregar, a sua ciencia. Onde nam basta saber, que coiza é corpo, e o que compete em geral ao corpo: mas particularmente deve saber, o que é corpo humano. Damesma sorte que o relojoeiro, nam basta que saiba, que coiza é metal, mas é necessario saber, de que partes se-compoem o tal relojo, e que

figura, e uzo tem. Sem este conhecimento, poderá falar muito; mas nam saberá, que coiza é relojó: que lhe-falta: e como se-confer-ta. O noso corpo é uma machina idraulica, muito mais per-feita, que um relojó: pois nele vemos os vasos, e fluidos, que correm por-elles; e os osos, que sustentam toda machina. Basta ver o corasam, e as arterias, e veias que nacem dele (as arterias pro-duzem novos ramos laterais, para distribuirem o sangue por-todo o corpo: o-qual recebe-se nas veias, que o-restituem ao corasam) e alguns outros vasos, para fazer as separasoens; para se-capaci-tar bem, do-que dizemos. Quem nam tem este conhecimento da-A-natomia, e os que dele se-seguem, nam é capaz de saber Medici-na. Discorra quanto quizer o Galenico, sobre as quatro quali-dades; se nam chegáse a conhecer, a circulasam do-sangue, igno-raria o que sam muitas enfermidades, e como se-curam. Quem nam conhece, a machina dos-vasos, nam pode saber, por-que razam a sangria na veia, pode ser util às vezes; e na arteria co-mumente é prejudicial: mas pode aver ocazioens, em que seja necessaria na arteria: Nem menos poderá saber, como se-curará a arteria picada com a lanceta, e outras coizas semelhantes. Con-cedem os mesmos Galenicos, que despoisque Harveo descobrio, a circulasam do-sangue, a Medicina tem-se adiantado e aumentado muito. Mas se quizesem considerar melhor a materia, achariam, que se nam se-continuar, o estudo da-Mecanica do-corpo, seguindo o mesmo metodo de Harveo; nam se-poderám saber, as cauzas de outras enfermidades. Finalmente, nisto convem todos, os que tem juizo.

Mas este conhecimento Anatomico, é o que nam se-acha neste Reino, e muito menos nesa Universidade: onde de Anato-mia, nam sabem senam o nome. Estes Portuguezes vivem per-suadidos, que profesor Anatomico, rarissimas vezes é bom Prá-tico. e com esta ideia lem só alguns termos, para uzarem deles nas-consultas; (que é o mesmo que dizer, para enganarem o mun-do, dando a intender, que sabem Anatomia) e tudo o mais, dizem que pertence, ao Cirurgiam pratico. Na Universidade, aindaque aja uma cadeira de Anatomia, nam tem exercicio: pois só duas vezes no-ano fazem a tal Anatomia, em um carneiro, cu-jas partes se-mostram na escola. Nam sei se V.P. poderá ler isto sem rizo: eu certamente estou-me rindo, quando o-escreveo. Que-rer saber a anatomia do-omem; pola do-carneiro, é uma ideia no-va. Pois aindaque as anatomias dos-animais ajudem, para formar conceito, de algumas partes do-omem; contudo, primeiro se-de-

vem examinar mui bem no-cadaver do-omem : e ainda depois de observar nos-animais , é necessario tornar a confirmar , a mesma noticia no-omem , para ver se concorda . Observe V.P. a *vulva* , ou *madre* , como aqui lhe-chamam , de uma cadela , de uma cossa , de uma coelha , e achará , que nam só sam diferentes entre si , mas diferentes do-utero da-molher . Alem diso , o que eles mostram no-carneiro , sam as partes maiores : e nam sam estas , as que dam ideia da-Anatomia . Quanto ao persuadir-se , que os Anatomicos sam maos Praticos , esta ideia é já mui velha nos-Galénicos ; porque nem sabem Anatomia , nem Medicina : e assim dizem mal , daquilo que nam intendem . E coiza digna de rizo , que a um omem que cura o corpo umano , aja de fer prejudicial , conhecer que coiza é ese corpo umano . E é coiza digna de compaixam , que a omens que estudam Medicina , saia da-boca semelhante erezia ! Por-pouco que estes omens consideraem a materia , conheceriam , que saber o uzo das-partes do-corpo umano , é indispensavelmente necesario na Medicina : coiza que o seu Galeno conheceo , pois escreveu um tratado desta materia , e chamou à Anatomia , *Oculus dexter Medicina* . Ora é certo , que , sem perfeito conhecimento das-partes , nam poço saber o uzo delas : e consequentemente , da-Anatomia depende tudo . Alem diso , se a pratica consiste , em conhecer a cauza particular , desta determinada enfermidade , e podela curar ; que impedimento seja para isto , saber Anatomia , eu nam alcanço . Formará melhor conceito , da-cauza de uma enfermidade , quem nam sabe onde ela se-forma , doque quem o-sabe ? entenderá melhor a cauza , de qualquer dor do-corpo , quem nunca vio um corpo aberto , doque quem é pratico das-entranhas ? Que omem de juizo se-persuadirá desta propozisam ? Como é possível , que possa um omem , emendar algum vicio dos-olhos , se nam conhece a estrutura deles ? Como á-de julgar , que coiza é uma aneurisma na Aorta , na Celiaca , nas arterias Iliacas &c. se ignora a situasam , e estrutura dasas partes ? Porque modo chegará a conhecer , se em alguma parte se-acha algum cirro ; se a molher tem algum defeito organico nas partes da-gerasam , v.g. a boca do-utero torto , ou coiza semelhante ; como advertio bem o doutissimo *Valisnieri* ; sem ter um perfectissimo conhecimento , da-Anatomia dasas partes ? Certo é , que sem este conhecimento , poderá applicar mil remedios : mas todos inutilmente . Mas esta é antiga cantilena dos-Arabes Galenicos : querem curar as coizas , com discursos aereos . E como a sua Fizica aprende-se somente nos-seus livros ,

mas nam na natureza ; asim tambem a sua Medicina , intendem se-deve estudar no-Gabinete , e nam no-Ofpital , ou teatro Anatomico . Dizem mal dos-Anatomicos , porque estes , considerando o corpo como uma machina , como na verdade é , conhecem que muitas enfermidades se-podem curar , sem tantos remedios . Os Galenicos polo contrario , fundam-se em receitas grandes , e curam às apalpadelas . Este é o principio , de odio tam intranhavel .

Deste principio se-colhe , que devem ignorar o 3. e 4. requisito ; da-Medicina . Aindaque seja preocupado o Galenico , cuido que nam poderá negar , que o saber que coiza seja , vida inteira e perfeita do-corpo umano , e vida mutilada e imperfeita ; é indispensavelmente necessario ao omem , cuja occupação consiste em fazer que desa vida imperfeita , se-restitua o doente para uma perfeita vida e saude . Tomára pois que me-difese este tal Galenico , como se-pode saber , como vive o Omem , sem saber distintamente , de que partes se-compoem ? O saber como vive , consiste no-saber , o uzo das-partes : e o saber este uzo , sem saber quais sam as partes , é um paradoxo bem galante !

O mesino digo do-5. e 6. requisito , que sam consequencias destes dois . A saude perfeita consiste principalmente , no-devido uzo das-partes necessarias à vida : a imperfeita polo contrario : e tudo isto se-funda em saber , quais sam as partes , e o seu uzo . Deixo agora o 7. e 8. requisito : porque deles falarei em seu lugar . O que difemos dos-seis apontados mostra bem , que sem um perfeito conhecimento da-Anatomia , nam se-podem saber as cauças , de muitas enfermidades : sem conhecer as quaes , nam é possível dar-lhe remedio , ou dezenganar um doente , que o-nam-tem , e poupar-lhe esa despeza . Acham-se enfermidades extraordinarias , cuja cauza só se-descobre , quando se-abre o cadaver . Li em Boerhaave a istoria de uma doença singular , que dois Medicos tam grandes , como ele , e Albini , nam puderam conhecer , pola sua singularidade . Aberto o corpo , achou-se que era , uma rotura no-*esophago* perto do-ventriculo , pola qual saiam todos os liquidos que bebia o doente , e entravam na concavidade do-peito ; produzindo orriveis fenomenos , e martirios no-pobre doente . Acham-se mil relasoens de semelhantes enfermidades , cujas cauças só se-descobriram , com a Anatomia . E que faria um Galenico em tal cazo ? applicaria mil remedios ; empobreceria , e consumiria o doente .

Basta ler o famoso tratado do-Boneli , intitulado *Sepulchre-*

tum Anatomicum, sem falar agora em outros, para intender, que sem a anatomia dos-cadaveres, nam podiamos descobrir a cauza, de infinitas enfermidades: sem conhecer as quais causas, nam se-podem curar. Que Medico, ou Cirurgiam dará prompto remedio, à insoportavel dor do-Panarício interno malino, que improvizamente alalta, cauçando às vezes dezesperadas dores, convulsoens, dilirios, febre; gangrena, e a morte; e tudo isto sem ver-mos ao principio, aparente tumor no-dedo, nem outro sinal: se acazo nam for perfeitamente informado, da-estrutura do-dedo: que tem o seu tendine cheio de vazos, nos-quais pode formar-se uma obstrufam, ou inflamaçam: Aqual certamente nam saberá remediar promptamente, quem nam conhece bem, que partes á no-dedo. As observaçoens Anatomicas do-diligentissimo *Santorini*, confirmam o prezente assunto: alem de infinitas observaçoens, de famosos Anatomicos, e Medicos. No-tempo de Galéno nam faltava quem julgáse, que nas arterias nam ouvêse sangue: e nem menos na *aorta*: porque, segundo diz *Cornelio Celso*, intendiam, fundados na opiniaõ de *Erasistrato*, que a inflamaçam se-origina-se, quando o sangue entrava nas arterias: que eles cuidavam estarem vazias: e dos-quais galantemente zomba Galeno. Mas oje, descuberta a circulacãm do-sangue, manifesta a Anatomia, que continuamente corre polas arterias o sangue: e que obstruindo-se as extremidades desas arterias na-parte estreita, nasce a inflamaçam. Mas eu profigo; e pergunto, quem ensina a sangrar copiozamente na Apoplexia procedida da-Pletora, senam o-ter conhecido, por-meio da-Anatomia, as extravazaçoens succedidas no-cerebro, por-cauza da-muita copia de umores? E, tornando outra vez ao mesmo *Boerhaave*, nam deixarei de fazer memoria, de outro cazo que lhe-sucedeo, em que a Anatomia, e o bom raciocinio, livrou um omem da-morte. O cazo é este. A certo cavalheiro succedeo uma forte convulsãm, na queixada inferior, cauçada de grave contraçam do-musculó crotosite: e tam violenta, que nam podia comer, nem abrir a boca de modo algum. Nam deixáram os Medicos de lhe-fazer tudo, o que ensinára uma longa experiencia, com medo, que nam morresse de fome: e até procuráram abrir-lhe com forsa a boca: mas sem fructo. Chamado *Boerhaave*, e informado do-cazo, discorreo assim: Os musculós tem a sua asãm de contrair-se, por-cauza do-influxo do-sangue, que conduzem as arterias, e do-suco nerveo, que conduzem os nervos. onde deminuindo-se a copia de um destes, diminuc-se a asãm dos-nervos. Isto posto, ordenou a arterectomia

mia na fonte: e no-mesmo instante abriu o doente a boca. Pro-
gunto: entende V.P. que esta dedusam pode fazer-se, sem noticia
da-Anatomia, e grande noticia da-Mecanica? certamente quem
nam tivefe esses fundamentos, e aindaque tivefe mil anos de pra-
tica, nam concluiria, nam tiraria documento algum util. Final-
mente, digo tudo em uma palayra. Quem diz, que a Anatomia é
prejudicial ao Medico, nam sabe a antiga obrigasam do-Medico,
de ser bom Cirurgiam, e, por-necesaria consequencia, otimo
Anatomico: paraque do-conhecimento das-doensas externas, pase
a conhecer as internas, como nos-enlina *Boerhaave*, e *Ipocrates*.
E ainda aqui me-fica outra circumstancia, e vem a ser: que até
para a Republica, é necessaria a Anatomia. Pois preguntado um
Medico, ou Cirurgiam polo Magistrado, que declatem, se uma
ferida é mortal, isto é, se se-acha ofendida uma das-partes, ne-
cessarias à vida: como pode formar reto juizo, se ele nam sabe,
por-meio da-Anatomia, quais sam esas partes? Finalmente isto é
tam claro, que só os cegos ou loucos o-nam-intenderám. E de
pasagem note V.P. que os Portuguezes sem o-querer, o-confe-
sam: porque eles elegem um Medico, para Cirurgiammór do-Rei-
no. uma de duas, ou isto é uma apparencia de comedia, e tan-
to vale nomiar aquele, como um sapateiro: ou o Medico deve
tambem ser Cirurgiam; que é o mesmo, que Anatomico.

Mas, dirá V.P., com toda esa Anatomia os omens mor-
rem, e muitas doensas nam se-curam. Concedo: E o mesmo,
ou pior succederia, se os omens fossef compostos de canais de
bronze: e talvez nese cazo morreriam mais de presa, que agora:
como vemos nos relos, que certamente duram menos, que os
omens. Nunca me-pasou pola imaginasam, querer que os Medi-
cos, tivesem a virtude de fazer milagres, ou de emendar os
defeitos da-natureza, corruta polo peccado. Sempre ouveram, e
averám doensas incuraveis. Se muitos morrem, por-necesidade
da-natureza; é certo que muitissimos saram, com o beneficio
da-Medicina. O que digo é, que conhecendo a enfermidade, ou
aplicará o remedio que tem, ou dezenganará o doente. Se os
que estudam muito nos-corpos mortos, as cauzas das-infermid-
des, sabem ainda muito pouco; considere V.P. o que saberá,
quem nada estuda, e nunca vio corpo aberto?

Nem eu poso entender, a incoerencia destes seus Medicos
Portuguezes, em materia de Anatomia. Se-ela é superflua, e
prejudicial à Medicina, nam deviam nem menós consentir cadeira
na Universidade; nem permitir, que se-mostrasem ás partes nas

aulas. Se é util, deve-se ensinar bem : e nam basta mostrar as partes principais : mas as miudas , e miudíssimas . Todos sabemos, que os carneiros tem bofes, figado , bafso, corasam, bexiga, tripas, miolos. &c. para mostrar isto , nam é necesario abrir os corpos . Se nisto á utilidade , é necesario conhecer, a constituisam intrinseca dos-vazos , para formar conceito dos-phenomenos , que succedem neles : o que certamente nam se-ve na superficie , mas com um exame cansado, e repetido . Ainda nam achei Medico Portuguez , que formáse verdadeira ideia , de como circula o sangue nos-vazos , e de que nace o movimento do-corasam . Polo contrario achei muitos, que nem menos sabiam, onde estavam as veias . Em certa caza me-achava um dia , em que um Medico famoso receitava sanguixugas , no-orificio do-*podex* , para aliviar certas dores de cabeça . Perguntei-lhe a razam da-receita : e ele com voz magistral respondeo, que era clara : Vistoque da-cabeça até a dita parte, vinham duas veias direitas, pola qual via se-des-carregava . Confeso, que nam podia conter o rizo : mas a prudencia, e atensam que devia à dita caza mo-sufocou . saí porem bem capacitado ; de quanto valia o dito doutor em Anatomia : e quanto bem intendia , aquilo mesmo que receitava .

Se V.P. me-progunta , d'onde provem o odio, que os Galenicos tem à Anatomia : cuido que nam me-cansarei muito , em lho-provar . Provem dos-principios que beberam, na Filozofia Peripatetica . Esta Filozofia nam formá ideia das-coizas, sobre as mesmas coizas : quero dizer, nam forma idea da-natureza, sobre a mesma natureza : mas das-ideias que tem formado, pola leitura dos-seus autores , é que fingé a natureza . Afentam, que a natureza é aquilo, que lèram nos-seus livros ; e ao despois reduzem tudo, o que observáram na natureza ; aos principios que tem bebido . Nenhum Peripatetico toma o trabalho de examinar, que coiza é aquilo, a que todos chamam *corpo* : quais as suas propriedades. nam Senhor ! Lem no-seu livro , que *corpo* é a *quantidade* : e que esta se-distingue da-*materia* : e daqui saiem dizendo , que a *materia* nam é corpo, mas corporea : que a luz nam é corpo, mas corporea : e outras coizas semelhantes : As quais quando V.P. aperta que lhas-próvem, nam acham que responder : quando lhe-mostra experiencias, que nam se-podem explicar naquella sentença, ficam mudos .

Destá mesma sorte discorrem sobre o corpo umano . Dos-principios que tem bebido, saiem as qualidades do-corpo ; saie a forma cadaverica ; e outras ridicularias destas . Se o Peripatetico

tomáse o trabalho de consultar este corpo, e ver, que se-intende muito bem, o movimento do-sangue polos vazos, (este é o que tem em pé esta machina, a que chamamos, *corpo humano*) sem recorrer a qualidades occultas &c. conhecerá, que as *qualidades*; e as *fôrmas cadavericas*, sam palavras sem significado. Tornemos ao exemplo de um relogo que parou, porque se-entortou um dente de uma roda, ou se-rompeo a cadeia. Tambem eu posso dizer, que entrou a fôrma cadaverica no-dito relogo, porque lhe-faltou a ultima dispozifam, para a fôrma de relogo; que produzia o movimento. Mas dizendo isto, mostro nunca ter visto relogo: e qualquer relojoeiro me-dirá, que sou louco: que nam á tais fôrmas, que sejam vida do-relogo; ou por cuja falta ele pare: mas que tudo consiste, no-simplez artificio: o qual nam se-pode mover, se alguma roda se-desmancha, ou se-embarafa. O mesmo digo do-corpo humano. Se os omens nunca tivessem visto, a estrutura interna do-corpo humano; eu lhe-perdoára, que conjecturassem: mas se nós estamos vendo manifestifimamente, que é um relogo, que recebe a vida da-circulafam do-sangue; seremos loucos se comefar-mos a falar, em fôrmas, ou qualidades; coizas de que nam temos ideia, nem prova alguma. Basta olhar para a fabrica dos-bofes, para intender isto. Nós sem ar nam podemos viver, nam por-outra cauza, senam porque este ajuda, a circulafam do-sangue: o que se-mostra, com as experiencias feitas, na machina de Boile: ou nas experiencias que se-fazem, em animais abertos vivos. Do-que claramente se-colhe, que um determinado movimento, tem em pé esta machina: para conhecer a qual, é necesario conhecer, o principio deste movimento. Certamente, que o movimento dos-liquidos polo corpo, sem olhar para as qualidades, é o que sustenta esta machina. Onde, este conhecimento é necesario ao Medico: o qual cura muitas enfermidades, somente com fazer, que se-movam os umores adelgafados, solidar os leves &c. e isto sem recorrer, a *peleijas de sais*, *chamas de enxofre*, *qualidades occultas do mercurio*: que sam vozes, de que uzam muito os Chimicos, e que comumente nada significam. Prova muito bem Boerhaave com varios exemplos, que, estando inteiro o solidó, e liquido do-corpo vivente, e somente cesando o movimento, cesa a vida: tornando, refucita. Ve-se isto claramente, em um omem que desmaia: no-qual pára o movimento, que faz circular os umores. basta mover os nervos, desorteque a materia movente do-corafam se-mova; e no-mesmo tempo refucita o omem: sem tantos fermentos, e efervencias &c.

Como se-vio naquele omem, que, tendo-se esvaído em sangue; fomite com beber um caldo de vitela, que lhe-faia puro polas roturas das-veias; se-consortou, e viveo. As Aves, Insectos &c. interifados com o frio, quando recebem algum moderado calor, refucitam. E alem disto um animal morto, porque se-destruira o *Torace*, applicando-lhe um sole à *laringe*, e asoprando-lhe os bofes, refucitou.

Se advertise mui bem isto o Peripatetico, reconheceria quantas falsidades afirma, quando diz, que a alma racional é aquela, que faz comque viva o corpo: que está unida ao corpo por-uma uniam corporea &c. Nada tem que fazer a alma espiritual, com a vida fizica do-corpo: sendo certo, que a alma nam pode fazer coiza, que nam conheça: e a alma ignora, o que succede dentro do-seu corpo. Deus infundio a alma no-corpo, para o-governar, e servir-se dele como instrumento, para algumas coizas. mas quanto à vida fizica, é certo que a alma ignora, o que succede nele. Isto bastava, para dezenganar os Peripateticos, e mostrar-lhe, que esta tal vida nam depende da-alma: e consequentemente que outra coiza, e a que o-tem em pé. Se azazo, conservando-se a machina inteira, Deus separáse a alma do-corpo; e sem duvida, que este corpo viviria, e se-conservaria, como atualmente se-move. O que se-colhe manifestamente, do-que succede ainda nesta uniam: pois, ou a alma esteja esperta, ou impedida com o sono; as funsoens do-corpo fazem-se da mesma forte, semque a alma conheça nada disto: e muitos andam dormindo &c. Onde concluo, que se o Peripatetico quizesse fazer reflexam nisto, se-dezengalaria, que o corpo deve-se considerar, como uma machina: e que nam devemos misturar a alma, com as funsoens do-corpo. Desta sorte entenderia melhor, que coiza era corpo: e diria coizas, que todos entendem, e tivessem apparencia de verdade, e pudessem servir à Medicina, e Anatomia. Mas falando em *qualidades*, *dispozicoens*, e outras coizas destas, contrareia a propria vista: embrulha tudo: e nam pode servir em modo algum, para a Medicina: a qual nam deve curar um corpo imaginario: mas deve curar este corpo que nós temos, polos finais que observa nele. E este é o motivo, porque V.P. ve aqui, tanta ignorancia neste particular.

Destes mesmos principios naceo muitos danos: nos-quais todos tem influxo, a Filozofia Peripatetica. pois nam só obriga desprezar a Anatomia, com a qual somente se-pode formar, verdadeiro conceito do-corpo humano; mas impossibilita um omem

para buscar autores, que o-dezenganam. Examine V.P. o metodo que segue um estudante, que entra nesa Universidade, para estudar Medicina; veja que autores estuda; e ficará bem persuadido, que nam é possível, que este homem saiba nunca Medicina. Todos estes Medicos sam Galenicos: e todos fundam o seu sistema, na Filozofia Peripaterica: e todos se-enganam da mesma sorte, que se-enganou Galeno: o qual, aindaque entendese bem Ipoocrates, e às vezes observase bem; quando porem quiz dar razam da-experiencia, sempre recorreo à ipoteze, e explicou-se mal. Galeno era Aristotelico, e com a çapa de interpretar Ipoocrates, introduzia as suas opinioens por-uma arte nova: e as-attribuia algumas vezes, a Ipoocrates, quando naverdade eram ou suas, ou Aristotelicas. Ainda despois que refucitou na Europa, a Medicina Ipoocratica, o que succedeo nõ-seculo 16.º, em que os Medicos reconhecêram a necessidade da-experiencia para a Medicina; acham-se muitos, que observáram bem, e discorrêram muito mal. Tam certo é, que o mau principio de Fizica destrue tudo, o que se-appende, aindaque seja bom! Tem alem disto outro perigo: porque quem está preocupado por-alguma opiniam, nam observa mais, que o que lhe-tem conta: e tudo regula polas ideias que tem: desfortes que nam escreve a istoria sincera, do-que naverdade foi o fenomeno. E assim, pouco servem as suas relaçoens a um homem, que só busca dezenganos. Onde sem mais exame digo a V.P. que tudo o que se-chama Medicina, desde o seculo de Augusto, até o fim do-seculo decimosexto, se-deve desprezar. Para nam parecer critica recida a minha propozisam, lance V.P. os-olhos, para o que era a Medicina nese tempo; e para as mudanças que teve, até o seculo pasado.

Os primeiros homens foram os primeiros Medicos de si, e dos-outros: pois é crível, que assim que ouveram enfermidades, procuráram livrar-se delas. Costumavam os que saravam, eserever os remedios, com que o-tinham conseguido: cujas receitas se-depositavam nos-tempos. No-Egito, e Babilonia (1) expunham-se os doentes nas praças publicas, paraque os que passavam, os-aconselhassem, cazo mais que tivessem padecido, os mesmos males: e todas estas noticias se-conservavam. Mas, a falar verdade, esta sorte de Medicos eram puros mezinheiros, e toda a sua Medicina era *Empirica*, ou experiencia. Digam o que quizerem os que, fundados em Omerò, pretendem mostrar, que no-tempo do-sitio de

(1) Herodot. l. 1. c. 197. Strabo l. 3. p. 155. & l. 16. p. 746.

Troja avia alguns Medicos famosos, o certo é, que nam sabemos nada dese tempo: e somente uns 450. anos antes de Cristo, é que a Medicina comefou a tratar-se, com algum sistema. Estes primeiros Medicos nada mais eram, que os Filozofos dese tempo. *Pitagoras* era Medico (1). *Empedocles*, *Democrito*, e alguns outros tambem o-foram. Estes omens, como tinham profunda noticia da-Fizica, facilmente descobrãram as cauzas, de algumas enfermidades, e as-curãram. Mas *Ipocrates*, que floreceo 400. anos antes de Cristo, foi o que deo metodo, à Medicina daqueles tempos. Nacido na Ilha de Coos, em que era adorado Esculapio Deus da-Medicina, pode informar-se das-receitas, que, segundo o antigo costume, se-guardavam naquele templo. E como era bom Matematico, e Fizico, soube observar bem, e verificar esas mesmas experiencias: desorteque foi o primeiro que nos-deo, um corpo de Medicina. O que digo principalmente, dos-Aforismos; que, nam obstante alguns erros que tem, sempre os-confirmou a experiencia. Os que seguãram *Ipocrates*, e os conselhos que ele dava, a seu filho, fizeram algum adiantamento, na Medicina: como *Areteo* de Capadocia, e *Cornelio Celfo* Romano, dos-quais existem as obras; e algum outro. Mas pouco despois degenerou. No-seculo de Augusto, acha-se um certo *Aesclepiades*, de Bitinia, que parece ser o primeiro, que reduzio a Medicina, a pouca ciencia, e muitas palavras. Desviou-se totalmente das-regras de *Ipocrates*, e fez um metodo novo, que agradou muito aos seguintes. Dos-Romanos rarissimo se-aplicou à Medicina. No-segundo seculo de Cristo floreceo *Galeno*, de Pergamo. Este omem, que tinha grande merecimento pessoal; e que observava com atensam; e que curava muitas enfermidades bem; e que, alem da-Filozofia, tinha estudado Matematica; segundo o estilo dos-melhores Medicos daquele tempo: foi porem a cauza principal, de degenerar a Medicina, como ja disse. Comentou *Ipocrates* bem, em quanto a alcanzar o sentido: mas em quanto às explicaçoens, muito mal. Quiz dar razam de tudo: e como a sua Filozofia era Peripatetica, que, aindaque naquele tempo era menos má, doque no-prezente, contudo inclinava infinitamente para a especulacãm; daqui veio, que trofessou nas ipotezes: e, explicando as coizas por-este metodo, fez mui mau serviso à Medicina. Despois disto, se tiramos um ou dois, que florecerãm ate o 4.º ou 5.º seculo, os quais, aindaque Galenicos, nam differam

(1) Cornelius Celsus, in Praefat.

feram mal em algumas coizas ; tudo o mais que se-segue *inclusive* até o seculo 16.^o é ignorancia . As inundaçoens dos-Barbaros , impediram os progressos das-Ciencias : e os que entre elles se-queram applicar a ellas , arruinaram-nas ainda mais . Falo dos-Maometanos : os quais desde os principios do-seculo IX. , tenho traduzido as obras dos-Gregos em Arabio , e desprezando tudo o mais , só se-agradaram de *Aristoteles* , e *Galeno* : mediante os quais , e segundo os seus principios , é que abrasaram *Ipcrates* . Toda a sua Filozofia era Peripatetica : a qual comentaram desorte , que dali naceo esta nova ciencia . E como por-ela se-regulavam os discursos de Medicina , fica claro , que coiza podiam adiantar nela .

Foram os Arabes aqueles , que nos-comunicaram as ditas duas ciencias : pois no-tempo em que no-Occidente tudo era ignorancia , os Arabes na Azia , Africa , e Espanha floreciam na Medicina , Chimica , Geometria , Aritmetica , Astronomia . E nunca estudaram mais , doque no-tempo emque no-Occidente , era maior a ignorancia ; por-cauza das-muitas guerras dos-Normandos &c. o que succedeo no-seculo X. e XI. Como nam se-cansavam , com os livros Fizicos de *Aristoteles* , mas somente estudavam , os oito de *Physico auditu* , que tem parentesco com a sua Metafizica ; e Logica ; bem se-ve , que coiza podia ser a sua Fizica . Acrescento a isto , que nam cultivaram a Anatomia : a qual , ainda que muito imperfeita entre os Gregos , contudo era conhecida , e estimada entre elles . Comque faltando-lhe a Anatomia , e na Fizica discorrendo com palavras gerais ; na Medicina nam podiam discorrer melhor . Com effeito esta era a sua Medicina . Fundava-se toda em discursos sobre as quatro *qualidades* , sobre alguns antigos remedios , sem mais exame : e aprendiam a sua Medicina , nam observando no-campo , ou nos-ospitais , mas discorrendo , e futilizando no-gabinete . Este era o estado da-Medicina entre os Arabes : a qual juntamente com a Filozofia de *Aristoteles* , nos-comunicaram no-XII. seculo . E como todos os Medicos , que se-seguiram depois , discorressem , com pouca diferenca , fundados nos-mesmos principios ; devemos fazer deles o mesmo cazo , que dos-Arabes .

Ainda depois que os nosos reconhecèram , a necessidade da-Anatomia , e se-applicaram a ella com fervor ; o que succedeo no-mei-do-seculo XVI. continuaram os Medicos , a discorrer muito mal . Nem podia ser de outra sorte : continuando de servir-se da-Filozofia Peripatetica : a qual impede fazer as-experiencias e

estas

efas que se-acham , as-explica muito mal . Ouve ainda outra razão , e foi , que nefe tempo appareceo *Paracelso* , e os seus sequazes , como *Helmont* , que refucitáram a Chimica : e querendó fugir de *Galeno* , e dos *Arabes* , de quem diziam muito mal , deram em outro extremo pior , que foi , querer curar tudo com a Chimica : reduzindo tudo a alguns *sais* , *enxofres* , *terras* &c. que sam palavras , ou explicaçoens sem significado . Agradou esta Medicina a muitos : outros continuáram com a Galenica . o que durou até os principios do-seculo XVII. em que *Harveo* abrio os olhos aos Medicos , com a circulasam do-sangue , que mostrou no-ano 1628. Onde , desde o seculo de Augusto , ou , a fazêlo mais barato , desde *Galeno* até *Harveo* , nam se-deve fazer cazo , de escola alguma de Medicina . Despois de *Harveo* , nam se-abríram os olhos ao mundo derepente . Ouviram naverdade nefe tempo alguns omens , que escrevêram muito bem , e reformáram o estudo da-Filozofia , e consequentemente da-Medicina . mas V. P. nam ignora , que nefe tempo apparecêram os Cartezianos , e Gazendistas , que duráram até o fim dese seculo : os quais com as suas ipotezes fizeram muito mal à Fizica , e Medicina : supondo coizas , que nam avia . Ainda os que nam eram Cartezianos , mas somente seguiam a Medicina Mecanica , fundando-se na Matematica ; como *Borelli* , *Bellini* , *Bernoulli* , *Keill* &c. aindaque fosse tam praticos da-Matematica , e mostrassem o modo , de racionar sem engano ; contudo algumas vezes se-enganam , porque supoem coizas , que nam estam provadas . Finalmente , somente despoisque se-abríram as Academias Regias , que foi despois do-ano 60. do-seculo pasado , é que a Medicina . comesou a melhorar em tudo , porque tambem a Fizica o-comesou : da-qual depende em tudo , e por-tudo . *Newton* , que entam floreceo , deo-lhe a ultima man : e pouco a pouco até o fim dese seculo , se-foi introduzindo , e no-prezente , se-prática com aplauzo . De que concluo , que até *Harveo* , nam devemos fazer cazo destes Galenicos : tirando algumas observaçoens , que fizeram alguns dos-ultimos , meos prejudicados . Despois de *Harveo* , até o tempo das-Academias , é necesario proceder com cautela : escolher o que dizem com verdade , e separálo das-supozissoens : e nam admetir nada , que nam seja admetido por-todos , é provado evidentemente . Verdade é , que em muitas partes v.g. nas Espanhas continuáram nefe tempo , e ainda no-prezente , os autores Galenicos : e em outras partes ainda se-acham Cartezianos , e Gazendistas . Mas dese nam salamos ; porem somente do-metodo que

que se-descobrio para adiantar , e emendar a Filozofia , e Medicina.

Sendo pois este o sistema deste Reino , em que todos sam Galenicos ; bastava isto para provar , que aqui nam se-fabe Medicina : vistoque nam á outra escola neste Reino mais , que a defa Universidade : na qual cegamente se-segue , o antigo metodo. Onde , aindaque nela florecefem , os mais agudos ingenhos &c. nam era poffivel , que com tais livros , se-produzife coiza boa . Muito mais porque fei , que ainda ifo que ensinam , é segundo o costume das-outras faculdades , fem metodo , nem ordem alguma : sendo nefario ler muito , para vir a saber muito pouco. Senam veja :

O primeiro ano de Medicina , costuma pola maior parte fer o quarto de Filozofia : no-qual fazem Concluzoens , e Licenciado . E como ja falei a V. P. nesta materia , na-carta de-Filozofia ; é superfluo repetir-lhe , que coiza sejam as Filozofias naturais daquele ano : as quais sam todas talhadas , pola medida Peripatetica . Nos-seguintes , obrigam a estudar , temperamentos , umores , espiritos , partes , faculdades &c. despois , cauzas das-doenças , febres , pulsos , crizes : em algumas das-quais materias fazem no-3.º e 4.º ano as duas Tentativas . Despois disto , *de locis affectis* , *de victus ratione* , *sanguinis emissione* , *purgatione* &c. em que faz 3.º ato no-quinto ano . No-6.º ano , *de methodo* , & *recto praesidiarum usu* : em que faz quarto , e ultimo ato , e vai algumas vezes à Pratica . E com isto lhe-dam licenfa , para curar . Mas fomente nisto que aponto , vejo claramente a confuzam , e pouca ordem do-tal metodo . Confundem a teoria , com a pratica : e a especulafam , com a anatomia , e uzo das partes : e fazem uma felada de materias , fem ordem , nem metodo . Nam apontam aos rapazes , que estudem por-algumas Inftituiçoens Medicas , que os-dirijam : mas obrigam-nos a pafar de uma materia , para outra , talvez bem distante . De que nace , que nam é poffivel , formar conceito da-Medicina ; quem estuda por-este eftilo . Acrescento a isto , que se-servem de *Vila Corta* , *Heredia* , *Bravo* , e outros tais Galenicos , que sam capazes de fazerem perder , nam digo só a paciencia , mas o juizo , e embulharem a mefma Logica Natural , quanto mais a Fizica , com os maos principios que ensinam .

E daqui nace , aquele mau metodo de curar , que V. P. ve praticar todos os dias : no-qual nam se-aplicam os remedios , porque se-tem formado conceito deles , e da-infermidade ; mas por-

porque assim se praticava, e assim o-fizeram os mestres, que os-enfina-
naram. Sei, que merecem desculpa, porque nam estudaram outra
coiza: mas o que nam posso soffrer é, que nam cedam à evi-
dencia, quando outras pessoas lhe-mostram a razam. Este é o mó-
tivo porque ja disse a V.P. que *Galenico*, e *Mezinheiro* eram
sinonimos no-meu vocabulario. O *Galenico* nam pode formar
verdadeiro conceito da-infermidade: porque nam tem os princi-
pios necesarios, para isto. e aindaque fale trez oras na infermi-
dade, tudo o que se-tira dali é, que applica aquele remedio,
porque o-vio applicar em outras ocazioens, ou assim o-leo. E isto
que diferenca tem, de um mezinheiro? Aindaque um destes *Medi-
cos* tenha grande pratica, nam mudarei de conceito: mas direi,
que tem muitos anos de erro: E em tal cazo, devo fiar-me me-
nos do-Medico velho, que do-novo: porque este, poderá mu-
dar de opiniam: mas aquele está radicado no-engano. A pratica
nam ensina os principios, mas ensina o que succede nas inferni-
dades. Onde se o Medico observáse miudamente, e sem alguma
preocupafam, os fenomenos das-doensas, como fez *Sydenham*; e
fosse mui acutelado no-dar remedios; em tal cazo quero adme-
tir-lhe, que a sua pratica fosse mais util: Mas se o Medico *Ga-
lenico*, nunca se-afasta do-seu sistema, que é rachar os doentes
com remedios; ou tenha um, ou quarenta anos de Medicina,
tudo á-de ser o mesmo.

Ri muito quando li no-*Curvo*, que em 58 anos de Medico,
sempre o olio de nabos v.g. fizera o seu efeito em certas ber-
bulhas &c. Tomára primeiro que me-provase, que o efeito pro-
vinha, de ser olio de nabos, e nam mero olio. Que com outros
olios que se-aplicaram, nunca succedera o efeito; e com o de na-
bos sempre. Se ele me-provase isto; entam veria o que avia res-
ponder: em quanto mo-nam prova, devo dizer, que todos os
58 anos de pratica, nam concluem nada. E, sem sair do-mes-
mo *Curvo*, que era um homem acreditado entre os seus nacionais;
abra V.P. qualquer dos-seus livros, veja a razam que dá das-cau-
zas das-doensas; e ficará hem capacitado, do-que lhe-digo, que
tudo isto se-reduz, a mezinhas puras, sem sombra de Filozofia.
A cada passo este homem inculca os seus remedios, fundado talvez
em uma, ou duas experiencias. Estranho modo de provar! quem
revelou ao *Curvo*, que aquela melhora procedeo daquele reme-
dio? quem o certificou, que com outro remedio mais facil, uma
simplez bebida de agua quente, ou de olio de amendoas doces;
ou talvez deixando a natureza á si mesma, nam succederia o mesmo
efeito-

efeito, e mais de presa? O que confirma melhor a falta de Filozofia, são as reflexoens, que às vezes faz o *Curvo*. Falando na sua Atalaia da-Vida dos-Feridos, aconselha, que onde eles se-acham, não entrem mulheres formozas: porque as feridas se-afanham. Se disêse, que não entrassem molheres, porque o alito, ou effluvio da-molher, era pernicioso; e aindaque dizia uma falsidade, mostrava discorrer menos mal: mas excluindo-as somente por-formozas, é não intender a materia. Se acrescentáse, que a molher formoza podia excitar pensamentos sensuais, e estes alterar a harmonia dos-umores, e nacer daqui algum prejuizo; pafemas que sem estas circumstancias, a molher formoza produza tantos efeitos, não se-pode ler sem rizo. A feia, e formoza só se-distinguem, em ter a boca maior, ou menor: o nariz direito, ou torto: os olhos negros, ou desmaidos: a cor branca, ou negra &c. e estas diferentes modificaçoens da-Materia, não são capazes de produzirem, tantos estragos. Além disto, eu sei por-experiencia, que isto é falso. Achei-me em um exercito; em que molheres mui formozas assistiam a seus maridos, e amantes; e também em cazas particulares o mesmo; e nunca vi estes prejuizos: nem queixar-se ninguem de tal coiza. E perguntando, depois de o-ler, a um bom Cirurgiam, se isto era verdade; respondeo-me com uma grande rizada. E eis aqui tem V. P. o que são os remedios, e a Filozofia Galenica que os-aplica.

Esta reflexam conduz-me naturalmente, a falar no-7.º requizito, que deve ter o Medico: que é saber, que coiza até aqui se-tem descoberto mais segura; para conservar, ou recuperar a saude do-corpo humano. Esta materia é de toda a considerasam, principalmente em Portugal; em que o abuzo dos-remedios tem chegado a termos, que não se-pode suportar. Este abuzo provém principalmente, daquele primeiro principio que apontamos, que é, o exercicio da-Filozofia Peripatetica, e Medicina Galenica: porque é consequencia necessaria desta Filozofia. Um Medico que afenta consigo, que um corpo humano se-compoem de quatro qualidades: da-diversa combinasam das-quais, resulta a doença, ou saude; este tal homem por-força á-de cuidar, em buscar remedios ou frios, ou quentes, para curar a qualidade morboza, que ele intende existe no-doente. Se um não produz o efeito, aplica outro: aproveita-se de tudo o que ouvio dizer, que é bom para desterrar a dita qualidade: e desta sorte com longas receitas encurta-lhe a saude. Pelo contrario, o homem que considera o

corpo umano , como uma machina : e que reconhece , que a enfermidade pode succeder no-solido , e no-fluido : e que por-ineio da-Anatomia chega a comprehender , em que parte está a doença : este omem fórma muito diferente conceito da-cura ; e procede mui diferentemente nas receitas . Se a enfermidade está no-solido , v.g. uma rotura de vazos maiores ; sabe ele muito bem , que aqui nam valem emplastos , nem remedios : e que só a-curará , se puder unir aquela parte ; como succede nos-que sam quebrados , ou aquem se-furou uma arteria &c. Se a doença consiste no-fluido , conjetura e examina , que effeito pode este fluido fazer no-solido , para poder buscar o remedio , proporcionado a nam destruir a machina . Ora para aplicar este remedio , nam basta o que dizem quatro livros : mas é necessaria a constante experiencia , da-bondade do-remedio : sem a qual , louca , e temerariamente applica o dito remedio . E como os remedios desta qualidade , sejam pouquissimos ; daqui vem , que com grande parsimonia os-deve applicar . Ponho exemplo .

Succede um irritamento nos-intestinos ; a que chamamos *colica* . Formo eu conceito que procede , da-crispatura das-fibras . Neste cazo devo julgar , que só me-fará bem aquele remedio , que me-relaxar as fibras . E como a experiencia ensina , que todo o oliozo é relaxante ; pois o olio produz este effeito ; em qual-quer coiro que se-ensopa nele ; tiro por-consequencia , que devo tomar olio pola boca , v.g. de amendoas doces , ou de semente de melam , que é mais agradavel : e ajudas de aguas quentes com azeite , deitando-lhe alguma materia emoliente , como *malva* &c. Este juizo é fundado , na mecanica do-corpo . Mas abra V.P. um livro de um Galenico , v.g. do-*Curvo* , achará mil remedios diferentes , que tem tanto que fazer , com o juizo que se-deve formar da-colica , como o diz com a noite . E que se-chama a isto , senam mezinhas ? Note porem de caminho , que a maior parte daqueles remedios consiste em tais , e tais coizas fritas em olio ; e untar a barriga , ou tomar ajudas do-dito olio , e agua . Mas se a virtude está na semente , ou erva , que necessidade tem de olio , ou agua ? Eu vejo que a *quinaquina* produz o mesmo effeito , ou eu a-coma , ou beba , ou engula em pirolas : o mesmo digo do-*maná* , e outros remedios . pergunto agora , porque nam succederá o mesmo effeito na colica ? Mas é clara a razam . O azeite é o que faz o effeito , e nam os outros ingredientes . Porem como o Galenico nam fórma , verdadeiro conceito da-infermidade , e do-lugar em que está ; mas vai sempre com a ideia das-

das qualidades claras, e occultas; nam tem difficuldade de applicar tudo, saia o que sair. O certo é, que para relaxar, e abrandar um coiro, aindaque lhe-apliquem cem mil coizas, se nam lhe-deitam olio, nada succede. O mesmo digo dos-nossos intestinos, que sam compostos de fibras carneas, e nerveas: e devem-se abrandar da mesma sorte.

Em certa parte de Italia conheci um omem, de quem formára bom conceito, por um ato publico que lhe-vîra fazer: e principalmente porque diziam, que estudára em uma famosa Universidade. Succedeo, que este omem me-veio buscar um dia, e pedir-me, que lhe-dese introduziam com um Principe meu amigo, que era paralitico, para o curar da paralizia: de cuja cura nam queria outra remunerasam, que concluir-lhe uma pertensam que tinha. Admirado eu da-propozisam do-negocio, pedi-lhe me-explicásse, em que fundava a sua promessa: pois, sem bons fundamentos, nam queria salar em tal materia; paraque nam me-dessem uma rizada. Ele entam, revestindo-se de certa severidade magistral, me-dise, que tinha o segredo, de fazer o oiro fluido: com o qual curaria sem duvida, a dita lezam. Confeso, que, ouvindo tal resposta, intendi que o omem zombava, ou era louco: onde para certificar-me, e juntamente divertir-me, lhe-dise: Que ele me-propunha dois cazos, igualmente admiraveis: e que eu, em obzequio da-sua palavra, admetteria o-primeiro: mas que me-ficava nova difficuldade, e era saber, como o oiro fluido curásse todas as enfermidades, sendo procedidas de cauzas tam diferentes. Aqui o dito Chimico me-respondeo, que se-admirava, que eu nam entendésse a razam. Que todos os corpos eram compostos, das-primeiras quatro qualidades, as quais eram filhas da-Materia: Que as doensas consistiam, na confuzam delas: onde sendo o oiro o fermento das qualidades; devia reduzilas ao seu estado natural, e sarava o doente. Sam palavras formais dele. Balhei as trepecinhas interiormente, quando ouvi o omem: e para prolongar o divertimento, lhe-dise: Tenho intendido a razam dos-fluidos: quizera agora que V.M. me-explicásse, esta lezam do-solido na paralezia, como se-cura. Ao que ele satisfez limpamente, com o mesmo metodo: dizendo-me, que a mesma materia primeira do-oiro, endireitava os nervos: Mas tem V.M. progantei eu, feito ja experiencia, em algum paralitico? Diz, sim senhor: certo cozinheiro do-convento N. tinha um braço tolhidó: dei-lhe o remedio em agua quente: suou muito; e moveo o braço. Finalmente, para-abreviar a historia, digo a V.P. que eu tive um

bom rato de divertimento com o omem : fazendo-lhe mil prôgnuntas, e ouvindo galantissimas respostas: até que o despedi com caixas destemperadas, e nunca mais me-falou. Este cazo mostra, o que pode a preocupasam, em materia de remedios. Ponho de parte a sua Filozofia, que era galante: direi somente, que ele achára algum omem, que tinha alguma constipasam no-braço; a qual batizou por-paralizia: deu-lhe agua quente: suou: e ficou livre. E o Chimico attribuió o milagre; a alguma agua que lhe-derram, ou ensináram a fazer, com o nome de agua d'oiro. Eis-aqui tem V. P. o que sam, estes bons: efeitos dos-remedios.

Quando nam ouvêse outra prôva da-falsidade dos-remedios, que comumente se-aplicam, que considerálos em si-mesmos; seríã facil conhecer, que tudo sam imposturas. Deve-se v.g. curar uma colica: e o Medico receita-lhe esterco de rato bebido, ou a cotovia com a sua pena, queimada em vazo de barro, e pulverizada. Acha V. P. coiza mais ridicula que esta? Considere; quantas sustancias diferentes, entrãem nos-pozês de cotovia queimada. penas, osos, entranhas, carne, sangue, esterco &c. tomára que me-difese o Medico; a qual destas se-deve atrebuir a melhora. Se a pena negra, é boa; porque nam á-de ser a pena só? o mesmo digo de qualquet das-outras partes. Fez porventura o Medico a experiencia, de queimar cada coiza separada, e applicá-la? fez a experiencia, de queimar duas ou trez juntas? fez mil outras diferentes combinaçoens? pois tudo isto era necessario, para poder dizer, que se-devia queimar toda. Este mesmo conceito se-deve formar, quando em outras enfermidades receitam, olio de caens fritos, e outras mexerofadas semelhantes. Tantas sustancias diferentes, nam é possível, que tenham o mesmo efeito. Veja V. P. tambem quando eles dizem, que em certas doensas, é bom o esterco de pavam: com a diferença porem, que o esterco de pavam macho, para o omem: o de pavam femea, para a molher. Nam á esquipasam mais ridicula que esta. Deixo mil remedios ainda mais extraordinarios. v.g. que os fumos dos-dentes da-caveira, sam bons para os omens, que estam ligados, para os atos matrimoniais. Se o-estar ligado, é efeito do-Demonio, como eles supoem; que tem que fazer a caveira, com o Demonio? se é efeito natural, que mais tem o oso do-dente, que o do-cranio, ou do-braço? nam é tudo do-mesmo omem; e da-mesma especie? Dirá V. P. que contra a experiencia constante nam á argumento. concedo: mas isto é o que eu quizera me-provassem, que avia uma experiencia constante: e

isto é que eu nego. Tenho visto fazer todos estes remedios, sem efeito: ou, para melhor dizer, nam vi ainda algum que os-fizesse, e lhe-sucedesse bem: Polo contrario os remedios constantes, sempre produzem o seu efeito, quando nam lhe-poem impedimento: se nam em todos; ao menos na maior parte deles. Ainda nam vi quem tomáse banhos, e nam traspiráse mais. Talvez os remedios nam produzem os seus efeitos, porque lhos-aplicam mal, e fóra de propozito, e tempo: o que é diferente nestes que digo. Onde concluo, que de semelhantes remedios, nam se-deve fazer caso.

A iluzam tem muita parte nestas sonhadas melhoras, quando as-aja. A razam é, porque muitos imaginam, que estam doentes: e persuadindo-se, que os tais remedios os-ám-de curar; acham-se livres, nam da-infermidade, mas da-imaginaçam. Outros applicam os ditos remedios, no-tempo das crizes: e atribuem à eficacia do-remedio, o que só é efeito da-natureza. onde dizia bem aquele grande Medico; *Maledicta vetula, quæ venit in die critico*. Conheci um Cavalheiro Florentino, a quem succedeo um caso semelhante. Entrou em caza de um amigo, que gritava com dores de almorreimas: e a quem os Medicos determinavam fazer, uma cura violenta. O Florentino pedio ao amigo, que lhe-deixáse ver a parte. e observando, que estavam sumamente inchadas; aconselhou-lhe, que mandáse buscar um nabo, e feito em polme, o-aplicáse. Feito isto cesáram as dores; e no-dia seguinte dezincháram: e pouco a pouco melhorou. Perguntando ao Florentino a razam, disse-me, que ele nunca ouvira dizer, que o nabo tivesse tal virtude: mas que sabendo, que avia trez dias estavam inchadas: e conjeturando, que as fibras sumamente estendidas, ou aviam romper-se; ou a materia se-avia determinar, para alguma outra parte; o que mais facilmente sucederia, applicando-lhe coiza fria, e umida; que corroboráse a fibra: lhe-ocorrêra, fervir-se dos-nabos: e succedeo bem. A verdade podem é, que o padecente ficou persuadido, que nabos eram famosos, para a sua queixa. Se naquela ora lhe-aplicava um chichelo velho, o um prato roto, succedia o mesmo: porque a natureza fazia a crize: e teria-mos chichelos, ou cacos como unico remedio para as almorreimas. Desta forte resucitam muitos remedios: e os Medicos os-apadrinham, como se o-fosem.

Acha-se alem disto outra razam extrinseca, para mostrar, a pouca virtude destes remedios. Se V. P. abre um livro de remedios, a que chamam Farmacopea, achará remedios, para

para toda a sorte de enfermidades : e nam só um para cada especie : mas cada enfermidade particular tem duzias de remedios : e tam diferentes uns dos-outros ; que fica um homem pasmado , vendo applicálos todos , ao mesmo achaque . Qualquer homem de mediocre juizo é capaz de conhecer , que sendo a enfermidade uma só , e os remedios tam diferentes , nam é possível , que produzam o mesmo efeito todos . ponho de parte a enfermidade do-solido ; e falo somente na do-fluido . Quem pode persuadir-se , que a mesma enfermidade do-sangue possa curar-se , com cem pozos diferentes ? Quem tem alguma pratica de Chymica reconhece , que cada liquido , tem o seu coagulo &c. , e que nem todos servem para tudo . O que suposto , querendo eu refreiar uma febre ardente , ferei louco se lhe-aplicar outra coiza mais , que os *nitrados* , e outras coizas que sejam aptas , para aquietar o fervor do-sangue . Isto ensina a experiencia ; e persuade a boa Filozofia . Nam o-intendem assim os Galenicos , que tem duzias de remedios para tudo . E quando a boa fazem os-nam-desmentise , que mostra , que tudo aquilo sam mentiras , nacidas dos-prejuizos que bebêram na-Filozofia ; a mesma experiencia os-desmentiria : sendo certo , que de todos aqueles remedios , apenas se-acha um , que console alguma coiza o doente . O pior é , que preocupados com as ideias do-que lêram , em outros livros , matam os doentes com sede : sem advertirem , que para curar certas fermentaçoens , e febres , o unico remedio é , amendoadas , e coizas frias .

Os outros mezinheiros , que sam menos toleraveis , sam os *segredistas* , ou inventores de segredos . Eu nam distingo esta gente dos Charlatanos (que sam certos mezinheiros , que se-encontram frequentemente em Italia , e Franca ; os quais nas praças publicas publicam com muitas palavras , a virtude dos-seus segredos : e vendem-nos com boa reputaçam , aos plebeos , e ignorantes .) Estes Medicos Portuguezes , que sam inventores de segredos , prometem com toda a segurança , perfeita melhora : a qual pola maior parte nam succede . Mas eu quero supor , que succeda : proguntaria ao tal Medico , quem lhe-dise , que se-deve a melhora ao seu segredo ? Estes segredos consistem pola maior parte , em doze , ou quinze ingredientes diferentesimos . E aqui está a minha dificuldade , como ja apontei : pois para dizer , que tudo aquilo é necessario , é preciso primeiro , ter provado cadaum separadamente : depois dois : depois tres : e fazer infinitas combinaçoens das-ditas especies . O que certamente nenhum destes faz : mas casualmente amontoáram aqueles remedios : entre os quais algu-

alguma vez se-acha algum , que é proprio , e produz a sua virtude : e a ignorancia do-Medico attribue-o a todos , e chama segredo , ao que é simplez , e bem uzual .

Se o Galenico soubêse , quanto é necessario , para publicar uma coiza , por-constante e segura , ficaria pafinado da-sua leveza , em publicar segredos . Estes omens fazem as experiencias dos-remedios ; como as da-Fizica : e sendoque na Fizica , de uma fallivel experiencia tiram , um documento constante ; assim tambem na Medicina . E' porem coiza bem notoria , que os remedios constantemente recebidos entre todos , sam os mais simplezes , e naturais . O fogo , a agua , o azeite , ou qualquer especie de oliosos ; a quina , a ipecaquana , o azougue , os amargozos , os purgantes , o opio , e outros bem poucos , que geralmente sam recebidos ; sam remedios simplicifimos : contudo o efeito , pola maior parte , é seguro : quando seja a verdadeira infermidade . O que como nam advertem muitos Medicos ignorantes , nam vem o bom efeito destes remedios . Ignoramos , como muitos destes remedios obrem : de outros provavelmente , ou claramente se-conhece , posto o conhecimento que temos , da-machina do-corpo . Comque , se os senhores inventores de segredos advertisem isto ; reconheceriam , quam ridicula coiza é , querer recorrer a mexerofadas de tantos ingredientes , sem saber , o que cadaum vale por-si . Donde vimos a concluir , que de Medicos segredistas , deve fugir todo o omem , como de coiza suspeitoiza .

Argumentará V. P. com a *Teriaga* , que produz mui bons efeitos . Mas a isto respondo , que da-*Teriaga* digo o mesmo : e os Filozofos , que pensam bem , rim-se deste tal antidoto : tendo para si , que aquelle pouco que obra , provem semente de dois , ou trez ingredientes : v. g. *opio* &c. Nem eu jamais pude entender , como possa ser a *Teriaga* , antidoto universal , obrando os venenos por-tam diferentes maneiras . Acham-se venenos , que tem a sua asám semente no-solido : outros , só no-fluido : outros , em ambos : como mostra *Boerhaave* , de *Viribus Medicamentorum* , e o doutifimo *Mead* , no-seu tratado de *Venenis* . O que suposto , quem poderá persuadir-se , que a mesma *Teriaga* á-de servir , para curar o solido , e o fluido ? E daqui tiro outro argumento , e vem aser : que se o veneno é simplez , e obra um efeito maravilhoso ; porque razam o antidoto á-de ser composto , de mui ingredientes ? O mesmo digo , da-maior parte destes remedios Orientais : pedra *Bezoar* , pedra *Cordial* , pedra de *Porco Espinho* , *Aljofares* , e outras arengas destas , que custam muito dinheiro ,
e só

e só servem de fujar a agua, em que se-desfazem. os Medicos advertidos tem reprovado oje isto, como azilo de imposturas. Os absorbentes da-India estimadissimos, sam oje escuzados; achando-se entre nós muitos absorbentes seletos. Tanto fazem os *olhos de caranguejos*, como a terra *boloza de Nocera*, em Italia, e outros bólos, que se-acham em varias partes. O que posto, é superfluo, gastar tanto dinheiro naquelas coizas: as quais parece que tem mais virtude, porque vem de longe. Outros Medicos atribuem às raspas de *Cornu Cervi*, virtude diaforetica: porem bebidas em agua quente: a qual agua tem por-si só, a virtude diaforetica: e o *Cornu Cervi*, como dizem os Medicos doutos, aindaque se-coma um barril inteiro, nam provoca o suor. A razam ultima de tudo isto, é a que difemos, nam considerar a machina do-corpo, como é em si: como tambem as cauzas das-infermidades tanto internas, como externas: e as seis coizas ditas nam naturais, *cibus, potus, vigilia, somnus, aer &c.* Certo é, que as infermidades desta machina, sam muito diferentes doque se-cuida: de que se-segue, que se-devem curar por-um modo, tambem muito diferente doque supoem, os que admitem as qualidades, e outras arengas destas.

Finalmente nam se-pode fazer maior serviso à Republica, que dezenganar os Medicos, que a maior parte dos-remedios, sam imposturas. Poucos sam os bons: pouquissimos os certos: e estes pola maior parte bem uzuais, e todos simplezes: tirando alguns chimicos, que eu tambem ponho, na classe dos-simplezes. Mas isto nam tem feito os Galenicos: nem é possível que o-facam, seguindo o seu metodo. Porem isto tem feito alguns modernos: que, examinando bem as forsas dos-medicamentos, rezolveram, quais se-deviam preferir: e ainda des com muita cautela; visto que nem de todos é provada a virtude. Achei graça ao famoso Medico Cocchi de Florensa, que ainda vive. Este grande omem, tendo uma grave doença, e supondo que cairia na mam, de algum Medico ignorante, que o-matásse com remedios; fez o seu testamento, no-qual institua erdeira sua molher. Mas no-cazo, que ela consentisse, que lhe-aplicassem os sinapismos, ou causticos, substituia outro erdeiro. Tam persuadido estava, que este remedio, mui uzual, mas pouco considerado por-alguns, é a cauza de muitas mortes.

Esta noticia entronca naturalmente com o 8. requizito da-Medicina, que ao principio difemos: que consiste, em saber aplicar esta Medicina, em certo tempo, certo modo, e certa dóza.

Ja V. P. sabe , que para se-fazer isto , requer-se distincta noticia da-Praxe Medica , que comprehende os requizitos , que asima difemos . E' pois a Praxe Medica a que ensina , a conhecer no-infermo , por-sinais particulares , as particulares doensas : e ensina a curar as ditas doensas , com os seus particulares remedios . Comprende duas partes : a Cirurgia , que cura as doensas externas , ou que se-podem tocar : e a Medicina , que cura as internas . desta falaremos primeiro . Bem claro é , que importa muito acertar , com os sinais das-infermidades , para nam matar o doente : e tambem é clato , que a felicidade deste descobrimento , depende dos-principios , que estabelecio na Fizica . Cada doensa tem seus particulares sinais , que a-distinguem das-ontras . Mas , aindaque eu distinga perfeitamente , uma doensa da-outra ; se nam formo conceito justo , do-que é a dita doensa ; nam posso acertar com a cura , senam por-acazo . Porem eu digo mais , e vem azer , que se acazo nam tenho bons principios , nam conhecerei facilmente a doensa , e facilmente a-confundirei com outra : como é facil mostrar . Vemos , que muitos dos-Antigos , conhecêram bem as infermidades , e escreveram bem sobre a Semiotica ; mas nam acertaram nas curas , porque ignoravam as causas , attribuindo-as aos seus prejuizos . Por-este principio devo dizer a V.P. , que o metodo de curar em Portugal , á-de ser mau , porque a sua Filozofia é pessima . E como dô-que disse sobre a Farmacia , bem se-mostra , que este metodo é unicamente Galenico ; é superfluo , acrescentar mais nesta materia .

Nem vale , ler por-bons livros , que ensinam o modo , de conhecer bem as infermidades , e curálas . nada disto aproveita : e a razam é clara . Porque os autores que escreveram , em Medicina moderna , fundam as suas razoens , no-conhecimento da-machina do-corpo , e leis da-Mecanica , e na constante experiencia . E quem nam tem estes fundamentos , primeiramente nam os-intende : depois , aindaque os-intenda , nam os-pode seguir : porque como tem principios totalmente diversos , que ensinam um metodo diferente de curar ; ou se-á-de rezolver , a deixar o seu metodo , ou os ditos livros . E por-este razam digo a V. P. que quem oje quizer mandar um Medico Portuguez , a Londres , Leiden , Amsterdam , Haia , Pariz &c. para aprender Medicina , deve persuadir-se , que o-manda aprender , nam Medicina , mas Filozofia : e que por-forza se-á-de esquecer , do-que tem estudado , para aprender Medicina . A boa Medicina , ou a moderna Medicina , é unicamente uma moderna Filozofia mais

circunstanciada. Os Filozofos modernos pasam brevemente por algumas coizas, que os Medicos estudam com escrupulo, e diligencia infinita, por-fer aquele o seu ultimo emprego. E daqui se-forma um metodo de curar, totalmente diferente. Onde ou Medico a-de renhuciar os principios, da-Filozofia Galenica; ou deixar de estudar, a boa Medicina. Que á-de dizer um Medico Portuguez em uma Universidade, em que só se-fala, em Filozofias modernas, que todas sam fundadas na Mathematica? Este omem ficará pasmado: e tudo o que ouvir, lhe-parecerá enigma! O menos será, nam intender o que lhe-dizem: o que porem succederá, se quizer ralhar, será ouvir rizadas, e que todos fujam dele. De que saie por-bou consequencia, que um destes Medicos velhos, que cre muito na Galenica, nam é capaz de se-aproveitar, dos-bons livros; se acaso nam tem uma alma illustre, que, conhecendo os seus erros, queira deixálos, e estudar coizas melhores: o que ja nesta vida vi succeder, a algum Portuguez; mas nam a Medico. Fó-ra deste cazo, só aprenderá bem Medicina um rapaz, que nam esteja preocupado, com outras doutrinas: e que nam tenha que batalhar com os prejuizos, para receber bem os ditames certos. Pudera provar isto com mil exemplos, se o-permettira a brevidade de uma carta, ou nam falára com V.P., que conhece mui b.m, de quais eu podia valer-me. Quem intende o que eu aponto, comprehende mui bem, que nam pode ter bda praxe, quem tem maos principios de Medicina. Onde o Medico que for capaz, de fazer de sua cabeça alguma coiza boa; deve na Medicina Pratica, somente admitir por-certos aqueles remedios, que observa, (despidos todos os prejuizos) serem constantemente utis, e bons: ou com a sua propria pratica, ou na leitura dos-livros, dos-mais famosos modernos. No-que ainda deve proctder, com muita cautela.

Pasemos à outra parte da Medicina Pratica, que é a Cirurgia: da-qual nam sou eu o que digo a V.P., que se-igaora em Portugal; sam os mesmos Portuguezes, e alguns Cirurgioens, que confessam serem pouco praticos dela. Eles fundam-se neste principio: que os Estrangeiros tem mais pratica, das-operacoens de maons, e mais ligeireza. E com effeito nos-cazos graves, v. g. para costar perna, ou coiza semelhante; sempre se-chama algum estrangeiro, porque os Portuguezes nam se-arriscam. Cuidam os Portuguezes, que a boa Cirurgia consiste, na maior ligeireza das-operacoens: e nam pasam para diante, mas nisto manifestamente se-enganam, e mostram nam intender, que coiza é Medicina,

Com

Com effeito os Cirurgioens Portuguezes, quazi todos ſam meros ſangradores . Sabem dar alguns pontos : e os que ſabem mais , e ſam poſos de ciencia , murmuram alguma coiza , ſobre os quatro elementos , ou qualidades occultas . Porem a verdade é , que a Cirurgia pede outros fundamentos , que eles nam intendem . Primeiramente , o bom Cirurgiam deve ſer , bom Fizico : e iſto po-la meſma razam , que ja diſemos do-Medico . Porque compreendendo a ſua juridiſam , todas as enfermidades externas ; as quaes podem provir de muitas , e diferentes cauzas ; ſe ele nam ſabe raciocinar ſobre elas , fará muito deſpropozito , e errará as curas . Nos-primeiros tempos da-Medicina , em que ela nam eſtava tam maltratada , como ao deſpois ſucedeo ; quero dizer no-tempo de Ipcrates &c. Medico , Cirurgiam , Boticario era a meſma peſoa : e por-muito tempo a Medicina , nam ſe-ſeparou da-Cirurgia: o meſmo Ipcrates era Medico , e Cirurgiam , e muitos outros . Com o tempo , querendo os Medicos abraſar muitos doentes , e nam ſe-querendo aplicar à pratica , ſeparáram as proſſoens . Mas a verdade é , que todos os Medicos devem ao menos ſaber , a teoria da-Cirurgia , para enſinarem o Cirurgiam , em cazo de erro : e todos os Cirurgioens , ſe nam devem ſer perfeitos Medicos , devem ao menos , ter alguns requizitos : boa Filozofia , Anatomia , uzo das-partes , e perfeitas Inſtituſoens Cirurgicas . Porque finalmente o Cirurgiam é um Medico Operativo : cujas operaſoens nam pode fazer , ſem conhecer o *como* . E niſto meſmo quero dizer , que o Cirurgiam deve ſer , um perfeito a Anatomico , e conhecer todas as partes . ainda minimas , do-noſo corpo : no-que convem Cirurgiam , e Medico . O que porem o Cirurgiam tem de particular é , que nam só deve conhecêlas , mas deve ſaber moſtrálas , uzando dos-inſtrumentos proprios , com grande experiencia , e deſtreza . Niſto é que conſiſte , a felicidade do-Cirurgiam . pois é certo , que um Cirurgiam douto , e deſtro , prezerva um omem da-morte , e impede que padefa tanto . Porque em uma operaſam difficultoza , pode prezervar um omem da-morte , com a ſua ligeireza : v.g. quando tira a pedra da-be-xiga ; ou coze a rotura interna ; ou ata uma arteria em uma aneurisma &c. : e tambem quando algumas vezes corta perna , ou braſo &c. Neſte cazo , fazer a operaſam em mais , ou menos minutos , pode dar a morte , ou a vida : e nenhum a-poderá fazer com ligeireza , ſem eſtudo bem fundado da-Anatomia . Nem é coiza extraordinaria dizer eu , que os Medicos antigamente eram Cirurgioens : achando-ſe , deſde que ſe-reſtableceo a Anatomia ,

Medicos insignes, que foram perfejtissimos Anatomicos. O que ainda neste seculo succede: avendo muitos Medicos famosos, que gostam de abrir os cadaveres. Deste numero foram os dois insignes Filozofos, e Medicos, *Boerhaave*, e *Albini*, e seu dicipulo *Van-Svieten*; e alguns outros que conheci. O certo é, que nas melhores partes da-Europa, um bom Cirurgiam sempre é Filozofos: e muitas vezes é Medico.

A simplez considerasam deste ponto persuade, que a Fizica experimental, e racional, é tam necessaria ao Cirurgiam, quanto é necessaria àquele, que deve saber o uzo, das-partes do-corpo umano, nam samente externas, mas ainda internas. O Cirurgiam deve saber, a conexam, o sitio, e uzo das-partes internas. sam infinitos os exemplos que o-persuadem. Como poderá saber, se se-deve abrir um tumor, ou nam; se nam sabe, se no-dito tumor se-acham vazos sanguiferos, ou nam? Como distinguirá em uma ferida, se-ofenderam os vazos arteriozos, ou venozos maiores, ou menores: como conhecerá se-feriram o duto toracico, se nam sabe, qual é a sua situasam; e que serve, para conduzir o chilo ao sangue; e que, ferido ele, ofende-se uma parte, mui necessaria para a vida? Suponhamos, que deram uma cutilada na costa da-mam: se o Medico ou Cirurgiam conhecer, com a Anatomia, que ali á tendines dos-musculos, que servem para estender os dedos; poderá ordenar ao ferido, que levante os dedos: e se nam poder levantar o indice; concluirá, que cortáram o tendine, formado de muitos tendines do-musculo indicador, e do-extensor comum. Porem se poder endireitar os dedos, pode assegurar, que as extremidades dos-musculos cortados poderam unir-se: é que a cura será difficultoza, mas sairá perfeita. Se pois succede, que nam possa movêlos, seguramente pode proferir, que, sarada a ferida, ficará aleijado o ferido, e nam será possível com arte alguma, recuperar o uzo dos-dedos. Estas noticias sam necessarias para a cura, e utis à Republica: Mas sem saber a situasam, e uzo das-partes, como se-podem saber, e pronosticar? Deve alem diso o Cirurgiam, saber conhecer a impressam, e forsa que tem o ar, nas feridas, e chagas: os temperamentos dos-doentes: os afetos do-animo &c. porque sem isto nam é possível, regular-se bem na cura. *Pareo* queixava-se, que com o rumor de cada descarga de artilharia, se-renovavam as hemorragias, principalmente naqueles que estavam feridos na cabeça: pela qual razam, aumentavam-se os sintomas, e a muitos se-acele-rava a morte. Certamente nam conhecera isto *Pareo*, se nam sou-

soubêse perfeitamente, quais eram as coizas que chamam, *nam naturais*. Aham-se omens, que tem o sistema nervozo, tam facilmente irritavel; que pola minima cauza padecem espasmo, convulsões, e semelhantes males. Outros quando vem sangrar, ou coiza semelhante, em que se-veja sangue, tem um verdadeiro desmaio, ou syncope. Se em omens de tal temprá, tendo alguma ferida de nada, succederem sintomas gravísimos; um Cirurgiam ignorante atribuirá o dano, à ferida: mas o douto conhecerá, que provém da-qualidade do-temperamento.

O conhecer os efeitos de um mal preventivo, em um doente, ou ferido, nam é proprio senam de um Cirurgiam, de bom raciocinio, e bom Fízico. Todos sabem que a Lue Venerea, e Escorbuto roem de tal sorte, a durissima sustancia dos-ossos, que apodrecendo-se, com o minimo toque se-quebram. Suponha V.P. que alguém deu levemente na caveira, digo, no cranio de um destes, e o-quebrou, e morreo: Um ignorante, atribuirá falsamente a morte, à pancada: um douto, nam. Quantos e quantos nam morrem por-ignorancia dos-Cirurgions, que ignoram a Fízica, e nem menos tem um bocado de bom raciocinio! Certo Cirurgiam ignorante, cozeo uma ferida a um soldado, debaixo de-teta direita. no-seguinte dia chamáram *Pareo*, o qual achou o homem com grande febre, difficulzoza respirasam, palavras interrutas, e com todos os sintomas de morte. Abrio prontamente a ferida, e voltando o ferido com a cabeça para baixo, fechada a boca, e nariz, tirou fóra da-concavidade do-peito; oito onças de sangue ja fedorento. Lavou delicadamente a concavidade do-peito: tiroulhe outro sangue congelado: e farou repentinamente o doente. Destes exemplos, podia eu citar infinitos. Muitas vezes por-ignorancia de alguns Cirurgioens, que applicáram às partes tendinozas, e membranozas causticos terriveis, nacéram males orrendos. O Arsenico applicado por-ignorancia, a algumas feridas; cauou grandes dores, febres, vigalias, ansias, desmaios, e perigo de morte. Tudo isto por-falta de Fízica, e bom raciocinio. E como muitos intendem, que nam sam obrigados a isto, os Cirurgioens: por-isto succede tanto inconveniente, na Republica.

Mas desta facultade á grande falta em Portugal: onde intendem, que para ser Cirurgiam, basta saber talhar a veia. E ainda nisto á bastante ignorancia: porque os-ensinam a sangrar omens vivos, sem lhe-mostrar primeiro, a dispozisam das-veias nos-cadaveres. De que vem, que estes aprendizes aleijam bastan-

tes doentes , ou lhe-fazem padecer dores incriveis . E observei uma coiza mui galante , que , quando lhe-falam em Anatomia , respondem com uma rizada . Perguntei a alguns barbeiros , que tinham carta de Sangrador , e Cirurgiam ; se tinham frequentado a Anatomia : e responderam-me , que alguma vez tinham ido ver um cadaver , para satisfazer ao estilo : e contudo iso eram Licenciados . Isto digo na Corte , aonde no-hospital Real , á um Anatomico estrangeiro . Mas se saimos fóra dela , acharemos , que nenhum Cirurgiam vio cadaver aberto : o que fei com toda a certeza . E chamam-se estes , Cirurgioens ! e á quem se-meta , nas suas maons !

Eu ja lhe-perdoára , que nam sosem Filozofos , e nam soubesem curar por-principios : o que nam posso soffrer é , que nam saibam nada da-Anatomia , sendo esta a parte mais necessaria em um omem , que á-de fazer operaçoens de maons . De que vem , que a quem succede uma desgraça , e os-chama ; se nam é coiza de pouco cuidado , ou á-de chamar um estrangeiro , ou á-de morrer . E o que acho mais galante é , que separam da-Cirurgia , as suas dependencias ; como se-sosem facultades diversas , e contrárias . v.g. Deslocou-se um oso do-pé , ou do-braso : nam á Cirurgiam , que saiba curar isto . é necessario recorrer a um omem , a quem , com um vocabulo novo , chamam *Algebrista* . o qual é um tremendissimo ignorante , que com tanto voltar a parte , se nam tem a felicidade de a-consertar logo , aleija o doente . Conheci uma Senhora , a quem um Clerigo deslocou duas costelas , querendo consertar-lhe uma : e ficou toda a sua vida , com uma deformidade nas costas . Nem pode succeder de outra sorte : porque se o Cirurgiam nam sabe Anatomia , como á-de sabèla o outro , que cura às apalpadelas ? Certamente sem ver distintamente os osos , no-seu estado natural , e considerar a sua figura , e o modo com que se-encaixam uns nos-outros : como tambem sem conhecer , de quantos modos se-podem deslocar , e que coiza se relaxa , ou rompe , quando se-deslocam ; nam é possível , conhecer esta enfermidade : e sem este conhecimento , nem menos é possível , curála . Mas pior é , quando se-servem de algum omem do-campo , de quem dizem , que tem virtude de curar . Estes sam os mais perigozos . é melhor dar outra queda , que meter-se na mam de um destes . Emfim parece-me que neste Reino , necessita-se mais de Cirurgia , que da mesma Medicina ; nam obstante ser esta tam má , como se-ve .

Tendo apontado brevemente a V.P. os defeitos da-Medicina

na d'este Reino ; segue-se sugerir-lhe o metodo , com que se-pode estudar Medicina , que seja proveitosa : que é o ponto que V.P. me-encomenda , em todas as faculdades deque me-fala . O que farei brevemente : Digo , que o Medico deve estudar primeiro , boa Filozofia : e se tem estudado alguma má , esquecer-se dela , para estudar outra melhor . o que pode fazer com brevidade , segundo aponte em outra carta . Pode-se fazer isto , em dois anos e meio muito bem , sem falar na Etica : ou ainda em menos , segundo a capacidade do-estudante .

Entrando na Medicina ; para poder formar conceito dela ; deve primeiro saber , a historia da-Medicina : como comefou , e se-aumentou , e descaio , e se-restaurou , e prosegue atualmente . E sendo que a Medicina destruiu-se , e se-alterou com mil coizas falsas ; para evitar isto , é necessario entender , que a Medicina nada mais é , que a *arte de evitar a dor , fraqueza , e morte : ou de conservar a saude presente , e recuperar a perdida* . Isto consegue-se com duas coizas 1. com a exata observasam , de tudo o que succede , no-omem sam , doante , e morto . 2. com o exame daquelas coizas , que nam descobrem os sentidos , mas alcançam-se com o discurso : comparando umas com outras , para saber o que é comum , e particular a algumas . Intendendo isto , e lembrando-se do-que é corpo , e alma : deve afentar o estudante , que o exame , principalmente sendo desmaziado , de todos os principios Metafizicos , e Fizicos insensiveis do-corpo humano , nam é necessario ao Medico : e assim da-Fizica basta saber a Chimica , Mecanica , Historia Natural : como ja aponte em outra parte . Tendo estudado isto , deve no-primeiro ano examinar , que coiza é este particular corpo , ou composto , em que á-de ocupar , todo o seu cuidado . Onde

No-primeiro ano de Medicina ; deve o estudante aprender bem a Anatomia : porque aindaque tenha tido , alguma noticia dela como Fizico , esta nam basta a um Medico : mas quer-se maior e mais particular estudo , do-corpo humano . Divide-se a Anatomia em duas partes : uma trata dos-*solidos* , outra dos-*fluidos* . Sobre os solidos , deve o omem formar conceito , de que-partes sam compostos os osos , e canais : da-sutileza das-fibras , e vazos do-noso corpo : que sam imperceteveis com o microscopio . Isto requer pouco estudo . Esta considerasam dos-solidos naturalmente se-divide , em 4. partes . A 1. trata dos-*Osos* . Aqui deve conhecer , nam só a figura deles , que consiste na definiçam da-superficie ; mas tambem a estrutura , que consiste na figura por-to-
das

das as partes, ou compozifam. Primeiro, estuda-se alguma coiza disto, nos-livros: despois, na-propria ofadura do-cadaver: na qual mais facilmente se-ve, a dispozifam dos-ossos: tendo sempre à vista autores, que expliquem isto. A 2. trata dos-*Musculos*. Onde deve considerar, a descriçam dos-musculos, e de que se-compoem: notando que coiza é carne, tendines ou nervos, que unem os musculos com os ossos: e examinando como se-unem com as partes; e qual seja o seu uzo. Isto primeiro veja-se nos-livros, e figuras; despois no-cadaver: pois nam é possível, que as estampas exprimam tudo. A 3. parte é o conhecimento das-*Entranhas*. Compoem-se elas de vazos, nos-quais se-mudam os umores, em nutrimento do-corpo: no-que se-distinguem dos musculos: que aindaque tenham vazos, nam servem para converter o nutrimento. Desta especie sam o Coraçam, Cerebro, Befe &c. Despois deve estudar, a descriçam das-*Glandulas*. A 4. trata dos-*Vazos* separadamente: em que se-progunta, onde nãsam: onde estejam: como penetrem polas outras partes. E neste numero podem entrar os *nervos*, que tambem sam vazos. Tudo isto primeiro, se-deve ler, por um auctor, que tenha figuras grandes: despois, velo no-cadaver: observando tudo bem, para fazer memoria local.

Do-estudo fundado da-Anatomia, deve pafar no-segundo ano, a ler algumas Instituiçoens Medicas; que exponham em breve, e diligentemente, todas as partes da-Medicina. A primeira parte das-Instituiçoens, expoem o uzo das-partes do corpo umano. A Anatomia mostra somente as partes: mas nam basta isto ao Medico: é necessario saber miudamente, o uzo dasas partes, para conhecer, em que coiza servem à vida, e se pode esta conservar-se, ou recuperar-se sem elas. Estes conhecimentos seguem-se naturalmente, e necessariamente uns dos-outros. v. g. Para conhecer o uzo das-partes, é necessario ter noticia da-Matematica, da-Fizica, e alguma coiza de Chimica: que é uma particular parte da-Fizica. Estes sam os principios. A isto se-segue o conhecimento da-Anatomia: que expoem a materia, em que se-am-de exercitar, eses principios. Posto isto segue-se examinar, o uzo das-partes. pois sabendo o que é comum, a todos os corpos; e tendo ideia da-machina umana; é facil descobrir o uzo das-partes, de que se-compoem. Este é um dos-pontos fundamentais da-Medicina: e quem nam asenta nestes principios, erra. O que succede nam só a todos, os que nam estudáram estas ciencias; mas ainda aos mesmos que as-estudáram, quando algumas vezes quize-ram

ram afastar-se deles . Ja disse a V.P. que Borelli , Bellini , Bernoulli , Keill , e outros insignes Matematicos , e Medicos do-seculo pasado , que ajudaram consideravelmente estas ciencias , quando discorrem fundados nos-principios ditos , ninguem fala melhor : mas quando se-afastam do-seu sistema , e querem tomar como *datos* , certas coizas , que nam sam demonstradas ; v. g. que no-sangue se-acha *terra* , *sais* , &c. erram : e o mesmo lhe-lucede , quando querem dar razam de tudo . Onde quem nam toma por-*dato* aquilo , que é evidentemente demonstrado por-todos , erra na explicafam do-uzo das-partes . E neste particular nam valem nada os Medicos todos , (sem excetuar Ipcrates , nem Galeno , nem a escola Grega , ou Arabia) que escreveram antes do-ano 1628 : no-qual Harveo mostrou ao mundo erudito , a circulafam do-sangue . Antes de Harveo era Senerto , como diz um grande omem , um famoso teoretico . mas quando quer dar razam do-uzo das-partes , diz muita parvoice : porque ignotava a circulafam do-sangue , com a noticia da-qual é que viemos a conhecer , o verdadeiro uzo de muitas . Nos-tempos de Harveo , e ainda despois , acham-se mil coizas , prejudiciais à boa Medicina : porque os Chemicos , que entam appareçeram , quizeram dar razam de tudo , por-meio das-suas fermentaçoens , e efervecencias dos-fluidos . No-que supunham , o que deviam provar : pois nunca prováram , que avia tais efervecencias . Outros quizeram com a pura Anatomia , dar razam de tudo : o que nem menos pode ser . Estes pola maior parte sam Cartezianos : os quais , esquecidos da-Matematica , que mostram estimar , tambem supoem , o que nam provam . Assimque nesta materia deve o estudante , ter muita advertencia , de nam abraçar na Fizica , senam aquilo , que a experiencia constante mostra , ser assim : e nos-raciocinios abraçar somente , o que se-funda em principios , de que ninguem pode duvidar . Sam poucos os autores , que em tudo e por-tudo sigam , está moderaçam : mas acham-se alguns mais modernos , que procedem com esta regra ; como abaixo apontaremos .

Nesta parte explica-se , como o Omem come . Trata-se da-saliva , asám do-ventre , intestinos , chilo , limfa , separafam do-escremento : como obra o mesenterio no-chilo : dutos chilliferos : fabrica das-arterias , e veias : circulafam do-sangue : corafam , e suas afoens : bofes , e forfa das-arterias nos-bofes : natureza do-sangue , partes , e seus fenomenos : modo como as arterias entram no-cerebro , e cerebello : fabrica das-glandulas , e seus uzos : asám do-baço , omento , figado , rins , bexiga : asám dos-musculos , e

da-cutis: suor, transpirasam, nutrimento, e diminuisam dos-sentidos internos, e externos: vigilia, sono, voz, &c. semente, menstruos, e parto.

A outra parte das-Instituisoens, é a *Patologia*. Esta trata geralmente, do-conhecimento das-doensas, suas differenças, cauças, e efeitos. Conhecidas as açoens, que obram no-corpo umano os liquidos, dentro dos-vazos, a que chamam *funsoens*: deve-se advertir, que ou sam *vitalis*, sem as quais nam se-pode viver: ou *naturais*, que suministram ao intendimento, e à vontade objectos, v. g. os sentidos &c. Conhecido isto, conhece-se em que consiste a vida: e sem que coizas possa durar: como tambem em que consiste a saude, que é a faculdade de executar perfeitamente, todas as suas açoens. De que se-conclue, que o estado do-corpo, que impede executar alguma asám, chama-se *morbo* ou *doença*: as quais sam tantas, como as açoens. Destas é que trata a *Patologia*. Este conhecimento segue naturalmente a *Fisiologia*, ou uzo das-partes. pois é certo, que quem conhece bem, o uzo das-partes, facilmente reconhece os impedimentos, que rezultam nellas partes: e com grande probabilidade, pode descobrir as cauças.

A 3. parte das-Instituisoens é a *Semeiotica*. Aindaque as doensas sejam obscuras, como sempre vem acompanhadas de alguns sinais; por-estes-pode vir no-conhecimento delas. Assimque a *Patologia* ensina a conhecer, polos sinais passados, presentes, e futuros; os sinais proprios da-saude, ou enfermidade actual, a que chamam *Diagnose*: ou futura, a que chamam *Prognose*. Esta é a principal parte da-Medicina, e a mais difficultoza. Nela os antigos escreveram melhor, que em outra alguma: aindaque muitos ignorassem, as cauças das-enfermidades. pois é certo, que eu posso saber os sinais todos, de alguma particular doença v. g. da-*pleuritis*, sem saber, que coiza seja esa doença, nem como se-cure. Mas como eles nam conheciam, qual era a machina do-nosso corpo, e a circulasam do-sangue; nam podiam descobrir, as verdadeiras cauças de muitas enfermidades. O pior é, que ainda depois de Harveo, se-tratou isto muito mal, pola razam que dá Boerhaave: pois os Chemicos, que entam floreceram, desprezaram os sinais: e todo o seu ponto estava, em querer curar. Os Cartezianos, e Gazendistas só cuidaram, em fazer supozisoens, e inventar sistemas. E assim só no-fim do-seculo passado, e principios deste, é que comesou a resucitar este estylo, das-observaçoens dos-sinaes, para fazer os pronosticos acertadamente. E

com effeito a isto è que o Medico Pratico, se-deve aplicar mais . Mas com esta advertencia , que deve servir-se dos-Antigos , para as duas partes da-*Semiotica* , que sam *Diagnose* , e *Prognose* : em que alguns deles escreveram bem : porem para dar razam das enfermidades , e metodo de as-curar , servir-se dos-Modernos .

A 4. parte da Medicina , è a *Hugieine* , ou *Dietetica* : que explica a arte , de conservar a faude prezente , e prevenir as doensas , que o temperamento pode produzir ; e dispor a vida , para durar muitos anos . Ela expoe o uzo das-coizas , com que se-pode conservar : o que se-pode conseguir , com poucos preceitos . Onde basta observar , o que pode ser proprio ao temperamento , e à idade : variar as occupaens : fugir de toda a forte de segredos , que inculcam muitos Medicos : a abstinencia de comer , è as vezes grande remedio . Alguns antigos escreveram bem , nesta materia : mas os modernos excedem-nos muito .

A 5. parte , è a *Terapeutica* . Esta ensina a conhecer nos-doentes , que doensa tem : e em virtude destes preceitos saber , que remedios se-requerem , para a cura , e como se-aplicam : a que os Medicos chamam , descobrir os *indicantes* , *indicafam* , e os *remedios* , ou instrumentos da-Medicina . Comprende duas partes . 1. explica como se-conhecem estas tres coizas ; mostrando , quais sam os instrumentos da-Medicina . 2. expoe o metodo de curar : que consiste , em propor regras , polo indicio das-quais pode o Medico conhecer , os *indicantes* , *contraindicantes* , *repugnantes* &c. Uma destas partes segue-se da-outra . pois conhecendo o Medico , a vida do-doente , suas cauzas , natureza , sequelas , e graos : e observando a doensa prezente , cauzas , indole , sequelas , sintomas : conhece facilmente , que coiza deve fazer , para conservar a vida prezente , restaurar a debilitada , e remover o embaraço : como tambem que instrumentos deve aplicar : de que modo : em que tempo : e com que ordem o-deve fazer . Nisto se-compreendem as *Institutoens* , que dirigem todo o estudo da-Medicina . Estas deve estudar o principiante no 2.º ano , para formar ideia , de toda a Medicina em breve : e com esta noticia pode , polo tempo adiante , examinar e dilatar as suas partes , e formar verdadeiro conceito , de cadauma delas . Mas aqui devo advertir , que quem tem bons principios de Filosofia , e se-serve de *Institutoens Medicas* claras , pode , em menos de um ano , compreender maravilhosamente isto .

Depois das-Institutoens , segue-se a *Praxe Medica* : que è

uma applicam de todas as partes das-Instituiçoens , ao doente . Nas instituiçoens , dam-se regras gerais : a Praxe , ensina as particulares . Consiste pois a Praxe 1. Em conhecer no-infermo particularissimos , as particulares doensas : o que supoem o conhecimento da-vida , e saude do-omem , quero dizer a *Fisiologia* , que ensina o uzo das-partes . 2. Curar cadauma das-doensas , com os seus particulares remedios , e com um particular metodo , proprio de cadauma . Isto supoem , que deve conhecer , a virtude dos-medicamentos , e a *Cirurgia* . Alem diso , o aplicar o dito remedio , pertence a um omem , que saiba conhecer o efeito futuro : onde , requer a doutrina dos-sinais , e do-metodo de curar . Ponho exemplo no-desmaio . O Medico nam considera , o que é desmaio em geral , porque ja o-supoem sabido . Este pode proceder de medo , de falta de forsa , de algum cheiro agudo &c. mas no-cazo particular , diversamente se-cura , cadaum destes desmaios . E por-isto devo conhecer , a cauza singular de cada enfermidade , para lhe-saber aplicar um singular , e propriissimo remedio . Reduzem-se os remedios , a trez clases . 1. operaçoens de mam : 2. sustento do-infermo : 3. outros remedios exteriores &c. Onde toda a Medicina Pratica se-reduz , à *Cirurgia* , que é a que cura , com as operaçoens de mam : à *Dietetica* , a que comumente chamam *Dietã* : e à *Farmacutica* , que trata dos-outros remedios . Mas destas trez partes se-compoem duas profissoens , de Medicina Pratica . Uma , é a Medicina *Cirurgica* , que ensina a conhecer , e curar as doensas , que se-podem tocar com a mam mediata , ou imediatamente . v. g. cortar um tumor : consertar un oso do-braso , costela &c. Outra parte , é a que ensina a curar , todas as doensas internas , que encerra a *Dietetica* , e *Farmacutica* : aindaque destas se-sirva às vezes o *Cirurgiam* . A esta chama-se simplesmente *Medicina* : e em alguns Reinos , *Medicina Fizica* , para a-distinguir , da-*Medicina Operativa* . E nisto novamente conhecerá V.P. que aindaque estas duas profissoens , estejam oje separadas ; ambas supoem os mesmos fundamentos . Onde deve o *Cirurgiam* , saber algumas coizas , que sabe o Medico : sem as quais , nam é posivel conhecer as cauzas , de muitas enfermidades : que , aindaque externas , tem muitas vezes internas cauzas . Sem as conhecer , nam as-pode curar bem : e por-consequencia , este deve ser todo o seu emprego . Mas , deixando agora o *Cirurgiam* , torno ao Medico .

Digo pois , que no-3.º ano deve estudar a *Praxe Medica* , com todo o cuidado : indo no-mesmo tempo aos Ospitais , recon-

he-

hecer a verdade, dos-ditames que lé. Com esta ocaziam, pode tambem observar, algumas partes da-Anatomia miudamente: sendo certo, que duas coizas nunca deve deixar o Medico. 1. a Anatomia, em todas as ocazioens, que ouver disesám de cada-ver, e comodidade para iso. 2. a observasam dos-sinais no-doente, para poder acertar, nos-seus pronosticos. Se um Medico vivèse cem anos, sempre teria necessidade disto, principalmente do-ultimo: e assim algum dia na semana é necessario, que vá ver estas coizas, ainda despois de estar adiantado na Medicina. O metodo de o-fazer é este. Nam deve correr por-muitos doentes: mas escolher cinco ou seis: e nestes observar miudamente, todos os sinais, e istoria da-infermidade: e escrevèla, sendo necessario. Assim o-fizeram, e fazem omens mui grandes: de que lhe-rezul-tou, grande utilidade. Com este metodo, pode em trez anos, compreender toda a Medicina. o 4. ano fica para os atos publicos: e despois, dois ou trez anos, para exercitar a pratica. Apostarei, que se-fizerem esta experiencia, reconhecerám, quam diferente utilidade se-tira. Toda aquela machina de anos, que comumente se-empregam na Medicina, mete medo, e nam servè para nada; porque falta o metodo. Aqueles atos que eles fazem, tem belos e pompozos nomes; mas nam aproveitam nada. Com um exame particular, no-fim de cada ano, e trez atos publicos, no-quarto, se-concluia tudo melhor, e com menos trabalho. Vamos ao Cirurgiam.

O que devo dizer do-Cirurgiam, se-reduz a poucas palavras: porque manifestamente se-colhe, do-que acima digo. Deve o Cirurgiam saber Latim, e sofrivelmente Filozofia, antes de intrar no-Ospital. Despois a Anatomia, e uzo das-partes deve occupar, toto o seu cuidado. Despois, deve estudar as Instituiçoens de Cirurgia: mas principalmente, deve aplicar-se, à Praxe desta Cirurgia: cortar pernas, abrir cadaveres, trapanar o cerebro, tirar a pedra da-bexiga, cozer uma arteria &c. e outras operaçoens igualmente difficultozas, que utis ao genero humano. Se assistir cinco ou seis anos, em um Ospital, pode fazer isto maravilhozamente; como vi muitas vezes. Quem nam segue esta estrada, é um mero sangrador: e nem menos é capaz, que lhe-entreguem a lanceta, sem grande medo.

Tenho dito a V.P. o meu parecer, sobre o metodo de regular o estudo da-Medicina, e Cirurgia: para poder, com menos tempo, chegar ao fim, de saber alguma coiza util. Mas nenhum destes documentos aproveitará, se o estudante nam souber, que li-vros

vros deve estudar: porque aindaque um omem tenha, boa vontade de estudar; se nam tem mais que livros maos, nam pode faber nada bem. Conheço, que um omem que estudou Filozofia, polo modo que ja aponteí, faberá abraçar fonte, as coizas que sam certas, e rejeitar as duvidozas. Mas alem deque isto pede infinito trabalho, e discernimento, o que nam costuma ter um principiante; acha-se outra forte razan, e vem azer; que a maior parte destes livros uzuais, estam tam cheios de fabulas, e ipotezes ridiculas, que quazi me-atrevo dizer, que neles nam á que escolher. Esta considerafam me-obriga, em uma materia tam emportante, em que corre risco nam menos que a nossa vida; apontar alguns dos-melhores autores, para este estudo. Daqui rezultará duaz utilidades: 1. terá V.P. noticia dos-melhores, quando os-quizer consultar: o que nam é pequena vantagem, para um Filozofó; saber onde pode achar noticias certas, das-partes da-Fizica. 2. pode fazer um grande serviso, aos seus amigos Medicos; se lhe-comunicar estas noticias: pois nam só lhe-ensinará, o que eles ignoram; mas pouparheá muito dinheiro, que podiam, e deviam empregar, em livros de nenhuma utilidade: quando com muito menos, podem conseguir o fim, que devem.

Sei muito bem, que neste particular, acham-se infinitos prejuizos em Portugal: e omens conheço eu, prezados de doutos, que se-rim dos-que tem noticia, dos-livros bons; chamando lhe, Ciencia de livreiro; mas destes tenho compaixam, porque nam intendem o que dizem. Aindaque um omem nam tivese aberto os livros, mas somente soubese os autores, que tratam bem as materias; era esta noticia util, para si, e para os amigos: e nam deviam zombar dela estes, que nem menos esta ciencia tem. Muito menos devem rir-se, dos-que tem esta ciencia, e tambem á noticia das-materias. Est's amigos nam sabem, que uma parte de qualquer ciencia, é a istoria dos-celebres escritores dela. Quem jamais condenou S. Jeronimo, Focio, Belarmino, Owdin, Cave, Warthon, Dupin, e outros muitos, porque escreveram a istoria, dos-escritores Ecclesiasticos? Quem condenou os outros, porque escreveram a Istoria, dos-outros escritores, ou o Index dos-autores polas materias? Todos reconhecem, que nam á coiza mais util, que esta. E se isto é louvavel, nos escritores mortos, porque á-de ser condenavel, nos-vivos? Alem diso, que utilidade nam rezulta a um omem, de saber, quais sam os melhores autores? tem prompta a materia, para o que quer: e poupa muito dinheiro.

dinheiro; pois com poucos livros, pode ter uma grande biblioteca. Nam tenho falado com omem douto, que nam estimáse muito esta noticia. E eu confesso, ter empregado nisto, bastante tempo: e todos os dias experimento, a utilidade. Onde, sem fazer cazo destes censores, apontarei os autores necessários: parte dos-quais eu li: outros achei citados por-autores grandes: e de todos me-enformei, com Medicos de grande supozisam.

Sobre a Fizica ja disse a V. P. em outra carta, o que avia que dizer. A Fizica experimental acha-se fomite, nas obras das-Academias, que se-abrîram nos-fins do-seculo pasado &c. e nos-Diarios Francezes, e Italianos, que entam comésaram: e tambem nos-Diarios Inglezes, e Olandezes &c. Nestes se-acham muitas dissertaçoens volantes, que os coletores unîram, e tratam materias importantissimas. Antes das-Academias Regias, só acho trez autores, que se-posam ler com utilidade: *Bacon de Verulamio*, o *P. Merseno*, e *Roberto Boile*, o qual ultimo é coetaneo, da-de Londres.

Os autores que no-seculo pasado (antes tudo é ignorancia), escrevesem a Fizica Racional sem ipotezes, mas deduzida de boas experiencias, tambem nam sam muitos. Antes de *Newton* acham-se rarissimos: e nem em tudo sam iguais, pois devem-se reformar, em certas coizas. Os melhores sam *Galilei*, *Torricelli*, *Castelli*, *Borelli*: aindaque este tropece bastantemente na Chimica, e especulasam: *Bellini*, e *Huygens*: o qual ultimo no-sim da-vida, renunciou o Cartezianismo, que seguira. *Mariotte* nas suas *Experiencias Fizicas*: *Perrault*, *Amontons*, *de la Hire*. Mas sobre tudo *Isaac Newton*, que abriu melhor os olhos ao mundo, com todos os que o-seguiram, alguns dos-quais com outros mais acham-se, nas Coleçoens das-Academias. Esta sorte de autores servem, para examinar fundamentalmente as materias, nas ocaçioens necessarias. Verdadeiramente nam sam para todos: e os rapazes, como ja avizei, devem primeiro estudar, por-um mais moderno Newtoniano, que trate toda a Fizica: v.g. o *Martinoz*: e a seu tempo consultar os autores, no-que tratam.

C H I M I C A .

Pasando à Chimica, que é parte da-Filozofia experimental, mui necessaria ao Fizico, para saber as naturezas singulares dos-corpos, as quais conhecem-se, mediante aquelas separaçoens: e é tambem necessaria ao Medico, que deve saber fazer algumas experiencias, e excitar alguns movimentos &c. esta, como digo, trataram alguns omens grandes separadamente. Quem nam á-de pa-
sar

far a vida nela, basta estudar por-algumas Instituições. Os que melhor escreveram Instituições, são os seguintes. Monsieur l'Emery: são melhores as ultimas edições, principalmente deste século. *Corrado Barkausen*, 4.º *Leiden* 1717. *Monsieur le Fevre* 12.º 2. v. mas sobretudo *Hoffman* 4.º e *Boerhaave* 8.º

Alem destes Institucionarios, que ensinam as operações, instrumentos, objetos da-Chimica: é necessario ao Chimico saber, quais são os que, seguindo este metodo, experimentaram bem: e, por-este meio, deram novas luzes à Medicina. Foram nisto insignes, *Boile*, *Kunchel*, *Nehemias Grew*: e outros que se-acham, nas Coleções das-Academias, como são *Homberg*, *Geofroi*, *Vieussens* &c.

Acham-se Chemicos, que trataram mui bem, da-Farmacia Medica, ensinando o modo de conhecer, e preparar os *Simplezes* &c. Para as *Plantas*, que podem servir, são bons *Boile*, *Grew*, *Dedu*: que se-acham em um tominho em 12.º impresso em *Leiden* 1691. *Michelli* em um volume in fol. *Dodart*, *Bignon*, *Geofroi*: as obras dos-quaes se-acham nas Academias &c. Para tirar das-Plantas os remedios, são insignes *Angelo Sala* = Chimica 4.º e *Schrodero*, Farmacia 8.º *Quercetano* é passavel, em 4.º mas tudo isto traz *Boerhaave* bem, na sua Chimica.

M A T E R I A M E D I C A .

A Materia Medica, ou o que se-acha no-mundo, util para curar, que pela maior parte são simpleses; trataram muitos autores: mas poucos bem. Para os principiantes aponto dois. *Marcgravius* = *Materia medica contracta*. 4.º *Schroderus*, na sua Farmacia. Em falta destes, pode-se ler *Samuel Daale*: e em qualquer deles se-achará, o que é necessario, e com boa ordem. Os que quizerem noticias extensas, podem lèlas no-*Fallopio*: são trez tomos fol: ou no-*Dioscorides*, da-edição de *Bauhino*. Estes compreendem tudo: e especialmente o ultimo mostra, a differença que se-acha, entre os remedios antigos, e modernos.

Não é necessario ao Medico, ser consumado *Botanico*: pois com tanto que conheça as ervas, que servem para a Medicina; as quaes se-reduzem a pequeno numero, pode curar bem, sem se-embrulhar com a noticia, de todas as outras ervas. Mas quando quize se, profundar esta noticia, ou para si, ou para ensinar aos outros; deve servir-se, das-Instituições de Monsieur *Tournefort*, que ensina o melhor metodo, de as-conhecer. Para distinguir as antigas, das-modernas, são otimos *Fabio Colonna* em 2. volumes in 4.º e *Joana Bauhino* 3. v. fol. do-qual ultimo

copiá-

copiaram os seguintes . Para as virtudes , *Dodoneo* , fol. mas das-ultimas edisoens , com escolios . *Morison* , 2. v. fol. e *Joam Raió* : os quais aindaque acrecentafem algumas coizas suas , contudo , a fustancia dela tiráram-na de *Baubino* , como advertio entre outros *Boerhaave* .

A N A T O M I A .

Paſemos à Anatomia , na qual achará V.P. mil autores : mas a maior parte com defeitos . Os modernos devem-se preferir , aos antigos , porque tem mais experiencias , e vîram mais : mas nem por-iſo os-antigos , defmerecem em tudo . Acham-se autores , que excederam em alguma parte da-Anatomia : outros , que eſcreveram ſomente de uma parte , e bem . E' neceſario ter noticia de todos eſtes , para as ocazioens . Eſta é a ordem que ſeguirei : no-fim apontarei , os que comprehendem tudo :

Dos-Oſos e ſua geraſam , eſcreveo melhor que ninguem *Jozé du Verney* . Mas as ſuas obras publicáram outros , ou dicipulos , ou ſequazes . um foi *Monſieur Clerc* = *Cirurgie Complete* : 8.º Par. 1706. mas nam tem figuras : outro é *Palfyn* , na ſua *Oſteologia* . Tambem eſcreveo muito bem *Derelincourt* = *Conceptus de Conceptu Humano* . 12.º 1685. e *Clopton Havers* = *Oſteologia* 8.º 1691. Eſtes todos ſam modernifimos . Dos-velhos , ſam inſignes dois : *Veſalio* = *Anatomia* : porem deve ſer da-edifiſam de *Boerhaave* em *Leiden* 1725. na qual acham-se emendados alguns erros , e tem excellentes figuras : outro é *Joam Riolano* = *Anatomia* fol. nam traz figuras , mas copiou tudo o bom , que ſe-acha nos-antecedentes .

A ſegunda parte da-Anatomia trata dos-*Muſculos* . A iſtoria dos-muſculos , tratou *Covperus* in 8.º mas é Inglez : e *Ridleus* = *Anatomia do-Cerebro* 8.º A uniam dos-muſculos com os oſos , mediante aquelas partes , a que chamam *tendines* , e ſam quazi ſemelhantes aos nervos ; deſcrevem alguns Anatomicos . Para as figuras , é inſigne *Veſalio* : para a deſcriſam deles , *Fallopio* é inimitavel : mas deve ſer da-edifiſam de *Wechelio* , em *Francfort* 1600: as outras tem varios erros : e eſte emenda o *Veſalio* , em varias coizas . *Riolanus* , o filho , é bom para os diferentes nomes . é um livro in fol. 1650. Pariz . Mas para os-diferenciár bem , ninguem melhor que *Monſieur Clerc* , que niſto excede a todos os outros . Para o uzo dos-muſculos , é ſamozo *Gabriel Covperus* , na ſua *Myologia Reformata* : *Louvers* = *de Cordis Muſculis* : e tambem ſalam mui bem niſto , *Veſalio* , *Fallopio* , *Riolano* , *le Clerc* : e o meſmo *Borelli* , no-feu livro , de *Motu Animalium* , pode dar alguma

luz sobre os musculos: porque se-fervio das-noticias, dos-melhores Anatomicos viventes. Para saber descobrir por-sinexmo no-cadaver, os musculos, e mostrar todas as suas partes; dam boas regras *Covperus*, e *Lyserus*. Mas ninguem melhor, que *Vesalio*, expoem as figuras dos-musculos, e o-modo de os-descobrir. tambem as Tabulas do-*Spigelio* sa n boas.

A terceira parte da-Anatomia sam as *Entranbas*: materia vastissima. Brevemente apontarei os melhores, sobre as entranhas principais. Do-*corasam*, tratou bem *Louvero*, e *Ruyfchio*. mas melhor que nenhum, *Vieussens*, in 4.º Do-*cerebro* tratou *Willis*, cujo livro é famoso polas figuras: as melhores edifoens sam *Londres* 1664. e 1670.: e *Vieussens* da-edifam in fol. é ainda melhor para as figuras. *Ridley* 8.º 1695. é bom, e tambem *Malpighi*. Dos-*boses*, *Julio Casserio*, mas da-edifam de *Padova* in fol: e *Malpighi*, nas suas Epistolas postumas. Do-*ventriculo*, e *intestinos*, *Conradus Peyerus*, no-tratado de *Glandulis*, e no-tratado de *Ruminantibus*. *Aquapendente* escreveo bem sobre o mesmo, fol. Do-*baso*, o melhor é *Derelincourt* 8.º tambem *Velthuyfen*, e *Malpighi*. Do-*pancreas*, *Brunerus*, *Peyerus*, e melhor de todos, *Warthon*. Do-*mesenterio*, *Warthon*, *Aquapendente*. Do-*figado*, escreveo bem *Glissonio* 8.º despois, *Malpighi*, e *Ruyfchio*. Dos-*rins*, *Eustachio*, *Bellini*, *Malpighi*. Dos-*vazos destinados à gerasam no-omem*, dois Anatomicos escrevèram insignemente: *Leal Lealis*, e *Graaf*: despois destes, *Morgagni*, e *Ruyfchio*. Dos-*vazos destinados à gerasam nas femias*, o melhor é, *Derelincourt*: despois, *Graaf*, *Svamerdam*, *Vieussens*, *Malpighi*. Das-*glandulas*, o que trata melhor é, *Warthon*, e tambem *Malpighi*, e *Nuckio*.

A quarta parte da-Anatomia trata dos-*Vazos*. As *arterias* ninguem as-pinta melhor, que *Vesalio*. l. 2. p. 485. é *Covpero*. zab.3. *Appendic. Bidleiana*: tambem *Ruyfchio* explica bem algumas coizas. Das-*ultimas arterias* trata bem *Bellini*, na epistola *ad Pitcornium*. Para mostrar as diferentes ramificacoens das-*veias*, ninguem melhor que *Vesalio*, no-dito livro 3. p.450. 505. Das-*valvulas* nas veias, trata *Aquapendente*. Para conhecer o *fin das-veias*, e *arterias*, basta recorreer ao diligentissimo *Leeuwenboek*, no-seu 3.º tomo, *Secreta Naturae Ope Microscopiorum Detecta*. Muitos destes autores sam estimaveis, porque acháram o modo, de introduzir a cera nas veias, e arterias, em modo que sejam viziveis; e nam só os troncos, mas os ramos aparefiam. Sobre os *vazos da-limfa*, o melhor de todos, e que comprehend de tudo o que diferam outros, é *Heemsterhuys*, *Messis Aurea Anatomica*

tomica 4.º A este se-podem ajuntar dois insignes, *Olaus Rubeckius* 2. t. 4.º *contra Bartholinum*, e *Joannes Jacobus Pauli*: tambem o *Glissonius*, e *Bartholinus* 8.º nam escreveram; mal.

Alem dos-que escreveram sobre as ditas 4. partes da-Anatomia, separadamente; acham-se alguns, que trataram bem, de alguma determinada parte do-corpo. v.g. *De oculo*, escreveu bem *Ruyfchius*, in *Observationibus*: tambem *Hovius*; e *Nuckius*. *De aure*, os dois melhores sam, *Bartolomeu Eustachio*, e *Jozé du Verney*. *De lingua*, *Malpighi*, e *Bellini* &c.

Tenho apontado a V. P. os melhores em cada parte: agora direi os melhores em tudo. nam, que escreverem tudo bem; mas que entre os que escreveram tudo, e fizeram curso, sam os melhores. Um deles é *Vesalio*: que escreveu no-meio do-seculo 16.º tinha seus erros: mas estes emendaram *Boerhaave*, e *Albini*: e a edifam que nos-deram estes dois Medicos, em 1725. é famosa: nela se-emenda o texto, e se-acham famosissimas figuras. Alem deste, temos dois bons autores sem figuras. um é *Joam Riolano* fol. Par. 1650. outro, *Realdo Columbo* fol. e tambem se-fez outra edifam em 8.º Dos-que publicaram as figuras sem o texto, sb dois sam estimados polos inteligentes. um é *Eustachio*, com as notas de Monsenhor *Lancisi*: outro é o *Albini*, *Tabula Anatomica* folha grande. Mas como qualquer destas taboas, nam tem suficientes explicaçoens; quem as-quizer intendar, deve recorrer, ao curso Anatomico de *M. Winslou*, em Francez; ou Italiano, 4. volumes em 16.º O *Ruyfchio* no-*Thesaurus Anatomicus* 4. v. 4.º é bom para buscar nele, algumas coizas particulares. o mesmo digo do-*Morgagni*, *Adversaria Anatomica*. Dos-Compendios, os melhores sam *Heistero* 8.º *Bacchetoni* 4.º e sobre tudo, *Winslou*: este acha-se em Francez, ou Italiano: os outros dois em Latim.

INSTITUIÇOENS.

Daqui pasando aos que escreveram, cada parte das-Instituiçoens Medicas, apontarei em breve os melhores, segundo a mesma ordem que apontei, nas ditas instituiçoens. Poucos escreveram do-uzo, das-partes do-corpo humano, que nam pecassem contra a Anatomia, ou Mecanica, ou Fizica: contudo os melhores, e dos-quais, tirando algum erro, se-pode tirar muito, sam estes. *Borellus*, de *Motu Animalium*. *Bernoulli*, de *Motu Muscularum*. *Bellini*, de *Urinis*, *Pulsibus*, *Emissionis sanguinis*. 4.º 1684. & in *Epistola de Motu Respirationis* año 1670. & de *Motu Cordis* &c. *Piscarnius*, *Dissertationes Medica* 4.º 1701. *Keilk* mas este

pede muita Matematica, para se-poder intender. Os que sam menos ipoteticos sam os seguintes: *Matthaus Georgius*, *Elementa Scientia Naturalis*. Lucae 4.º 1707. *Della Ragione Vera, e Temerità nella Medicina*. Genova 8.º 1709. = *Phlebotomia* 4.º Geneva 1697. *Ascanius Maria Bazzekallibe*, *Novum Systema de Tumoribus*. Perrault, *Essais de Physique* 4.º 1721. Este omem é insigne Filozofa: e o mesmo digo do-Lamy, *Dissertations Anatomiques* 1685. Tambem escreveu bem *Guilelmus Kook*, de *Secretione animalium* 12.º 1674. Os que escreveram melhor dos-Sentidos sam estes. De *visu*, *Newton*; De *aure*, *Newton*, *Lamy*, *Perrault*, *Verney*, *Valsalva*. De *gustu*, *Fracassatus*, *Malpighi*, *Bellini*. De *olfatu*, *le Clerc*, in *Osteologia*: *Scheinederus*, de *Catharris*. De *actu*, *Malpighius*. Os que trataram bem do-uzo das-partes da-geralam, *Derelincourt*, *Conceptus de Conceptu*. 12.º *Leal Lealis*, de *Seminis ortu*: *Corvperus*, *Ruyschius*, *Leeuwenhoekius*, *Aquapendente*, *Malpighius*, *Harveius*.

P A T O L O G I A .

Nesta materia da-Patologia, deve-se fazer muito cazo, da-escola Ipcratica. O primeiro é *Ipcrates*: despois *Cornelio Celso*, e *Galeno*. Dos-modernos antes de *Harveo*, alguns escreveram bem dos-sinais das-doencas: mas quando querem dar razam delas, erram, porque sam ipoteticos: o que tambem succede a *Galeno* &c. Entre estes os melhores sam *Joan Bernelio*. fol. 1697. e o douto *Senerto*, que escreveu 6. volumes in fol. 1667. o qual só basta para dar noticia, de tudo o que nesta materia escreveram, os antigos Gregos, Romanos, Barbaros. Quanto aos que se-seguem despois de *Harveo*, pouco servem; porque pola maior parte sam ipoteticos.

S E M E I O T I C A .

Nesta parte da-Medicina, é insigne *Ipcrates*, em todas as suas obras. O melhor Comentador dele é *Ludovicus Durejus*, in *Coacas Hipocratis* fol. 1658. Este reduz todas as coizas de *Ipcrates*, a seus lugares determinados. *Galeno* nam é mau, mas tem seus defeitos. *Celio Aureliano* para a *Diagnose*, e *Prognose*, é muito bom. Mas tudo o melhor que disseram *Ipcrates*, *Galeno*, e os *Arabes*, expõem *Prosper Albinus*, de *Prasagienda vita & morte Egrotorum*. 4.º 1710. Para saber o verdadeiro modo de raciocinar na Medicina, veja-se *Bellini*, de *Pulsibus*.

U G I E I N E .

Esta parte da-Medicina ensina o modo, de conservar a saude presente. Neste particular os melhores sam, *Melchior Sebifius*.

bifus, de *Alimentorum Facultate* 8.º 1651. e melhor que este, *Santorius*, de *Medicina Statica*: e tambem *Verulamius*, de *Prolunganda vita*. Tudo o que os Antigos souberam, e fizeram nesta materia, traz *Mercurialis*, de *Arte Gymnastica Veterum* 4.º 1577.

T E R A P E U T I C A .

Para os instrumentos da-Medicina, que é o mesmo que dizer, remedios, veja-se *Fallopio*, e *Samuel Daal*, *Pharmacologia*, *Londres* 8.º mas melhor que todos *Marcgravius*, de *Materia Medica Contracta*. Para o metodo de curar, os que escreveram antes da-circulafam do-sangue, nada valem. Despois dela, acham-se tres autores, que sam bons: *Bernaldus Luvalve*, *Disquisitio Therapeutica Generalis*. 12.º *Amst.* 1657. *Fridericus le Boe Sylvius*, *Methodus Medendi*: as outras obras deste autor nada valem. *Wallens*, *Methodus Medendi* 12.º 1619. Nisto se-compreende, o que á de melhor nas-Instituifcoens.

P R A T I C A .

Para a praxe Medica, ou conhecer nos-infermos, os singulares males, e despois curálos, acham-se muitos autores; mas poucos deles bons. filo primeiro dos-Medicos, despois dos-Cirurgioens. Dividem-se comumente os autores Medicos, em trez classes: uns sam *Sistemáticos*, que fazem corpo de doutrina. outros *Tratadistas*, que fizeram tratados sobre estas materias. os 3. *Observadores*, que escrevem observafoens ou suas, ou alheias. Dos-sistemáticos, o melhor é *Ipcrates*, nos-seus *Aforismos*. De todos os seus comentadores modernos o melhor, é *Hollerio*, e *Francisco Valesio*. Estes dois omens tiveram a felicidade de o-comentarem, sem recorrer á ipotezes. *Areteo* de *Capadocia* deu melhor ordem, aos tratados de *Ipcrates*; e o-comentou muito bem: era na verdade um omem doutifimo. *Aetio Amideno* compendiou *Ipcrates*, e *Galeno*. Estes acham-se oje traduzidos em Latim. *Cornelio Celso* Romano tambem compendiou *Areteo*, e *Ipcrates*: e é muito necesario, para intender este ultimo. Mas tudo o que dise de hom a escola Grega, acha-se em *Oribasio*. Tirando estes, tudo o mais Latino, Grego, e Barba-ro, para nada presta, porque tudo é Galenico. Somente no-seculo 16.º *Capivacci* é menos mau; porque se-contenta, de apou-tar as coizas, sem querer filozofar. No-seculo 16.º refucitou á Medicina Ipcratica em Franfa: e alguns Francezes comentáram bem *Ipcrates*, como ja dise. *Hollerio* fez a sua *Pratica* in 4.º que nam é má. Alguns modernos escreveram da-Medicina dos-Egi-cios,

cios, Indios, Chinezes: e correram aquellas regioens, para as-examinarem: Estes podem servir muito, para mostrar, como se curou muita gente, sem se-valer das-nofas ipotezes.

Os melhores Tradadistas antigos sam, *Ippocrates*, *Areteo*, *Galeno*, e *Celio Aureliano*, que compendiou todos os Gregos, e Latinos, e nos-sinais é otimo. Dos-modernos, o *Ballonio* escreveu bem, de *Morbis Virginum & Mulierum Epidemicis*. 4.º v. 4. tambem *Ludovicus Mercatus*, de *Morbis Virginum*. *Morissaus*, de *Morbis Gravidar. Parturient. Puerperar.* todos estes sam otimos. *Morton*, *Harris*, *Listerus*, sam trez Inglezes modernos famosissimos: acham-se juntos em um tomo in 4.º *Sydenham*, de *Febribus* é otimo, e fidelissimo nas observaçoens: nas materias que escreve, ele só basta. Da *Tizira*, escreve bem *Christophorus Benet Londinensis* 8.º 1654. De *Morbis Catharrofis*, *Schei-nederus*. *Bellini*, de *Morbis Capitis*, *Pectoris*, *Febribus* é famoso: mas pola maior parte nam dá remedios, aponta somente os sinais. Da *Lue Venerea* escreveram muitos: mas poucos bem. os melhores sam estes: *Aloysius Luifinus* fol. 2. t. 1566. comprehende tudo o que disseram outros, antes dele. Porem os melhores e mais estimados sam, *M. Didier*, e *M. Astruch* 2. tom. 4.º que esgotam a materia.

Observadores, que escrevem a historia das-observaçoens, á tantos, que se-podem aquentar fornos. Mas de todos estes devemos fazer pouco caso: porque pola maior parte escrevem a historia da-doença, para concluir, que se-deve a melhora, ao seu remedio. O que nada serve aos outros: sabendo nós neste particular, quantas mentiras se-dizem. Assimque só devemos fazer caso de autores, que refiram fielmente, toda a historia da-doença, e como acabou; ou lhe-desem remedios, ou nam: e destes, como dizia, sam poucos os que sejam sofriveis. Os melhores nesta materia sam *Carolus Piso*, de *Morbis a Colluvie Serosa Oriundis*. 8.º vel. 4.º escreveu antes de *Harveo*: mas escreve bem, e contrareia os Galenicos. *Theophilus Bonetus*, *Sepulcretum Anatomicum*. fol. 3. t. 1700. Este omem comprehende tudo o que se-observára, nos-cadaveres abertos, e é famoso. *Nicolaus Peklinus*, *Observationes Medicae Anatomicae*. 4.º *Tulpio*, *Observationes* 8.º Alguns acrescentam a estes, *Petrus Forestus*, *Joannes Schenkius*, *Felix Platerus*: mas o certo é; que tem bastantes coizas mas: porem o primeiro pode pasar, porque dá noticia do-que disseram Gregos, Romanos, Arabes, sobre os tais males. Pode-se ajuntar a *Academia Leopoldina*, ou do-Imperador Leopoldo: e o

Zodiaco-Medico-Gallus de *Nicolao de Blegni*, em que se dá noticia, de muitas observaçoens: mas nestas á bom, é mau. Intendido isto, deve-se fugir, de todos os outros observadores: pois, como adverte bem *Sydenham*, perderemos o tempo, e embrulharemos o juizo.

D I E T A .

Da-Dieta entre os antigos escreveu bem *Ipcrates*, nos seus tratados de *Vitru*: que comentou famosamente *Pedro Girardet* em 8.º *Galeno* tambem escreveu sobre esta materia: e esta é a sua melhor obra. Alem destes, *Arnoldus de Villa Nova* é famoso.

C I R U R G I A .

Passaremos daqui para a Cirurgia, na qual tambem á *Systematicos*, e *Tratadistas*. Dos-Systematicos, devem-se preferir os que escreveram o que viram, despois de muito exercicio, aos que copiaram dos-outros: Dos-antigos os melhores sam, *Ipcrates* na 6.ª falam das-suas obras, da-edifam de *Phoesio*: Devemos juntar-lhe *Galeno*, nos-Comentarios da-Medicina Ipcratica. Mas mais claro que nenhum destes, é *Cornelio Celso*: que tem belissimas reflexoens, principalmente no-tratado de *Calculo*, e de *Fistula lacrymali*. Nisto acaba, o melhor da-Antiguidade: dá para baixo tudo, é ignorancia. Dos-modernos o *Fallopio*, e *Joam Andre da-Cruz*. Estes sam bons: mas melhores ainda sam, *Aquapendente*, e *Marco Aurelio Severino*, que compoz de *Trimembri Chirurgia* 4.º 1653. e de *Chirurgia Efficacia*. fol. destes dois tratados diz um grande Medico, que sam necesarios, nam só ao Cirurgiam, mas ao Medico Pratico. O terceiro é *Vidus Vidius*, de *Chirurg.* fol. este só comprehende tudo, o que tem os outros: pode-se juntar *Hornius*, *Sistema Chirurgicum* 4.º 1708.

Tratados particulares escreveram alguns mui bem. *Jacob Berengario Carpo*, de *Fractura Cranii*. *Aurelio Severino*, de *Abscessuum uicaria*. 4.º *Fabricius Hildanus* escreveu de *Gangrena*, & *Sphacelo*; de *Combustione per ignem* &c. de *Meliceria* &c. Dos-Tumores, escreveu belissimamente *Schelbamer*, *Oncologia Parva*. Dos-Olhos, escreveu bem *M. Maitre Jean Pariz* 1707. Do-Ouvido, *M. du Vernay*. Das-infermidades dos-Ofos, *M. Petit*. Cada autor destes no-seu genero é inígne: mas escreverem em Francez: onde quem os-nam-intende, é necesario que se-sirva, de outros Latinos apontados.

Quanto aos observadores em Cirurgia, parece que nam sam de tanta necessidade: mas se algum os-quiser ler, deve saber, que

os dois melhores sam: *Ruyfchio, Observaçoens Anatomicas* 4.º e *Hildano* ja citado. os outros valem pouco.

Acham-se tambem Cirurgioens, que escreveram do-modo, de fazer as operaçoens: e estes sam mui necesarios ao Cirurgiam, que quer fazer a sua obrigaçam. Com razam se-dise, que o *Palfyn* é um dos-melhores, pois comprehende o metodo de excellentes omens. 8.º 2. v. mas escreve em Olandez, aindaque ja oje se-acha em Francez. Igual a este é *M. Dinis, Operations de Chirurgie*. 8.º 1716. tambem Francez. Em falta deste, *Cornelius Van Solingen, Operationes Chirurgica* 1714. é *Antonius Nuckius de eodem*. Para tirar a pedra da-bexiga, é insigne *M. Tollet* Parizense: ensina um novo metodo de a-tirar.

Tenho exposto a V. P. os maiores omens nestas facultades. ainda me-ficam alguns autores que sam bons, e outros que nam sam maos: e pode ser que cada dia vaim saindo, outros melhores, de que eu nam tenho noticia, nem as pessoas com quem falei, nesta materia. Mas a verdade é, que eu nam escrevo istoria completa: porem aponto o metodo: e tenho liberdade de servir-me, dos-que parecerem melhores. Devo porem advertir, que advertidamente deixei muitos autores, ainda dos-que parecem bons: e nada fiz, sem motivo particular. Quanto aos Compiladores, superfluamente repetiria todos, tendo apontado as fontes, onde tem bebido. Deixei porem alguns na serie que aponto, paraque o estudante, que nam poder alcançar um que aponto, possa procurar outro igualmente bom. Aponto muitos modernos de edifoens pequenas, que custam pouco. Onde a noticia servirá, para grandes, e pequenos. Quem tiver juizo, pode, com poucos livros, ter grandes tezoiros: que isto é o que comumente nam se-intende nestes paizes. Quem tiver mais dinheiro, pode comprar uma boa posam, que seja mui util, e decoroza, como as Academias &c.

Mas para dizer a V. P. sinceramenté o meu parecer, no-estado presente, e para abreviar a estrada, fomenté aconselharia ao estudante, comprar ao principio dois livros, *Boerhaave*, e *Hoffman*, ambos modernos. O *Boerhaave* escreve as *Insituisoens Medicas* em um tomo em 8.º ou 4.º os quais comentou seu dicipulo *Haler*, em 4. tomos até agora: mas nam explica senam a Fisiologia. Espera-se que complete a explicaçam da-Fisiologia; e outro tomo, que explique as ontras quatro partes, sem comento algum do-*Haler*, mas fomenté com as explicaçoens postumas, de *Boerhaave*. Imprimiram-se em Amsterdam, Leiden, Torino: e neste

neste ultimo lugar tem tambem o texto . Para a pratica escreveo um tratado , de *Cognoscendis , & Curandis morbis* , que vale um mundo inteiro . Mas como é escrito aforisticamente , outro seu dicipulo publicou , as explicaçoens do *Boerhaave* , e as ampliou ; que é *Van-Sovieten* : sam 3. tomos em 4.º ja saíram dois , cuido que em Leiden &c. é se reimprime em Napoles . Alem disto , fez um pequeno tratado , de *Viribus Medicamentorum* , em que aponta , o que á mais provavel , na Farmácia . Compoz tambem , as *Instituiçoens Chemicas* . Desorteque ele só basta , para o que apontamos . Tambem compoz um livro de Botanica intitulado , *Orto Botanico Leidense* . Escreveo bellissimas *Consultas Medicas* ; das-quais appareceo ja um tomo , e espera-se outro . Fez alem disto varios tradinhos , mas famosos , de *Morbo Gallico* , e de *Materia Medica* : que sam otimos . O Metodo de estudar a Medicina , nam é obra sua , mas dos-dicipulos , que nele publicáram as noticias , que lhe-dera seu mestre . Intendia bem a lingua Grega , e Latina : sabia bem Matematica : era um perfeito Anatomico ; por-cuja razam escreve com acerto , em todas as coizas . Tenho-me servido mui bem deste autor : e devo em agradecimento , fazer-lhe esta justifa . O seu metodo está oje geralmente recebido ; porque é um Medico perfeito , e nada ipotetico . O *Hoffman* tambem é um grande autor , e tem quazi todos os requizitos , do-outro . Tambem compoz as *Instituiçoens Medicas* , e um Curso inteiro de Medicina , em que segue as opinioens mais fundadas : ainda-que em muitas partes , incline bastantemente , para á ipoteze . Sam trez tomos in fol. de Germania : e a de Veneza em 7. ou 8. Estes autores devem-se estudar bem , principalmente o *Boerhaave* : e só assim se-pode aprender Medicina . Mas advirto logo , que sem ter estudado , a Filozofia que digo , nam se-intendem . Para a Anatomia ao principio , bastará o *Heistero* , ou o *Kulmo* , que tem taboas soffríveis . Em falta destes o *Bacchetoni* em 4.º Depois , é necessario comprar o *Vessalio* , de *Boerhaave* . Todos estes sam Latinos .

Quanto à Cirurgia , depois de ter estudado a Anatomia , deve procurar umas boas *Instituiçoens* , das-que apontei mais modernas . v. g. *Heistero* in 4.º 2. tom. Com o tempo é necessario comprar , um Curso difuzo ; e saber quais sam os outros , para os-consultar . Especialmente deve procurar , a colesam que agora se-faz em Pariz , de tudo o que á melhor , na Cirurgia : que será obra perfeita . Os mestres sam os que necessitam , de mais livros . Deve tambem comprar , um dos-que ensinam , a fazer as opera-

loens, para se-aproveitar dos-tais ditames : aindaque a vista nestes particulares ensina mais, que a lisa'n.

Esquecia-me dizer, que o estudante deve ter, alguma noticia da-*Botanica*, nam só polos livros, mas ter algum Catedratico, que lha-ensine : sendo certo que neste particular vale mais, meia ora de vista, que dez de ditames. Mas disto falarei em outra ocaziã, quando me-ocorrer falar dos-Catedraticos. Conclũo pedindo-lhe perdã, desta longa matraca : mas a materia nam se-podia tratar, em menos : e V. P. obrigando-me a dizer tudo o que intendo, ja deve estar preparado, para estas longuissimas cartas. Deus guarde a V. P. &c.



CARTA DECIMATERCEIRA.

SUMARIO.

O Rigem da Jurisprudencia Romana. Mau metodo de tratála em Portugal, e pessimas consequencias, que dali resultam: Desmedida prezunsam que os Portuguezes tem, de Juristas; e desprezo das-outras Nasoens, sem fundamento. Nam basta o corpo do Direito, ao Jurisconsulto: requer-se Politica, e muitas outras coizas, para satisfazer dos empregos. Mostra-se com razam, e exemplos, que estes estudos sam compativeis, com as Leis. Dá-se uma ideia do-Direito Civil, até os presentes tempos. Necessidade da-Istoria, para o Direito: metodo de a-estudar. Metodo de estudar o Direito. Tocam-se os defeitos intrinsecos, e extrinsecos da-Jurisprudencia. Apona se o melhor modo, de ter uma pratica util, tanto para o Advogado, como para o Juiz.



TEm V. P. muita razam, de se-queixar de mim; porque verdadeiramente eu padeci, algum descuido: mas terá menos quando souber, que eu tambem tive razoens, para o-nam-fazer. Nam é preguisa, tudo o que o-pareceo: onde ao menos deve rebaixar-me, metade da-culpa, e da-pena. Eu porem estimo tanto esta sua queixa, como quem conhece nela, que nasce de um verdadeiro amor, e particular estimasam que faz, da-minha pouca literatura: a qual seria ainda muito menor, se nam acháse um omem como V. P. para a-refucitar, e exercitar. Efe pouco que eu sei, V. P. o-conhece, e intende: mas o seu amor, e a sua eloquencia o-engrandece desorte, que nas suas cartas, ou me-nam-conhefo, ou me-considero maior, doque nam intendia. Mas se a minha vaidade, por-quanto grande posa ser, nam chega a conceber, tam grande ideia de mim; o conceito que tenho da-sua grande capacidade, me-obriga a crer, que nam sou tam pouco, como julgava. Onde fico obrigado a V. P. por-dois distintos principios: um, porque me ensina o que sou,

e o que posso : outro, porque mo-expoem com tam particular afeto, que, ainda quando se-enganáse de todo, me-obrigára eternamente.

Nestas duas ultimas cartas repete V.P. que lha-agradára muito, a dedusam natural, com que da-Filozofia tirei, estas duas facultades, que muitos intendem tam separadas : e me-diz, que com gosto espera ler, o que eu intendo, da-Jurisprudencia. Oade para satisfazer o dezejo de V.P. e a minha promessa, farei algumas reflexoens sobre a Lei, e modo de a-estudar. Mas certamente se nam escrevêse a V.P. que me-tem prometido; nam divulgar as minhas cartas, ou ao menos, supremir-lhe o meu nome; nam me-razolvêra a fazêlo. Que seria de mim, se eses seus Coimbrenses ouvifem dizer, que um Religiozo Capuchinho, punha a boca nas Leis? que alaridos! que rizadas! que divertimentos! parece-me que os-estou ouvindo. 'A Universidade de Coimbra, dar leis em Leis? a uma Academia tam celebre, *Qua non in toto clarior orbem micat*, vir dar os dias santos? uma Academia na qual, se faltasem no-mundo os Digestos &c. se-achariam na cabeça de qualquer famulo: e em que se-pode ensinar aos Romanos, a compor Bulas, Breves, e Rescritos: finalmente em que as mesmas paredes produzem textos, com mais fecundidade, e brevidade, que a era? Verdadeiramente este Padre endoidceo, e nam merece atençam. Isto, e muito pior, diriam eles. Mas eu, meu P. do-coraçam, assim como nam tenho medo, me-digam isto, porque confio no-seu segredo: devo declarar a V.P. com toda a sinceridade, que nem menos o-temeria, se mo-difessem na-cara: porque quando dei as costas ao seculo, logo afentei em duas coizas: uma, nam fazer cazo, dos-rumores do-mundo: outra, soffrer com paciencia, as fraquezas do-noso proximo. Cadaum diga o que quizer: eu devo dizer a V.P. o que intendo.

A Jurisprudencia, cõno ja disse na minha ultima carta, é uma consequencia da-Filozofia. Compreende a Filozofia duas partes: uma, que regûla o juizo, para conhecer as coizas bem; e especialmente para conhecer, o que é a natureza corporea, e espiritual; a que chamam Logica, e Fizica: outra, que nam só regûla o juizo, e vontade, mas as afoens da-vida, para conseguirmos a felicidade neste mundo; a que chamam Etica. Esta ou confidera, como disse, o sumo bem; e modo de o-conseguir: e esta é a rigorosa Etica: ou expoem os diversos officios e obrigaçoens do-Omem, que deve fazer, para se-conformar com a retarazam, a que chamam *Jurisprudencia Natural, ou Universal*.

ou considera as afoens dos-omens, em quanto sam utis à comunidade Civil, a que chamam *Politica*. Todas estas leis reconhecem, como ja disemos, a mesma origem: porque lei Natural, lei Divina, lei das-Gentes sam a mesma lei, com diversos respeitos. Da-Jurisprudencia Natural, nacêram todas as leis civis, e principalmente as leis Romanas, de que nós oje uzamos. De que fica claro, que quem nam sabe os principios, da-Jurisprudencia Natural, nam pode entender bem a Romana, que é a mesma Lei Civil. Este é aquelle ponto, mui dificultozo, que nam intendem os que estudam, nesa Universidade, e nem menos os que ensinam: porque se o-intendessem, deveriam regular diferentemente os estudos. Em parte está V.P. onde pode com a vista confirmar, quanto lhe-digo.

Emprega um estudante um ano na Logica, que consiste em Universais, e Sinais. Se estuda em Lisboa em algum convento, costumam alem diso explicar-lhe, uma pouca de forma filogistica, mui má fazenda. Faz o seu exame nisto: Se a Logica tem por-objeto os conhecimentos, ou as coizas de que trata: Se á criatura indeputavel: Se o silogismo em *Camestres* se-pode reduzir, para *Celarent*: e Se os trez modos *Febas*, *Hedas*, & *Heccas*, podem dar de si, alguma coiza boa. Com isto vai para a Universidade, e lhe-dam as instituiçoens de Justiniano: que ele estuda polo *Manzio*, ou outro semelhante. Acabado este primeiro ano de *instituta*, como eles lhe-chamam, no-qual talvez nam acabou de pasar, o primeiro livro; dam-lhe uma ou duas postillas das-gavadinhas, sobre algum tratado particular de Leis: e nelas se-empregam, até fazerem conclusçoens; em uma materia: o que succede no-quinto ano: se acazo nam teve, algum ano de Teologia &c. No-seguinte, faz o seu Bacharel, com um ponto que lhe-saio por-sorte: cuja lisam o Bacharel nem faz, nem intende: mas um Doutor a-faz, e explica mui bem: e até lhe-aponta os argumentos, que lhe-devem por. Segue-se o ato. no-qual se o estudante é confiado, e repetio bem de memoria a lisam; ou responde, ou nam aos argumentos, saie aprovado, e com boas informaççoens: e, se o prezidente tem empenho, é infalivel o bom sucesso. Faz Licenciado no-seguinte ano; que é outro ato semelhante, metade em Portuguez: e, tomando o grao, fica capaz de seguir a Curia, ou Universidade. Acompanhemos este omem, nos-seus progressos. Se fica na Universidade, e quer fazer atos grandes, como apontei, só entam comesa a estudar, alguma coiza: ou, para melhor dizer, só estuda despois que é Dou-

Doutor, e quer opor-se às Cadeiras. Nam digo que estuda com metodo: mas mete na cabeça muito texto, e suas respostas &c. que é o que lhe-basta. Mas, deixando este na Universidade, e seguindo as pasadas do-outro, que segue o Foro: vem para a sua terra, sem outra alguma noticia, e comesa a advogar. Outros, provando por-ceremonia, dois anos de pratica, vam ler no-Paço: cujo ato consiste, em uma lisam de ponto, com seus argumentos. Do-qual ato ainda nam ouvi, que ninguem saise reprovado; polo menos em mil estudantes, nam se-reprova um só: namobstante que eu conhesêse muitos, que tinham pouco talento para o-fazerem: porque é um ato por-ceremonia. E temos o onem, Opozitor aos Lugares, Juiz, Corregedor &c. Este é o metodo deste Reino: considerando o qual, conhecerá bem V.P. que nam é metodo proprio, de ensinar Leis.

Primeiramente aquele ano de Logica, que lhe-levam em conta, tem tanto que fazer com a Lei, como o Alcoram, com o Evangelho. Que utilidade se-tira de Universais, e Sinais, para a Lei: ou ainda daquela tal fórma Silogistica, de que saiem enluzados estes rapazes? eu nam vejo alguma. O modo com que os-ensinam nas escolas, é a melhor ideia que se-tem inventado, para nam saber formar; um silogismo perfeito. Mas ainda que o estudante soubêse perfeitamente, todas as arengas da-Filozofia Peripatetica; defendo eu constantemente, que para nada lhe-servem, na-Lei. O Jurista tem pouca necessidade de silogismos: o de que tem necessidade é, de um juizo claro, acostumado a formar verdadeira ideia das-coizas, e discorrer sem engano. O que certamente nam ensina, a fórma Silogistica: mas muito menos o-ensinam, os Universais, e Sinais, com que se-occupa, o primeiro ano de Logica. Alem disto esta tal Logica, é pozitivamente prejudicial, aos Juristas: porque acostumando ela o intêndimento, a mil futilzas metafizicas, sem fundamento algum; obriga o Logico, que se-guia por-ela, a fazer o mesmo na-Lei. De que rezulta, como muitas vezes vi, que estes chamados Filozofos, sam os piores Jurisconsultos do-mundo: nam permetindo a Lei, semelhante modo de discorrer: nem tendo lugar nela, o *formaliter*, *materialiter*, *essentialiter*, *in priori & posteriori signo*, e outras curiozidades destas, de que está cheia, a Logica das-escolas. De-forte que quem sabe isto bem, difficultosamente pode saber bem Lei: e assim seria melhor, nam ter perdido a quele ano, com a Logica.

Passemos às Instituições; cujo metodo infinitamente me-de-

zagrada. E' coiza digna de rizo, que reduzindo Justiniano o corpo do-Direito, a poucas palavras, nas suas Instituiçoens; para que os estudantes pudessem formar em breve, a ideia de todo o Direito; a qual com o tempo solem ampliando: queiram os mestres, que os estudantes comecem pelo *Manzio*, *Oinotom*, *Vinio*, e outros autores difuzifimos: os quais nam dizem palavra, que nam confirmem com dez textos: e com tanta erudifam, confundem o juizo, e impedem a percesam. De que nasce, que os estudantes tanto intendem as Instituiçoens, como a lingua da-China: e pasam aquele primeiro ano, lendo muito, e intendendo pouco: e comumente nam acabam, o primeiro livro. Daqui pasam a estudar uma postila, de algum tratado particular. Mas diga-me V.P. como á-de intender bem, uma postila de *Dote*, de *Substitutionibus*, de *Jure accrescendi*, &c. um que nam sabe, que parentesco ella tem, com o Direito, ou porque se-trata, no-corpo dele? Isto é o mesmo que um alfaiate, o qual, em lugar de ensinar, a talhar um vestido, somente se-ocupáse, em cortar mangas. Quem sabe somente quatro postilas, aindaque as-tenha presentes na memoria, eu o-nam distingo de um papagaio, que repete aquilo, que ouviu muitas vezes. Isto nam é ser Jurista, nem para la vai. As Concluzoens, o Bacharel, a Formatura, nam sam coizas, que posam dar melhor conceito, de um omem: Porque as Concluzoens, fazem-se em uma materia, que estudou em cinco anos: as outras duas coizas, sam efeitos da-felicidade de memoria. Creio que nam direi uma parvoice, se estender este mesmo juizo, até ás concluzoens Magnas, e exame Privado. Onde venho a concluir, que um omem, que assim emprega o seu tempo, por-forza nam á-de saber Direito; aindaque nam se-doutore, senam despois de 9. anos completos.

Deste principio nasce, que encontrará V.P. muitos omens, que comumente sam tidos, por-grandes Jurisconsultos; os quais, tirados do-puro texto, que tem estudado, sam tam rudes, que parecem chegados novamente do-Paraguai, ou Cabo de boa Esperança. Falando em certa ocaziam, com um destes de grande fama, e guiado desta comua preocupasam, intrei em uma materia erudita, propria daquela faculdade: em que casualmente se-falou, no-Imperador Alexandre Severo, e suas afoens, e protefam que concedeo, aos Jurisconsultos &c. E fiquei mui palnado, quando vi, que o omem nam me-intendia: e ainda me-admirei mais, quando me-dise, que, ocupado com as suas Leis, nam tivera tempo de se-aplicar, à Istoria. Cuido, que se V.P. fizer algumas

vezes esta experiencia, achará muitos deste parecer. Nam é possível, que isto succeda a um omem, que tenha estudado com metodo: porque este omem naturalmente ve, a conexam que tem a sua materia, com outras de que depende. Quando V.P. ouvir dizer a um Jurista, que nam sabe a historia Civil, principalmente a Romana; e a um Teologo, que ignora a historia da-Igreja: sem mais outro exame afente, que nem Leis, nem Teologia sabe: porque a Historia é uma parte principal, destas duas faculdades: sem a qual nam é possível, que um omem as-intenda.

Mas deixemos por-agora o Jurisconsulto Catedratico, e pasemos ao Forense, ou Advogado, ou Juiz. Intende V.P., que os sete, ou oito años, que passou na Universidade, lhe-servem alguma coiza, para os empregos ditos? eu quanto a mim, digo que nam: e fundo-me na experiencia que tenho, deste Reino. Primeiramente eu supponho, que o estudante de que falo, assistio sempre na Universidade, e se-aplicou às Leis: que se ouver de falar, dos-que fazem matriculas, ou dos-que na Universidade nam estudam, que sam os mais; entam recebe nova forsa, o meu argumento. Conheci infinitos mosos matriculas, que passaram todo o seu tempo em Lisboa, sem abrirem livro: e quando lhe-chegou o tempo, fizeram os seus atos com lustre: tiveram mui boas informaçoes na Universidade: e oje se-acham em lugares grandes, com muito boa aceitafam: e dezempenham as suas obrigaçoes tam bem, como os outros. Muitos destes sam oje Advogados de muito bom nome, sem terem estudado Leis, nem quazi mais aberto livro: o que sei da-sua propria boca. Daqui falo argumento, para os outros, que la estudam: porque se estes empregos se-executam bem, sem aquelle estudo; com razam digo eu, que aquelle estudo, no-estado em que as coizas oje estam, de nada lhe-serve.

Proguntará V.P. como é possível, que saiam bem as suas obrigaçoes, omens que nam estudaram? Mas eu respondo, que V.P. deve admitir o fato, como verdadeiro; persuadindo-se, que eu nam sou capaz, de afirmar uma falsidade: porque se nam nomeio as p-soas, por-devidos respeito; confieso porem tantos destes, que podia encher boa meia-folha de papel: testemunhas nam mortas, mas todas vivas. Nem é difficultozo nesa Cidade, reconhecer a verdade do-que lhe-digo: tendo V.P. a, tantos amigos. O que suposto, intendo que somente me-progunta, qual é a razam deste fenomeno: a qual porem facilmente se-alcansa. Estes mosos tinham bom talento: e a experiencia e nzo dos-negocios,

gócios, os-poz em estado, de arrezoadem. Petisoens, e outras coizas destas, sabe fazer quem quer: e nisto se-ocupa, uma boa parte da-avocacia deste Reino. Mais da-metade das-demandas, se-decidem com as razoens de *facto*, sem entrar no-*Direito*: e estas qualquer omem de juizo, que tenha alguma experiencia, é capaz de as-buscar, e dilatar. Quando é necessario intrar, em algum ponto de direito, para isto servem os Consulentes, ou o Cardial Tosco, ou o Index das-Decizoens de Rota, junto com o Corpo delas &c., de que se-copeia fielmente a razam; e muitas vezes as razoens da-parte contraria, dam luz para responder, e buscar muitas coizas. Verdade é, que às vezes os arrezoados, sam com Deus sabe: mas se uma vez erram, outra acertam: e à custa dos-clientes, vam aprendendo eles. Eu conheci um Alemtejense, que, sem ter lido mais que a Ordenasam, tendo algumas demandas em Lisboa, ele era o que arrezoadava: e somente tinha um Advogado, que lhe-afinava. E com efeito escrevia e dizia tam bem, como nam fariam muitos letrados mosos. Acham-se Escrivaens velhos, que podem ensinar os Juizes de Fóra, a sentenciar. E com efeito muitos Juizes, se-servem dos-seus conselhos: e os que o-nam-fazem, erram muito: porque nestes particulares, a pratica serve de lei.

Estes fatos sam certos, e notorios. e achará V.P. mil Advogados, que nunca estudaram Leis: e nam sabem de memoria, uma só lei celebre. O que suposto, cuidõ que sem trabalho se-percebe, que o que ele foi buscar à Universidade, foi o grao de Bacharel; despois de perder sete, ou oito anos nas jornadas. Verdade é, que estes tais quando devem escrever, em um ponto de Direito, acham-se em calças pardas: e aqui é ela: As palavras faltam: os textos nam aparecem: as razoens nam se-encontram. Contudo isto, nam á algum destes, que ou bem, ou mal; ou por-si, ou por-paraclete, nam fasa os seus arrezoados: e, sendo Juiz, nam á algum, que nam escreva a sua sentensa, ou *tensam*, como eles lhe-chamam; aindaque nam saiba Latim: pois para isto é que serve, o Dicionario do-Bluteau; no-qual buscando-se as palavras uma por-uma, se-acha suficiente materia, para compor a sentensa.

Isto fora nada: o pior sam as consequencias. Eu nunca condeno um omem, por-saber pouco, se ele conhece, ese pouco que sabe: antes tenho dele suma compaixam: e se o-poso ajudar, o-faso sempre. O que nam poço sofrer é, que os que sabem pouco, tenham grande prezunsam: e este justamente é o caracter,

destes Jurisconsultos. V.P. rirá quando observar, a magistralidade com que se-prepáram, para responder a qualquer coisa, que se-lhe-propõem: e o desprezo com que ouvem, qualquer resposta, ou objectam dos-outros, que nam sam damesma profissam. Este estilo é tam particular destes Senhores, que eu distingo logo um Advogado, ou Juiz, entre mil omens de capa e volta, somente pola sua vizeira. Intendem estes Senhores, que o publicar leis, está na-esfera da-sua jurisdicam: e alim em qualquer materia que falam, persuadem-se, que as suas palavras devem ser recebidas, com a mesma veneracam, que sam os rescritos do-Principe. Se V.P. lhe-fala em Filozofia, ou Teologia; ou vilosá meter a sua colherada, com tanto dezembaraso, como se a-tivesem estudado. Se succede falar-lhe em Leis, acham-se entam no-seu elemento: e respondem damesma forte, que se tivesem o Digesto no-corpo: e tivesem por-muitos anos examinado, os principios das-Leis. Se ouvem falar em guerra, em paz, em commercio; finalmente em qualquer materia; a nada se-pou-pam, e em tudo respondem polo mesmo estilo. Mas onde eles se-podem ouvir com mais gosto, é quando se-fala, em materia de estudos. Se ouvem dizer, que fóra de Portugal se-estudam Leis, com melhor metodo; e se-sabem com mais fundamento e facilidade; sam toirinhos, e saltam por-El-Rei de-França. Respondem, que la nam sabem nada d'isto. que de todas as Nasoens da-Europa, somente Portugal sabe o Direito, que os Estrangeiros aregam, mas nam sabem com fundamento nada, que la fazem os Doutoramentos, com dois pontos somente. que sam Doutores de *tibi quoque*. finalmente nam se-acha injuria, que elles nam vomitem, contra os pobres Estrangeiros. Tenho-me achado em conversacoens, onde se-falou em muito d'isto: que é precizamente o que eu digo, ser infosfrivel.

Estes nacionais de V.P. julgam da-capacidade dos-Estrangeiros, pola figura de quatro marinheiros, que vem passar em Lisboa. Quem poderá persuadir a um destes, que aquele mesmo Inglez, e Olandez de calsam breado, que ele ve no-Remolares, é de um Reino, onde se-sabem Umanidades, Filozofia, Mathematica, Leis, e todas as ciencias humanas, e divinas melhor, que em nenhuma parte? Esta propozicam é mais difficultosa para alguns, doque a quadratura do-circulo: e contudo isto nam á mais verdade que isto; e as Nasoens cultas reconhecem aquelas duas, como prodigios nestas materias. Se estes Jurisconsultos fossem menos preocupados, dos-mesmos autores podiam inferir, que

naquelas Nafoens á omens doucissimos . *Manzio* nam era Portu-
guez : *Mifingerio* , e *Oinotom* eram Alemaens : *Vinio* , e *Perezio*
eram Olandezes : e destas Nafoens sam os outros famosos autores ,
porque conumente se-estuda . Mas esta reflexam é para os dou-
tos : e eu falo com estes meros praticos . Que coiza mais digna
de rizo , que estes omens criticar , as nafoens Estrangeiras ! Eles
nunca saíram de Portugal , nem sabem o que por-la vai : o pior
é , que nem menos sabem isto , que se-estuda na Universidade :
porque , como V. P. pode observar , estes que salam tanto , sam
os que nam sabem mais , que a pratica da-Lei : sem saberem de
que cor ela é . Quanto aos Doutoramentos , que cara tem pa-
ra criticarem os dos-Estrangeiros , estes Bachareis de Portugal ?
Se V.P. observar , como a se-formam os Bachareis , ficará bem
persuadido , que injustamente murmuram dos-Estrangeiros . A ma-
ior parte dos-Bachareis , nam sabem mais textos , que os que es-
tudaram , para a lisam de ponto . E alguns conheço eu , que
nas ferias trouxeram para a sua terra , uma ou duas lisoens de
ponto , para as-estudarem com vagar : e tiveram a felicidade , de
lhe-sair a mesma , no-seguinte ano . Porque nam fei , se as coi-
zas se-podem dispor em modo , que saia a dita lisam de ponto
premeditada . isto nam é cazo metafizico , mas coiza bem uzual ,
ver que saiem as que se-esperavam . Onde nam posso asás ma-
ravilhar-me , que os que vem isto todos os dias , murmurem
das-nafoens Estrangeiras .

Sei muito bem , que em muitas partes fóra de Portugal ,
se-facilitam os Doutoramentos , tanto no-preso , como nos-atos :
mas tambem observo , que nefas partes nam se-faz cazo de um
omem , por-ser doutor , mas por-ser douto : e o grao somente é
um testemunho , de ter completó o ano ; e assim o-intendem todos .
O grao supõem doutrina : e quem a-nam-tem , ou se-doutore em
Coimbra , ou Roma , ou no-Japam , sempre ficará ignorante .
Conheci omens doucissimos , que nunca se-graduaram : e vejo mui-
tos graduados , que era justo que o-nam-fossem . Onde sendo isto
tam publico , achó ser grande loucura estimar , ou desprezar um
omem , por-ser doutor nesta , ou naquela parte . Mas o pior é ,
que ainda nefas partes de grande rigor , vemos todos os dias mon-
truozid. des . Conheci neste Reino , muitos doutores em Teolo-
gia , Leis , e Canones , que sabiam mui pouço , isto que professa-
vam . podé V. P. fazer a experiencia em uma especie , exami-
nando alguns Mestres em Artes , que a se-doutoram , os quais
nam sabem , que coiza é Filozofia &c. E se isto succede aqui to-

dos os dias, nam acha V.P., que merecem rizadas, os que fazem beiso, aos estudos estrangeiros?

Mas neste particular, nam sam menos trabalhosos os Cate-dricos, que os Forenses. * * * falam com bastante desprezo, de tudo o que é de fóra de Portugal. Progunte-lhe V. P. por que autores estudam, nam só entre os Expozitores, mas entre os Tratadistas; e verá, que, menos algumas postilas, quazi todos sam estrangeiros. Respondem a isto, que as imprensas la san mais baratas, que em Portugal: motivo porque cá nam se-imprime. assim me-respondeo ja algum. Mas esta nam é a questam: a questam é, se os Estrangeiros sabem, ou nam sabem. Eu digo, que sabem Leis melhor, que em Portugal: e o-provo com os seus livros: argumento, que nam tem resposta. Nem é resposta congruente dizer, Nós podemos fazer, e fariamos neste ou naquele cazo. Isto podem responder tambem os Cafres da-Africa, e os salvages da-Canadá: pois se la se-introduzirem Universidades, tambem eles fariam maravilhas. Alem diso eu nam acho aqui, manuscritos completos; nem obras perfectas neste genero. as imprensas sam poucas, e agradam a poucos. E se as-ouve-se, cuido se imprimeriam: pois nam leio a Gazeta, que nam veja uma quantidade de livros impresos, de nenhuma considerasam; namobstante toda a carestia da-impresam. Onde parece-me, que esta vangloria, nam asenta sobre bons fundamentos. Polo contrario polo mostrar a V.P. entre os Estrangeiros, muitas obras mediocres; mas muitas seletissimas: ou salemos dos-Repetentes, ou Tratadistas, ou Consulentes. E, sem sair da-minha Italia, (onde primeiro que em outra parte, renaceo o Direito Romano no-XII. seculo: e aonde polo espacio de alguns seculos, foram aprender os mais da-Europa) posso apontar a V.P. duzias, e duzias de autores insignes na Cadeira, e no-Foro: de alguns dos-quais vejo, que se-servem mui bem, estes Senhores Portuguezes, namobstante que murmurem tanto dos-Estrangeiros.

Mas nam é pequena prova, de quanto alguns se-enganam nesta materia, o testemunho de alguns Portuguezes mais advertidos, que saíram de Portugal. Estes, quando se-acham em um paiz estrangeiro, parece-lhes estar, em um mundo novo: e; se acazo tem juizo, nam deixam de mudar de opiniam. D.Luiz da-Cunha, que pasou por-estes lugares com louvor, e depois de longos ministerios, se-acha oje Embaixador, em Franca; dise a um amigo meu, que quando saíra de Portugal, e ouvira falar outra gente; o maior trabalho que tivera, fora, procurar esquecer-se

cer-se de tudo, o que tinha aprendido em Portugal; para poder entender as coizas bem, e falar com propozito. Esta é uma testemunha, que vale por-muitas. Nam diferentemente escreveo o Conde de Tarouca, Embaixador desta Coroa ao Imperio, a outro meu amigo, que se-achava em Roma, e me-leo a dita carta: e acrecentava varias coizas, que eu oculto, por-justos motivos. Nam quero citar mais testemunhas, de que ainda cá me-ficam muitas: porque estes dois que nomeio, provam quanto eu queiria: sendo certo, que Portugal tem tido poucos omens, como qualquer destes dois, que sam insignes no-seu genero. Esta sorte de omens, nam tropesa certamente nos-defeitos de muitos, que eu conheço: e julga retamente. Nam assim estes Jurisconsultos, que todos os dias vemos: os quais persuadidos do-seu proprio merecimento, nam só nam podem aprovar, coiza nenhuma estrangeira; mas em toda a materia sam com magistralidade; e esas quatro leis que sabem, as-metem em toda a parte, ou por-força, ou por-vontade.

Este é o defeito geral, dos-que sabem pouco: que em toda a ocaziam fazem pompa, da-sua erudisam. Nam conversará V. P. com um Opozitor, que nam ousa cem textos de Leis: damelna sorte que muitos dos-que estudam as belas letras, racham a paciencia dos-ouvintes, com versos e palavras Latinas; ou a gente os-intenda, ou nam. Onde dizia com galantaria um amigo meu, que nam achára Jurisconsulto, cuja conversasam fosse toleravel. Na verdade este é um grande defeito, nam só no-Jurisconsulto, mas em qualquer outra pessoa; nam proporcionar a conversasam, à pessoa com quem fala: e nace de ter pouco juizo. Um o-nem que verdadeiramente é douto, e tem pensamentos proporcionados; nam deve mostrar excessos, sobre as pessoas com quem fala. Primeiramente é ridicularia, e afetasam Portugueza, introduzir textos Latinos, quando nam sam necesarios. Ainda quando a conversasam é erudita, se acazo nam se-faz, expresa materia dos-ditos textos, é puerilidade, e afetasam dizêlos em Latim: porque deve-se intender, que uma coiza é escola, e outra conversasam. Mas onde se-conhece totalmente a ignorancia, e ridicularia é, quando se-fala com gente, que nam é da-profissam, introduzir semelhantes modos de falar. Isto é um insulto, que se-faz aos ouvintes; e é lançar-lhe em rosto, a sua ignorancia. Por-grande excessos, que um omem tenha, ou de doutrina, ou de nascimento; quando se-acha com pessoas simplezes, nam deve mostrálo, mas ocultálo, por-nam confundir as pessoas, com quem conversa.

E' pró-

E' prova evidente de uma alma illustre, e de um grande talento, acomodar-se às pessoas com quem trata, conservando uma mediania, que nam decline para os extremos; ou seja conversando, ou escrevendo, basta poder conseguir o triumpho, nam é necessario mostrálo. Porem isto é o que poucos intendem, e pouquissimos fazem: pois tendo um real e meio de ciencia, metem-ná polos olhos, com incrível furia. Mas, tornando ao noso Jurisconsulto,

A razam principal porque estes omens, nós-quebram a cabeça, com as suas leis é, porque se-persuadem, que nela se-acha tudo. onde tendo o texto de memoria, intendem que tem a chave mestra, de todas as difficuldades, ainda em materias de Leis. Com esta preocupasam prezumem serem aptos, para todos os empregos: e os-aceitam, e buscam: e os-executam como Deus sabe. Mas nisto miseravelmente se-enganam, e fazem grande prejuizo, à Republica. Porque sendo costume, que das-Universidades se-tirem, os que ám-de administrar o Economico, e Politico do-Reino: é succedendo alguma vez, que estes sejam mandados às Cortes estrangeiras, por-Inviados &c. para negocios de grande considerasam; nam tendo os requisitos necesarios, nam podem fazer bem a sua obrigasam; é muitas vezes podem fazer danos. Facil é observar o motivo, e fazer à experiencia. Se V.P. fala a um destes, no-direito da-Guerra, responderá, que nos-titulos do-Digesto, *de Captivis*, & *Postliminio*, *reversis*, & *redempt. ab hostibus*, *de Re Militari*, *de Castrensi peculio*, *de Veteranis*, *de Testamentis militis* &c. ou nos-do-Codigo, *Qui militare possunt vel non*, *Negotiatores ne militent*, *de Re militari*, *de Castrensi peculio militum*, & *praefecti annonae*, *de Erogatione militaris annonae* &c. se-acha tudo o que é necessario, para decidir o ponto. Se lhe-fala em Contratos entre gentes livres, achará, que vai logo ao Código, e Digesto, buscar os titulos, *de Pactis*, *Transactionibus*, *Verborum obligationibus*, *de Duobus reis* &c. Se lhe-fala no-Jus dos-Legados, ou publicos ministros, vem logo o titulo *de Legationibus*. Finalmente fale-lhe no-poder de publicar leis, criar ministros, pôr tributos &c. e para isto tem reservados os titulos, *de Legibus*, *Senatusconsultis*, *Constitution. Princip.*, *Poenis*, *Publicanis* &c. O Canonista poderá acrescentar algum texto das-Deçretais, ou citar algum autor Moralista &c. mas persuadem-se comumente, que os titulos que alegamos, e outros semelhantes sam os lugares comuns, ou Topicos, de que se-tiram todas as decizoens, para os cazos possiveis.

veis. E fundados nisto, nam tem dificuldade de rezolverem, toda a controversia, sobre o direito da-Paz, e da-Guerra, dos-Patos, e tudo o mais que pode succeder, entre Nafsoens, e Nafsoens. Mas por-pouço que se considere a materia, se-achará, que estes documentos nam sam bons, para rezolver tudo. Suponhamos que nasce uma controversia, entre uma nasám Europeia, com os Turcos, ou Chinas, ou Malabares, sobre a violasam da-paz, ou coiza semelhante: julga V.P. que ám-de ter autoridade entre eles, as Pandetas de Justiniano, ou as Decretais, ou Moralistas? tanta como se aqueles nos-alegarem, com o Alcoram: os outros com Confucio, ou outro semelhante doutor dos-seus. Nestes cazos ou se-trate com Aziaticos, ou Europeos, ou qual-quer outra gente racionavel, é necesario ter promptas, nam as leis Romanas, mas as das-Gentes, ou do-direito Natural, abraçado por-todos, os que uzam da-razam: para poder mostrar, a justifa da-nosa cauza, e injustifa da-sua. Estas sam as verdadeiras fontes da-justifa, de que se-tiram as solusoens, dos-tais cazos: e de que se-devem tirar, nam só naqueles, mas ainda nos-que succedem, entre Nafsoens cultas.

E certamente que á-de fazer um puro Jurisconsulto, em uma materia politica, se ele nam tem estudado, os principios dela? Que á-de dizer em um tribunal da-Fazenda, ou do-Ultramar, se ele nam entende, a economia do-Reino, e das-Conquistas: ignora as forças, os intereses do-seu Principe, em ambas as partes? Como á-de um Ministro tratar bem um negocio, em uma corte estrangeira, premeditar um projeto avantajozo, estipular um contrato util: ou como á-de um secretario Regio, que pola maior parte costumam ser Jurisconsultos; aconselhar o seu Embaixador, sobre estas materias; se nem um, nem outro entendem, os interesses dos-Principes da-Europa, nem tem estudado, uma silaba de Politica? Finalmente um Secretario de Estado, um das-Merces &c. que coiza boa pode fazer, se nam tem, alem da-noticia do-direito Natural, e das-Gentes; uma perfeita intelligencia da-Politica? Certamente este tal omem nam é apto, para estes empregos: e tambem é certo, que isto nam se-aprende, nos-livros das-leis Romanas. Nam poso deixar de trazer à memoria, o cazo que succedeo ao Filozofa Socrates, com Glauco Ateniez (1). Era este um mofa nobre de Atenas; a quem,

(1) *Veja-se Xenof. Memor. l. 3. p. m. 772.*

sem ter completos vinte anos, se-meteo em cabeça, aspirar aos primeiros cargos da-Republica: e de tal sorte falava nisto, que nenhuma pessoa da-sua familia, o-podia aturar. Tomou Socrates o empenho, de curá-lo desta frenesia: e, depois de lhe-louvar a ideia, e a gloria que podia adquirir; lhe-proguntou, qual seria o primeiro serviso, que avia fazer ao Estado. E respondendo ele, Que, aumentar-lhe as rendas: bem, disse Socrates, sem duvida saberas, em que consistem as rendas do-Estado: para que no-cazo, que salte uma porção, saibas suprir com outra parte. Respondeo Glauco, que nam tinha cuidado niso. Dizei-me ao menos, continuou Socrates, quais sam os gastos, que faz a nosa Republica; para que possais conhecer, como deveis deminuir, os que sam superfluos; visto ser este um ponto principal, de quem governa. Nem menos teve resposta, sobre isto. De que concluiu Socrates, que se Glauco administráse a Republica, nunca ela poderia enriquecer-se. Mas adverti, replicou Glauco, que pode enriquecer-se a Republica, destruindo os seus inimigos. Aqui lhe-repetio Socrates, que era necesario saber, quais sam as forças proprias, e as dos-inimigos por-mar, e por-terra; para poder persuadir, ou despersuadir a guerra: ou suprir, em caso de uma desgrafa. E confesando Glauco, que nem menos isto sabia, Socrates entam evidentemente o-convenceo, da-sua loucura; visto que nam tinha os principios necesarios, para o tal emprego. Se este dialogo, meu amigo e senhor, pudese praticar-se com algumas pessoas, que oje tem uma boa mam traveza de prezunsam; seguro-lhe, que muita gente ficaria deenganada, da-sua pouca capacidade, para os cargos que ocupa.

Conheço, que as leis Civis nam sam inutis, para certos casos: mas tambem conheço, que nam bastam: e que sem outros socorros, tanto emporta telas, como nam telas. Um simplez Catedratico pode, em caso de necessidade, passar sem a noticia da-lei Publica, e da-Politica: nam assim um Ministro. E como dos-Catedraticos, vejamos formar de repente, muitos Ministros; intendo, que todos tem necessidade, destas noticias: e que as-devem beber, em tempo proprio, para lhe-servirem para tudo: visto que o Juiz de Fóra, o Corregedor, o Provedor &c. todos tem necessidade destas noticias, nos-ditos empregos, e nos-que com o tempo podem ter. Muito principalmente a-tem um De-zembargador, que á-de julgar de fazendas &c. porque dependendo as decizoens, das-qualidades dos-fatos, se ele ignora estas coizas, nam é possível, que julgue bem a materia. Onde tem necessidade,

nam

nam só de conhecer bem, o estado do-seu Reino, e a regra com que é governado, ao que eu chamo lei Publica; mas tambem o estado dos-seus vizinhos, e dos-Principes, com quem o seu Monarca tem, ou pode ter, algum interesse. Alem disto, deve tambem saber, como se-governam os outros Reinos: quais sam as coizas recebidas entre todos: quais as particulares: qual a melhor fórma de governo: quais as melhores leis: quais os melhores meios de conservar a paz, e uniam entre os omens: e outras coizas semelhantes, nas quais consiste aquela particular ciencia, a que chamam *Politica*: A qual nam consiste na mera istoria, como a lei Publica; mas alem da-istoria, pede grande talento, e um juizo elevado, e solido. Esta erudisam é indispensavelmente necessaria, ao Ministro; esta é, a que nam ensinam, as leis de Justiniano. de que saie por-legitima consequencia, que isto é, o que se-ignora neste Reino.

Alguns achei ja, que intendiam, que a *Politica* se-aprende em quatro dias, sem grande estudo: porque na opiniam destes, lendo um tratado de Aristoteles, ou Platam, fica um omem consumado Politico. Mas isto, é um engano manifesto. Os antigos, que escreveram sobre estas materias, podem dar algumas luzes, para a *Politica*; mas nam bastam: é necessario unir os Antigos com os Modernos, e de todos tirar, o que é necessario. Primeiramente é necessario, um estudo fundado da-Istoria antiga, e moderna: despois, um estudo particular, dos-intereses dos-Principes: em terceiro lugar, um grande estudo da-verdadeira *Politica*. E tudo isto certamente nam se-acha, em Aristoteles, ou Platam; namobstanteque estes escrevesem bem, do-direito Natural &c. Sam bons os exemplos antigos: mas devemos procurar os modernos, que se-acomodam aos nosos costumes. Quem quizesse oje formar uma Republica, segundo o rigor da-antiga Sparta, ou ainda segundo a dispozisam, da-Romana republica; emprenderia uma ideia impossivel. Os nosos costumes sam tam diferentes dos-antigos, que nam é posivel, que posamos aquietarnos, com o rigor de uma daquelas Republicas, e com a liberdade de outra. e contudo ninguem duvida, que uma e outra, foram com grande juizo reguladas. A mesma lei Romana, que oje está geralmente recebida, na maior parte da-Europa, e paizes da-sua dependencia; acomodou-se aos nosos costumes. Em Franca, Alemanha, Espanha, Portugal, á leis municipais, que prevalecem sobre a Romana. Porque quando despois do-seculo XII. esta saio de-Italia, e introu nestes Reinos; estavam tam radica-

dos certos costumes, que nam foi possível, deitálos fora: onde somente foi recebida a lei comua, em falta da-municipal. Na mesma Italia, e na mesma Roma, onde procuram conformar-se quanto podem, com as leis de Justiniano; á estatutos particulares, em grandissimo numero. É o que mais é de admirar, nam á comunidade Civil, no-estado Ecclesiastico, que nam tenha os seus estatutos particulares. E se isto procede na Lei, que sempre se-prezume deduzida, da-boua razam; que fará na Politica, que se-conforma aos costumes das-gentes, em que á tanta diversidade? Onde é manifesto engano intender, que isto se-pode aprender, polos Antigos. Devemos ler os Modernos: as diversas maneiras de governo, que tem avido no-dito Reino: o motivo destas variações: cuja noticia entronca com a historia, de todos os outros Reinos.

Mas devemos tambem estar muito advertidos, de nam abraçar, com os olhos fechados, tudo o que dizem alguns modernos, em materia de Politica, e o que praticam outros: como ja adverti a V. P. em outra carta, falando-lhe da-Etica. Acham-se modernos que observam, uma Politica impia: a qual nam tem mais fim, que engrandecer o Estado, sem fazer cazo da-religiam, nem do-direito Natural. Deste genero é Nicolao Machiavelo, Tomaz Hobbes, e alguns outros: e deste carater sam tambem outros, que o-praticam todos os dias, sem o-advertirem, com escandalo dos-omens bons, e prejuizo dos-Povos. Estes sam os que poem toda a sua industria, em aumentar a potencia dos-Principes, por-qualquer modo que seja: deixando para os particulares, a justisa, a fidelidade, a humanidade. Estes os que só procuram artificios, com que se-arruinem os vizinhos, resuscitando entre eles antigas paixoes, e novos motivos de discordia. Estes sam os que enganam os suditos do-seu Principe, procurando persuadir aos Povos, que o Reino é mais poderozo, doque nam é: que nam fazem cazo da-santidade dos-juramentos; que quebram quando lhe-aparece, a minima ocaziam de ventagem: e fazem outras coizas semelhantes, de que muitos, que querem mostrar, serem grandes Politicos, tem a cabesa cheia. Esta Politica é falsa, e deve-se desprezar; para procurar uma Politica verdadeira, fundada em boas maximas: E por-tal motivo creio, que deve o omem, que se á-de aplicar a este estudo, fazer primeiro fundamento na Etica, no-direito Natural, e das-Gentes: do-qual é que á-de deduzir as maximas, para a sua Politica: pois sem isto, será um enganador publico; mas nam será nem * * *

nem ministro. Se todo o homem tem necessidade da Etica, muito mais o tem o Ministro: porque deve praticar materias, que sem a Etica são falsas, e perigosas. Isto é sem duvida: e só o pode negar, o que não conhece as coisas: mostrando a experiencia, que o mesmo *Cujacio* era ignorantissimo, dos negocios de Franca: e por-não ter estudado isto, não era bom para o Foro. Mas pergunto agora: Quando Jurisconsultos acha V. P. que, antes de intrarem nos empregos, tenham feito estas preparações; e se instruissem de tudo, o que é necessario para eles? eu duvido, que se-ache um só. Mas passo adiante; e não teria dificuldade de apostar, que será rarissimo, o que chegue a conhecer, que estas coisas são necessarias, ao Jurisconsulto forense. Em certo modo eu os desculpo, como já disse; porque é coisa, em que nunca ouviram falar: e porque nesta Universidade, não há Cadeira de Historia, de Politica, e coisas semelhantes, que se acham em outros Reinos: e que são necessarias, para estes estudos eruditos: e tudo se-reduce ao puro texto, e algumas postillas: Mas o que não posso soffrer, é a prebunzania: e quanto estão satisfeitos de si mesmos, aqueles que nem menos sabem, que coisa é necessaria, para ser bom Jurisconsulto. Se V. P. falar a um destes Senhores, em varias materias, ouvirá coisas belissimas: mas se acaso lhe perguntar humildemente, tudo o que é necessario, para a dita profissão; segundo o estilo do dialogo de Socrates com Glauco; temo muito, que o dito Jurisconsulto, fique muito caladinho, e confuzo da sua ignorancia. Contudo isto, não achará V. P. algum destes, que não entenda, está bem colocado, no emprego que occupa: e que não esteja pronto para receber, qualquer que lhe possam dar, ainda que seja, em coisas de erudição. O Povo engana-se com eles, e eles enganam-se consigo. Quando um homem faiz, de uma cadeira da Universidade, cuidam todos, que é um anjo produzido na terra. Ouvem dizer, que é douto em uma materia, e persuadem-se, que o é igualmente, em todas: e eles, que não lhe tem conta de enganá-lo, aceitam limpamente, tudo quanto se-lhe oferece. Tenho visto muitos simpleses Juristas, aceitarem o lugar de Academico, para escreverem a Historia. nunca vi nenhum que o regeitasse, com o pretexto, de não a-ter estudado. De que nasce isto, senão de que entende, que é capaz de tudo? O mesmo digo, de alguns destes Theologos: que, sem nunca terem aberto livro de Historia, tomam a incumbencia, de escrever uma, e às vezes bem embrulhada. Sei muito bem, que o Jurista, e

Teologo, se tem estudado o que devem, são proprios para escreverem a Historia: o que digo é; que o Jurista que estuda, polo estylo de Portugal; e o Teologo que nam tem lido mais, que Teologias Especulativas, e Morais; são totalmente incapazes, dos-ditos empregos. A Historia, nam se-aprende em quatro dias. Para se-divertir um omem, basta ler um livro de Historia: para a-saber, é necessario estudar muita coiza, que são os prolegomenos dela, e tela estudado muitos años. Mas para escrever a Historia, é necessario nam só sabê-la, mas desorte entregar-se a ella, que nam se-faça outra coiza: O que suposto, como possa ser que omens, que tem mil occupaçoens, possam em algumas ferias, ou dias interrompidos, estudar os primeiros principios, e satisfazer bem aos seus empregos; é um problema, que eu nam intendo. O que porem daqui se-segue, V. P. o-intende, sem que eu lho-explique * * *

O maior favor que fazem estes, que engrandecem tanto, o estudo da-Lei; é reconhecer, que as coizas que apontamos, podem ser utis: mas acrescentam logo, que são incompativeis com a Lei: nam sendo possível, que um omem se-aplique com fruto, a-tam diferentes coizas: porque somente a Lei pode, ocupar um omem, no-curso de uma vida dilatada. Estes amigos sempre tem promptas razoens, para desculparem a sua ignorancia. Achei algum, que se-escandalizou, de lhe-emendarem alguns solacismos, e barbarismos, que cometêra em um parecer Latino: e afirmou mui seriamente, que o reparar niso, era puerilidade: porque um omem douço nam devia olhar, para tais coizas, que são só proprias de rapazes. Mas quem se-poderá persuadir, de semelhantes razoens? Confesso ingenuamente a V. P. que quando ouso falar assim, omens que profecam létras, envergonho-me de os-ouvir. Quem chega a reconhecer, a utilidade daqueles estudos, para intender a Lei, e nam confessa a necessidade; ou é teimozo, ou louco. Porque se eu confesso, que é util, devo conhecer, que a intelligencia da-Lei se-funda, naqueles tais conhecimentos: de que saie por-légitima consequencia, a necessidade. Nem é possível que eu confessa, que coiza é Lei, sem conhecer, que se-intende e explica, com a Historia: que se-funda, na razam natural: e coizas semelhantes. De que se-conclue, a necessidade. O que suposto, torno a dizer, que os que assim respondem, nam sabem que coiza é Lei. Alem disto persuadir-se, que a Lei nam é compativel, com aqueles estudos; é outra frenezia semelhante. Confesso, que o-nam-seja a estes, que seguem o metodo que apontei, e pa-
sam

fam de um tratado para outro, sem advertencia, nem conexam: que cuidam somente, em encher a cabeça de textos: e que Lem por-si, e refletem polo juizo dos-outros. Mas quem estuda com metodo, e de primeiro o que deve ler, e saber; e reconhece que coiza é Lei, e como se-deve estudar; em trez ou quatro anos pode saber mais Leis, doque muitos que pasáram a sua vida nelas. Nam consiste este estudo, em meter muitas leis na cabeça; como ignorantemente fazem muitos, que procuram nam dizer palavra, que nam seja fundada em alguma lei: esta é uma afetasam ridicula, e que só se encontra em peoas, de pouco juizo. Se a coiza é clara, nam é necessário lei, para que a-intendamos. Ninguem julgou nunca, que um omem que injustamente mata outro, é digno de morte, porque o-dise Justiniano: mas porque assim o-mostra a boa razam, o ponto todo está em averiguar, se neste ou naquele, cazo justamente o-acometeo. Onde querer provar aquela maior, com muitas leis, é ter pouco juizo. Cicero naquele seu famozo arrezoado, em que defendeo Tito Anio Milo, nam se-cansou em provar, aquela maior: *Vim vii repellere licet.* mas supola nota a todos: nam polas leis Civis, mas polas Naturais (1): e pasou a provar o que devia, que Clodio injustamente acometèra, a Milo. O mesmo digo em muitas outras coizas, em que todos os dias, ouvimos repetir leis superfluamente. Menos memoria, e mais juizo se-requer, tanto no-Patrono, como no-Juiz. Se o-consideramos bem, somente por-esta cauza o estudo da-Lei parece insoportavel, porque se-estudam mil ridicularias, que nam se-devem estudar: e nam se-reduz a Lei, aos primeiros principios.

Alem diso, se nós consideramos, quanto tempo neste Reino se-perde, nestes estudos, fica bem claro, que todos os oito anos de Leis, se-reduzem a um, ou dois: e pode ser, que ainda a menos. E assim fica bastante tempo, para poder estudar, o que é necesario: muito mais porque lanfando bons fundamentos ao

prin-

(1) Est igitur hac, Judices, non scripta, sed nata lex: quam aliquas insidias, si in vim, si in tela aut latronum, aut inimicorum incidisset; omnis honesta ratio esse expedienda salutis. Cicero Orat. pro Milone num.4.

principio, tudo o mais é facil. Toda a razam desta difficuldade que se acha, se-reduz ao metodo. Quem perde seis e sete anos, estudando a Gramatica comua, para intender um bocado de muito mau Latim: quem perde trez ou quatro anos, com a Filozofia Peripatetica, que nada serve para a Lei: e depois disto perde outros oito anos, com o estudo das-Leis, segundo o estilo dito: este omem tem razam de se-queixar, do-que nós lhe-propomos: e com razam prezumirá, que, para estudar o que apontamos, se-requer a vida de um omem: e que nunca chegará o caso, de poder satisfazer as obrigaçoens, dos-empregos que ocupa. Mas nam é deste omem, de quem nós falamos. Porque se-ele soubèse, que a Gramatica, e Latim, se-podem saber em dois anos; e a Retorica, no-terceiro: que um simplez ano de Logica, se for boa, e bem explicada, lhe-pode dar grande luz, para intender a Lei: que lendo bem uma Etica, antes de intrar na Lei, e entendendo bem a Istoria, tem feito a metade do-caminho. &c. Entam comprehenderia, que lhe-aconselhamos, nam coizas impossiveis, mas mui facis: e que, seguindo a Lei polo metodo que dizemos, nam empregaria tanto tempo, e sairia com mais utilidade. E, tendo bebido estes principios, ficava apto para no-discurso da-vida, e dos-estudos, adiantar-se incrivelmente. Onde a razam intrinseca persuade, que ó Jurista pode, e deve saber, outras muitas coizas.

Temos alem disto a razam extrinseca, que é o exemplo das-outras Naçoens: nas quais os Jurisconsultos, têm produzido obras maravilhozas, nam só em Leis, mas em Filologia, e Letras Umanas, e linguas Orientais. E atrevo-me a dizer, que os Jurisconsultos tem escrito melhor, nestas duas ultimas materias, do-que muitos, que fazem profisam delas. O estudo das-leis antigas conduz um omem insensivelmente a examinar, os antigos monumentos da-Latinidade: e a ser um grande Latino. As Leis nam se-podem saber, sem intender o Grego; visto-que muitas constituiçoens Imperiais, foram escritas em Grego: postos os quais principios, abre-se a porta, a toda a outra sorte de estudos. Alem de que oje, é costume moderno, que os Jurisconsultos intendam bem, estas duas linguas; e escrevam a Latina perfeitamente; contudo ainda nos-seculos menos polidos, que foram o 16.º &c. se-executou isto muito bem. Podia citar a V.P. duziás de Jurisconsultos, que nam só escreveram bem Latim, e Grego; mas que nas linguas Orientais, foram insignes: muitos que escreveram sobre a Latinidade, como ninguem; que foram gran-

grandes Iſtoricos, Poetas &c. Quem ſoube melhor Grego, e Latin no-16.^o ſeculo, que *Budeo*, *Alciato*, *Duareno*, *Latinio*, *Leunclavio*, *Pancirolo*, *Jeronimo Wolfio* &c. ? Quem chegou à pureza da-Latinidade, de *Mureto*, *Giſanio*, *Antonio Agofſinbo*, *Pitheo*, *Hotomano* &c. muitos dos-quaes tambem eſcreveram, ſobre a lingua Latina ? Aonde ſe-acha um poeta Latino, ſemelhante a *Buchanam*, e *Baudio* ? Alem diſo, ſe V. P. examina a erudiſam de muitos deles, achará, que nam paráram aqui, mas paſáram muito adiante : e que ſotam, alem de grandes Iſtoricos, grandes Criticos, iſto é, omens de juizo exato, na noticia dos-autores, e antiguidades. *Brodeo* ſabia Grego, Ebraico, Caldaico, e Latin, na ultima perfeiſam, e era um critico excéltente. *Mercier*, foi famozo no-Grego, Ebreo, Caldeo, Latin, e comenſtou otimamente a Eſcritura. *Mafio*, alem de ſer Filozofó, ſoube bem Grego, Latin, Ebreo, Caldeo, Siriaco. Acham-ſe no-meſmo tempo muitos, que foram juntamente bons Teologos : deſte numero é, *Mercier*, *Balduino*, *Jacob Bilio*, que alem de Teologo, foi tambem Matematico, Poeta, douto em Grego, e Latin. *Martin del Rio*, que ſoube o meſmo. &c. poſo acrescentar o meſmo *Cujacio*, que, alem de ſaber bem Grego, e Latin, ſoube perfeitamente a Iſtoria da-Igreja. E por-nam deixar de nomiar um Portuguez, apontarei tambem o exemplo, de *Antonio de Geveia*, Bejenſe : o qual indo menino para Franſa, onde eſtudou, e enſinou ; nam só foi um dos-mais doutos Jurifconſultos do-ſeu ſeculo ; mas famoziſſimo Filozofó Peripatetico ; em cuja materia eſcreveo, contra *Pedro Ramo* : foi inſigne Poeta, e Retorico : eruditiſſimo em Latin, e Grego : venerado em tudo do-meſmo *Cujacio*. Veja V. P. o que pode fazer um Portuguez, ſe tem quem o-enſine bem. Se paſamos ao ſeculo 17.^o vemos que ſe-aumenta o numero, dos-doutos Jurifconſultos. *Morneo du Pleſſis* nam só era um doutilimo Teologo, mas Filologo inſigne : ſabia Grego, Latin, Ebraico, como a ſua propria lingua. *Grutero*, tambem era um Filologo, e Critico erudito : bom Grego, e Latino. *Cuneo* é um daquees omens, que tem poucos ſemelhantes : a ſua Latinidade parece do-ſeculo de Auguſto : era alem diſo Poeta Grego, e Latino excéltente : era bom Orador : ſabia bem as linguas Orientais, Ebreia, Caldeia, Siriaca. *Salmaſio*, e *Gronovio* o velho, nam só eram bons Criticos, e eſcreveram bem Grego, e Latin, mas eram Poljhiftóres, e maiores que todo o louvor. *Joam Selden*, era um perfeito Iſtorico, Cronologo, Filologo, e Critico : poſuia perfeitamente Grego, Ebreo, Si-

riaco, Caldeo. *Rigaltio*, alem de ser muito erudito em Grego e Latim, comentou e fez notas, a infinitos autores Eclesiasticos, e Profanos. Finalmente quem pode nomiar sem admiração, *Ugo Grocio*, aquele milagre de Olanda! Nam se-acha no-seu tempo, poeta Latino igual, em todo o genero de metro. Era Orador consumado, Istoriador, Critico, Politico, Filologo. Na Latindade é purissimo: no-Grego, Ebreo, Caldeo, Siriaco eruditissimo. Mas isto é nada: foi um dos-maiores Teologos do-seu seculo, e um dos-mais doutos Interpretes, da-Escritura.

Fico aqui: por-nam fazer livro inteiro. O que sucederia, se quizesse nomiar todos, os que me-ocorrem. Dos-que tenho apontado, se-conclue muito bem, quam grande soe, a erudición destes omens. Eles eram todos Jurisconsultos de proficiam: muitos deles, catedraticos: e alguns eram ministros de Principes, e Republicas. Contudo a maior parte deles, nam só compoz, nas materias que aponto, mas fizeram alguns tratados particulares, e eruditissimos de Direito: o que facilmente conhecerá, quem revolver as suas obras, que sam notas a todo o mundo Literario. Estes exemplos provam bem, o que pode fazer, um Jurisconsulto aplicado. Nam cito exemplos da-India, ou Japam: os que aponto sam daquelas Naoens, que estam vizinhas: pola maior parte sam Francezes, Inglezes, Olandezes, Alemães. Em uma palavra, sam das-mesmas Naoens, que os Jurisconsultos Portuguezes desprezam: e a quem chamam ignorantes. E se esta erudición particular, se-acha entre omens, que se-reputam rudes; porque nam se-á-de achar entre estes, que se-prezam de sutileza? Acrescento a isto, que ainda em um seculo tam ignorante como foi o XIV. conhecèram alguns Jurisconsultos, que mui bem se-podiam aplicar, a outtas coizas. *Bartolo de Saxoferrato*, que passou toda a sua vida ensinando, e escrevendo; contudo estudou Mathematica, e Lingua Ebraica: como nos-ensina o Genebrardo, na sua Cronologia, e o Vossio na Filologia; por-nam trazer outros exemplos. Comque verá V.P. que estes que assim respondem, nam tem desculpa, na sua ignorancia. Sam teimozos e obstinados, em nam admitir a razam: e sam inconstantes, nas suas mesmas razoes. Quando lhe-tem conta, os Estrangeiros nada sabem, e só eles sabem: quando lhe-argumentam, com o exemplo dos-Estrangeiros; respondem, que a Lei deve ocupar, toda a vida de um omem: no-que vem a conselar-se inferiores, aos Estrangeiros: os quais certamente se-ocupam, e sabem muitas mais coizas diferentes. Sede la cura com tais freguezes! O que se-colhe da-
qui

qui é, que injustamente se-condenam, as Naçoens estrangeiras: e que-com grande razam se-deve condenar, o estílo de Portugal.

Mas ja me-parece que V.P. enfastiado de um tam comprido discurso, para persuadir uma coiza, que é bem manifesta; me-pede, que aponte brevemente, o sistema de estudar a Lei, seguindo as reflexoens propostas. E aindaque do-que disse, se-podia intender muito bem; contudo, para facilitar a intelligencia, aos que nam se-querem cansar, o-farei brevemente; fazendo primeiro, algumas reflexoens.

A lei comua é uma colesam das-leis Romanas, que parte nos-tempos da-Republica, parte no-dos-Imperadores se-fizeram, em-diversos cazos, e circumstancias. Em todos os tempos, e todas as Naçoens cultas, achamos Legisladores. Moizes é o mais antigo de todos: cujas leis ensinou Deus, e ele escreveu. Mercurio Trismegisto o-foi dos-Egipcios. Minos dos-Candios. Pitagoras dos-Povos da-Magna Grecia: como tambem Carondas, e Zeleuco. Licurgo de Sparta. Dracon, e Solon de Atenas. A estes seguiram-se os Romanos. As primeiras leis deles, foram propostas polo Senado, que na fundasam de Roma criára Romulo, e confirmadas polo Povo. Papirio, que vivia no-tempo de Tarquinio Prisco, foi o primeiro que compoz, a Colesam das-leis Regias. Desterrados os Reis, o Povo anulou as suas leis, em certas coizas: e Romá em parte, viveo com um Direito incerto: atéque obrigado o Senado, polos Tribunos do-Povo, mandou omens á Grecia, buscar as melhores leis, daquelas Republicas: de que se-compuzeram, as leis das-doze Taboas: que foram todo o fundamento, da-lei Romana. A brevidade, e severidade destas leis deu lugar, á interpretasam dos-Prudentes, e ao Edito do-Pretor: os primeiros, explicáram o intento da-lei: os segundos, mitigáram o rigor, e suprâram as faltas. E como os Patricios invejavam aos Plebeos, terem usurpado alguns magistrados, que antes nam tinham; para se-distinguirem destes, e serem necessarios na Republica, inventáram mil formulas novas de Direito, e as-ocultáram com todo o cuidado. Aumentando-se sensivelmente tudo isto, comelou o estudo da-Lei, a ser dificultozo. E aqui comelam a aparecer os Jurisconsultos, os quaes-se-aplicavam a ele, para subir aos primeiros cargos da-Republica: de que largamente fala Cicero, nos-seus tratados Rêtoricos.

Estes Jurisconsultos eram meros Consulentes: mas Augusto, que queria inclinar suavemente, as leis da-Republica, para a Monar-

narchia; elegeo alguns dos-seus amigos, e clientes, para que só elles respondessem *de jure*; e deu forsa de lei, às suas respostas. O mesmo fizeram, outros Imperadores seguintes até Justiniano: o qual das-ditas obras, e outras coleções de leis de alguns antecessores, fez a coleção de Leis, que hoje temos. Primeiro publicou o Código, no-ano 529. depois as Instituições, no-ano 533. e no-seguinte ano as Pandetas, as quais já estavam acabadas, antes das-Instituições: e neste mesmo ano 534 reformou o Código. Feito isto, mandou executálas em Italia, que pouco depois aquistou, deitando fóra os Godos: dos-quais seu Rei Alarico, também tinha publicado, um Código de leis; que, aindaque passé com o nome de Teodoziano, é diferente, do-de Teodozio. Mas poucos anos depois da-sua morte, e no-tempo de seu successor Justino, intráram os Longobardos em Italia, no-ano 568. Desorteque, tirando o Exarcado de Ravena, o Ducado Romano, as Ilhas de Veneza, o Ducado de Napoles, e algumas Cidades marítimas; que continuáram na obediência, dos-Imperadores Gregos, e com as leis Romanas; (e ainda nestas partes, só tinha alguma estimação, o Código, e as Novelas de Justiniano) toda a Italia ficou sujeita, aos-Longobardos: os quais, desprezando as leis Romanas, compuzeram as Longobardicas: a que ao depois acrecentáram outras, os Francezes que domináram em Italia. E isto durou, até o fim do-seculo XI. Nesta era, que comprehende Longobardos, Francezes, e Tudecos, não era alguém obrigado, a seguir as leis Romanas: mas nem menos era prohibido: e podiam os Romanos, que se-achavam naquelas partes, e outros por-costume antigo, servir-se das-leis Romanas: o que principalmente faziam, os Ecclesiasticos. Além dos-Juizes Longobardos, aviam outros Romanos; quero dizer, que julgavam segundo as leis Romanas: aindaque conjecturam os homens doutos, que somente se-serviam, de algum compendio do-Código, ou, quando muito, das-Instituições. E avendo tantos Romanos em Franca, e Espanha, no-dito tempo; por-esta razão a lei Romana, já introduzida nelles, não se-extinguio totalmente, nos-ditos paizes: aindaque a noticia era pouca, porque a copia de tam grossos volumes, custava muito, e raramente se-obtinha: e os Imperadores Francezes, tinham permitido aos Romanos, servir-se de uma de trez, ou da-Lei Longobarda, ou Romana, ou Franceza.

No-principio do-seculo XII. appareceu o Digesto em Bolonha: e Irnerio professor publico de letras humanas, na escola da-dita Cidade, (este tinha estudado leis, em Constantinopoli) namorando-se do-di-

do-dito livro, publicamente o explicou. De cuja escola saíram alguns, que foram explicar leis em outras partes, nam só de Italia, mas da-Europa, v.g. em Franfa, Inglaterra &c. Despois, polos anos 1137. appareçeram em Piza os ditos Digestos, a que chamam Florentinos. Mas nem o Imperador Lotario II. anulou no-ano 1136. as leis Longobardicas, como muitos intendem; nem Imperador algum daqueles tempos, exprefamente confirmou, a lei Romana, ou obrigou os Povos de-Italia, a seguila. Mas insensivelmente de umas escolas, pasou para outras: e, quando estava bem introduzida, das-escolas pouco a pouco, para os-tribunais. Com a introdufam do-direito Romano, que sem duvida é mais racional, pouco a pouco se-foram esquecendo, as leis Longobardicas. E este estilo de Italia, espalhou-se por-outros paizes. Neste tempo as Cidades livres de Italia, foram fazendo os seus estatutos, conformes aos seus costumes, e por-consequencia, menos conformes, à lei de Justiniano. Estes se-aperfeioáram no-seculo XV. e XVI. e entam tiveram forfa maior, que a Lei de Justiniano. Deste modo as leis Romanas, só tem forfa nos-tribunais, ou porque é costume, nas coizas que nam se-acham nos-estatutos, servir-se da-lei comua: ou porque assim o-manda, o estatuto. Por-este mesmo estilo, se-introduzio ela tambem, nas mais partes da-Europa. Nas quais vio-se obrigada, ceder o primeiro lugar, aos costumes, e outras leis municipais, dos-ditos Reinos.

Estas leis, que pareciam obscuras, comesáram na Italia a explicar, alguns Jurisconsultos, fazendo ou Sumas, ou Glozas. Deste numero foram, *Irnerio*, *Rogério*, *Bulgaro*, *Placentino*, *Bafiano*, *Azone*, e alguns outros: mas sobre todos, nos-principios do-seculo XIII. *Acurfio* &c. Tendo assim comefado as explicaçõens, aumentáram-se sensivelmente, no-seguinte seculo XIV. no qual appareceo, uma turba imensa de Jurisconsultos, *Bartolo*, *Baldo*, *Tartagna*, *Saliceti*, *Paulo de Castro*, *Jafone* &c. Estes omens naquele tempo eram venerados: mas, para dizer a verdade, eram aindaque doutos, ignorantes das-antiguidades: desorteque abríram a porta, a mil sutilezas: o que deu materia, de engrosar tanto os volumes legais, que oje nam se-podem fuportar. No-seculo XVI. appareçeram omens, que, servindo-se da-noticia da-Antiguidade, interpretáram melhor as leis. Deste numero foram, *Cujacio*, *Mureto*, *Hotomano*, *Gotofredo*, *Antonio Fabro* &c. os quais com a sua profunda erudifam, mostráram os erros dos-antecedentes, no-explicar o Codigo, e Digestos: e nos-deram mais acertadas interpretaçõens.

rens . E entam é que parece , que se-espalhou este estudo , polás mais partes da-Europa . Contudoiso , de entam para ca , quero dizer , nestes ultimos dois seculos , é que appareçeram tantos Traductistas , e Consultentes de Direito , que todo o trabalho de muitos doutos interpretes , das-leis Romanas , que entam appareçeram , pouco ou nada aproveitou , à Republica civil . Esta é a ferie do-direito Civil : na qual manifestamente se-conhece , a necessidade que tem o Jurisconsulto , do-estudo da-Istoria : visto ser ela a que mostra , por-que fim , e em que circumstancias , e tempo , foram feitas as ditas leis : muitas das quais parecem contrarias , às outras . Comque , daqui é que deve o estudante , comefar o estudo da-Lei .

Suponho pois , que o dito moço tem estudado , trez años de Filozofia , como apontei , nas minhas antecedentes cartas : quero dizer , que tem estudado aquella Logica , que ensina a julgar bem , em toda a materia : e aquella Fizica , que ensina a formar verdadeiro conceito , do-que é natureza criada , e incriada . Se este moço tem lido no-terceiro ano , a Etica , pode pasar adiante : se a-nam-tem lido , é necessario , que primeiro a-estude . E nam deve estudar somente aquella Etica , que trata do-sumo bem , e direito Natural ; mas tambem a que trata , do-direito das-Gentes : em breve fim , mas deve entendêla bem . Tendo visto quais sam as fontes , do-Direito todo , deve pasar a estudar , a istoria Romana . E como esta nam se-pôsa intender bem , sem intender ao menos , a istoria Universal ; por-iso deve estudála : E no-mesmo tempo tomar alguma ideia , da-Cronologia , e seus principios : e juntamente procurar na carta Geografica , os lugares , e provincias , de que se-faz mensam : pois desta sorte , nam só intenderá melhor a Istoria ; mas conservará perpetuamente , a memoria dela . Sem Cronologia , e Geografia , é superfluo ler a Istoria , porque nam se-intende . Nam me-cansarei agora , em apontar autores : basta dizer , que isto se-pode estudar polo *Valemont* , que está traduzido em Portuguez . A noticia que ele dá , é a que basta , a um principiante : pois com o tempo , pode-se dilatar a tal noticia , e estudar perfeitamente , a Istoria . Se o estudante tiver alguma noticia disto , basta que pase logo , à istoria Romana : a qual é necessario intender perfeitamente : pois quem a-sabe bem , tem o comentario perpetuo , da-Lei . Damesma sorte que quem sabe a istoria dos-Judeos , seus costumes , e uzos &c. percebe facilmente , toda a Escritura . Onde é necessario saber , a istoria da-Republica Romana , desde o seu principio , até o tempo de Augusto : a qual só se-intende , sabendo primeiro os uzos , e costumes , de-
les .

lês. Para isto pode servir o Cantélio, *Respublica Romana* 12.º da-edifam de Utrech 1696., que é a mais correta: ou alguma das-de Veneza, feita por-esta. Neste livro se-explicam sufficientemente, as antiguidades Romanas. Pode-se ajuntar a este, o Nieuport = *Rerum qui olim apud Romanos obtinuerunt, succinta explicatio*. 8.º Isto basta para um principiante: visto que um homem que quize se, internar-se nesta historia, deveria ler o Rofsino = *Antiquitates Romana cum Thomá Demspeteri Paralipomenis* 4.º o Lazio = *de Romana Republica*. ou tambem a *Notitia Imperii Romani, cum consenz. Pancirolli*. fol. E quem quizer saber melhor isto, deve ler o Sigonio, = *de Jure Civium Romanorum &c. de Antiquo Romanarum Provinciarum jure &c.* o Bullengero, = *de Romano Imperatore*: e tambem = *de Romano Imperio, & Magistratibus &c.* o Manucio = *de Romano Senatu*: = *de Romanis legibus &c.* Mas para o principiante, basta o que digo: o homem adiantado, pode servir-se dos que aponto. Despois disto, deve ler em compendio, a historia Romana. O Nieuport escreveu uma Latina boa, e nam difusa em 4.º Nam aponto outros, que se-acham em varias linguas, porque nam fazem ao caso. Entre os Francezes, nam é mau o *Dupleix* fol. 2. O *Catrou*, e *Ronillé* escreveram a historia da Republica mui bem: mas sam 18. volumes in 4.º Francezes, ou Italianos: e nam sam para rapazes.

Segue-se a historia dos-Imperadores, até à destruisam do-Imperio Romano, no-Occidente: e despois, ler a historia Romana no-Oriente, até o tempo de Justiniano, e seus sucesores. Quem deixasse esta historia, no-fim do-sexto seculo da-Igreja, eu o-nam-condenaria: ainda que seria muito melhor, que continuasse a do-Oriente, até a destruisam do-dito Imperio, no-meio do seculo XV: e a do-Occidente, que a-continuasse, até o tempo presente. Ao menos, que soubesse a historia dos-Imperadores: e as revoluçoens que teve este Imperio Romano: e o modo com que acabou em Alemanha: onde oje existe somente o nome: e a razam por-que se-conservou, este nome. A falar verdade é loucura persuadir-se, como muitos fazem, que o Imperio Romano exista oje, em Alemanha. Conserva-se o nome, por-fins politicos: mas o que possui o Imperador em Alemanha, é nada, em comparasam do-Imperio Romano: e ainda unindo a isto, todos os estados que possui, a caza de Austria; nam é mais que uma pequena provincia, do-antigo Imperio Romano. Mas o saber esta historia é mui util, para entender as leis mais modernas, os uzos dos-Feudos &c. A isto-

istoria dos-Imperadores Romanos até Honorio, escreveu maravilhosamente M. de *Tillemont*, em Francez. Tambem o *Coeffeteau* escreveu em Francez, a istoria dos-Imperadores, até Constantino Magno, fol. é mais breve que o *Tillemont*, e ambos são famosos: Um só autor tratou esta istoria, desde o principio da-Republica, até o ano 1500. depois de Cristo, melhor que ninguem, este é M. *Echard*. Mas escreve em Inglez: aindaque já o tempo traduzido em Francez, até Constantino Magno, trezentos anos depois de Cristo. Quem nam tiver outro, pode ler o *Egnatius*, que escreve em Latim, a istoria dos-Imperadores, desde Julio Cezar, até Maximiliano I. em 8.º ou o *Cuspiniano*, que escreve até o mesmo tempo, fol. ou o *Estrada*, que continua a dita istoria desde o principio, até Matias I. fol. Estes são Latinos.

Tendo o estudante lido bem, a istoria Romana, a qual dá luz para entender, as leis Romanas; deve, antes de fazer outro passo, ler a istoria do-direito Civil, principalmente do-Romano. Conheço, que a istoria Romana bem entendida, supre esta noticia: mas como nam é facil, que um estudante principiante, colha por-si mesmo da-dita istoria, o que deve; por-isto me-parece mui necessario, que busque algum autor, que lha-ponha em breve. *Valentin Forsteri* escreveu no-principio do-seculo passado, esta istoria: a qual se-imprio, um ano depois da-sua morte em 1609. Nos-fins do-dito seculo compoz a mesma em 12.º o *Doujat*, e é mais estimado, que o outro. *Claudio Jozé de Ferrieres*, escreveu a mesma istoria em Francez: mas é moderno, e bom. Em falta deles, pode servir o *Paulo Manucio*, *Antonio Agostinho*, *Hotomano*: mas melhor que todos, *Paulo Merula*: que escreveram de *Historia legum Romanarum*, & *Senatusconsultorum*: ou *Pancirolli*, e tambem o *Gravina*, que escreveu no-presente seculo = de *Origine & progressu Juris* 4.º aindaque é um pouco obscuro, e difuzo. Julga-se porem que melhor que todos, escreveu nesta materia, *Guilherme Grocio*. Deve aqui o estudante, entender miudissimamente, toda a sorte de Magistrados, e Leis: e a istoria dos-jurisconsultos, e suas setas. Com estas noticias pode passar logo, às Instituições de Justiniano, que entenderá facilissimamente: advertindo porem, de fugir de toda a sorte de comentarios. Eu nam permitiria, que o estudante lese, senam polo *Perezio*, ou ainda melhor, polo *Heinecio*: que escrevem uma breve parafrase, das-Instituições: e o *Heinecio* escreve a istoria das-Antiguidades, seguindo a ordem dos-titulos das-Institui-

taifoens: e tambem uma breve istoria, do-Direito Romano-Germanico. Todos os mais comentadores sam impertinentes, e confuzos: e pouco proprios, para principiantes. Dos-quais digo, o que ja dise um omem douto, dos-comentos do-Cardial Gaetano sobre S. Tomaz, que despoisque os comentadores, explicáram S. Tomaz, ninguem o-intendeo. Damelma forte eu digo de Justiniano, que despoisque os interpretes o-explicáram bem, reduziram-no a estado, de nam se-poder entender. E a razam disto é, porque-querem descobrir nas suas palavras, tanta justisa, e tais mysterios; que lhe-atribuem muita coiza, que ele nam quiz dizer.

Estes tais idolátras de Justiniano supoem, que o seu legislador teve, revelasoens divinas: e com esta ideia, nam se-rezolvem a dizer, que dise mal em muitas coizas, e se-contradise em outras: mas tudo querem justificar. Porem nisto inganam-se manifestamente. Justiniano era um Príncipe imprudente, inconstante, e pouco proprio para legislador. Era tam inclinado a decedir tudo ou bem, ou mal; que tambem quiz fazer leis, em materia de religiam. Publicou muitas leis más, e mudou muitas imprudentemente. Os que compuzeram a colesam do-Direito, tambem sabiam pouco o seu officio: e nam puderam evitar muitos erros, e inganos: especialmente Triboniano era imprudente, e pouco veridico. Os Imperadores do-Oriente, conheçeram mui bem, estes defeitos em Justiniano. O Imperador Bazilio Macedonico, como diz Cedreno nos-seus Anais, condena-va a grande extensam de Justiniano, e falta de clareza, e de ordem: e com effeito para uzo seu, publicou um compendio, do-Codigo de Justiniano. Seu filho Leam publicou, outro compendio das-Pandetas: e outros Imperadores Gregos, conhecendo a insufficiencia daquela obra, fizeram tambem epitomes do-Direito. Os mesmos Visigotos, preferiram o Codigo de Teodozio, ao de Justiniano. Onde, quem nam conhece isto, nam é bom para comentador. Por-este motivo é necessaria a istoria, para vermos, como se-devem entender e tomar ás coizas: e por-este mesmo principio, nam devemos fazer cazó, do-que dizem muitos interpretes.

Confesso a V.P. que tendo visto, muitos comentadores das-Instituisoens, e alguns bem pouco conhecidos, neste Reino; nam vi algum, que se-pudese tolerar, e que nam disese coizas indignas. Ou dizem coizas mal fundadas, ou se-metem a explicar coizas, que se-intendem melhor, quando se-nam-explicam: e persuado-me, que nenhum omem de juizo, que examinar sem paixam os ditos livros, dirá, que se-podem ler com paciencia. Mas, sem sair

dos-co-

dos-comuns ; cuidava em uma vez , que o *Vinio* , que mostrou bom juizo em muitas coizas ; o tinha tambem nesta : mas examinando melhor o dito livro , achei que era o mesmo , que os outros : e talvez pior um pouco ; porque afeta muita sutileza , e filosofia Peripatetica . Cada palavra um comento . As notas sãõ ainda piores , que o comentario . Ri muito , quando achei no primeiro titulo ; explicada a palavra *Generaliter* , desta sorte : *cursum ; obiter , summam* . E eu seguro a V. P. que se-intende melhor , ouvindo dizer a Justiniano : *His igitur generaliter cognitis &c.* doque lendo a dita interpretação . Cada definição das Instituições , deve ser feita por-genero , e differença , e com todas as solemnidades dos Peripateticos . Nam quero sair da-mais celebre , que é a da Jurisprudencia , a qual deu *Ulpiano* (1) ; e repetê Justiniano nas Instituições = *Jurisprudencia est divinarum , atque humanarum rerum notitia , justis , & injustis scientia* = . Esta definição tem quebrado a cabeça , aos Jurisconsultos , que por-bem , e por-mal quizerem , que seja boa . Se *Ulpiano* parase em dizer , que era ciencia do-justo , e injusto ; podia-se perdoar : mas dizer , que comprehende as coizas divinas , e humanas ; e querer , que lhe chamemos Enciclopedia ; ou , para-o-dizer mais claro , e que- rer , que demos uma rizada . Contudo isto ; os Juristas nam fãõ esta opiniaõ : he defendem muõ seriamente , que dise bem o *Acrisio* pergunta , se será necessario , que o Legista estude Teologia : e responde que nam : *Nam omnia in corpore Juris inveniuntur* . Famoso livro deve ser este das-Leis ! Mas ainda que ele comprehende , o direito Canonico ; e certo , e que nele nam se acha a Teologia , Filosofia , Matematica , &c. donde vem sem- pre a dizer uma falsidade . *Grosfredo* explica assim : *Quia conjuncta sunt utrum Juris divini , & humani scientia* . Se disese , *Juris divini , & humani notitia* , poder-se-ia perdoar a *Ulpiano* ; mas nam se-pode perdoar o dizer , *Divinarum , & humanarum rerum* . O bom *Vinio* , parecendo-lhe a explicação de *Grosfredo* , mais popular , dá uma , a que ele chama sutil ; mas que é pior que a popular . *Nempe hactenus res divinas , & humanas esse obiectum hujus scientia , quatenus ea , cum de jure harum rerum queritur , quid justum , aut injustum sit doceat* . Mas que coiza ve V. P. nella explicação ; que nam seja pior , que as antecedentes . E melhor dizer , que Justiniano quiz falar do-Direito de-entam ; doque querê defender , que a Jurisprudencia , serve para tudo . Gritará logo os Teologos , que nam sãõ

(1) *L. Justitia est constans. ff. de Justitia , & Jure* .

ferve para elles, pois tem leis mais certas: gritarám os mesmos Pragmaticos legais, e diram, que se tudo se-acháse, no-corpo das-Leis, seriam superfluos tantos doutores, que acrecentáram limitasoens. &c.

Nisto verá V. P., que tais sam, as limitasoens destes interpretes; e, se quizer abrir o dito livro, e examinálo em muitos e muitos lugares, achará o mesmo. Desforteqne um omem que saiba, que coiza é metodo, e intenda bem Latim; nam pode menos que rir-se, destes comentarios todos. Pois que, dir-meám, nam devemos comentar as Instituisoens? e eu respondo, que para rapazes, nam. Somente permetiria fazer algumas breves notas, em dois cazos: um, quando fosse lugar obscuro, e necessitáse de istoria; apontar brevemente a dita erudisam: porque isto basta ao rapaz, que tem lido a Istoria, e ritos Romanos. O outro cazo era, quando se-tratáse de alguma lei velha, que ja nam está em uzo, ou que se-acha revogada, por-outra Civil, ou Canonica; advertilo brevemente, em uma nota. Isto bastava: e desta forte se-intenderiam bem as coizas, e em menos tempo. Onde concluo, que o principiante deve fugir, de todos os comentarios: e ler a primeira vez, as Instituisoens: na segunda, notar no-seu caderno, em que tenha dispostos os titulos delas, as coizas que apontamos: proguntando ao mestre, quais sam as leis revogadas &c. E quando nam tivese ocaziam, de lho-proguntar; só em tal cazo, e com algumas cautelas lhe-permetiria, ler o mais curto expozitor: e somente no-dito ponto. Nos-seguintes anos, quando ja o estudante é adiantado; entam pode ler um expozitor, que, alem do-dito, rezolva algumas questsoens, que nacen do-texto: e proponha todas as limitasoens &c. porque um omem adiantado, quando abre um livro, sabe o que deve buscar, e deixar: mas um rapaz confunde-se, com aquela machina de coizas. Digo porem, que seria mui necessario, que algum omem douto, regulando-se polo *Heinecio*, despojáse o *Vinio*, de todas as sutilezas, e superfluidades que tem: deixando-lhe unicamente, as notas dos-lugares oscuros: e apontando, como digo, algumas questsoens utis para o foro. Deviam porem advertir aos rapazes, que as simpleses *notas*, sam para elles: e que as *questsoens*, sam para os adiantados: porque as coizas claras, nam tem necessidade de explicasam: e as que sam necessarias para o foro, basta que se-apontem, em breve. Pois é certo, que nenhum Advogado se-contenta, com a noticia que dam as Instituisoens, sem ir ver os outros interpretes do-Direito, ou Tradadistas, ou Consulentes.

Este é o defeito principal que eu acho, em todos os Jurisconsultos, falta de metodo: Nenhum facilita a intelligencia, das-coizas que trata: nenhum se-contenta de dizer pouco, contanto que diga bem: todo o ponto está, em acarretar erudisan, e amontoar textos, sem pés nem cabeça. Como se para um omeri ser bom Jurista, tivesse necessidade, de saber quantos textos se-acham, no-direito Civil, sobre a mesma materia! Isto é o que se-tem procurado emendar, no-seculo presente: dispondo as coizas de maneira, que sirvam a todos. E isto é aquilo mesmo que, em quanto nam apparece um bom livro, deve ensinar aos dicipulos, um mestre douto, e que verdadeiramente ame, o bem do-Publico. Seria muito melhor, que nas escolas, quando explica as Instituisoens, trouxese o leitor de caza um caderno, com as notas necessarias, e que o-ditase aos principianres: e estes, escrevendo as ditas notas, evitariam o trabalho, de abrir livros que nam intendem, e fariam grande adiantamento. Neste particular, nam posso deixar de louvar, o *Heinecio*. Este Jurisconsulto compoz uma breve parafrase, de todas as Instituisoens, com algumas notas brevissimas, e bellissimas. compoz alem disto, as antiguidades Romanas, necessarias para intender as Instituisoens, seguindo a mesma ordem dos-titulos: sam 2. tominhos em 12.º compoz a historia do-Direito, e alguns opusculos bellissimos. E quem nam tivesse lido a historia Romana, ou do-Direito; podia em cazo de necessidade, aproveitar-se destes livros; que sam famosos, para as dificuldades.

Tendo pois o estudante intendido, que as Instituisoens sam um compendio, do-que se-contem nas Pandetas, e Codigo; que é o mesmo que dizer, de quazi todo o corpo do-Direito: deve notar juntamente, quais sam os titulos do-Direito, que ja nam estam em uzo, para os-deixar: porque é tempo perdido, estudar coizas, que nam ám-de servir. E deve juntamente notar, quais sam os mais famosos, de que dependem, ou para os quais se-reduzem, os outros. Para fazer isto é necessario, que abra os Digestos, e Codigo, e leia brevemente, os titulos das-Leis: nam só para conhecer, quais deve estudar; mas tambem para saber, em que livros se-acham, para podèlos buscar, nas ocazioens. Nam digo, que leia tudo: mas que busque um autor, que brevemente exponha tudo isto, segundo a ordem dos-Digestos &c. e neste compendio, observe o que digo, e se-enfarinhe no-metodo, e ordem das-Leis: o que servirá de Prolegomeno para estudar, os tratados particuláres. Esta noticia pode-se alcanzar, em dois me-

zes: e para isto pode servir, o *Sebastian Brant*, que é um livro em 12.º impreso em Veneza em 1584: e depois, em outras partes: em que traz o rezumo dos-titulos, de ambos os Direitos: ou algum semelhante. Pode tambem servir muito, o *Daniel Venatorio*, que faz a Analize Metodica, do-Codigo, e Pandetas. Quem intendêse o Francez, podia servir-se de *M. Domad*, que poz todas as leis, na sua ordem natural e metódica: sam 2. v. folio. Ele faz reflexoens tam judiciozas, e acomodadas ao caso, que nam me-lembro de as-ter lido, em nenhuma outra parte. Seria mui util, que o estudante compuzese por-si mesmo, um rezumo dos-ditos titulos: reduzindo a uma pagina, a summa de cadaum deles: pois desta sorte imprimem-se na memoria, sem grande trabalho. Porque ja disse a V.P. e nunca me-canfarei de o-repetir, que ler sem a pena na mam, e sem fazer rezumos, do-que le; é o mesmo que nam querer, saber coiza alguma. Estes mestres, que compuzeram estes livros, por-que nós oje lemos, confessam sinceramente, que os-compuzeram; para se-uzo: mas que ao depois, achando-os bons, os-publicáram. A experiencia tem mostrado, que só quem escreve o que le, é que o-intende, e se-lembra. Parece-nos muitas vezes, lendo um autor, que o-intendemos: mas quando queremos reduzir a duas palavras, o que diz, entam é que conhecemos, o noso ingano: e reconhecemos, que nam intendemos, o que quiz dizer. Com este metodo, muitos omens de pouca memoria, chegaram a ser, grandes Jurisconsultos: e deste numero foi *Bartolo*, que fazia rezumos de tudo, como diz o *Boissard, in Iconibus*. Mas este metodo, é totalmente ignorado, em Portugal. Nam digo somente dos-rapazes, mas ainda dos-mestres nam á quem o-faza: e conheci alguns destes, que nem menos fizeram postila; mas serviam-se de outras velhas. O estilo comum é este, ler e ler muito: e por-isto se-sabe mui pouco, e com muito trabalho. Onde digo a V.P. que devemos cuidar com empenho, em persuadir isto, aos rapazes.

Quando o moso vai lendo, pode notar, os que sam de maior utilidade, e por-lhe um final; para se-aplicar a eles, com o tempo. Mas o principal ponto está, em reduzir as Leis, à sua ordem natural; como deviam ser dirigidas, se acazo *Triboniano*, e seus companheiros conhecesem, (que certamente nam conhecêram) aquilo a que nós chamamos, *Metodo*. O que nam se-achamos-nos-livros do-Direito; pois em diferentes partes, e com bastante interrufam, se-trata dâmesma materia. Onde, para formar

verdadeira ideia, do-Direito, e estudar o que deve, deixando o que nam deve; é necesario ao estudante, nam só fazer o rezumo dos-livros; mas em outro caderno separado, fazer o seu index dos-tratados, e titulos, polo estilo que dizemos: o qual sem duvida alguma ajudará muito com o tempo, para reconhecer a coerencia, ou antinomia das-Leis. E se neste index notar, a diversidade das-Leis, e se sam, ou nam corretas &c. poderá fazer uma obra, mui util para a Cadeira, e para o Foro. Torneo a dizer, que isto é um prolegomeno: e que quando muito em cinco mezes, se pode completar: ou ainda em menos, se o estudante tiver um mestre, que o-ajude, e a quem o-queira proguntar.

Mas aqui é necesario, que o estudante advirta algumas coizas, que comumente advertem, poucos Jurisconsultos. Deve pois persuadir-se, que esta Jurisprudencia, e estes livros do-Direito, nam merecem todos aqueles elogios, que verá nas glozas, e alguns interpretes, que se-oferecerem. Sam bons, é verdade: tem muito boas regras, para conhecer o *justo*, e *injusto*: mas tem tambem muitos defeitos intrinsecos, e extrinsecos. Quem nam fórma este conceito, das-leis Romanas, ingana-se muito, e nam é bom para julgar. Por-mais de seiscentos anos, que os Jurisconsultos explicam estas leis, rarissimo antigo se-tem achado, que confesse planamente isto: algum mais moderno, especialmente os Tudescos, é que o-tem confessado sinceramente, como diz o *Multizio* (1). Antes polo contrario, como asima dise, todos os velhos defendem, a bondade destas leis, para julgar tudo. Um amigo meu, respondeo a estes argumentos, e mostrou, que alguns tinha.

O primeiro defeito intrinseco consiste, nas mesmas leis, que nam exprimem claramente, a mente do-legislador; desorteque sam fugeitas, a mil interpretaçoens: ou porque nam se-intende bem, o Latim, ou por-outras razoens. E isto succede tambem, nas leis municipais. A sutileza do-Jurisconsulto examina, cada palavra; sílaba, virgula, ponto; para saber o que ele dise: e em lugar de se-declarar o negocio, confunde-se com estas disputas. O segun-

(1) *Multi de Jure Romano e corpore Juris formando cogitantibus Germania expellendo: runt. Quorum sententia utilii de nullo in ordinem, et nam obtineret. Represent. Mathematicum redigendo, novoque est. Imperial. p.2, c.1. §.6.*

dô defeito é, porque as leis nam acautelam, todos os cazos possíveis, que sam muitos: de que nacêram tantas exceçoens, e limitações, que os Juristas dam a muitas leis, ou deduzidas de outras leis, ou da-boua razam. E aqui abre-se a porta, a mil interpretaçoens: pertendendo uns, que uma asám vestida de certas circumstancias, se-compreenda na determinação desta lei: e negando-o outros. O terceiro defeito consiste, em que nam bastam elas, para descobrir, e interpretar, a vontade dos-omens: a qual se-tira dos-fatos, ou das-palavras dos-tais omens: depende da-ignorancia, ou ciencia dos-notarios, que escrevem os testamentos, doações &c. E' coiza mui difficulতোza, descobrir isto: e sempre ouveram, e averám demandas, sobre contratos, fideicomisos, substituiçoens, e outras determinações dos-omens: para o que nam basta, todo o corpo das-leis Romanas. O quarto defeito provém, das-diferentes ideias dos-doutores, e juizes, que as-explicam. Sam fugeitos os omens, a mil incoerencias, contradicções, inganos &c. tem ideias gerais do-justo, e injusto: mas quando as-devem aplicar, aos cazos particulares, acham-se embrulhados: muito mais se estas, dependem da-intensam dos-outros; para descobrir a qual, nam á regra certa. Diversificam muito os doutores, sobre o-mesmo ponto. Os mesmos juizes de um só tribunal, uns affirmam, e outros negam: aindaque cadaum tenha bem examinado, a cauza. O pior é, que o mesmo tribunal revoga às vezes, o que primeiro tinha determinado. Isto confessa no-seu *Doutor Vulgar*, o famoso Cardial *de Luca*, succeder ainda na Rota Romana, que é o mais acreditado tribunal, do-mundo: = *Ainda os tribunais grandes, e primarios: onde o juiz de uma instancia revoga aquilo, que tem feito o juiz de outra. E ainda os mesmos juizes, sem nenhuma alteração de fato, revogam aquilo, que nam somente uma, e duas, mas muitas vezes tem decedido* = . Desforque ainda no-Foro, o ter tido muitas sentenças pola sua parte, nam produz certeza de justiza; mas somente, prezunsam de reto juizo. E assim nos-cazos particulares disputaveis, por-confissam dos-mesmos Juristas, só a opiniam, é a que regula tudo: nem á certeza alguma, que aquele tal fato se-compreenda, debaixo daquela tal lei. E às vezes é tam oscura a verdade, que se-acháram juizes de consciencia, os quais nam quizeram julgar: mas persuadiram a concordia, e ajuste racionavel, entre as partes. Onde conclue o dito Cardial *de Luca* ao noso intento: = *Posta a dita variedade de intendimentos, a pratica frequentemente ensina, que o sucesso é diverso daquilo, que*

que os Advogados promiscáram, que succederia bem, ou mal: e ainda porque os mesmos tribunais grandes retrátam, o que tem decedido. Do que se-prova, que nos-artigos legais, nam se-dá verdade certa, e determinada: e principalmente em materias conjecturais, e arbitrias: porque as coizas totalmente claras, raras vezes se-disputam, entre os Advogados (1). Daqui se-conhece concludentemente, que a Jurisprudencia nam é aquela regra certa, do-justo, ou injusto, que comumente se-diz: mas que tem defeitos tais, que nam á industria, que os-possa emendar; senam no-cazo que os Principes, reformasem muita coiza.

Quanto aos defeitos extrinsecos, claramente se-conhecem, na qualidade dos-interpretes, que, desde que refucitáram as leis Romanas em Italia, tudo quizeram explicar: e fizeram tais comentarios, e acarretáram tantas doutrinas, que oje samente desta fazenda, acham-se inumeraveis volumes. Proibíra Justiniano (2) aos Juristas, comentar as suas leis: reconhecendo, por-experiençia do-Edito Perpetuo de Juliano, que os comentarios eram, a destruisam das-leis. Mas os Juristas desde o XII. seculo fizeram tantos, especialmente no-XIV. e XV. que oje nam se-podem soffrer. Como a ignorancia do-Latim, e da-Istoria impedia intender, os textos todos; contentavam-se dos-sumarios, e das glozas, dos-que julgavam, que os-tinham intendido melhor. Os mestres nam faziam mais, que explicar um lugar do-Digesto, ou Decreto, por-meio de outro: os dicipulos abaixavam a cabeça, e samente se-aplicavam a executálo: tratando questoes sobre as consequencias, que deduziam dos-textos: dando conselhos, e dizeoens. Onde nam tendo dos-principios da-Etica, tirado boas consequencias, samente procuravam, os seus particulares interesses. Aqueles mesmos que buscavam a justiza, nam sabiam outros meios mais, que os remedios particulares contra a injustiza: de que nacêram tantas clauzulas, para os juizos. Nam preveniam os danos, tirando as cauzas gerais das-demandas, e delictos; que era fazer comque os Principes, propuzesem leis certas &c. samente procuráram remediar, os males atuais. Desta forte, quando as leis Romanas se-introduzíram, nos-Reinos da-Europa; achando os Povos, com certos costumes contrarios, que nam se-podiam deixar; cazáram-se tam mal, que a Jurisprudencia fi-

cou

(1) De Luca, Doutor Vulgar Cap.IX.

(2) L. Deo auctore. C. de vet. jur. enuel.

cou mais incerta , e embrulhada , doque tinha sido , com as leis Longobardas .

Isto porem é nada . daí para diante é que se-aumentáram as futilzas . Um levantou uma doutrina nova , ou por-capricho , ou por-necessitar dela , para alguma escriptura : Os dicipulos abraçaram-na : algum Advogado servio-se dela para outro cazo : e desta sorte , citando uns a outros , se-fez comua . Apareceo outro Advogado , a quem nam agradava : impugnou-a : teve sequazes : e temos outra opiniam comua contraria . E desta sorte appareçeram tantas opinioens comuas , contrarias entre si , que é uma piedade . Este é o cazo que tinha succedido , a *Bartolo* , *Baldo* , *Rafael Fulgozio* , e outros muitos , que pecavam deste vicio: muitos dos-quais , nam só por-necessidade , mas por-sua alta récriasam , contrariava n os antecedentes : Como fez *Baldo* , que muito de propozito , censura em varias partes , *Bartolo* seu mestre : e , para me-servir das-palavras de *Pancirolo* , (1) *Conatus est ipsius nomini tenebras effundere : quem ex professo mordet , nec sine contemptu quandoque nominat : & judices eum sequentes , cæcos vocat* . Mas o pior de tudo está , emque muitos louvaram , estas contradisoens . E certamente nunca pude perdoar , a *Paulo de Castro* , querer desculpar a summa inconstancia de *Baldo* , em se-contrariar a si mesmo ; com dizer , = *id non levitate , sed ingenii subtilitate evenisse* = : como se o dizer parvoices , fosse futilza !

Emfim isto chegou a termos , que oje nam se-sabe , qual é a opiniam comua . *Joam Belloni* , e *Oracio Cardon* , que recolhèram as opinioens comuas legais , que corriam no-seu tempo ; ou tambem , *Antonio Maria Corazio* , que no-principio do-seculo passado , compreendeo em trez tomos , todas as comuas ; vîram logo perdido , o seu trabalho ; porque no-mesmo tempo , *Jeronimo Zavallos* Espanhol , compreendendo no-seu *Speculum Aureum* , só as opinioens comuas , contra outras comuas ; nam fez menos , que quatro volumes de folha . A este estado reduziram os Juristas , as doutrinas do-Direito ! Mas isto é nada : os ditos Juristas , nam só fizeram das-suas opinioens , leis ; mas mudaram esas mesmas leis privadas , segundo o seu arbitrio . Nam queira V. P. melhores testemunhas , que o *Azzoguido* (2) : *Communis opinio subjacet mutationi , ut est notorium . Sæpe enim contingit* ,

ut

(1) *De Claris leg. Interpret.* p. 202.

(2) *L. 3. c. 17. de Comm. Opin.*

ut aliqua opinio, quæ a quinquaginta, vel sexaginta annis supra communiter tenebatur, desinat esse communis; si plurimi ex sequentibus contrarium teneant =. e o Cardial Tosco: (1) =. Alia innumerabiles conclusiones similes poni possent, quas doctores miro labore ut communes, & magis communes, constituunt: & tamen per directam contradictionem, similium opinionum communium, destruuntur. Ex quibus constat ea, quæ opinionibus nostris consistunt, posse semper continere fallaciam; prout in exemplis: quibus uno tempore, communis opinio indubitata fuit apud antiquos, quæ hodie communiter reprobata reperitur =. Mas se quer mais, leia Jeronimo Zanchi, que ja no fim do-seculo XVI. descobrio as contrariedades, dos-principais Consulentes. leia Paulo Francisco Perremuto, Siziliano, que despois da-metade do-pasado seculo, recolheo em V. tomos, as discrepancias, e contrariedades dos-Interpretes, Consulentes, Decizoens de Rota, e outros Tribunais.

Nisto conhecerá V.P. que incerteza é, a do-Direito. Por-estes tratados forenses, que se-compuzeram despois das-interpretasoens, nestes dois ultimos seculos; é que estudam os Advogados, e Juizes: e constantemente defendem, que sem eles, nam se-pode saber Direito: avendo muitos que nunca abrãram o texto, senam é, para confrontar alguma lei, que opoem o Advogado contrario: o que raras vezes succede. Mas se é certo, o que eles dizem; fica desmentida a opiniam, que o texto é bastante, para julgar de tudo. Se nam é certo, fica claro, que é grande este defeito extrinseco da-Jurisprudencia; ser tam opremida das-opinioens, e fantaziãs dos-seus doutores: e que isto se-deve evitar, e se-devia emendar, por-quem tem faculdade, de fazer leis municipais. Bastava prescrever, quanto fosse possível, a decizam de muitos cazos, que nam estam bem declarados: obrigando os fuditos, a conformar-se com eles. *Ut pro tot indigestis legum voluminibus, unum breve haberemus, & perspicuum juris compendium*: como diz o Vernuleio (2). pois desta sorte se-evitariam, mil demandas; e viviriam os Povos mais quietos.

Nam quero dizer, que o Juiz, ou Advogado, nam deva ler mais; que o texto: pois é sem duvida, que a experiencia mostra, que, sem a noticia de outras coizas, nam poderá no-estilo prezente, julgar de muitas daquellas leis, que foram feitas, para

(1) *Verbo Opiniones Concl.* 152.

(2) *Instit. Politic.* l. 3. tit. 2. q. 4.

para outro estylo: a mudança dos-costumes, e governos é cauza, que muitos oje nam sirvam. Já nam temos os mesmos magistrados; e officiaes publicos. Nam se-fala já de *servos* no-mesmo sentido, de *manumissoens*, *libertos*, *libertinos*, *colonos*, *centos*, e outras especies de agricultores: nem de *veteranos*, e outros uzos da-guerra. O *patrio poder* nam tem oje, o mesmo vigor. Tudo isto oje é inutil: e por-isto se-querem outras noticias. O que digo é, que estes Jurisconsultos devem observar, uma mediania prudente, que nam degenerem nestas extremidades: e devem sempre proceder com a reflexam, que a lei comua, e toda a lei, é mui sujeita ao ingano: e isto para nam nos-inganarem, decantando a certeza, da-dita Jurisprudencia. Quanto ao Catedratico, pode mui bem servir-se, das-ditas noticias, para explicar as outras leis: mas deve conhecer, que isto é mera erudisam, que se-acha tambem, em outras muitas partes: e nam dar a intender, que, sabendo todas aquellas coizas, tem a ciencia certa, de toda a justisa: ou que tem toda a liberdade para a-inte-pretar, como lhe-parece. Tratou esta materia eruditamente *Filipe Liezneo*, em um livro intitulado, = *Defensio Justiniana, hoc est, Demonstratio errorum hujus saeculi Jurisconsultorum; qui sub praetensa legum interpretatione, & vera lectionis restitutione, Jura Caesarea corrumpunt, mutilant, depravant* = . Com esteito pode o Jurisconsulto, em algumas circumstancias, separar-se do-rigor das-Leis, pois as circumstancias o-justificam: mas nam deve encher a Lei, de tantas exceçoens, restrisçoens, e ampliaçoens, nacidas da-demaziada futiliza: o que nam só tem feito os Interpretes, mas pior ainda os Tratadistas, e pesimamente os Consulentes. Deve alem diso intender, e confesar o Jurisconsulto, que nas leis de Justiniano, acham-se muitas injustas, em alguns cazos, ou em todos: entre as quais nam é a menor, aquella que ordena, que percam a herança os erdeiros, *quos necem testatoris inultam omisisse constiterit* (1). O que deu motivo a douto Jurisconsulto, (2) de escrever os defeitos, da-moderna Jurisprudencia: para acautelar os Juristas, e mostrar, que Justiniano, entre tantas coizas boas, tem muita repugnancia, superfluidade, e coizas que necessitavam de reforma.

TOM.II.

Z

Estas

- (1) *L. 1. ff. de His quibus ut indignis hereditates conferuntur.*
 (2) *Philippus Burcardus = De hodierna Jurisprudencia navis, & remediis.*

Estas noticias e reflexoens sam mui necessarias, a quem se-deve engolfar, no-mar do-Direito: para nam se-deixar arrebatado, da-turba dos-doutores, e coizas que eles dizem. E é sem duvida, que quem assim conhece, o corpo do-Direito, e ordena primeiro as suas ideias; achá menos difficuldade nas materias, a que se-aplica. Deve pois o estudante nos-seguintes anos, comesar a ler, algum destes tratados famosos. Aconselho, que comese polo *de Contractibus*, que comprehende a maior parte do-Direito util, para o Foro: reduzindo ao dito, todos os contratos, debaixo dos-seus titulos: e compendiando em poucas palavras, o que estuda. Despois, *Ultimas vontades*, *Sustituefcens* &c. Nam tem o estudante necessidade, de acumular textos: uma ou duas leis, bastam para prova, se sam *interminis*. Se o caso o-pedise, podia notar um ou dois interpretes dos-melhores, que a-confirmasem: e apontar brevemente os argumentos, com as suas respostas: o que se-pode fazer, na metade do-segundo ano, até o quarto incluzivamente. E aqui pode servir-se, de algum Dicionario Juridico, para entender os termos de que duvidar, (o que está succedendo, ainda a omens grandes) e as formulas: para o que podem servir, os Dicionarios de *Joann Calvino*, ou *Schardio*.

No-principio do-quinto ano deve o estudante, ler o direito Portuguez, ou as leis municipais: notando as coizas, em que diversifica do-Comum. Sem duvida é digno de admirafam, que saiam os omens das-Universidades, falando muito nas leis de Justiniano, que só servem, faltando a lei municipal; e nada sabiam daquela lei, por-que se-ám-de governar! Isto é o mesmo que um Teologo, o qual, despois de doutorado, saíse das-escolas, sem saber os preceitos gerais, da-lei Divina. As leis municipais sam sujeitas, a varias interpretaçoens, como as Romanas: e por-que nam ensinará um leitor na Universidade, aos que querem seguir o Foro, a melhor intelligencia destas leis, e mais seguida, e mais conforme às decizoens, dos-tribunais supremos? Negar isto, é mostrar que se-ignora, a utilidade que daqui resultaria ao publico. Muito bem a-conhecem, em outros Reinos estrangeiros, em que se-estableceram cadeiras, do-Direito municipal. O que especialmente fez Luiz XIV. em Franfa: cuja memoria será eterna, na republica Literaria. Sendo admiravel naquêle grande omem, que, passando toda a sua vida occupado, em trabalhossilimas guerras, nam ouve Rei algum no-mundo, que igualmente promovese o commercio, e as letras: pois só ele fundou

dou mais , e mais utis Academias , que os antecedentes todos ; e as melhores , que se-vejam na Europa . Emfim este estudo , tambem se-deve fazer , na Universidade : e talvez que assim se-pou-pafem muitas demandas , que nadem , da-ignorancia da-Lei . O restante do-ano deve ocupar , em fazer atos : os quais reduziria a trez , em cada-um dos-quaes fosse obrigado o estudante a compreender um numero determinado , de conclusoens principaes , das-materias que tem estudado , e comprehendem 9. Nos-primeiros , deviam argumentar-lhe em forma : no-ultimo , fora da-forma fazer-lhe perguntas , sobre alguma coiza das-leis municipais , e outras coizas de pratica . Este metodo parece-me mais util , doque propor um so ponto , tirado de um texto , que às vezes é tam safado , que o Bedel é capaz de o-defender . v. g. falando do-Direito Canonico , = *An Monachus possit esse procurator , in causa sui Monasterii* ! = *An Abbâtissa possit conferre , ordines minores* &c. Outras vezes saie um texto dezudado , e que de nada serve . Onde , nunca me-agradou este metodo . E muito mtenos , aquilo da-lisam de ponto , que nam serve de distinguir o ignorante , do-douto ; que é o fim dos-exames : antes polo contrario , nam á coiza mais propria , para confundir o douto , com o ignorante , doque fazer que isto dependa , de um ato de memoria : como á experiencia todos os dias mostra . Acabado isto , dar-lhe-ia o grao de Bacharel , sem mais outras arengas . Os que se-quisessem doutorar , o-podiam fazer , no-seguinte ano ; fazendo conclusoens em duas , ou trez das-melhores materias de Direito : e acabadas elas , dar-lhe o grao , ou quando muito , no-seguinte dia . Este ato deveria consistir , em uma orasam Latina , feita polo lauriado , em algum ponto de Direito . Depois dos-juramentos , uma orasam breve , em louvor do-lauriado , e dar-lhe o grao . Aqueles Exames privados , Vesperias , e outras coizas destas , sam atos de amofinar a paciencia ; e nam dam doutrina : e , falando sem paixam , sam arengas dos-velhos , que examinadas de vizinho , nam significam nada . Com todas estas arengas , nam á ignorante rico , que querendo-se doutorar , nam se-doutore . Onde queressem-me dizer , que servem para provar , a doutrina dos-lauriados ; é mostrar , que tem muita sinceridade , ou que nam intendem bem a materia . E isto dos-atos se-deve intender , tanto no-direito Canonico , como no-Civil .

Mas eu supponho ja o meu estudante , graduado . Se segue a Universidade , pouco tenho que lhe-advertir : deve seguir o

metodo que lhe-propuz , internando-se bem na noticia , de todas aquellas coizas , e na antiga erudisam ; para saber explicar do-melhor modo , os textos ; e responder aos contrarios &c. Para isto quer-se noticia fundada da-Istoria , e da-lingua Latina , e Grega : pois sem esta erudisam , será sempre dicipulo , que le polos outros , mas nunca mestre , que descubra por-si , ou intenda bem , os que descobrãram o sentido das-Leis . Deve escrever os tratados de Direito , como apontamos : e por-se em estado de ensinar , nam só a especulafam seca , mas a doutrina util , para a pratica , que é o fim da-Lei : estudo isto , polo metodo mais facil , que pode ser . Porem , deixando este na Universidade , acompanharei o outro até o Foro . Digo pois , que tanto o Advogado , como o Juiz , deve ter grande fundamento e erudisam da-pratica : nam por-ceremonia , como fazem muitos Juizes , que sabem menos disto , que os escriptoens : mas com todo o cuidado : vistoque dela dependem , os judicatos . O metodo mais natural , segundo o que intendo , e tenho visto , é este .

Deve escrever o estudante , o compendio da-*teia Judicial* : pondo em poucas palavras , o modo de introduzir os juizos , e ordenar , e proseguir as cauzas . Este é o prolegomeno , que se-deve fazer , no-Escritorio do-Advogado . Depois , exercitar-se na pratica , quatro anos : para fazer soffrivelmente , a sua obrigafam . Neste particular , nunca me-agradou , a pratica deste Reino : porque acostumado a ver em Roma , que é a melhor escola da-Judicatura , e Avocatura , (como tambem nas principais Cidades de Italia , em que se-observa , com pouca diferenfa , o mesmo estilo) outra pratica totalmente diferente , e mais racional ; sempre olhei para esta , com desgosto . Para evitar repetisfoens , eu a-direi em poucas palavras : e V.P. fará a applicafam .

A Avocatura em Roma está dividida , em duas pefois . A um , chamam *Procurador* , ou *Curial* , que escreve as razoens de *fatto* : faz as citafoens : introduz , e ordena o juizo : vai aos contraditorios , e informafoens diante do-Juiz &c. A outro , chamam *Advogado* , o qual fomenta nas cauzas maiores escreve , e escreve *in Jure* : dizendo , o *quid juris* . Desorteque , as escrituras vam de caza do-Procurador , para o Advogado : o qual faz a sua escriptura ou arrezoado , supondo o fato ja exposto . O modo de fazer a escriptura , é este . Expoem o Curial todo o fato : e prova-o o melhor que pode , com as razoens de fato , que confirma incidentemente , com alguma Lei , ou regra de Direito &c.

Depois, faz outra escritura separada, a que chamam *Sumario*. a qual nada contém mais, que as depozições das-testemunhas, e documentos da-demanda, dispostos por-numeros: desorteque na *Escritura* remete, quando é necesario, aos numeros do-*Sumario*. O que fazem para nam confundir, a ordem das-razoens, com a introduçam dos-documentos: pois quando o Juiz as-quer ver, guiado polos numeros que se-citam, pode ver se diz, ou nam assim. As depozições originaes e autenticas, ficam na mam do-escrivam, paraque ambas as partes as-posam ver: a copia é a que vai á mam, dos Advogados, e Juizes. Tudo isto se-faz em Latim: samente as depozições se-conservam, na lingua da-testemunha: porque em Roma os instrumentos, citações, mandados de prizam, e tudo o mais do-juizo, é em Latim: e os que levam as citações, a que chamam *Cursores*, intendem-no bem. E aqui incidentemente advirto, uma circumstancia. Cada porta da-rua de Roma, sem excetuar os Palacios grandes, tem uma rotura pequena, e detraz dela uma caixinha fechada, que serve para as citações. Os escriptores dam aos cursores, em uns papelinhos pequenos, as citações, que devem fazer: e estes de noite vam com as suas lanternas, polas partes que lhe-dizem, e vam metendo as citações, naqueles buracos. No-seguinte dia o cursor faz a fé, de ter citado; e sem mais arengas, o omem é citado, e se-reputa tal. Se o omem tinha mudado de casa, ou nam se-lembrou a primeira vez, de tirar a citação; recorre ao Juiz, que o-restitue *in integrum*, e o-obriga afinar, domicilio certo. Comumente quem foi citado a primeira vez, elege diante do-escrivam o seu domicilio, em casa do-seu *Procurador*: e dali em diante, todas as citações vam, a casa do-*Procurador*.

Mas tornado ao *Procurador*, se a demanda é trivial, ele samente a-prosegue, sem *Advogado*: se é maior, vai ao *Advogado*, para escrever em Direito. Se a cauza á-de ir, diante de um só Juiz, (o que só se-pratica nas causas pequenas, ou na primeira instancia; porque depois, vai aos tribunais Colegiaes, quero dizer, de muitos juizes: e ainda algumas pequenas por-apelaçam) vai samente manuscrita. Se se propoem em tribunal maior, imprimem-se todas as escrituras, duas do-*Curial*, e uma do-*Advogado*. Cada *Curial* litigante distribue as escrituras, polos Juizes do-tribunal, quatro dias antes, que se-julgue: e vai informar em dia determinado, os Juizes, sobre a sua cauza: e se é necesario, porque a cauza o-pesa, vai tambem o *Advogado*.
To,

Todos os Juizes no-mesmo dia votam : e desta forte em poucos dias , se-acaba a cauza . Quando o Relator na Rota v.g. recebe as escrituras , deambas as partes , no-mesmo dia as-comunica , aos aduersarios . v.g. A Rota agunta-se na 2. e 6. feira : na noite da-2. distribuem-se as escrituras : e no-mesmo dia cadaum dos-litigantes tem , a da-parte contraria : e cadaum faz a resposta , que imprime na 3. porque na 4. quando muito , pola menhan , se-deve dar aos Juizes , que ám-de julgar na 6. No-mesmo dia cada litigante ve , a resposta do-contrario . Se tem ainda que replicar , falo em uma menhan ; e leva-o logo ao Juiz , para lhe-dar lugar a examiná-lo . E tem estes omens tal uzo , e facilidade de escrever , e responder , que às vezes em 24. oras , fazem os *Advogados* escrituras tais , que em outro Reino , pediriam trez mezes , para as compor . Para facilitar isto , á uma imprensa grande , que é obrigada , imprimir todas as escrituras , a qualquer ora que lhas-levam . E eu sou testemunha de vista , que uma vez levou um amigo meu , uma grande escritura , às nove oras da-noite de Inverno , e pola menhan estava impresa . Tambem para evitar disputas , o prelo das-escrituras está taxado : por-cada 1500. reis de *escritura* , e 1600. do-*sumario* (falo da-moeda Portugueza) é obrigado o impresor , dar sincoenta folhas impressas papel e tudo : dali para cima , quem quer mais escrituras , paga por-cada folha 6. reais . E todas estas escrituras , que se-ám-de propor nos-tribunais , imprimem-se , sem revizam alguma .

Neste estilo que apontei , verá V. P. as infinitas utilidades , que tem todos . Aquilo de escrever tudo em Latin , serve de tal exercicio , para conhecer esta lingua ; que nam á rapaz dos-que ajudam aos *Curiais* , que nam escreva mais facilmente Latin , doque escreve um grande *Advogado* de Lisboa . Os escriptaens , a que lá chamam *Notarios* , sabem correntemente Latin , porque todos escrevem em Latin : e isto é coiza mui louvavel . Os mesmos beliguins o-intendem , porque os mandados todos , sam em Latin . Em segundo lugar , o estilo de citar , é mui facil para ambos os litigantes : sem ser necesario , esperar mezes , como aqui succede às vezes , para citar um omem ; que ou se-nega , ou se-esconde . Quando em Roma se-expede , o mandado de penhora ; cita-se o omem , para estar em caza , e ter a porta aberta : e nam o-fazendo , arromba-se a porta , e toma-se o que se-acha . E tambem isto é util ao publico , para evitar inganos . O imprimir as escrituras , é mui util , para os que litigam ; porque lhe-poupa dinheiro : e para os que julgam , porque nam estam fugeitos ,

ao mau carater de um escrivam , que escreve de modo , que nam se-intende , nem se-podem distinguir as autoridades : pois é tal a confuzam , que aborrece ao Juiz , somente o considerálo . Polo contrario , a imprensa reduz a poucas palavras , os feitos : convida a examinar as razoens : e facilita a expedisam das-cauzas . E ninguem duvida , que disto depende , o bom sucefo delas . Onde persuado-me , que se em Lisboa se-introduzise isto , nas cauzas que vam à Relasam , ou qualquer outro tribunal Colegial ; todos experimentariam a utilidade . A mesma dispozisam da-escritura , em que as coizas estam dispostas , em clases separadas , com ordem e metodo clarissimo ; ajuda sem duvida ao Juiz , a reconhecer o merecimento da-cauza : pois ye logo , em que se-funda ; e se responde bem : e pode com facilidade reconhecer , e pezar cada razam separadamente . E estes dois ultimos pontos , sam ainda mais necesarios em Portugal , doque o escrever Latim : porque isto , pode ser ornamento : aquilo , é necessidade da-cauza .

O distrebuir as cauzas , por-muitos Juizes , para votarem no-mesmo dia ; é bem claro , que á-de facilitar muito , a concluzam das-cauzas . Costuma a Rota (que é um tribunal de XIII. Prelados) dividir-se em turnos de quatro , fóra o Relator ; porque este nam vota . Cada turno vota na sua cauza . Se os votos saiem empatados , saie o decreto : *Videat quintus , & sextus* . Se acazo ainda asim empatáram , saie o rescrito : *Videant omnes , etiam Ponente* : porque sendo XIII. por-força ám-de dezempatar . Se o reo se-queixa , da-primeira sentensa , e diz , que tem mais que alegar ; permite a Rota , *Ut iterum proponatur* : e se-propõem segunda , e terceira vez : porque a Rota nam nega audiencia a ninguem , em quanto tem novas razoens , que alegar . Nam é crível ; quanto se-examinem deste modo as cauzas bem , e com quanta facilidade : porque vem-se ás razoens , em que cada Juiz se-funda ; e às vezes succede , que um muda de parecer , no-mesmo tribunal . Os Juizes levam os seus votos escritos de caza , e os-entregam ao Relator : o qual , quando se-dá a ultima sentensa , escreve a decizam do-tribunal , e os motivos que tiveram os Juizes , para ela . Esta decizam imprime-se logo : e estas sam as celebres *Decizoens de Rota* , que se-publicam cada ano . Se a cauza é terminada , na conformidade das-sentensas ; exped-se logo a sentensa : quando nam , emanam otras decizoens .

Cá em Portugal , o feito vai de caza de um *Advogado* , ou *Juiz* , para a caza dos-outros : e cadaum o-demora , quanto tempo lhe-parece : às vezes o feito é tam grande , que é necessario um

mariola . Isto só mete medo ao Juiz , ou a quem o á-de ler : o qual faz o possível , polo ler com todo o seu vagar , e o mais tarde que pode . Muitas vezes o Dezembargador , tem tanto que fazer , que pede ajuda : e lhe-afinam um extravagante . Nunca succedeo isto na Rota Romana : na qual porem sentenciavam-se cau-
zas , nam só de um Reino , mas de todo o mundo Catolico : por-
que a dispozifam do-tribunal , e o metodo dos-Juizes é tal , que
nos-dias determinados , se-dá resposta a todas as cau-
zas , que se-re-
cebèram . Tambem advirto , que a Rota uza outra cautela mui
util , para evitar arengas . Da-sentença de um Juiz subalterno ,
pouco apelar para a Rota , dentro em dois anos : despois , *transit
in rem judicatam* . No-primeiro , elejo o Relator , e peso a
lifenfa . Permitem-me o segundo , para recolher os documentos
da-cauza . Feito isto , nam me-é lecito propor , o que me-parece :
mas diante do-Relator , apparecem os dois Procuradores , ou *Ad-
vogados* contrarios , e concordam na questam , que se-á-de propor .
Se acaso nam podem concordar no-artigo , a que chamam *dubio* ;
ou a materia é obscura , e disputavel ; propoem-se na Rota a que-
stam : *An , & quomodo proponendum fit dubium , in causâ N. ?*
e a Rota plena , examinando os documentos da-cauza , determi-
na , que *dubio* se-á-de propor : e deste nam podem sair , os litigan-
tes . Esta cautela é mui necessaria : pois nam é permitido às par-
tes , fazer questoes eternas , refucitando todos os dias , novas di-
ficuldades , e passando tempo infinito , sem saberem que coiza dis-
putam . Nos-outros tribunais , observam com pouca diferenfa , o
mesmo estilo . Ora peze V. P. bem estas razoens de uma e ou-
tra parte , e veja qual metodo é mais util , qual mais louvavel ;
se o de Portugal , se o de Roma . Sobre as apelaçoens , para co-
nhecer se tem , ou nam tem lugar , nam se-recorre à Rota , mas
a outro tribunal separado , a que chamam *Signatura de Justitia* :
o qual fomite examina , se neste ou naquele cazo tem , ou
nam lugar , a apelaçam ; e , tendo , remete-a , ao seu tribunal
competente .

Tendo assim exposto , o que pertence ao metodo dos-juizes ,
decerei ao ponto , que queria rezolver ; que é , sobre o estudo
da-pratica . Digo pois , que os mosos que em Roma saiem das-es-
colas , vam a caza do-*Curial* , onde se-aprende melhor , a prati-
ca : e ali estudam primeiro nos-livros , que ensinam a pratica .
Despois , exercitam-se indo fazer as informaçoens , e contradito-
rios , para intender tambem , os rescritos dos-Juizes . &c. O *Curial*
costuma tomar , para seu ajudante do-estudo , um destes mosos
mais

mais adiantados; quando têm já trez, ou quatro anos de pratica. Este vai fazer os contraditorios, e as coizas que o mestre devia fazer, fóra de caza: porque tendo estes omens, muitas coizas que fazer, nam podem abranger a tudo. Onde ficam em caza escrevendo, e fomentam a algumas informaçoens mais graves: o mais faz o seu ajudante. O mesmo ajudante, quando está em caza, estuda as cauzas, e compendia os feitos, para que o *Curial* ache a materia, e documentos todos dispostos; para poder compor com facilidade. O ajudante é obrigado, vir pola manhã, e à noite: porque o estudo comesa meia ora depois da-avemaria, até às quatro e cinco horas depois da-avemaria: o que principalmente succede, no-inverno. Este ajudante tem de salario cada mez, trez, ou quatro mil reis; ou mais, segundo a capacidade: isto, é para o-animar. Com o tempo faz-se o homem capaz, e chega a ser *Curial*: e, faltando um, outros entram no-seu lugar.

Os que nam querem ser, ajudantes do-*Curial*, depois de bastante pratica, vam para caza do-*Advogado*, e lá se-exercitam. O ajudante de estudo do-*Advogado*, (que costuma ser, um moço que sabe) nam vai às informaçoens &c. porque isto pertence, ao *Curial*: fomenta se-occupa, em fazer escrituras. Costuma o dito, ler primeiro a cauza, para informar o *Advogado*: e compoem uma escritura imperfeita, a que chamam *Silva*, em que poent a concluzam, e depois todas as autoridades, que pode achar, para provar a dita. Feito isto, o *Advogado* escolhe, o que lhe-parece melhor: e dita a escritura ou arrezoadado, ao escrevente. Muitas vezes o ajudante sabe tanto, que ele mesmo faz muitas escrituras, das-mais pequenas; e o *Advogado* nada mais faz, que asinalas. Este ajudante tambem tem paga, segundo o merecimento: os outros que frequentam o estudo, nam tem nada; porque estudam para aprenderem: e o *Advogado* serve-se deles, para algumas coizas mais facis &c.

Por-estes bancos correm todos, os que querem ser *Advogados*, ou *Juizes*: porque sem esta pratica, nada podem saber: e com ela, em quatro anos sabem mais leis, doque com o estylo de Portugal, em vinte. Todos os *Prelados*, e *Juizes* tem o seu ajudante de estudo, a quem comumente dam, dez mil reis cada mez: outros dam mais, segundo o trabalho. Os *Audidores de Rota*, alem do-*Ajudante*, tem mais dois, que chamam *Secretarios*, que comumente nam sam pagos; mas servem para estudarem as cauzas, e fazerem os votos: dos-quais

se-serve o Juiz, e com isto se-alivia do-pezo. Desorteque quando uma coiza se-propõem, em Rota plena, nam se-deve dizer, que a-examináram treze Juizes; mas 52 Juizes: alem dos-Patros, de ambas as partes litigantes. Pola qual razam, sam tam estimadas, as decizoens de Rota. Todos os que servem na Rota, devem ser omens praticos, e que tenham sido *Ajudantes de Advogados*. Especialmente o *Ajudante de Rota*, é um omem confiado: e ali se-aperfeisoa mais: pois no-fin de seis anos mostra a experiencia, que naquele tribunal se-disputam, as materias todas, de ambos os Direitos: e nam uma só vez, pola abundancia das-cauzas, que se-propõem. Por-isto os que querem aquistar credito, e conhecimentos, para serem *Advogados*, procuram ser *Ajudantes de Rota*. Pertence ao dito, compor as decizoens: por-cadauma das-quais, lhe-dam trezmil reis; e lhe-fruta, alem dos-incertos, trezentosmil reis cada ano. Quando um parte, entra em seu lugar, um dos-*Secretos*: e desta sorte se-conferva a gerarchia.

Este em breve, é o estilo de Roma, polo que respecta ao nosso cazo. Nam quero agora disputar, se é melhor, ou pior, que o de cá; isto examinará V. P. o que digo é, que com este metodo se-confegue o fim, de ser bom Juiz, ou *Advogado*, em pouco tempo. Comumente em Roma nam estudam mais, que um anno de Leis: que se-reduz às Instituisoens, mas por-um estilo particular. E daqui vam para caza do-*Curial*, ou *Advogado*. O que daqui se-segue é, que no-cabo de quatro anos de *Curial*, ve V. P. um rapaz, que escreve correntemente Latim, e faz escrituras desorte, que nele descansa o seu *Curial*: e ganha dinheiro: e em oito ou nove anos, compra a sua livraria, e comesa a ser *Curial*. O estudo do-*Advogado*, é alguma coiza mais comprido, mas nam muito. Quem tem dois anos de *Curial*, e daqui passa para o *Advogado*, no-cabo de trez anos, escreve ja, e ganha dinheiro. Depois, ou continua mais trez, ou quatro anos, com *Advogado*, atéque seja capaz de abrir escritorio: ou entra na Rota por-ajudante, ou com algum Prelado, ou Cardial; que sam as preparasoens, para ser *Advogado*: abre escritorio: e ao despois succede, ter cargos de Prelado, ser Cardial, e chegar a ser Papa. Esta é a experiencia. E é rarissimo aquele, que, seguindo este metodo, nam consiga no-mesmo tempo, o seu fim. Poderá às vezes, demorar-se mais algum ano: ou porque o emprego que tem, lhe-fruta muito: ou porque quer, procurar conhecimentos: que é o importante ponto, para quem deve abrir escritorio: mas

é certo, que neste tempo é ja capaz, de ser *Advogado*. Por-este metodo saíram omens doutos, os *de Lucas*, os *Anfaldis*, os *Lambertinis*, os *Ansideis*, os *Pitonis*, os *de Valentis*, os *Calcagninis*, os *Corradinis*, os *Sacripantes*, os *Fagnanos*: é muitos outros omens insignes, que tem tido, e atualmente produz, a curia Romana: muitos dos-quaes pola sua doutrina, foram Catholicos, e Papas: e outros, Prelados de grande nome. E isto mostra claramente, quanto ajuda para o Foro, estudar compondo, e exercitando-se.

Conheço, que se em Portugal ouvissem dizer, que um *Advogado*, ou *Juiz*, se-servia de outro, para facilitar o estudo, e diminuir o trabalho; lhe-dariam tremendas catanadas, e lhe-chamariam ignorante. Mas isto sam preocupações e prejuizos condenaveis. O querer aliviar o trabalho, nam é o mesmo, que ser ignorante: antes é saber ensinar aos outros, tirando dali utilidade, para si. Prouvera a Deus, que o-praticassem cá os *Juizes*, e *Advogados*: e que os que podem fazer lei, ordenassem nos-tribunaes, algumas das-coizas, que temos apontado: seguro a V.P. que rezultaria daí outra utilidade ao Publico, doque nam se-experimenta, com este estylo comum: o qual prolonga ás demandas eternamente, porque aumenta consideravelmente, o trabalho a todos. Os *Advogados* doutos, nam deviam fazer cazo, das-murmurações dos-ignorantes: mas praticá-lo, e instruir assim a Mocidade: pois desta sorte saberiam mais, doque nam sabem muitissimos *Advogados*, que todos os dias vam aprendendo, à custa dos-Clientes.

Passando daqui aos *Advogados* ja feitos, do-que acima difemos conheceram, como se-devem regular nas escrituras. Nenhum omem de juizo, e consciência, que procura fazer a sua obrigação, deve fazer cazo, de Consulentes. Sam tantos os autores, que imprimiram as escrituras, que fizeram *ad opportunitatem causae*, que se-podem aquentar fornos. Se algum deles diz, alguma coiza boa, foi casualidade, e porque lhe-sucedeo defender, uma boa cauza, e que tinha razam clara. Mas pola maior parte, procuram mascarar a falsidade, e obscurecer a verdade, e justificar do-adversario: e isto com sofismas, e embrulhadas tais, que pedem às vezes grande advertencia, para nam se-enganar: porque o seu fim nam é mais, que vencer a demanda: do-seu cliente, seja como for. Onde, sam muito maos armazens estes, para achar neles, a Verdade. Isto tem feito a profissam Legal, tam odioza, e a Jurisprudencia tam incerta; que é rarissima a questam,

sobre que nam aja, diversidade de pareceres. Nem me digam; Isto dise-o *Bartolo*, *Baldo*, os *Socinos*, o *Berò*, o *Cumano*, o *Fulgosio* &c. eram sem duvida omens doutos: mas tambem eles vendiam o seu ingenho, a quem lhe-pagava bem: e assim, se vencèram as cauzas, nem por-iso fazem logo, regra segura do-justo nestas, e naquelas materias. Se V. P. procura para uma opiniam, dez autores, abra o *Cardial Tosco*, o *Castejon*, o *Sabelle*, que os-achará logo: se quer outros tantos, pola parte contraria; volte folha, e poderá escolher os que quizer. Que conceito avemos de formar disto? O mesmo *Andre Alciato* (1) confessa, e confirma, o que dizemos. Diz, que *Alexandre Tartagna*, e *Mariano Socino*, compuzeram sutilissimos sofismas, debaixo do-nome de *conselhos*, que se publicáram, despois da-sua morte. Diz, que teria feito melhor, *Paulo de Castro*, e *Bartolomeo Socino*, se nam publicássem os seus: e que os de *Socino*, o *moso*, e *Felipe Decio* sam tais, que podem embrulhar o juizo, a ainda dos-omens mais inteligentes. Mas este defeito dos-*Advogados*, é mais antigo, doque nam imaginamos: e sempre em todos os tempos procuráram, mascarar a mentira. Toda a orasam de *Cicero* em favor de *Anio Cecina*, nam versa senam, sobre um sofisma de certo *Advogado*, que interpretava mal a lei. Tinha *Ebucio* com armas impedido a *Cecina*, que nam intráse na sua erdade. Recorre este a *Dolabela* Pretor, polo interdito *Unde vi*: e pede, ser restituído. Negava *Ebucio*, que *Cecina* tivese sido desposesado: e dizia, que o-nam-tinha lansado fóra, da-sua erdade, mas da-do-vizinho. A isto responde *Cicero*, mostrando, que era o mesmo: e desfazendo todos os sofismas, com que *Ebucio* queria interpretar, uma Lei tam clara. Nesta mesma orasam dá *Cicero* belissimos conselhos, aos *Advogados*: e ensina aos *Juizes*, como devem acautelarse de ridicularias, e seguir a pura mente da-Lei. Enfim, em todos os tempos ouveram rabulas: e assim deve estar muito acautelado o *Advogado*, nestas materias: e fugir destes autores, que nam servem para ensinar, a verdadeira intelligencia das-Leis.

Os *Tratadistas* sempre tiveram melhor conceito: porque parece que só buscáram, descobrir a verdade. Mas nem por-iso lhe-devemos dar credito, cegamente: achando-se entre eles, nam menos que entre os outros, disputas e controvercias: e tendo

(1) L. XII. c. ultim.

muitos deles examinado pouco, e copiado muito. Parece, que se-devem estimar mais, as Decizoens de Rota, e outros tribunais Collegiais, das-principais Cidades de Italia, e da-Europa. Estes examinaram melhor a materia, que os Tratadistas. Contudo, podem às vezes inclnir ingano, como asima apontamos: e nem todas as decizoens se-devem estimar, de igual valor. = *Pode succeder*, (diz o famoso Cardial de Luca (1)) *que se-julgue mal, e a justisa seja mal administrada, e contudo, que com um bom metodo, e com um douto, e elegantissimo, e bem regulado estilo, se-coonestem as falacias, e se-ornem com muitas conclusoens, e autoridades, e razoens: Nam se-dando oje nesta faculdade legal, pola grande copia, e variedade dos-escritores, coiza mais facil; que corar, e coonestar com doutrinas, e regras gerais, toda a rezolusam, aindaque injusta, e iniqua seja* = . E por-este motivo, ainda as decizoens se-devem examinar, à luz de uma boa razam, e com exatissimo criterio. E daqui concluo, que o *Advogado* deve foment fazer cazo da-Lei, quando é clara: e; sendo duvidoza, e necessitando de explicasam como tambem no-cazo que a Lei, nam toque o ponto; servir-se dos-interpretes, ou tratadistas com muita advertencia: servindo-se em tudo das-luzes da-Lei natural, e da-boa Etica; que é o melhor interprete, de todas as Leis.

Aquele grande Rei de Sardenha *Vitorio Amedeo*, que ordenou belissimos regulamentos, para a felicidade dos-seus vasallos; reformando a Jurisprudencia, ordena asim: (2) = *Querendo nós que, para a decizam das-cauzas, se-observe unicamente: em primeiro lugar, as nosas constituisoens. 2.º os estatutos locais. 3.º as decizoens dos-nosos magistrados, e em ultimo lugar, o texto da-Lei comua. E asim proibimos aos Advogados, citar nas suas alegasoens algum doutor; nas materias legais: e aos Juizes tanto supremos, como inferiores proibimos, julgar polas opinioens deles: sub pena &c.* = . Isto mesmo ordenou nos-seus estatutos, um Duque de Urbino: e á muito tempo que se-pratica em Franca, Inglaterra, Veneza, e outros paizes. A mesma ideia tinha entre outros, o *Zevallos* (3): e isto mesmo era mais conforme, ao que ordena

Justi-

(1) *Tratado do-Estilo legal. Cap. 17.*(2) *L. 3. tit. 33. §. 9.*(3) *Melius Respublica sine tot do floribus gubernaretur, re-*
licitis

Justiniano, quando proíbe os Interpretes. Contudo isto, não deixa de estar sujeito, a suas dificuldades: avendo cazos, em que as leis nam salam, ou sam obscuras; e podendo os Advogados servir-se das doutrinas sem as nomiar. O remedio que neste particular, se podia sugerir aos Principes, é este: Que, com o parecer dos melhores letrados, determinassem muitos pontos, controversos entre os Jurisconsultos: explicando, em que cazos particulares entrem: e isto com as leis mais claras, e breves, que pude se fer: e menos sujeitas a interpretações. Em modo tal, que com estas leis, devessem conformar-se em tudo, os Juizes: ouvêsa uma regra certa de julgar: e se-determináse um tempo congruo, para acabar as demandas. Isto é o que dezejava á mais de cem anos, o Zevallos (1): e o mesmo arbitrio confirmou, um doutissimo Jezuita, que é o P. Adam Contzen (2). E aindaque este faláse, de fóra de Portugal, contudo muito bem se-pode aplicar, ao noso cazo: nam só porque aqui existe, o mesmo corpo de Leis, de que nascem infinitas demandas; mas

medias omnes legibus, & canonicis sanctionibus, absque Glossa, & Doctorum interpretationibus, qui rem dubiam faciunt. Atque utinam omnia volumina librorum, qua in jure consistunt, deleantur: quod esset omnibus advocatis, & Juris professoribus lucro & quaestui, (porque nam necessitavam de outros livros) & utile ad salutem. Præfat. ad Speculum Aureum.

(1) *In litibus qua quotidie contingunt, cum nihil sit certi, comiventibus oculis patrimonium consumuntur, & hominum vita terminantur: qua omnia optime providerentur; si omnes ha contraria opiniones, ad certam legem dirigerentur: quod quidem facillimum esset. Et sic in arbitrio judicis non esset, modo unam, & illico se-*

cundam opinionem sequi, prout amicitia postulare. Præfatione ad Spec. Aur.

(2) *Nunc magna multitudo legum, & litium pane mergitur Germania. Magni astimo conditores legum, antistites sacra Themidos. si vero Imperator adhibitis Jurisconsultissimis, Principumque auctoritate, magnum hoc chaos in ordinem & perspicuam brevitatem restitueret; Republica Servatorem, & Patrem Patriæ appellabo. & paulo post. Tot Principum exempla sequi, gloriosum est, & Patriæ necessarium: qua non plus in lites, quam in bella impendit: & lites nam finiendas, sed continuandas, & partium damno sedandas, aut eternandas passim dolet. Politic. L. V. c. 21.*

tambem porque a experiencia ensina, que as demandas, especialmente ecclesiasticas, são aqui eternas. Mas em quanto nam se-cuida, nesta reforma; nam dezaprovo, que citem, e se-sirvam dos-autores: contantoque sejam poucos em numero, e dos-que tenham com profundo juizo, e erudifam, examinado a materia. Procurará alem diso o Advogado, pôr as suas razões, na melhor forma e clareza do-mundo; servindo-se da-eloquencia, nam para mascarar a falsidade, e confundir o Juiz; mas para illustrar a verdade, do-melhor modo que pode. E deve livrar-se, nam só de defender cauzas injustas, mas ainda as que tenham, pouca razam. Pode porem abraçar aquellas, que são igualmente duvidozas.

Quanto ao Juiz, ja se-sabe, que a sua profissam deve contelo, dentro de mais estreitos limites. O temor de Deus, o amor da-verdade, o dezinteresse, são necessarios; mas nam bastam: requer-se doutrina, e boa. Ele nam á-de julgar, de cabeça sua, mas segundo as Leis; nem é possível que se-sirvá delas bem, sem ter um reto juizo. A ciencia de um Juiz, comprehendendo muita erudifam, de leis, de expozitores, de cauzas &c. é nam podendo tudo isto, estar vivo na memoria, deve-se buscar nas ocaziões. Mas para nam se-enganar na escolha, o principal é, ter juizo exatissimo, que saiba argumentar dos-universais, para os particulares; reconhecer a diferenca que se-acha em um, e outro caso: conhecer a forza de muitas circumstancias, que são capazes de mudar, o aspeto dos-cazos: descobrir as intenções dos-omens, mal expresas nos-oscuros testamentos, e contratos: distinguir bem o que é razam, e fofissia; o superfluo, é util; para estabelecer reto juizo. Este é o ponto importante da-judicatura. Ouvimos todos os dias Juizes, que vomitam paragrafos, e glozas, e autores: mas que tenham aquela penetram de juizo, necessaria para nam se-deixar enganar; isto é o que me-parece nam se-acha, em muitos Juizes: sendo porém mais importante isto, que a memoria. Para isto requer-se, boa Logica: que ensine a nam se-enganar, no-conhecimento das-coizas; tomando uma por-outra: e a discorrer fundadamente nelas. Isto certamente nam se-alcança, com os Universais, e Sinais, ou Silogifimos &c. como é facil conhecer. Onde, daqui reconhecerá V. P. que utilidade pode tirar o Jurista, daquela Logica comua, que so nente se-ocupa em sutilezas, que nam se-ouven, senam na escola.

Deve alem diso o Juiz, com este perfeito conhecimento,
pro-

procurar a mais provavel, e mais certa doutrina: porque assim lho-manda, Innocencio XI. Deve ter muita docilidade, e ouvir, e examinar as razoes, das-partes contrarias: pois sem esta indifferença e docilidade, nam pode formar, juizo reto. Torno a dizer, que isto é o que ensina a boa Logica, e Etica: e assim por-estas duas se-deve regular, quem á-de fazer a sua obrigasam. Na Rota Romana, quando os Procuradores informam os Juizes, costumam estes em poucas palavras pôr, as dificuldades que acham, contra as ditas cauzas. Isto é muito util para as partes: porque cuidam em capacitar o Juiz, e responder aos argumentos opostos. Este estilo é mui louvavel: mas o Juiz deve ser docil, para se-capacitar das-novas respostas, que lhe-dam, se é, que sam boas. Deve procurar de dêzembarrasar as demandas, e encurtar as despezas, dos-litigantes: lembrando-se de-quanto recomendam isto, nam só a boa razam, mas as leis dos-Imperadores (1), e Pontifices (2), e Concilios (3). Finalmente deve nam parar naquilo, em que se-ocupam os Catedraticos, que é, erudisam especulativa: nem samente observar, o que dizem os Praticos, que vem samente, o que se-faz, sem saberem dar a razam. Mas deve saber, os principios universais dos-negocios comuns: deve saber a economia: e procurar conhecimento particular, de todos os negocios da-vida-civil: porque a maior parte dos-negocios se-decidem, com as razoes de fato. Bem ve V. P. que para examinar as Leis, com os principios da-Etica, e Politica; se-requer a Istoria, que mostre as diferentes variasoes do-governo, e o motivo polo qual se-introduziram, muitas Leis. Onde especialmente requer o Jurisconsulto, grande conhecimento, da-Istoria do-seu Reino, e dos-interesses do-seu Principe; para saber votar, nam só nas cauzas particulares, mas-nas publicas, em que o Principe o-consulta: e satisfazer bem aqueles empregos, paraque o-poem nos-tribunais tanto do-Reino, como do-Ultramar. A lei publica do-Reino, aprende-se na Ordenasam: a qual cadaum para seu uzo, deve reduzir em compendio; notando nele as coizas, que ja nam estam em uzo. Mas nam basta a Ordenasam: avendo muitas coizas que se-pra-

(1) *L. Properandum ff. de Judiciis.*

(2) *Inocent. III. c. Finem. de Dolo & Contumac. = Clem. V. Clementina Dispendiosam, de Judiciis.*

(3) *Trident. S. XV. c. 10. de Reformat.*

se-praticam; e nela se-nam-acham. Quanto à Politica; deve-se esta estudar de pois d'isto, e junto com a Istoria, como ja disse-mos. Finalmente acabarei dizendo, que o Jurisconsulto necessita de Eloquencia; nam para agradar aos ouvintes, com a singularidade das-sentenças, e collocar as palavras; mas para pôr em claro as suas razoens, e saber persuadir aos fuditos do-seu Principe, aquilo que importa, e de que eles necessitam. E reduzindo tudo a poucas palavras, digo absolutamente, do-Jurisconsulto em comum, que deve saber, o direito da-Natureza, e das-Gentes: a istoria das-antiguidades Romanas: a istoria da-sua Republica, e Leis. Nem só isto: mas deve tambem ter noticia, da-Teologia, e Canones; para poder conciliar, o Sacerdocio com o Imperio; nam uzurpando, nem ofendendo o *ius* de terceiro. No-que pecam alguns Jurisconsultos, que comtantoque aumentem, os direitos do-Principe, nam reparam, nem fazem caso, dos-direitos da-Igreja. Alem d'isto, deve ter boa critica, para interpretar as Leis: noticia das-Leis dos-outros Reinos, para conhecer quâis sam as justas &c. arte Oratoria, para persuadir o que quer, e deve: e grande conhecimento dos-afetos do-animo, vicios, e virtudes &c. lendo muito os livros de *Officiis*, e outros semelhantes &c. Esta em breve é a imagem, de um verdadeiro Jurisconsulto: e estas noticias podem servir, na Cadeira, e no-Foro. Assim será omem grande, e poderá ser louvado, e servir à Republica.

Mas de pasagem direi a V. P. que para isto, deve o Principe cooperar tambem, reformando a Ordenasam: tirando os titulos, que nam estam em uzo: afinando novas taxas, diferentes das-antigas: determinando os presos das-multas das-penas, e dos-ordenados dos-officiaes. Tudo o que a Ordenasam diz neste particular, ja nam se-pratica. E assim devia-se reformar: pois é uma impropriedade conservar Leis, que nam se-devem, nem podem praticar. Polo contrario, é mui necessario ao Povo, ter leis certas, e breves; por-que se-governe. Desta sorte conheceram todos as leis, e nam poderam alegar ignorancia. E sendo necessario, que o Principe publicase lei nova, ou contraria às ditas; deviam ser-obrigados os Advogados, Ministros, Escrivaens, Notarios &c. a tela, e unila ao corpo da-Ordenasam: e isto com graves penas. Nam sucederia entam, o que vi succeder algumas vezes, que, alegando um Advogado certa lei municipal; saio o Juiz com a resposta, que estava revogada por-outra extravagante, que se-achava na torre do-Tombo. Quando

pois se-impemise novamente a Ordenafam, podiam incorporar-se as ditas leis. Mas avendo um corpo delas separado, como fuplemento, efuzavam os Advogados, comprar novas Ordenafons, pois nele tinham tudo.

E eifiqui tenho conduzido, o feu estudante Legifta até o ponto, de fer um perfeito Juiz, util ao Principe, e ao Publico. Sei, que fe eu faláfe a outro me-diria, que ponho grande pezo sobre todos. Mas a ifto ja refpondi afina: muito mais, porque no-difcurfo da-minha carta nada mais cuidei, que separar as profifsoens, e facilitar em cadauma, o modo de a-poder conseguir com perfeifam: para o que mostrei, a erudifam que é necefaria a uns, e a outros: e a que pode fer util, ou de mera curiozidade. Tambem conhefo, que fe faláfe a um deftes Pragmaticos, me-diria, que quero publicar leis fem autoridade alguma, e alterar a ordem dos-juizos, á tanto tempo estabelecida, neste Reino. Tambem ifto é loucura. Eu nam falo leis, nem me-importa ifo: digo o meu parecer, sobre ifto que vejo, regulado pelo que tenho lido, e vifto em outras partes. E aponto o melhor metodo, de conseguir este fim, fem mudar a ordem dos-juizos, mas fomentando algumas coizas, e acrecentando outras. Se ouvèfe quem o-propuzefe a um Principe, tam amante do-bem publico, e tam capaz de o-executar, como é o prezente Reinante; feuro a V. P. que fem grande trabalho, podia fazer utiliffimos regulamentos. Conhefo, que fempre ouve no-mundo ignorantes, e fempre os-áverá: porque á muitos omens interessados, em que as coizas continuem, damefma forte. Que lhe-fafa muito bom proveito ao corpo, e á alma. amim nam me-importam efas coizas, nem com efes difputo. Mas falando com V. P. que me-faz merce, de me-pedir o meu parecer, neflas materias; intendi que lho-devia dizer finceramente: porque entre nós, podemos falar com esta liberdade, e femceramonia. Emtanto V. P. desculpe os meus erros, e conferve-me o feu amor. Deus guarde &c.

CARTA DECIMAQUARTA.

S U M A R I O .

TRata-se da Teologia . Metodo de a-tratar em Portugal , e prejuizos que naceem dele . Frivolas razoens , com que os Portuguezes querem defender ; o seu metodo . Dá-se uma ideia , do-que é a verdadeira Teologia , como naceo , e se-continua . Apona-se a origem da-Escolastica , sua durasam , e conceito que formáram dela , os doutores dese tempo . Que a Teologia Pozitiva , que renaceo com o Concilio de Trento , é ignota , em Portugal . Mostra-se a insufficiencia das-razoens , em que se-fundam os Portuguezes , para a-nam-admetirem . Apona-se o modo com que a-tratam , os Teologos modernos . Necessidade da-Istoria , e das-Linguas , para saber fundamentalmente a Teologia . Apona-se o metodo , que deve observar o estudante , que quer saber boa Teologia .



A-carta de V. P. com data de 3. de Novembro; conheço o empenho que tem, de ouvir alguma coiza , sobre a Teologia : visto ser ella a faculdade, a que tem maior afeto , e com muita razam : porque nam á estudo mais proprio de um-Religiozo , que este . Nas duas semanas ultimas , nam pude satisfazer , esta sua curiosidade ; por-cauza de certas vertigens , que me-impediram escrever : mas agora o-farei como puder . E nam espere ouvir coizas particulares , porque as-nam-tenho : espere somente ler algumas , das-que V. P. ja sabe , e eu lhe-comuniquei , em outra ocaziã .

Esta faculdade trata-se pesimamente em Portugal , nam só nos-Conventos , mas ainda nas Universidades . O metodo é este . Depois de trez , ou quatro anos de Filozofia Peripatetica , seguindo a fórma que apontei ; frequentam quatro anos , as escolas de Teologia : nas quais á polo menos , quatro leitores . Um deles , a que chamam de Prima , dita uma materia de Moral , v. g. Restituisam , Contratos , Pecados , &c. o segundo de menhan dita

uma coiza , a que chamam Escritura : e a este leitor nenhum estudante assiste : porque dizem , que só serve para os Pregadores : os dois de tarde cadaum dita , seu tratado de Especulativa . Falo do-estilo de alguma Universidade : nas outras partes é , com pouca differença , o mesmo . Nos-Conventos , costumam fer dois leitores : um de manhã , outro de tarde , e ambos ditam Especulativa . No-quinto ano comem os atos : o 1.º tem trez materias escolasticas : despois , trez atos , cadaum com sua materia especulativa : e temos o Bacharel . Seguem-se os atos grandes : o 1.º de Moral : despois Henriqueana , ou Augustiniana , parte de Moral , e parte de Especulativa . Segue-se o exame privado , que é uma lisam de ponto em Moral , e outra na-Especulativa : que é um ato capaz de matar um omem . Despois , outros acipipes pequenos , de Vesperias &c. e finalmente o Doutoramento . Esta , se nam me-ingano , é a serie dos-estudos de Teologia : a qual namobstanteque é mui trabalhoza , claramente se-mostra , que nam é bom metodo , de ensinar Teologia .

O primeiro prejuizo que tira o estudante , do-metodo das-escolas é , persuadir-se , que a Escritura para nada serve , ao Teologo . O segundo é , persuadir-se , que nam á outra Teologia no-mundo , senam quatro questoes de Especulativa : e que tudo o mais sam arengas superfluas , e ociozidades de Estrangeiros . E estes dois pontos sam tam prejudiciais , que qualquer deles bastava para mostrar , que quem asim julga , nam é possível , que em tempo algum saiba , que coiza é Teologia . E com effeito este é o prejuizo geral , de todos os Teologos deste Reino : e nam rapazes , ou ignorantes ; mas mestres , e omens de barbas até à cinta . Onde , eu com todo o respeito que devo , a tantas cans , e borlas brancas , digo a V. P. muito em segredo ; que nenhum destes sabe , qual é a definisam da-Teologia , ou porqué se-introduziu no-mundo , esta ciencia . Contudoiso ; se V. P. os-ouve , achalosá tam satisfeitos , com a sua Especulativa ; que dizem os diachos dos-Estrangeiros , por-se-desviarem dela : e formam-lhe uma rigorosa censura , mui falta de critica , e tambem de justisa , e caridade ; pois , excedendo ainda no-modo , vem na sustancia , a condenar as partes , sem serem ouvidas . Nam vi ainda Teologo algum destes , que abrasáram de todo o seu corasam , o Peripato ; que , avendo de proferir censura , sobre os que introduziram o metodo moderno , tomáse o trabalho de examinar bem , as razoes em que se-fundam os contrarios . Todos salam , e nenhum dá razam do-que diz . todos mürmuram dos .

dos-Modernos, e nenhum leo os tais Modernos.

Reduzem-se todas as suas lamentações, a trez ou quatro razões, que elles frequentemente repetem; acompanhadas de duas interjeições dolorozas, sobre o deploravel estado, a que os Modernos reduziram, a Teologia. Uns dizem, que estas Teologias foram inventadas, pelos Erejes; e por-consequencia, sam suspeitosas. Outros querem defender, os longos tratados da-Escolastica, com a doutrina, e santidade de seus autores: S. Anselmo, Petro Lombardo, Alberto Grande, S. Tomaz, S. Boaventura, S. Raimundo de Penaforte &c. e daqui deduzem a prescrição: mostrando, que desde esse tempo foi frequentada, por-todos os Teologos: quando a moderna á mui pouco tempo, que se-introduzio. Estes sam os seus argumentos. mas que argumentos!

Se tudo o que dizem os Erejes, fosse contrario aos nosos dogmas, seriam Idolatras, ou Ateos; e nam Erejes, quero dizer, Cristãos. Nam é o metodo, o que se-condena, nos-Erejes: é a má interpretação. Quanto á Teologia Escolastica, se por-ela intendem, o metodo das-escolas, que explica as coizas; por-Ergo, e *Aqui*: nam é necessario, para alguma ciencia: mas algumas vezes pode ser util, e tambem na Teologia. Nisto concordamos todos. Se intendem os argumentos, que se-tiram da-luz da-razam, ajudada com os principios da-Fizica, e regulados por-boua critica; é sem duvida, que sam utilísimos, e necesarios, para confirmar alguns dogmas: mas somente aqueles que se-provam, com a luz da-razam: v. g. a existencia de Deus: espiritalidade, e liberdade da-Alma. &c. Mas para os outros que sabemos, por-medio da-revelação; nada servem: ou, se servem, é só para facilitar a resposta, de algum argumento. Tambem nisto convimos todos. Mas nam é isto o que intendem, por-Teologia Escolastica. O que se-intende por-este nome é, uma Teologia fundada nos-prejuizos, da-Filozofia Peripatetica: quero dizer, sobre as *Fôrmas Sustanciais, e Accidentais*: e sobre todas as outras galantarias, da-Escola. E desta digo constantemente, que nam só é superflua, mas prejudicial, aos dogmas da-religiam.

Quanto aos patronos dela, concedo, que foram omens grandes, do-seu seculo: mas nada disto prova, para o caso. Por-doze seculos da-Igreja se-provaram os dogmas, e defendèram contra os Erejes, sem a dita Teologia: e nem menos se-sonhava, que um dia se-avia inventar, a Teologia Peripatetica nas-escolas. S. Joam Damaceno, que no-VIII. seculo, unio a Filozofia de Aristoteles com o Dogma, procede com tanta moderacão, em com-

parafam destes , que nam parece Aristotelico . Mas que digo eu o Damaceno ? os mesmos inventores da-melhor , e mais pura Escolastica , se V.P. os-compára , com os Escolasticos modernos ; tem mui pouca semelhança . Pullo , e Pedro Lombardo , comparados com o Suares , e Vasques , e outros ultimos ; parecem anti-peripateticos . A Suma de Lombardo nada mais é , que uma coleçam de sentenças dos-SS. PP. sobre diversos pontos da-nossa religiam , dispostas em diversos tratados . Desorteque a Escolastica introu nas escolas , muito devagarinho : e só os que no-XIII. seculo a-rafináram , é que deram ocaziã , a que nacese esta ciencia , a que chamãam *Escolastica* . Nem obsta , que alguns omens santos , nese tempo promovessẽ o tal metodo : primeiramente , porque florecẽram em um seculo , em que quazi nam se-sabia outra coiza : e os profesoress das-mais celebres escolas de Teologia , estavam preocupados , pola Peripatetica . Assimque conformando-se ao que se-praticava no-seu tempo , parece que tem alguma desculpa : mas nam podem obrigarnos , a que nos-conformemos . Damesma sorte que os santos , que pregãram nestes dois ultimos seculos , pola major parte pregãram mal , em quanto ao estilo ; contudo nam se-achará omem , de juizo tam escrupulozo , que queira seguir a pessima Retorica , porque a-seguiu e praticou um santo . Polo contrario vejo , que , pondo de parte todos os santos , apegam-se a Cicero , que está nos-infernos . Comque este argumento , nam vale nada .

E daqui mesmo saie a resposta , para a ultima lamentaçãam destes Peripateticos . Certamente é mui novisso , na Istoria da-Igreja , quem ignora , que a Teologia Peripatetica , a que comumente chamãam *Escolastica* , é mui moderna nas escolas . A todos é notorio , que Roscolino , Abellardo , Gilberto Porretano , Otto de Frisinghen &c. que foram os que a-introduzãram nas escolas , todos florecẽram nos-principios , ou até o meio do-seculo XII. de Cristo : e que Alexandre de Hales , Alberto Grande , S. Tomaz &c. que foram os que rafinãram a Escolastica , e comesãram de servir-se de Aristoteles , polo metodo dos-Averroistas ; tambem escreverãram no-seculo XIII. . Do-que fica claro , que a dita Teologia , tem mui moderno principio . O pior é , que os que assim salãam , ignorãam quantas contradisõens tiverãam , os que introduzãram a Escolastica , na Teologia : pois se soubessẽm , o que pasou , ficãriãam mui envergonhados , de chamãrem velha a uma coiza , que , bem examinada , é ainda mais moderna , doque eu nam disse : e de louvãrem uma introduçãam , que nunca foi louvada , polos omens dou-

doutos. Mas a ignorancia da-Istoria, é a que origina estas coizas: e como os Religiozos juram, a doutrina de seus mestres; nam se-deve admirar V. P. se ve, que uma coiza, que comelou tam mal, ainda assim se-espalháse, por-toda a Europa.

Mas o maior argumento que se-acha, contra a Escolastica, (lembre-se V. P. que por-Escolastica, intendo sempre a Teologia, fundada sobre a Fizica, e Metafizica dos-Arabes; ou da-que passa com o nome de Aristoteles, que é a comua Teologia) é, que nam só por-doze seculos da-Igreja, se-convencêram todos os Ereziarcas, sem ela; mas ainda no-tempo da-dita, quero dizer, desde o-fim do-XIII. seculo, até o Concilio de Trento no-meio do-XVI. todas as que entam appareçeram, foram convencidas, sem este focorro. Batalhava a Igreja nos-tempos do-dito Concilio, nam com Pimeos, mas com Gigantes: omens doutisimos nas letras Sagradas, e Profanas: publicos professores em Universidades famozas: contudo, eses famozos Ereziarcas foram condenados, e confutada a sua erezia, com a solita arma da-Igreja, *Escriptura*, e *Tradisam*, sem recorrer a tal Teologia. Antes pelo contrario, se V. P. le o Cardial Palaviccini, na istoria do-tal Concilio, verá, que nada mais cuidáram os Padres, que nam se-embaratar, com as disputas da-Escola; mas separar o Dogma, e proválo com toda a diligencia imaginavel: Isto fez o Concilio. Quanto aos autores que escrevêram, contra os Erejes, vejo bem que se-servîram, da-boua Teologia, mas nada da-Escolastica: como V. P. pode ver, nos-ditos autores. E daqui concludo, que estas grandes ventagens, e utilidades, que se-tiram da-Escolastica, eu as-nam-vejo em parte alguma. Vejo sim, que sempre reinou a verdadeira Teologia: que esta deu argumentos, para refutar as erezias: e deu aos Concilios a definisam, para os erros opostos. Mas neste lugar suponho, me-progunta V. P. qual é esa boua Teologia: como se-propagou; e continuou. Para o-explicar, permita-me que o-traga desde o principio: o que farei em poucas palavras.

A Teologia é aquela ciencia, que nos-mostra, o que é Deus em si, explicando a sua natureza, e propriedades; e o que é em quanto a nós, explicando tudo o que fez, por-nosso respeito, e para nos-conduzir, para a Bemaventurança. E como Deus é um objeto insensivel, e pouco inteligivel; daqui vem, que nam podemos com razoens, ou experiencias explicar, que coiza é Deus; aindaque a razam nos-mostre, que á uma suprema cauza: e assim só podemos saber de Deus, aquilo que ele quiz que nós soube-

mos, e revelou, aos seus escolhidos. No-estado da-inocencia; ensinou ele aos omens, muitas verdades; que por-tradifam se-confervaram, na familia dos-escolhidos, até o tempo de Moizes. A este explicou novas verdades, que os Ebreos fielmente confervaram, até a vinda de Cristo. Mas toda a Teologia daquele tempo comprehendia, muy poucos artigos: crer em Deus, e seus attributos, e efeitos: e observar as regras do-bemviver, que são as mesmas que nós temos. Nem Deus quiz revelar aos Ebreos, muitas coizas, que ao-despois nos-dife: nem entam era permitido disputar, em materia de religiam: com cega obediencia criam tudo, o que lhe-ensinaram os seus pasados: e quando succedia alguma controversia, a declarafam do-Supremo Sacerdote terminava tudo: porque como os artigos eram poucos, a lei acautelava as contendas, e Deus sugeria as respostas. Desorteque o maior trabalho daquela lei, e todo o fundamento daquela religiam consistia, em executar literalmente, todas as ceremonias, que ela mandava.

Apareceo Cristo no-mundo, para completar as coizas, que na lei escrita tinha delineado, e acrescentar outras muitas: desorteque revelou muitas coizas, e declarou aos seus dicipulos muitas verdades, que até aquele tempo, tinham sido misterios. Ensinava isto parabolicamente a todos: mas particularmente o-declarava, aos seus dicipulos; com obrigafam de instruirem os seus sucesores: paraque sempre na igreja Catolica, se-conserve pura nos-Prelados, a doutrina de Cristo: dos-quais a-pudese aprender, os mais fieis. Mas como os dicipulos, pregando a tal doutrina, acharam muitas contradifoes; avendo alguns que diziam publicamente, nam ser aquela; a doutrina de Cristo; por-iso escreveram os Evangelhos, nos-quais divinamente ilustrados, compendiaram a doutrina de seu mestre. Mas muitas coizas importantes, como tambem a verdadeira intelligencia, dos-dois Testamentos, ensinaram de viva voz, aos seus sucesores: como consta dos-lugares das-ditas Escrituras, em que os Apostolos fazem memoria, das-tradifoes vocais.

Aos Apostolos seguiram-se os seus dicipulos, que erdaram do-mestre, com a doutrina, as persequifoes; nam só dos-Infieis, mas ainda de muitos Cristaos: que rebelando-se à doutrina da-Igreja, publicaram novos erros. Isto obrigou aqueles Bispos, a escreverem as tradifoes, paraque, deixando-as aos Fieis, achafem nelas a verdadeira chave, para penetrar as Escrituras, e responder aos argumentos, que pudese fazer. Em modo tal, que
com

com a voz , e com a pena , confutavam as erezias : e de uma e outra forte comunicavam aos sucesores , a doutrina que receberam , dos-seus antecessores . Desfor-teque ja no-ano 681. determinou o concilio Trulano Geral , (1) que de nenhuma outra forte se-explicasem , e dezatasem as difficuldades , que na Escri-tura se-incontram , senam segundo a tradisam dos-SS. PP. E como em todos os seculos da-Igreja ouvesem Erejes , que contrariavam a doutrina Catolica ; em todos eles mandou Deus à sua Igreja , omens doutisimos , e santisimos ; que , recolhendo com grande diligencia , as tradisoens dos-pasados , as-deixáram aos sucesores : paraque nam prevalecêse a sizania contra o trigo : e , para me-servir das-palavras de Cristo , as portas do-inferno contra a sua Igreja . Executando aquela especial protefam , que lhe-prometêra quando disse : *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus , usque ad consumationem saculi .*

Isto se-mostra claramente na istoria , dos-primeiros seculos da-Igreja : pois quando ela se-achava mais combatida , polas per-seguisoens dos-Imperadores : mais despedasada , polas erezias in-ternas : mais dezemparrada daqueles , que cediam às persequisoens : Entam florecêram omens , que com o seu sofrimento , cansáram a tirania , de muitos Principes : com a sua doutrina con-futáram , as mais rebeldes erezias : e com a eficacia da-sua elo-quencia e-exemplo , reduzíram à Igreja , muitos Povos . Desfor-teque em tudo se-via , a vizivel protefam de Deus : e em tudo se-reconhecia , que a doutrina , que aqueles Bispos pregavam , era a mesma que Cristo pregára , e vizivelmente defendia : e que o corpo desta doutrina , unido ao que ja tinhamos escrito , era a Teologia que deviamos estudar ; e em que deviamos fundar , toda a nosa religiam .

Mas este modo de escrever , nam era metodico : nem escre-viam em um só tratado , tudo o que se-podia dizer , sobre a ma-teria . Mais applicados a bem instruir os Fieis , que a bem com-por os tratados , fomite pegavam na pena , quando o-pedia a necessidade . Ulmas vezes , impugnavam uma erezia : outras , ou-tra : nem provavam mais ; que aquilo que era necesario , para os-convencer seguramente : o que faz parecer , que os ditos Pa-dres abraçavam os tais principios : aindaque os-nam-recebêsem co-mo certos , mas fomite como utiis , para o intento proposto .

TOM.II.

C c

Fi-

(1) Canon.19.

Finalmente o seu modo de escrever, nam era effeito de grande criterio, e meditaçam; mas fim do-grande zelo, que os-obrigava a pegar prontamente na pena, para convencer as erezias que naciã, ou refurgiam: como se-pode ver, naquelas obras que effam dispostas, segundo a ordem dos-tempos: como as de S. Agostinho, polos Beneditinos de S. Mauro; e as de S. Leam, polo P. Quesnel. &c.

Entre os Padres dos-cinco primeiros seculos da-Igreja, só *Origenes* escreveu com algum metodo, no-seu livro *de Principiis*: em que quiz explicar alguma coiza da-Fé, com os principios de Platam: cujo livro se-pode chamar, o primeiro curso de Teologia. Os outros Padres, serviam-se da-razam para explicar, o sentido da-Escritura, e dos-outros antecedentes Padres: aindaque algum, como *Atenagoras*, e outros profeseores da-escola Teologica de Alexandria, se-servisem tambem da-boua razam, para explicar melhor, alguns dogmas. Mas a curiosidade umana, nam tem limites: e lá ouve autor, que quiz explicar os nosos dogmas, com os principios da-Filozofia. Isto vimos no-autor das-obras attribuidas, a *S. Dionizio Areopagita*, que no-fim do-V. seculo, tratou algumas questoes de Teologia, e as-rezolveo com os principios de Platam: e em *Boecio*, que no-VI. seculo, com os principios de Aristoteles, de quem era apaixonado; comefou a propor questoes futis, sobre os nosos misterios, e a rezolvêlas com a dita Filozofia. Isto porem nam teve imitadores: os outros nam se-afastãram da-Escritura, e Dogma. Alguns publicãram sumas Teologicas, compostas das-sentenças dos-SS. PP. como *Tayon*, das-de S. Gregorio: e *S. Izidoro*, das-de outros Padres.

No-meio do-seculo VIII. *S. Joam Damaceno* foi o primeiro, que publicou um corpo inteiro de Teologia, com o titulo *de Fide Orthodoxa*: que compreende, todos os pontos da-nossa religiam, provados com autoridades, e com razoens. Mas sempre na republica Literaria, ouveram espiritos sediciozos. *Joam Scotto* chamado *Erigena*, que no-IX. seculo se-servio de Aristoteles, para rezolver varias questoes de Teologia; tendo caido em varios erros, foi condenado polos Teologos, polo dito motivo. Onde os outros autores, desprezando este atrevimento, seguirãram as pasadas, dos-primeiros Teologos: ou expondo as Escrituras: ou impugnando as Erezias: ou compondo obras asceticas. Verdade é, que estes seculos eram escarfos, de omens doutos, nam só no-Oriente, mas ainda no-Occidente: reinava a ignorancia: só os Religiozos estudavam: e os que eram doutos, só o-eram respetivamente.

Con-

Continuou esta paz até o seculo XI. Porque os Padres observando que Aristoteles, affirmava perigozos erros; com todo o cuidado o-desviáram da Teologia: e continuáram os Religiozos; (naquele tempo foment estes se-aplicavam à Teologia: aqual ainda nam tinha saído dos-claustros, para as escolas: o que succedeo no-XII. seculo) a explicar a Escriitura, por-meio da-Tradifam: porque reconheciam, que destes dois principios, Escriitura, e Tradifam, se-devia tirar, toda a ciencia Sagrada. Mas no-seculo XI. ouve novidade. Introduziram-se desde o seculo IX. nas escolas Catholicas, a Eloquencia, Geometria, Astronomia, e Dialectica: e o estudo desta ultima agradára desorte, que fizera esquecer em algumas partes, o estudo da-Teologia. A preocupafam em que estavam os Arabes da-Espanha, polo merecimento de Aristoteles, que desde o IX. seculo, como em outra carta disse, se-explicava nas suas escolas; acabon de arruinar tudo: porque communicando-se nos-fins do-undecimo seculo, de Espanha a Pariz, e outras partes; e achando os profesoeres dispostos para receber; todo o genero de futilleza; produziram no-dito tempo; muitas erezias. Os primeiros inventoeres desta introdufam, foram tambem, os primeiros erejes. Os erros de Roscelino, Abellardo, Gilberto Porretano, Arnaldo de Brescia, Albigenfes, Abade Joaquim &c. alguns dos-quais foram cabezas desta seta; mostráram bem, o que se-podia esperar, de semelhante introdufam. Desorteque os omens mais doutos, cuidáram em emendar isto, e reformar as escolas de Teologia; que nefe tempo saíram dos-Claustros, para as Universidades. Isto fez em Inglaterra, nos-principios do-seculo XII. o Cardial Pullo, compondo para efe intento, a sua Suma Dogmatica. O mesmo fez pouco despois Pedro Lombardo, em Pariz, na Suma que publicou: e ambos procuráram servir-se da-Escriitura, Padres, e alguma vez da-boua razam. Esta Suma de Lombardo, que refucitava a antiga Teologia Dogmatica, com metodo novo, teve tal fortuna, que logo publicamente a-lêram nas escolas: e pouco despois a-comentáram: o que durou por-muito tempo.

Mas avendo ainda assim muitas peoas preocupadas, pola futilleza Aristotelica; comefáram alguns a publicar estes livros. Deu o exemplo Pedro Poitiers, o qual polos anos 1170. publicou uma Suma Teologica, em que explica as questoes, com provas tiradas da-Filozofia de Aristoteles: o que agradou desorte a tanta gente, que nam podiam estudar, outra coiza. Daqui naceram muitos danos: e naceo tambem o odio, que os melhores Teo-

logos daquelle tempo mostráram, contra a Peripatetica. Vendo aquelles doutores, que os Padres dos-primeiros séculos da-Igreja, disseram muito mal, dos-que introduziam a Dialectica na Teologia: vendo, namobstanteque muitos Erejes se-servisem de-Aristoteles, para destruir os dogmas; que nenhum dos-antigos Padres se-servira de Aristoteles, para os-confirmar: vendo, que por-doze séculos nam se-achava Cristam, que explicáse a Fizica, e Metafizica de Aristoteles; aindaque a alguns dos-ultimos agradalem, os termos da-sua Dialectica: e finalmente vendo, que da-Dialectica de Aristoteles iam nascendo, os erros de Roscelino, Abellardo, &c. clamáram fortissimamente, contra o tal Aristoteles. De que podia citar bons exemplos, se V.P. nam soubese, que falo de S. Bernardo, Lanfranco Cantuariense, Estevam Torniacense, Gualtero Prior do-Convento de S. Dionizio de Pariz: o qual compoz um livro, com este titulo: *Contra os quatro Labirintos de Fransa: Abellardo, Porretano, Pedro Lombardo, e Pedro Poitiers*: em que repreende as suas novidades. Nem somente parou nisto, mas o mesmo Concilio Senonense, ou Parizienſe, celebrado no-ano 1209. mandou publicamente queimar, os livros de Aristoteles (1): poloſ-danos que tinham feito. E aindaque polo tempo adiante, se-foram concedendo licenſas, de ler algum livro de Aristoteles; atéque finalmente se-lêram todos; por-compazer ao genio depravado de alguns profesoſes, que estavam preocupados, polo seu merecimento: contudo é sem duvida, que estas licenſas nam se-concederam, senam com muita difficuldade: e que por-muitos tempos perzistio a proibisam, mais ou menos ampla; com que os omens acudiam aos danos, que de quando em quando produzia, a Peripatetica. No-ano 1231. Gregorio IX. prohibio a Dialectica, e Metafizica de Aristoteles; e a Fizica com sua limitasam. Esta proibisam durou, até o ano 1265: no-qual um Cardial Legado de Clemente IV. reformando os abuzos da-faculdade Parizienſe, absolutamente prohibe a Fizica, e Metafizica de Aristoteles: cuja ultima proibisam durou, por-mais de um seculo.

Neste estado de coizas apanháram as escolas, os dois grandes Dominicanos, Alberto grande, e Tomaz de Aquino: que floreceram no-meio do-seculo XIII. Alberto foi o primeiro, que comentou Aristoteles: o dicipulo, seguiu o exemplo. E creio que o-fizesem, menos porque entendesem, ser util; doque por-fazer este serviso

(1) Rigordus, in Vita Philippi Augusti.

vifo ao Publico ; que se-achava mui preocupado , por-Aristoteles ; e mui prejudicado , com o mau uzo dele . A verdade é , que nam custa pouco aos Theologos , desculpar estes dois doutores , de terem comentado o Filozofio no-tempo , em que existia a prohibiçam de *Gregorio IX.* E com effeito no-ano 1387. a Faculdade Parizienfe , escrevendo ao Papa *Clemente VII.* na sua obediência Pontifica M. exprefamente diz , que *S. Tomaz* pecára , contra o decreto de *Gregorio IX.* o que porem eu agora nam disputo , mas deixo intacto aos seus Apologiftas . O que digo é , que esta introduçam de Aristoteles , dezagradou muito , aos doutores daquelle tempo , e aos omens mais doutos , que floreceram até o concilio de Trento : e tambem a muitos Papas , v. g. *Clemente VII.* e *Joam XXII.* &c. os quais todos queriam , que se-continuáse a Teologia Dogmatica , ou polo menos , a Suma de *Lombardo* ; fuggingo de todas as sutilezas .

E na verdade este era o pretexto , com que se-cobriam , os que introduziram estas novidades . *Alberto* , e *Tomaz* ambos comentáram a *Lombardo* : e o ultimo , entre muitas obras dogmaticas , publicou a sua Suma de *Fide Catholica contra Gentes* . Desfortequé todos se-cobriam com a capa , de tratar a antiga Teologia , e comentar *Lombardo* : e somente com o titulo de explicar melhor , as suas opinioens , é que publicáram , as suas Sumas . Mas como o fermento da-discordia continuava , no-exercicio da-Filozofia Peripatetica ; os comentarios degeneráram em argumentos futis , e contendas da-escola : e nam se-contentando os mestres , com o officio de comentadores , cadaum , para fundar melhor a sua opiniam , compoz uma summa Teologica , explicada polos termos Arabios : dos-quais nam fizera mençam *Pedro Lombardo* , na sua Suma , nem algum dos-primeiros Escolasticos até aquele tempo , se-tinha servido . Até os Expozitores da-Escritura , comesáram a especular , e excitar queftoens futis , sobre o texto : como fez *Ruperto* , *Hugo* , *Ricardo de S. Vitor* , e alguns outros . Deste modo refurgio , nos-fins do-seculo XIII. a Teologia Escolastica : cujo nome dali para diante , nam significou somente , Teologia metodica , e acomodada ao estylo das-escolas , como no-antecedente seculo significára ; mas Teologia tratada , segundo o metodo dos-Arabes ; e fundada nos-principios , da-sua Filozofia . Contudo isto em muitas escolas , contiuiu-se o estado da-Escritura , e seguiu-se aquele metodo , que desde o VIII. seculo tinham introduzido os Benedictinos , cá no-Occidente ; de explicar a escritura Sagrada , e fundar nela , o edeficio dos-

dos-seus estudos . E este deveria ter-se expalhado mais , se nam fosse um impedimento , que entam se-ofereceo . As diferentes Religioens de Mendicantes , que nese , e no-seguinte seculo se-establecèram : tomáram por-empenho , praticar o mesmo metodo : comentando cadauma , a Suma dos-seus alumnos . A de *S. Tomaz* , que era recomendavel pola doutrina , e piedade de seu autor , defendèram com toda a forsa , os Dominicanos . A de *Escoto* , Franciscano , que no-fim do-seculo XIII. tomára por-empenho , contrariar *S. Tomaz* , e alguns outros ; para cujo fim publicára una Suma , cheia de mil futilizas ; abrasàram de todo o seu corasam , os seus Frades ; e defendèram-na com todo o empenho . E como os Seculares daquele tempo , pola maior parte se-inclinavam ao Direito , que pouco antes tinha resuscitado em Italia ; e comefava a espalhar-se pola Europa ; por-iso deixavam aos Regulares a incumbencia , de explicar , e tratar a Teologia . Onde daqui naceo , que estes espalhàram por-toda a Europa , aquelas particulares opinioens , que pola maior parte tinham nascido , em Pariz ; e compunham esta particular Teologia Escolastica .

Entam é que intráram nas escolas , os *Atos primeiros* , e *segundos* ; o *formaliter* , e *materialiter* ; o *per se* , & *per accidens* ; o *substantialiter* , & *accidentaliter* ; com todos os outros ingredientes , da-Filozofia Peripatetica . Uma *formalidade ex natura rei* bem inventada ; dava nome a um omem naquelas eras : um silogismo bem embrulhado , uma distincam ininteligivel , servia de grao para ser eroe . Ja nam se-sabia , que coiza era *Atanazio* , *Jeronimo* , *Agostinho* . os nomes dos-*Gregorios* dos-*Cirilos* , dos-*Basilios* , e outras columnas da-Teologia , eram coizas incognitas , e dezuzadas . o que importava era , que o silogismo estivesse em *Barbara* , ou *Celarent* , e observáse todas as regras de Aristoteles . Esta frenezia destes Modernos , aumentou-se no-meio do-seculo XIV. com as novas divizoens das-Escolas . Porque *Durando* Dominicano , e *Okam* Franciscano , saindo das-prizoens das-suas escolas , introduziram outro modo livre de opinar , na Teologia : a qual , como disse , toda se-reduzia à Metafizica . Aquela perfeita uniam , com que por-tantos seculos da-Igreja tantos Padres , prováram uniformemente a verdade teologica , contra os seus adversarios ; acabára-se nas escolas de Teologia : onde todos se-contradiziam , ou por-paixam , ou por-capricho .

Mas as erezias de *Lutero* , e *Calvino* e outros modernos do-seculo XVI. abríram os olhos a estes Teologos , e mostráram cla-

claramente, que a maior parte deles se-aptaram, do-verdadeiro metodo da-Teologia: que falavam muito, mas nam sabiam nada de Teologia. Os Erejes nam impugnavam, as Metafizicas da-Escola: impugnavam os fundamentos da-nosa religiam: e a estes é que era necesario acudir, mostrando quais eram as bases, em que asentava a machina, da-nosa religiam. Assimque muitos Teologos, comesaram a explicar estes pontos: e outros a servir-se deles. Defortequede desde o tempo do-Concilio de Trento para diante, é que se-comesou a praticar, o antigo metodo da-Teologia Positiva: explicando-a segundo os ditos principios, que sam as verdadeiras fontes, de toda a Teologia.

Muitas Universidades, que estavam alguma coiza preocupadas, polo antecedente costume, praticaram o mesmo metodo: que oje está estabelecido em Franca, Germania, Italia &c. Mas observaram os Estrangeiros, que semelhante metodo nam pasára, dos-Pirineos a esta parte; e principalmente para este Reino: no-qual ainda nam amanheceo, neste particular. Contrebuio muito para isto, a grande contenda que ouve, no-principio do-seculo pasado, e fim do-antecedente, entre Dominicanos, e Jezuitas; sobre a ciencia, e auxilio divino. A qual tendo nacido nas Espanhas, conservou sempre nelas, os seus maiores apaixonados: que compuzeram sobre ella, tratados difuzissimos, que lhe impedio ocuparem-se, em outras coizas necessarias. E como a contenda sempre existe; dela naceram infinitos volumes, com que muitos autores tem cheio as livrarias: repetindo em longas paginas, o que podiam dizer, em breves palavras. De que nace, que cá em Portugal, onde tomam isto mais a peito, nam se-pofam aplicar, a outras coizas.

Nestes dois principios, diversidade das-Escolas, e Filozofia dos-Arabios, é que se-levantou esta Teologia, que nam tem fim. A cada passo se-tropefa com uma definisam, e se-gasta tempo sem fim nela. Formam-se questoes sobre coizas, que nam sabemos, nem nos-importa saber. Nam á conhecimento algum da-alma, ou obra meritoria &c. de que nam se-investigue a essencia, e attributos: e tudo o mais, que lhe-vem à imaginasam: e com tanta disputa nam concluem nada que sirva, para declarar o dogma: que é o empenho do-Teologo. Pasma um omem, quando ve os muitos volumes, que compoz o *Suarez*, o *Vasques*, os *Salmanticenses* &c. contudoiso examinando bem o caso, o que eles dizem em tantos volumes, escreveo em dois o *Ribdes*, eo *Comptono* &c. e podia-se escrever ainda em menos. Este é o feito.

feito dos-Escolasticos, que copiando-se fielmente uns a outros, com a diversidade; de pôr um como prova, o que outro tem por-argumento; escrevem estas Teologias eternas: nas quais os Padres sam rarissimos: e quando deles se-aponta um texto, supoem a questam provada: sem advertir se é genuino: em que sentido falou: contra quem escreveu. Daqui entam nace, que quando um destes Teologos tem estudado, algumas destas questoes, e sabe embrulhar quatro filogifinos; persuade-se que tem chegado, ao fim da-Teologia: E quando se-acha na conversasam, de omens da-proffsam, dá de quando em quando dois suspiros, lamentando a infeliz sorte daqueles Estrangeiros, que perdem o tempo, com estudos impertinentes, e inutis.

Mas a verdade é, que quem sabe somente isto, nam sabe nada: e muito menos sabe Teologia. Se a Teologia é saber, o que Deus dise, e saber como iso se-defende, contra os nosos adversarios; quem nam sabe isto, nam sabe Teologia. Que os Escolasticos nam saibam iso, nam tenho necessidade de o-provar; porque eles o-confesam: quando reconhecem grande distancia, entre Teologia *Escolastica*, e *Controversa*. De que saie por-legitima consequencia, que da-sua Teologia, pouco cazo devemos fazer.

Se V. P. examina as razoens que eles dam, para se-desculparem; sam tais, que obrigam a rir. Em certa ocaziam me-respondeo um profesor: *Que as controversias eram boas, la para Inglaterra, e Roma, onde se convertem Erejes: mas nam eram necessarias em Portugal, onde por-grasa de Deus, estavamos livres dessa peste.* A semelhante omem, nam quiz eu argumentar, porque afentei, que nam me-avia intender: mas a sua resposta, merece alguma considerasam. Ela vale o mesmo que dizer: *Que fóra de Portugal, se-deve saber Teologia bem: e explicar uma Teologia, que possa ser util à religiam: E que em Portugal, se-deve empregar toda a vida, em uma Teologia, que nam serve para defender a religiam: mas unicamente para falar nas coizas, sem fundamento algum.* O Teologo nam é um omem que fala, para se-divertir: mas é um doutor na Igreja Catolica; o qual deve ensinar as verdades da-nosa fé aos filhos, e defendêlas contra os inimigos. Damesma sorte que o doutor de Leis, é o que sabe o fundamento, e inteligencia delas; e as-sabe defender, contra os que as-impugnam. Onde, deve o Teologo estar sempre prompto, para dar razam da-sua fé, e do-infalivel motivo da-sua esperanza, conforme o conselho do-Apostolo S. Pedro.

dão . E , valha a verdade , que coiza mais deploravel , que gastar um Teologo toda a sua vida , em disputas ; sem saber dar razam , da-fé que profesa ? Em que se-á-de distinguir o doutor , do-dicipulo ; e o ignorante , do-ciente ? Os dicipulos , e as ovelhas crem , porque lho-dise o mestre , e lho-declara o pastor : E os pastores , e doutores porque ám-de crer ? porque lho-mandam dizer de Roma ; ou porque o-lem assim , em algum catechismo ? boa razam ! devem saber o motivo por-que crem , e porque o-ensinam . E quem dise ao dito , que a Escritura é infalivel ? que é a mesma que escrevèram , os omens inspirados , especialmente Moizes ? e que a tal Escritura foi verdadeiramente ditada , por-Deus ? isto certamente nam ensina a Escolastica .

Tambem nam posso soffrer , que me-digam , que esta Teologia , nam é necessaria , em Portugal . Primeiramente , que necessidade à aqui , de Teologia Especulativa ? Para divertimentoò , nam serve , porque ensada : para explicar o Dogma , nem menos ; porque este explica-se com razoens claras , e nam com arengas : que nam só nam aperfeisoam o juizo , mas positivamente o-confundem , e reduzem a estado , de nam fazer progresso , em ciencia alguma . Por-certo que nenhuma tem parentesco , com semelhantes insulfas especulatoens , de que fica enlabuzado o juizo , de um destes Teologos : pois é certo , que a noticia dos-SS. PP. e monumentos ecclesiasticos , nam se-adquire com questoes especulativas : e o juizo critico , que tam necessario é para dispor , e entender bem , todas as ciencias ; somente se-consegue , com a leitura dos-melhores criticos , e com o-tratar e disputar , com os omens doutos . Pois de que serve isto , senam , de um titulo vam , sem fundamento ? Mas , tornando à Dogmatica , digo , que ela serve para confirmar os Fieis , no-mesmo que crem : e pode servir , para convencer os Infeis . Eu vejo aqui todas os dias , muitos omens castigados , por-sequazes da-lei de Moizes : concedo , que muitos sejam ignorantes : mas suponhamos , que um é douto : quem á-de convencer este omem ? Intende V. P. que um Teologo Escolastico , pode falar nesta materia ? O Escolastico cuida , que trazendo o texto : *Non auferetur sceptrum de Juda &c.* ou outro semelhante , tem provado tudo . O Ebreo nam faz cazo da-Vulgata : vai direito à fonte Ebraica , e Caldaica , e aos commentarios dos-Rabinos , que sam infinitos . E quem conhece V. P. aqui , capaz de entender estas coizas ; e com a erudisam necessaria , para responder ao cazo ? isto nam é murmurar , é dizer a verdade . Onde devemos concluir , que quando um destes Teolo-

D d

TOM.II.

gos ,

gos, vai converter um Ebreo, é obrigado a conhecer, e confessar, que em tanto o pode converter, em quanto o Judeo, nam sabe responder. E desta sorte nam á omem, que nam seja capaz, de convencer outro. Crece o argumento se puzermos, que um destes Judeos de Barbaria, ou de Olanda, que ás vezes aqui vem negociar, inspirado por-Deus se-queira converter: mas queira um Teologo, que primeiro lhe-explique e rezolva, todas as suas difficuldades. (isso vi succeder algumas vezes, fóra de Portugal) Neste cazõ que dirá o Teologo? sem duvida ficará mui caladinho. O mesmo digo dos-Erejes; que aqui se-acham em grande numero. A todos estes se-deve mostrar, nas disputas e exercicios litterarios, a falsidade das-suas doutrinas: e deve o Teologo exercitar-se nisto, para poder responder, nas ocaziõens-necessarias, e repentinas.

Mas, pondo de parte estes motivos, que privilegio, perguntára eu, tem os Estrangeiros, para só eles saberem as verdades, da-nossa religiam? Só os Italianos, Francezes, Alemaens &c. ám-de fair a campo, contra os inimigos da-Fé: e os Portuguezes, que se-prezam de filhos obedientissimos da-Igreja, nam ám-de saber mostrar o seu zelo, e obediencia, na-defeza desta Fé, que profesam? Por-todas as partes do-mundo vam os Portuguezes, pregar aos Infeis, a palavra Evangelica: e nam á um unico Portuguez, que mostre aos Erejes, a verdade desta Fé, que aos outros anuncia! Certamente quem assim discorre, nem mostra grandemente a sua Fé, nem o seu zelo, nem pugna pola gloria do-seu Reino. Nem todos os Erejes sam Francezes, ou Alemaens, ou Italianos: mas em todas estas Nacoens se-acham omens, que pegam na pena, para impugnar qualquer erezia que se-levanta. Recõmenda muito S. Agostinho, (1) que, quando apparecerem novas erezias, escrevam todos, os que tem talento para escrever; aindaque digam o mesmo, por-diversas palavras: desta sorte conhecerám os Erejes, que entre os Catholicos á muitos, que lhe-podiam rezistir: e poderám eles livros, chegar á mam de todos, os que necessitam deles. Isto se-praticava, nos-primeiros seculõs da-Igreja. Contra a erezia de *Ario* escreveram muitos PP. Gregos, e Latinos. *Atanzio*, *Bazilio*, *Epifanio*, *Didimo*, dois *Gregorios*, dois *Cirilos*, *Ilario*, *Ambrozio*, *Agostinho*, *Gregorio Berico*, *Idacio Claro*, *Fegadio*, *Fulgencio*, e outros muitos. E nam só em Roma entam se-sabia, disputava, e defendia o Dogma; mas,

(1) L.1. de Trinit.c.3. L.contra Mendac.c.6.

mas, na Africa, no-Egito, na Palestina, na Mezopotamia, na Tracia, na Grecia, em Franca &c. E este conselho devia persuadir aos Portuguezes, executárem o mesmo. Desorteque apertando bem o cazo, V. P. deve-me conceder, que neste Reino, nam á Teologo algum; vistoque nam á nenhum, que saiba mais, que quatro dedos de Especulativa.

Alem diso, a Dogmatica é necessaria, para formar verdadeira ideia das-coizas. Proguntára eu a um destes Teologos, com que consciencia aceita, ser Qualificador do-S. Oficio; se nam sabe fundamentalmente, a nosa religiam? Certo é, que estes omens devem julgar, se a doutrina que se-propoem, é, ou nam é conforme, aos principios da-nosa Fé. Desorteque o Qualificador, nam é fiscal do-S. Oficio, como muitos ignorantemente prezumem; antes polo contrario, é um defensor dos-livros: e deve buscar tudo o que pode, para ver se se-pode defender seguramente, a dita doutrina: porque todas as vezes que, por-algum motivo, se-pode defender, injustamente a-condena. E que doutrina nam é necessaria, para poder fazer isto? Um homem, que sabe pouco, toma limpamente uma doutrina, por-outra: confunde uma erezia, com uma opiniam catolica, ou toleravel. Estamos vendo isto todos os dias, nos-Escolasticos, que mutuamente se-condenam de erros, que nunca sonhátam: o que provem, por-nam terem examinado fundamentalmente, quais foram os erros dos-tais erejes. E como todos os Teologos aspirem, ao titulo de Qualificadores; todos deviam ter, os fundamentos necesarios para isto.

Quanto a dizerem, que introduzindo-se em Portugal, estas Teologias, dariam motivo, de formar duvidas na Fé; e que por-falta delas nam tinham intrado as erezias, neste Reino; é outra frenezia sem fundamento. Tanto dano pode rezultar na Igreja, de discorrer mal, sobre as Teologias Especulativas, como sobre os Dogmas: porque entre as especulativas, tratam-se quantos dogmas bastam, para dizer mil erezias: como nos-ensinam *Roscelino, Gilberto Porretano* &c. Alem diso se nesa conjuntura, se-formasem escrupulos, tambem averia respostas, para os-desfazer: e o exercicio da-disputa, ensinaria aos Teologos, como aviam responder. Nem deste principio tam ridiculo devemos inferir, a propagasam das-erezias, nos-outros Reinos, ou a falta delas neste: quando vemos, que a Igreja Romana, seguindo o exemplo dos-antigos PP., abraza este metodo como unico, para destruir as erezias. Devemos sim attribuirlo, à pensasam dos-Por-

tuguezes, para os exercicios de piedade; e à vigilancia dos-magistrados, em destruir no-berço, as más doutrinas. Aindaque na quantidade de Judeos, e outros Erejes, que todos os anos aqui se-castigam, se-conhece, que o tal argumento, nam tem toda a forsa que se-intende: e se-pode voltar, contra os arguentes.

Nem vale o dizer, como alguns respondem, que neste Reino, tambem se-estuda controversia, em alguma parte: e que alguns leitores a-estudam, em sua caza. Os que alim respondem, nunca viram as controversias: e intendem, que lendo quatro questoes do-*Belarmino*, tem a chave de toda a ciencia: mas inganam-se nisto. Quem estuda Teologia Positiva, para saber o fundamento dos-Dogmas; basta que leia, os simples fundamentos: mas quem a-estuda, para a-defender contra os inimigos, é necessario que veja tudo, o que eles tem escrito. E nam sendo o *Belarmino*, (nem o *Greiser* seu apologista) o que responde bem a tudo: porque, como dise ja um omem douto, nele os argumentos, tem toda a forsa; mas as respostas, nem sempre: e avendo tantos livros nesta materia, que cá nam se-conhecem: e pedindo isto estudo fundadissimo, de Historia, de Linguas, de Critica &c. com razam digo a V. P. que me-rio muito, quando ouso dizer, que por-modo de divertimento, se-estuda a Polemica: ou que, tendo somente argumentantes Escolasticos, se-posa exercitar nela um omem, com fundamento.

Tem ainda outro argumento, estes apaixonados pola Escolastica, e vem aser, que a-devemos seguir, em obzequio dos-seus fundadores, ou inventores, e aprovadores: que foram dos-mais doutos, e santos do-seu tempo. Especialmente *S. Tomaz*, cujas obras foram aprovadas, por-alguns Pontifices: e a sua Suma foi lida, em algumas Universidades, por-ordem deles. Mas daqui nam concluimos coiza alguma para o cazo; mais doque afirmar, que a dita Suma nada contem, contra a doutrina da-Igreja. Polos mesmos principios podiamos preferir-lhe, a Suma de *Petro Lombardo*, o qual *S. Tomaz* reconheceo por-mestre, e comentou: e ainda oje é tida, nas Universidades de Portugal, por-texto: e cujo metodo exprefamente aprovou, o Concilio Lateranense IV. Polo mesmo titulo podiamos preferir-lhe, a Suma de *Alexandre de Ales*, ao qual Inocencio IV. exprefamente mandou, que a-compuzesse: e Alexandre IV. confirmou, com seu diploma. Polo mesmo lhe podiamos preferir, a Suma de *S. Boaventura*, cuja doutrina aprovaram Clemente IV. Gregorio X. Sixto IV. e Sixto V. Finalmente a *S. Tomaz* Aristotelico, podiamos opor *S. Agostinho*

Platonico, e muitos grandes doutores, que seguiram; a mesma Filozofia. Alem disto, esa Suma, que ao despois teve tanta acceitafam, nam teve igual fortuna, no-principio. Escoto contrariou quanto pode, a doutrina de S. Tomaz: e Guilherme de la Mare, tambem Franciscano, impugnou a dita Suma, em um livro intitulado: = *Correctorium operum Fratris Thoma*: e muitos outros, se-mostraram contrarios, como ja asima apontei. E ainda despois, varios grandes omens, como Gerson, e Tritemio, lhe-preferiram em tudo, a Suma de S. Boaventura, como mais fundada.

A doutrina de S. Tomaz, que naquele seculo sem duvida alguma foi, um dos omens mais doutos, mais fundados, mais estudiosos; e a sua grande piedade, deram lustre às suas obras: e isto junto aos apaixonados, que tinha; e junto ao estilo daquele tempo, em que a tal Suma, era uma das-melhores; deo ocaziam, a todos estes louvores. Despois disto, os omens continuaram, e justamente, a louválo, e venerálo: mas considerando-o como um Doutor Escolastico, nam crem que sam obrigados, a seguir a sua doutrina, nem o seu metodo. Nem algum Pontifice dise até aqui, que nam se-podia compor melhor suma, que a dita: nem o-poderia dizer; porque me-parece, que isto nam é materia de Fé. Onde, deixa a Igreja a cadaum, a liberdade de fazer, o que lhe-parecer. Alem disto, é de notar, que os Pontifices louvam aquele metodo, porque as melhores Sumas dese tempo, v.g. a de S. Tomaz, e Boaventura &c. ainda conservavam vestigios, da-antiga Teologia: e ainda o cazo nam estava reduzido ao estado, em que ao despois se-vio. Os doutissimos Religiozos Dominicanos, foram insensivelmente abraçando, as ditas doutrinas, até que asentaram, em defendelas. E tam escrupulozamente investigaram, a mente do-S. Doutor, como se fosse, de algum escritor Sagrado: quando bastava declarar, o que ele diz, e ensinálo aos outros. Disto naceram, aqueles grandes comentarios, que V. P. ve, e de que asima ja lhe-dise alguma coiza: pois comprehendendo a dita Suma, trez, ou quatro volumes; os comentarios ultimos pasam de doze. Sendo certo, que isto de jurar uma doutrina, é a cauza de que um omem, nam se-sirva do-seu juizo, e nam se-adiantem os estudos. Pois de outra sorte, avendo tam grandes talentos, como eu sei, na Religiam Dominicana; nam era possivel, que nam tivessem feito grandes progressos, se acazo nam tivessem aquele grilham, que os-nam-deixa sair, da-sua escola. Aindaque, (e devo confesálo, em obzequio da-

da-verdade) em França, e Italia muitissimos Dominicanos eruditos, e pios, seguem diferente estylo, e nam querem senam a Filozofia, e Teologia moderna: o que sei com toda a certeza.

De tudo o que até aqui tenho dito, conhecerá V. P. que coiza é a Teologia em si, e o que é neste Reino. Quanto ao primeiro, verá, que a Teologia é uma só sciencia, que naceo com o mundo: teve o seu maior aumento, na vinda de Christo: conservou-se por-todos os seculos da-Igreja, até o-duodecimo, em que recebeu melhor fórma: pois comefou aser tratada, com algum metodo. Finalmente renaceo com o Concilio de Trento: aperfeiçoou-se no-seculo pasado: é cultivada em todos aqueles Reinos, em que florecem as letras: nas mais celebres Universidades da-Europa: e polos mais insignes omens, que impugnam a espada, para defender a doutrina da-Igreja. Polo contrario reconhecerá, que a Teologia Escolastica, ou Peripatetica, somente por-quatrocentos años, floreceo com estimafam: aindaque sempre combatida, polos omens mais doutos, e pios: e nem sempre no-mesmo grao. Nese mesmo tempo, contém-se trez idades da-Escolastica. I. desde *Abellardo*, até *Alberto Grande*: no-qual tempo, ainda nam estava reduzida a arte: e somente se-uzava da-Dialetica, na Teologia. II. idade desde *Alberto Grande* até *Durando*, que morreo, no-meio do-seculo XIV. no-qual tempo é que se-introduzio nela, o metodo dos-Arabios. III. desde *Durando*, que foi o que facilitou, fazer novos sistemas, diferentes dos-outros Escolasticos; até *Gabriel Biel*, que morreo, no-fim do-seculo XV. Notará tambem, que nam só as erezias, que turbáram a Igreja, por-XII. seculos, foram confutadas sem Peripatetica; mas tambem as que saíram no-tempo, em que estava em vigor a Peripatetica, foram condenadas, sem esa ajuda. Sendo certo, que desde o seculo XIII. se-celebráram XC. Concilios, VII. dos-quais foram Gerais: e nos-quais se-tratáram difficuldades especulativas, sobre a Trindade, e outros misterios. Reconhecerá alem diso, que, desde o Concilio de Trento a esta parte, é regeitada pelas melhores penas, que só buscam a doutrina Sagrada, nas fontes onde se-bebe pura.

Observará finalmente, que quando os SS. PP. recomendam, a Teologia Escolastica; deve-se entender, de uma Teologia metodica, a qual disponha com boa ordem, as provas tiradas da-Escritura, e SS. PP. para concluir o que intenta: e o-confirme com provas, tiradas da-razam natural, quando tiver lugar para iso. Esta é a Dialetica, que praticáram os antigos Pa-

Padres: que louvam, e dizem ser util. Mas nunca disseram os Padres, que a Teologia, explicada polos termos Arabios, cheia de formalidades e sutilezas metafizicas impertinentissimas, era necessaria na Igreja, e devia ser ensinada. Ainda nam avia, um corpo de Teologia Peripatetica, no-mundo, quando ja tiuha cessado, a torrente dos-SS. PP. que, segundo os Cronologos, acabou no-fim do-seculo XI. ou, quando muito, até *S. Bernardo*, que morreo em 1153. Despois de *S. Bernardo*, nam é necessario procurar os PP. para a tradisam; porque estava ja divulgada, por-infinitos livros: e a Igreja, que ja governava o mundo, tinha com cuidado conservado, os depozitos dos-antigos monumentos. Nem menos despois dese tempo, floreceram Padres, cujos escritos tenham grande aplauzo, principalmente em materia de doutrina &c. Tirando *Alberto*, *Tomaz*, *Boaventura* no-seguinte seculo; os que ao despois floreceram, foram alguns fundadores de Religioens, omens asceticos: ou foram Religiozos de Religioens, nas quais estavam estabelecidas as Escolas; com *S. Vicente Ferreri*, *S. Antonino de Florensa*, Dominicanos: *S. Bernardino de Sena*, *S. Joam de Capistrano*, Franciscanos &c. e destes nam se-tira argumento algum, para o noso caso. A Filozofia que louvaram, os antigos Padres, era a mesma, que eles praticavam: ora é certo, que o que eles praticavam, e ainda vemos nos-seus escritos, nam eram ridicularias da-Dialectica; mas era explicar os Dogmas, e responder aos argumentos, com a boa razam, e com algum conhecimento da-Dialectica. Quanto à Teologia deste Reino, facilmente se-conhece, que é mera Escolastica, segundo o antigo estilo: polo qual estam preocupados os profesores desorte, que nam é facil, nam digo eu persuadir-lhe, mas nem menos dizer-lhe, que á outra Teologia mais util, neste mundo.: e que esta se-deve deixar, para se-buscar aquela ciencia, que a razam e a experiencia mostra, ser necessaria. O pior é, que só estimam livros, que embrulhem o juizo. v. g. Estima-se aqui muito, o P. * * * e o-louvam, como um dos-maiores Teologos, e mais sutis, que tem avido nas Espanhas. Contudo, este omem é um Sofista, indigno de que ninguem o-leia: confuzo, obscuro, e sem fundamento algum. As suas obras estam proibidas pola Igreja, especialmente esta Teologia. E eu sei de certo, que tem 72. propozicoens acuzadas em Roma, as quais por-cauza de outros negocios, nam se determinaram. Veja V. P. de que livros cá goftam!

Tendo pois visto, a necessidade da-Teologia Dogmatica,
resta

resta fonte que aponte em breve, o metodo desta mesma Teologia: e o que deve fazer o estudante, para sabê-la com perfeição. Para isto, deve o estudante notar, que o seculo pasado teve a felicidade, de se-livrar da-ignorancia, em muitas coizas. A Critica, que entam naceo, ou renaceo, e se-aumentou, abriu os olhos ao mundo literario, para se-adiantar nas Ciencias. Nesta era nam basta, que um omem afirmé uma coiza; é necesario, que a-prove: e mostre, que os monumentos de que tira, as suas provas, sam livres de toda a corrupçam. Antigamente citavam um texto de *S. Agostinho*, e sem outro exame o-admetiam: oje nam basta isto, mas a Critica dá um passo adiante, e examina, se o texto é verdadeiro, ou suposto: e, ainda admetido isto, examina-se, qual foi o intento do-Santo, com os socorros tirados da-Istoria. O grande dezejo que tinham os doutos, de gozar as obras dos-SS. PP. puras, fez que revolvesem os archivos: conferissem os manuscritos: e com perfeita critica os-examinassem. De que naceo, que se-descobrio, que muitos livros eram supostos: e nos-certificámos dos-que sam, de cada escritor. O mesmo succedeo na Istoria: a qual com rigorosa critica purgáram, de infinitos erros, que nela introduzira, a ignorancia de tantos seculos. Mostráram-se as contradisoens dos-escretores, e as opinioens mais provaveis: e se-dezenterráram os monumentos, de que a Critica se-servio, nos-seus juizos. Desta sorte com a istoria Profana, e Ecclesiastica, se-dilucidáram os pasos oscuros dos-SS. PP. descobrio-se o fim dos-seus escritos, e opinioens: e tudo o que foi necesario, para dezatar as dificuldades. E aindaque muitos Padres escrevesem, em linguas Orientais; appareçeram omens nestes dois seculos, que, entregando-se inteiramente às ditas linguas, nam só os-intendêram bem; mas com tal exasám os-traduziram, na lingua Latina, que qualquer omem pode oje, formar conceito das-ditas obras.

Devemos porem, em obzequio da-verdade, confessar, que a ocaziam deste adiantamento, a-devemos aos Erejes, que appareçeram no-seculo XVI. Querendo eles, livrar-se de varios argumentos, tirados dos-antigos Padres; declaráram muitas obras, apocrifas; e diligentemente estudáram as linguas mortas, para argumentarem, contra os Originais. Isto obrigou os Catholicos, a fazerem o mesmo: e restituindo as ditas obras, à sua primeira pureza, determináram, quais eram as verdadeiras, e quais as falsas, e supostas. O mesmo succedeo, com as outras provas, dos-nossos Dogmas, digo, com os textos, que se-tiram da-Escritura.

tura. Eles negáram mil coizas: e foi necessário, que nós as-provassemos desorte, que nam tivessem replica. Sucedeo tambem o mesmo com as provas, tiradas da-boua razam. As quais foi necesario joear, para examinar, quais nam mereciam, este nome. Esta necessidade, de examinar todas as provas, e respostas dos-adversarios, insensivelmente nos-introduzio nas materias, que tinham conexam com elas. Daqui naceo, este corpo de doutrina, a que chamamos Teologia Moderna: a qual nam obstante que nada expõha, que nam seja antigo; expoem-no por-um novo metodo: e procura provas, com que solidamente confirme, esa sua veneravel antiguidade. Desorteque Teologia moderna, é uma Teologia Dogmatica, exposta com claro e facil metodo, e conforme ao estylo da-escola. Mas como para se-descobrir uma verdade, se-deve expor tudo, o de que ela depende; e da-noticia da-istoria Ecclesiastica, dependa a noticia, de muitos pontos da-Dogmatica; daqui vem, que necessariamente se-devem examinar, as ditas questoes: as quais sem duvida pertencem, à Teologia Pozitiva: e por-esté motivo se-deve chamar, *Positivo-Scolastica*.

Esta em suma é a natureza, da-dita Teologia. Nenhuma outra coiza busca mais, que provar as verdades, que Deus nos-revelou: tanto as que pertencem a si, como a Cristo, como à Igreja, como a nós: e para este fim, dirige todas as suas provas, e desvia tudo o que a-sepára, deste intento. Nam se-entretém com futilidades desnecessarias: nam se-ferve da-razam natural, senam nas coizas, em que nam se-pode dispensar, de o-fazer: e toda se-ocupa em facilitar o metodo, de persuadir a todos, as verdades de que trata. Nam se-pode descobrir metodo, que mais satisfaza o entendimento, doque este: e tudo o mais, é demorar-se com as folhas, sem chegar a colher os frutos. Uma verdade teologica, que depende de um fato historico, e doutrina escritural; nam se-pode provar, sem descobrir e qualificar ese fato, e esa doutrina. E isto nam se-confegue, com arengas escolasticas, e com sofismas: mas com razoes claras, e fortes, e dispostas com um metodo intelligivel.

Nada disto se-observa, na Teologia Especulativa: porque quizi todas as questoes nada conduzem, para o principal ponto da-materia. O tratado intitula-se v. g. *de Trinitate*: e a maior parte das-questoes tudo tratam, fóra que provar, alguma verdade importante, que pertença a ese misterio. Uma das-famozas questoes é, *Qual seja o Principium quo productivum* &c: Uns dizem, que está no-relativo: outros, que no-absoluto: e sobre

isto se-fazem disputas imensas . E quem nam ve , que todas estas questoes , sam puerilidades ? Tudo o que nós sabemos de certo é , que o Pai produz o Filho : e ambos o Espirito Santo : mas que a natureza do-Pai , nam produz a natureza do-filho , ou do-Espirito , que é a mesma . Desorteque todas aquelas questoes , nam ensinam mais , doque sabemos : nem provam , o que sabemos : nem servem mais , que para dar materia , aos *principios proximos* , e *remotos* , da-Escola . O pior é , que ainda isto que sabemos , quando os Escolasticos o-tocam , ou nam provam , segundo o costume ; ou , se provam , é tam mal ; que mostram nam entender , o que dizem . De que nam lhe-poso citar , melhores exemplos , nem mais modernos , que * * * De que fica claro , que de semelhantes estudos , nam se-pode tirar ajuda alguma , para entender as coizas necessarias . E por-esta razam os modernos , e verdadeiros Teologos , tem medo , de excitar questoes inutis : primeiro , para nam ocupar tempo : despois , porque fundando-se elas pola maior parte , em palavrinhas ; confundem o juizo , nem o-deixam apto , para outras coizas . Emfim os modernos Teologos , seguindo tambem o parecer , dos-Filozofos modernos ; persuadiram ao mundo , esta verdade , que nunca intendo a escola Peripatetica ; e vem aser , que o entendimento nam se-aperfeisoa , com arengas ; mas com razoes claras , e bem dispostas : antes polo contrario , que as mexerofadas da-Escolastica , sam o melhor segredo , que se-tem achado , para nam entender bem , materia alguma . Especialmente falo , das-arengas da-forma silogistica : de que ja em outra carta mostrei , a utilidade que produziam .

Isto suposto , a primeira coiza , que deve fazer o estudante , que entra na Teologia é , estudar em breve , a historia da-Igreja : primeiro , a do-Antigo testamento : mas especialmente , despois de Cristo a esta parte : cuja noticia con o tempo , quando se-offerecem controversias que dependem dela , se-deve ir dilatando . Esta noticia entronca naturalmente , com a historia Civil , e particularmente , com a dos-Imperadores , ao menos até o sexto seculo : onde é necessario estudála muito bem . Isto parece maravilha , aos que nam conhesem a Teologia mais , que polo sobredito : mas nam á mais verdade . Sendo a Teologia uma coleçam de verdades reveladas , dispostas em diferentes titulos , e tratados ; e tendo sido quazi todas elas disputadas , e impugnadas polos Erejes , em todos os seculos da-Igreja ; e tendo tambem sido explicadas , com a tradisam dos-Padres , e autoridade dos-Concilioes , ou Igreja Romana &c. sobre o que formam dificuldades , os

Erejes do-nosso tempo : E' necessario muitas vezes , provar o fato, para estabelecer a verdade daquella decizam , e convencer a mentira dos-Erejes . Ponho exemplo . Crem os Catholicos , que a maior parte dos-Bispos Cristaos , unidos ao Papa , nam pode errar , nas definiçoens de Fé . Impugnam varios Erejes esta verdade , principalmente os modernos : e opoem o que succedeo , nos-Concilio Ariminese , e Seleuciense , convocados para condenar , a erezia de Ario : nos-quais os Padres , inganados polos Bispos Arianos ; admitiram uma confissam de Fé , realmente Ariana , mas com apparencias de Catolica : e ainda despois de descoberto o ingano , obrigados por-varias calamidades , novamente asinaram , a antiga confissam e decreto . Querem os Erejes , que estes Padres sinceramente admitissem , o dito erro : e sendo em maior numero , que os outros Bispos , ou ; para melhor dizer , sendo mais que bastantes , para formar um Concilio Geral ; e precedindo nele os legados Pontificios ; se-deltrua com isto , o noso dogma . A este argumento , nam se-pode responder , sem ter exata noticia , da-Istoria do-dito seculo . E isto mesmo se-deve dizer , de mil outras controversias , que se-oferecem .

O metodo de estudar a Istoria , é este . Primeiro , buscar uma carta cronologica , destas que se-acham , em uma folha de papel grande ; e meter na cabeça , as principais epocas , da-istoria Civil : e observar a ordem , e serie dos-tempos : primeiro antes de Cristo . Despois , ler por-um Compendio , a istoria dos-antigos Imperios , que tem algum parentesco , com a da-Igreja antiga . Em segundo lugar , ler a istoria da-Igreja , até Cristo . A mesma ordem se-observará , despois de Cristo . Primeiro , se-le a istoria Civil , quero dizer , dos-Imperadores Romanos , (a dos-outros Reinos , que sam dismembradas do-Romano , pode-se ler , em outro tempo) observando a uniam que tem , com a istoria da-Igreja . O que posto , é necessario lela , por-um autor mais difuzo . Despois disto , deve ler a istoria , da-Igreja de Cristo , polo mesmo metodo . No-mesmo tempo deve acostumar-se , a buscar na carta de Geografia , as provincias , e lugares de que fala : porque deste modo , aprende-se a Geografia sem trabalho . E tambem a divizam do-globo , nas suas partes , e outras destas coizas , aprendem-se no-mesmo tempo , facilissimamente , e por-divertimento . Estas noticias bastam , ao principio : porque com o tempo , e quando se-estudam as questoes de Teologia , em que sam necessarias , é que se-profundam bem . Sobre isto , ja falei em outra carta , que cuida tratava , das-Umanidades . Mas cazo que o estudan-

tudante, nam tivefe estudado primeiro, a Iftoria; deve fazêlo agora: porque este é o primeiro Prolegomeno, da-Teologia.

Deve pois conhefer, quais foram os melhores autores, que efcrevêram nas materias: para nam fe-enganar com eles. v.g. Sobre a Geografia á cartas boas, e más. *Janson* fez um Atlas Geografico, em oito volumes grandes: e tambem o compendio de todos eles, em um volume de folha: esta coleçam é boa. *Blau* fez outro Atlas, em onze volumes, ou doze, de outra edifam: tambem tem cartas otimas. Os Senhores *Sanfon* compuzeram, um Atlas mais breve, com cartas de todo o mundo: e fam mui louvadas. As cartas de *M. de l'Isle* fam ainda mais corretas: comprehendem toda a Geografia. Estes dois ultimos autores tem cartas, das-antigas divizoens dos-Imperios, mui buscadas polos curiozos. Alem destes, temos autores famosos, que compuzeram cartas, de alguns paizes particulares: os melhores fam estes. *Infelini* = que fez as de Inglaterra, Paizes Baixos, Franfa, Espanha, Portugal. *M. Nolin* = de Veneza, e Iftria. *O. P. Placido* = o Curfo do-Pó. *Enfshmid* = de Alemanha. *Schuchzero* = de Elvecia &c. Estes autores devem-fe saber, para fe-buscarem nas ocazioens; deixando infinitos outros, que nam valem nada.

Dos-livros, nas Umanidades aponteí alguns Latinos. *Cellario*, e *Cluverio* para a antiga Geografia, publicáram Compendios beliffimos: é mais extenfo *Pedro Bertio*. No-mêio do-feçulo pa-fado compoz o *P. Brietio*, = *Parallela Geographia veteris & nova* 4.º volum. 3. é obra digna de todo o louvor: mas nam comprehende mais, que a Europa; porque os outros tomos, nam fe-imprimíram. Para a moderna, á muitos bons, em linguas vulgares. *M. Robbe*, e *Sanfon*, compuzeram Introdusçoens boas, em Francez: o *Chiufole*, em Itaiiano. *Du-Bois* publicou uma em 4.º v. 2. segundo as obfervasçoens da-Academia das-Ciencias de Pariz. *Adriffret* tambem comefou uma em Francez, que comprehendia a Geografia antiga, e moderna: mas nam deixou mais, que um tomo em 4.º que comprehende parte da-Europa. *Carolus a S. Paulo*, publicou as taboas, da-antiga Geografia Saçra, em que traz os V. primeiros Patriarcados: fam Latinas fol. e utiliffimas para um Teologo, e Canonifta. Tambem é necesario ter noticia, dos-Dicionarios Geograficos melhores. O *Varea*, compoz um Dicionario Geografico, Iftorico-Latino: fol. 2. vol. é pafavel. *Baudrand*, publicou outro em Latim, que era de *Ferrario* 2. t. fol. estima-fe a edifam de 1689, porque as antecedentes nada valem.

lem. O *Mary*, deũ fóra um; em 4.º Francez. Mas o melhor de todos é o de M. de *Martiniere* da-ultima edifam, que cuida sam dez volumes de folha: e oje têm de mais um tomo, em que poem as cartas Geograficas melhores, principalmente na edifam de Veneza. Esta noticias deve ter o mestre, para as-comunicar aos dicipulos, nas ocazioens.

Para a Cronologia, basta ao principio, o *Strauchius*, ou *Beveregius* = *Institutiones Chronologica*: ou tambem a segunda parte do-*Rationarium* do-P. *Petavio*. Quem quizer maiores noticias, leia a *Doctrina Temporum* do-mesmo *Petavio*: ou o P. *Brietio* = *Annales Mundi*. 2. tom. fol. aindaque acrecenta 70º anos ao *Petavio*: ou tambem leia o *Ufferius* = *Chronologia Sacra*. Com o tempo se-alcanfa noticia, de outros Cronologos. Para a istorya Universal em breve, basta a primeira parte do-*Rationarium* do-*Petavio*: tambem o *Celario* fez um Compendio Latino em 12.º que é exatissimo, como sam todas as obras, deste grande omem. O *Turfelino* fez um, que é mais estimado, pola *Latinidade*, que pola istorya. Melhor que ninguem escreveo, *Gottlob Kranzio* = *Compendium Historiæ Universalis ab orbe condito, usque ad finem sæculi XVII*. 8.º *Vratislavia*. 1709. mas publicou-se anonimo. Mais difuzo é o *Brietio*, principalmente despois de Cristo: ou o *Lefebi* = *Historia Universalis*. 12.º volum. 7. é autor bom. Para a Eccleziastica até Cristo em compendio, é soffivel para um principiante, o *Bolerano*. 16.º Latino: despois de Cristo, *Riboty* 12.º que a-continua ate o ano 1677. O *Graveson* é mais extenso, e escreve toda a istorya antes de Cristo, em 3. volumes em 12.º impresos em Roma: e a istorya dita despois de Cristo, até todo o seculo XVII. em 6. volum. 4.º mas estreitos. Isto basta, para um principiante: os mestres devem beber, nas mesmas fontes da-istorya. Para as dificuldades maiores, pode contentar-se o estudante, com o *Natal Alexandre*, com as notas do-P. *Roncaglia*. Este autor explica o que basta, nestas introduzoens; correndo por-todos os seculos, desde o principio do-mundo, até o fim do-XVI. de Cristo. Nele podem os principiantes ler as disputas, sobre os pontos controversos de istorya, e tambem alguma coiza do-Dogma: os omens adiantados, necessitam de outras noticias, que ele nam traz, ou toca mui de passagem, ou explica mal.

Daqui pasando à Teologia, superfluamente darei metodo, de a-estudar: porque sem ter um livro bom, nam é facil que o estudante, se-posa regular sem ingano. Primeiramente, se ele tem estudado, boa Filozofia, segundo o metodo que apontei; mais facil-

facilmente intenderá , como á-de tratar a Teologia . Contudo por-si só , nam poderá adiantar-se muito , neste estudo : e debalde lhe-persuadirám , que o-safa . Se tem sido Peripatetico , neste caso superfluamente lhe-direi , que a-estude bem : porque um omem preocupado , com arengas da-Escola , em tudo quererá sutilizar . Onde sem se-esquecer de tudo , o que tem estudado ; e tomar alguma ideia , da-boua Filozofia ; nam é polivel , que safa coiza boa . Contudoiso darei a V. P. regra geral , com a qual me-parece , que um moço de boa indole , e docil , pode regular-se seguramente , no-estudo da-Teologia .

Nam deve o estudante demorar-se , com prolegomeno algum , dos-que nas Teologias vulgares se-escrevem : basta que entenda , o que asima lhe-disemos , que se-reduz a isto . Teologia é um corpo de doutrina , em que se-compreende tudo , o que se-pode saber , das-coizas reveladas : as quais reduzem-se a trez clases . I. As coizas que pertencem a Deus , como é em si ; em que se-expoem , todas as suas propriedades . II. Coizas que pertencem a varias obras de Deus , como criasam do-Mundo , do-Onem , do-Anjo &c. III. Coizas que pertencem a nós , em quanto nos-en-caminhamos para Deus ; que sam as nosas obras boas , divinos auxilios , santidade , bemaventurança : e alem diso as Leis , a que devemos obedecer &c. Nisto se-compreende , toda a ciencia que temos de Deus , ou tudo o que ele quiz , que nós soubesemos ; e a isto chamamos , *Teologia* .

Isto posto , o que devemos fazer é , provar estas verdades reveladas , polo melhor modo , mais certo , e mais claro , que podermos . Primeiro , para nos-certificarmos , da-verdade da-nosa religiam ; e reconhecermos , que devemos crer com toda a segurança , os nosos Dogmas . Em segundo lugar , para taparmos a boca aos Infieis , e Erejes , que negam , ou duvidam , de alguma delas . O que suposto , as provas da-nosa Teologia , tiram-se de trez fontes . I. da-palavra de Deus escrita , que se-contem em ambos os Testamentos . II. da-tradisam divina , que é a mesma palavra de Deus , que se-comunicou em voz , e divinamente se-conservou , até os nosos tempos . III. da-razam natural , que prova , e confirma muitas coizas , que tambem foram reveladas . Destas trez fontes , nace outros lugares Teologicos , de que se-tiram , os particulares argumentos . v. g. Da-Tradisam , nace a autoridade da-Igreja Universal , dos-Concilios Gerais , da-Igreja Romana , dos-SS. Padres : porque todos estes sam os fieis depositarios , da-Tradisam Divina . Segue-se a autoridade dos-Teologos ,

gos, que succedèram aos Padres; e quando todos convem em uma coiza, mostram a sua evidencia, ou constante tradisam. Da Razam natural, nasce a autoridade dos-Filozofos, e Historicos. Desfor-teque contando bem os lugares, de que pode servir-se o Teologo, sam dez: Escritura, Tradisam vocal, Igreja Universal, Concilios Gerais, Igreja Romana, Padres antigos, Teologos, Razam natural, Filozofos, e Historicos. Os primeiros seis, sam proprios da Teologia, e a concluzam que deles se-tira legitimamente, é teologica, e certa: porque a autoridade destes seis lugares, é infalivel. Os ultimos quatro, sam de sua natureza falliveis, e alguns deles expostos, a ingano: e ainda a mesma razam natural, que nas materias evidentes acerta; nas que o-nam-sam, conjectura sonente. Onde o Teologo nam pode deles tirar, concluzam infalivel, mas provavel: e para provar algumas determinadas coizas, que sirvam, para illustrar o Dogma.

Deste principio, conhecerá facilmente o Teologo, como deve tratar, as questoes de Teologia: pois é certo, que os lugares infaliveis, devem preferir-se, aos falliveis: sendoque só aqueles sam, concluzam teologica. Quanto aos outros, só nos-devemos servir deles, quando é necessario, para illustrar o Dogma. Especialmente falo dos-argumentos, tirados da-razam natural. Ela serve, para confirmar algumas coizas, que nós cremos. v.g. a existencia de Deus, e do-espírito criado: a sua liberdade &c. e aqui produz argumentos evidentes. Em outras coizas só serve, para explicar melhor, o que se-diz: e em outras, de nenhum modo tem lugar. De que se-conhece, que a razam deve fugear-se, ao Dogma; é ajudálo a triumphar, dos-seus inimigos.

Isto suposto, saie daqui a regra geral, e incontrovertida: Que em materias de Teologia, nam se-deve introduzir, a razam natural; senam em quanto serve, para declarar, e defender o Dogma. Isto, é o mesmo que dizer, que só se-devem disputar aquelas questoes, que conduzem para este fim: e devem evitar-se todas as outras inutis, e embrulhadas, que nam servem para isto. Com este ditame, ja o estudante pode conhecer, como deve tratar a Teologia; e o conceito que deve formar, de infinitas questoes, que nas escolas se-tratam, com este nome. Deve ter sempre na mam esta balança, e pezálas mui bem: e quando nam tiverem estas condicoens, desprezálas todas. Entam achará, que a questam historica, pertence a esta classe; vistoque sem ela, nam se-intende o Dogma: v.g. a vinda de Cristo, e verificalam de todas as profecias: E
daqui

daqui concluirá, que a Istoria é sumamente necessaria, ao Teologo. E nam se-podendo saber bem, a Istoria de ambas as Igrejas, sem a Civil, sem a Geografia, e Cronologia; concluirá tambem, que tudo isto é necessario, ao Teologo. Entam conhecerá, que o Teologo deve saber, o verdadeiro sentido das-Escrituras, de que se-serve, para provar os Dogmas. Mas às vezes vareiam os codigos, e versoens antigas, tanto dos-textos, como entre si: vareiam os meismos textos: alem diso os Judeos, e os Erejes argumentam, com os textos originaes: onde é necessario entender, as linguas das-Fontes, para lhe-poder responder: De que se-conclue, que esta erudisam, é necessaria ao Teologo. Finalmente, correndo por-tudo o mais, pola doutrina dos-SS. Padres, e Concilios, que os Erejes ou pervertem, ou impugnam; virá a conhecer, que o Teologo deve saber muito mais, que comumente nam se-intende. Polo contrario o Ereje, nam lhe-importa, se o *Principium Quo* está no-relativo, ou no-absoluto: e outras coizas semelhantes. Nam lhe-importa o que dise Aristoteles, nesta, ou na quela materia: pois quando muito serve-se da-razam natural, para argumentar ou responder: nem estas questoes, fundadas sobre os tais principios, servem, para confirmar o Dogma. E assim deve o Teologo totalmente desprezalas: e deve ter sempre diante dos-olhos, que o-nam-guiou Deus, para aquele emprego, para inventar sutilezas infosfriveis, ou coizas semelhantes: ocupando com elas o tempo, e inganando o mundo ignorante, com dizer, que sam necessarias, e utis: Mas para fazer a sua obrigasam, ilustrando a doutrina revelada; para que a-abracemos com todo o gosto; e executemos o que ela manda: e defendendo-a contra todos os inimigos.

Se o Teologo principiante, asentar nestes principios, que sam certos entre todos, os que tem juizo; verá, que a Teologia das-escolas se-reduz, a poucas questoes: e verá tambem, que lhe-dezagradam, as que comumente se-tratam: abrindo-se por-outra parte campo a uma fundada, e dilatada ciencia, estabelecida sobre as bazes, que asima apontamos. E desta sorte, ainda que nam tenha um livro, totalmente bom; saberá nele separar as questoes más, das-que sam boas. Mas como nos-livros Escolasticos, tudo sam sutilezas, verá que necessariamente lhe-dezagradam, todos estes; e que será obrigado, a procurar outros, que tratem o que devem. E como estes nam se-acham logo, porque uns sam mui difuzos, e outros sam compendios, que nam sam para o cazo; fomente entre os terceiros, que entre o bom

bom tem alguma coiza ruim , é que pode exercitar a sua critica , e aquelle bom uzo de Logica , que supponho tem adquirido na Filozofia , e lifam de bons autores .

A verdade é , que ainda até aqui nam appareceo , um curso de Teologia , (ainda moderna) proporcionado aos estudantes ; e que só tratáse , alem das-dogmaticas , aquellas questoes escolasticas , que sam necessarias , para o Dogma : e estas as-provase desorte , que intendefem todos , e se-capacitafem . Os Modernos , aindaque doutos , comumente pecam , contra um destes pontos : ou dizem mais doque nam devem ; ou fundam-se tam mal , que com um asopro se-destruem , os seus fundamentos . E este é grande defeito : porque os Erejes desfazendo estes , cuidam que tem destruido , a doutrina da-Igreja ; e persuadem-se , que os-nam-temos melhores . Onde , é interese comum da-nosa religiam , que os Teologos nas questoes naturais , procurem fundamentos , fóra de toda a duvida : e os-proponham desorte , que nam só no-rigor da-fórma , mas fóra dela persuadam . Nas questoes prova-veis , devem propor os fundamentos , como tais ; e nam inganar o mundo , vendendo gato por-lebre . A nosa religiam é certa , e clara , e a mais racionavel , e mais bem provada , que tem avido no-mundo : o que suposto , por-qual razam avemos de fazer misterio dela ? por-que razam nam avemos de propor as provas , com toda a clareza , paraque as-intendam todos , e se-capacitem delas ? Será necessario , vestir as provas em trajes de filogifmo , para persuadir ? será necessario , recorrer a provas insufficientes , para provar iso mesmo ? Seria iso grande loucura , e temeridade . E assim com todo o cuidado devemos evitar isto ; e deve facilitar-se a intelligencia e percesám , em modo que alcansem todos : fugindo de palavras obscuras , e termos ou duvidozos , ou que nada significam ; porque sam prejudiciais , nestas materias .

Este é o maior trabalho , que tem oje os Teologos modernos . Nam consiste a difficuldade , em batalhar com os Erejes ; mas com os mesmos Escolasticos : e persuadir-lhes , que devem mudar de metodo . Preocupados estes omens , polos antigos costumes ; nam admitem razam : fecham as orelhas a toda a advertencia : por-bem , ou por-mal ám-de continuar , o mesmo metodo . Seram capazes (o que ja vi succeder) de aconselharem , que se-neguem as licensas , a todo o livro de Filozofia , ou Teologia moderna ; sem o-verem , sem o-examinarem , sem o-inten-

derem : nã por-outra razam , senã por-nã fer aquella , que eles tem estudado . Dizei a um Tomista , que a Suma de S. Tomaz nã serve nestas eras : acabou-se tudo : faz-vos logo um processo criminal de religiam : esta propozifam cheira mal : é suspeitoza na fé &c. Dizei a um Escotista , que nã fazeis cazo do-que diz Escoto , porque sã metafizicas , sem fundamento algum &c. grita por-El-Rei : e vem logo mil Univerfidades , em que á Cadeira de Escoto : e muitos Papas , que louváram a escola Franciscana &c. Finalmente dizei a um Medista , ou Molinista , que o uzo da-ciencia Media nã é bem fundado , na doutrina de S. Agostinho ; ou coiza semelhante , contra o seu sistema : saie logo a Congregafam de *Auxiliis* em Roma : a condenafam da-istoria do-P.Lemos , porque dizia mal da-ciencia Media : e vem logo Paulo V. que no-principio do-seculo pasado nã só permittio , mas canonicizou a ciencia Media . Nã quero com isto dizer , que nã se-figam estas doutrinas : ou repreender em coiza alguma , estas Escolas veneraveis . A Igreja permite-as : e devo eu fazêlo tambem . sã opinioens Catholicas , seguidas comumente : muito embora . Falo dos-individuos particulares , que abrafam cegamente estas doutrinas : e nã só nã vem nada , fora das-suas escolas ; mas condenam tudo , o que nã seguem . Digo pois , que estas censuras sã paixoens demaziadas : porque cadaum pode defender , as suas doutrinas , se é que tem fundamento para isto ; sem romper nestes extremos , que nã fazem ao cazo . Especialmente digo isto , falando do-metodo : pois é certo , que á-de ser muito preocupado , quem nã conheça ; que este metodo Escolastico , fundado sobre a Filozofia Aristotelica , nã é proprio , para a Teologia : como se-pode conhecer , examinando a utilidade , que dele rezulta . Comque , se o Teologo nã tivesse mais , que batalhar com os Erejes , todos procederiam com grande concordia : mas devendo batalhar , com os Teologos Escolasticos , daqui nasce toda a bulha , que nã se-conclue com facilidade . E assim deve o omem estar preparado , para lhe-responder : tendo sempre presentes , as regras que apontamos . Mais isto é o que nã apontam , as Teologias que tenho lido . Onde é necessario , ensinãlo ao estudante : ou que ele com a sua industria e applicafam o-emen-de , nos-livros que le : tendo o seu caderno , em que aponte as questoes , que dele deve excluir ; e a razam por-que . Mas um dia destes me-dife o P.*** que um seu amigo estava compondo , uma Teologia mui douta , por-este estilo . Será coiza utilissima ,

ma , se for boa : julgaremos , quando a-virmos .

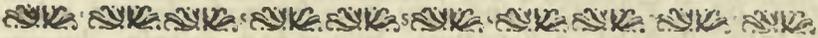
Deve alem disto o estudante , que le as materias , profundar as questoens historicas , quando se-incontrarem . E sobre tudo estudar sempre , com a pena na mam ; fazendo compendios , das-questoens que estuda ; e pondo em duas palavras , o que leo em muitas folhas : pois desta sorté pode examinar bem , o que compoem : imprimilo na memoria : e quando o-torna a ler , fazer-se senhor da-materia , em breve tempo . E tenha por-certo , que quem le sem a pena na mam , é o mesmo que nam querer intender , o que le . Acofumando-se pois a julgar bem , e servir-se de bom criterio nas materias ; poderá fazer grandes progressos , na Teologia .

Quanto às materias , deve comesar , poloque pertence a Deus , tanto *Uno* , como *Trino* : no-que se-compreende , boa parte da-Teologia . Daqui deve pasar , às outras principais materias , que asima apontamos , (rezervando o Moral para outro tempo) que sam *de Incarnatione* , *de Ecclesia* , *de Gratia Christi* , *de Sacramentis* . Quem chega a saber isto bem , é um bom Teologo : porque as outras coizas podem-se estudar , ou incidentemente , ou quando á necessidade . Quem estuda com metodo , e tem os requizitos que apontamos ; pode em quatro anos , sabêlas soffivelmente : ou quando muito , em cinco . No-sexto ano deviam obrigálo , a fazer atos nelas : e com trez atos , tomar o grao de Bacharel : com o quarto , o de Licenciado : e logo o Doutoramento , como ja disse , falando da-Jurisprudencia .

Isto é o que me-ocorre dizer a V. P. sobre a Teologia . Puderá dizer muito mais , dilatando isto mesmo , que tenho apontado : mas seria superfluo , para os que intendem ; e muito mais , para os que nam intendem . Se os que lerem esta , estiverem preocupados , com os seus antigos costumes ; declaro , que para eles nam escrevo : nem tenho tanta vaidade , que intenda , que os-ei-de persuadir . Encham muito embora a cabesa , com as suas formalidades : divirtam-se , com os seus filogismos : que lhesafa muito bom proveito : que certamente nam os-ei-de consultar , em materia alguma Teologica . Se os que a-lerem , tiverem docilidade , e bons principios ; (sem isto é tempo perdido) neste cazo com o que digo , podem aproveitar-se alguma coiza , e com o tempo , adiantar-se muito : instruirem novos dicipulos : e terem a gloria , de ter feito esse serviso , à Republica . E specialmente pode succeder isto , se V. P. com a sua eloquencia e

doutrina, os-introduzir, e regular neste estudo: pois sei muito bem, que nenhum outro Portuguez tem em grao eroico, estes nobres sentimentos, de ajudar utilmente o Publico: e tem forſas e possibilidade para iſo, como V. P. Estimarei que ſe-cumpram, todos os ſeus deſejos; e que goze, larguiſſimas felicidades. Deus guarde &c.





CARTA DECIMAQUINTA.

S U M A R I O .

TRata-se do-Direito Canonico. Mao metodo de o-estudar , neste Reino ; e prejuizos que dele resultam . Dá-se uma ideia do-Direito Canonico , e da-sua istorya . Necessidade da-istorya Eccleziastica , para intender os Canones . Que daqui deve comesar , o estudo do-Canonista , unido com a Civil , e Geografia Sagrada . Aponta-se o metodo , de estudar Canones . Necessidade das-Instituiçoens Canonicas , antes que se-estudem , as materias particulares . Apontam-se algumas melhores . Aponta-se o que se-deve estudar despois . Defeitos do-Direito Canonico intrinsecos , e extrinsecos . Conzo se-devem regular na pratica , os que estudam Canones .



Inalmente V. P. quer que eu seja , um Enciclopedista consumado : porque nam lhe-ocorre materia , sobre que nam queira ouvir , o meu parecer . nem menos o Direito Canonico , lhe-fugio da-memoria . E será possível , que eu tenha tanta erudisam , para poder ajuizar , em toda a materia ? Mas enfim , o pior é pasado : e ja que nam tive difficuldade , de lhe-dizer o meu

parecer , sobre o estudo da-lei Civil ; que parecia ter menos parentesco , com a minha profisam ; aindaque tive-se muito com a Filozofia , de que eu me-prezo muito : nem menos terei difficuldade , de lhe-dizer o que me-ocorre , sobre os Canones ; visto serem uma consequencia , da-Teologia ; para a qual pertencem . E com mais boa vontade lho-direi , sendoque o que ja disse , do-Direito Civil , me-poupa repetir muitas coizas , sobre o Canonico .

V. P. bem sabe , que o metodo de ensinar direito Canonico , nesa Universidade ; é pouco diferente (aindaque pior um pouco) do-Civil . O primeiro ano pasa-se , com as Instituiçoens de Justiniano , se é que as-abrem . Despois , devem frequentar algum tempo , as leis Civis . Daqui pasam , para as escolas de Canones ,

nes, e estudam uma ou duas postilas triviais, de *Clerico Venatore*, ou de *Voto &c.* e no quinto anno, fazem concluzoens nelas. Depois, Bacharel, e Formatura, polo mesmo metodo, dos atos em Leis: e pode formar-se em direito Canonico, ou Civil, segundo lhe-parece. Feito isto, parte dali para o sei paiz mui consolado, e com determinasam de ser Advogado, ou concorrer aos lugares de Juiz. Tomára porem que V. P. tivese a bondade de reflectir, algumas coizas. A primeira, se um omem que estuda por-este estilo, sabe que coiza é, direito Canonico: segunda, se este tal omem pode ser Advogado, ou Juiz. Cuido, que é necessaria mui pouca capacidade, para saber, que resposta se-deve dar, a isto.

Quem estuda semente, trez ou quatro materias de Canonica, aindaque as-saiba na ponta da-lingua; sabe tanto de direito Canonico, quanto um omem, que nam se-ocupou mais, que em desenhaz bazes de colunas, pode saber de Architectura. Creio, que nam se-acharia omem, tam louco, que entregase a diresam de uma grande fabrica, a um omem, que nam desenhára outra coiza. Ora é certo, que o titulo de *Clerico Venatore*, e outros que se-incontram, e defendem todos os dias, sam ridicularias em comparasam, do-corpo do-Direito. sam coizas que se-aprendem em meia ora: e que alguns Moralistas explicam, em mui poucas palavras. Desfortequé, examinando o caso sem paixam, este estudante nam sabe, direito Canonico. E que saberá do-Civil, a que nunca se-aplicou, senam para provar frequencia? certamente nada. (e isto mesmo digo, do-que estudando leis Civis, com um ano que prove de Canones, se-forma neles) Diga-me pois V. P. como é possível, que este omem se-reputé apto, para advogar em materias civis? é este um problema, a que eu nunca achei solusam. Contudoiso, nam á coiza mais ordinaria, que Clerigos Advogados: e ainda muitos Seculares, que, nam obstante serem formados em leis Civis, nam lèram mais, que as Ecclesiasticas, polo estilo que apõntei. Estes nam advogam semente, de *Clerico Venatore*; mas em toda a materia civil, e criminal. Passo adiante, e pergunto, como pode um destes ser Juiz; ou que coiza á-de dizer, nos-seus judicatos? Sei que o Povo ingana-se com esta gente: e uma vez que onsa dizer, *Senhor Doutor*; e veja o sinete da-Uniyersidade, dentro de uma caixa; nam pede mais autenticas. Mas o que digo é, que um omem destes, é tam capaz de julgar, nestas materias; como será qualquer omem, que nam sabe ler. Digo, que este sabe

menos, que o-Escrivam : menos, que o Notario : e que mais deprefa me-fiára, de um destes ultimos, que do-dito Doutor .

Proguntarmeá V. P. donde me consta, que estes Canonistas, sabem tam pouco : e como provo, que nam julgam bem, e nam fazem a sua obrigafam. Mas nam á argumento, a que eu posa responder mais facilmente. A primeira parte, consta-me de trezentasmil concluzoens imprefas, que tenho visto nesta materia : as quais eram tam bonitinhas, que nam tenho necessidade, de outras provas. Que um ou outro estude mais, alguma materia, iso nam obsta, contra a regra geral : e ainda para eses, tenho outra resposta. Nem a experiencia me desfmente : pois fazendo algumas nesta materia, sempre tirei por-fruto, confirmar-me na opiniam em que estou, deque nam sabem, que coiza é Direito. Achei um, destes prezados de doutos, que se-admirou de me-ouvir dizer, que o tratado *de Sacramentis in genere, & in specie*, era direito Canonico : e nam teve vergonha de me-responder, que esas coizas, pertenciam aos Moralistas. Proguntei a outro, em que se-distinguia o direito Canonico, da-Teologia ; e nem menos a isto, soube responder. Se me-fora licito, nomiar todas as pefoas, a quem ouvi dizer parvoices, nesta materia ; faria um grofo volume. Mas nam tenho necessidade, de outras provas ; vistoque a constante experiencia, está pola minha parte. Experimente V. P. o que lhe-digo : fasa algumas proguntas em tempo proprio ; e terá provas abundantissimas .

E desta primeira parte nace a resposta, que dou à segunda : sendo certo, que quem sabe pouco, nam pode fazer bem a sua obrigafam : e muito menos em materias, que nam tem estudado. Se algumas vezes, escrevem menos mal, ou saiem letrados de melhor fama ; iso provem do-mero uzo. Ja eu disse a V. P., que quando um omem tem pratica grande de cauzas, pode advogar, e ainda ser Juiz nelas ; nam em virtude de doutrina alguma, mas da-boa razam, acomodada à experiencia. Reparei muitas vezes, estando nos-escritorios dos-Advogados, que de trezentas cauzas que tinham, pouquissimas incluam, um artigo consideravel : a maior parte paravam ; nas razoens de fato : desfortaque os Advogados despachavam muitas, conversando. E isto é o que eu digo a V. P., que pode fazer-se, sem se-servir de Direito . E por-esta razam nam me-admiro, que alguns destes com o tempo, e com buscar nos-livros algumas razoens, chegasem ao ponto, de arrezoar. O que digo é, que o-nam-fizeram, em virtude do-que estudáram na Universidade : porque
ne-

nenhum parentesco tem uma coiza, com outra. As materias que lá estudáram, certamente estão muito distantes, das-que no-Foro praticam. De que eu concluo, que aquelle metodo de estudar, pouco, ou nada ajuda, para os empregos que se-ocupam.

Saiem logo estes dizendo, que tendo estudado no-primeiro ano, as Instituições Civis, e dois anos de Leis; tem nelas a chave mestra, para saberem todo o Direito. Mas esta resposta nam conclue nada. Primeiramente confirma, o que nos dizemos; que o direito Canonico que tem estudado, para nada lhe-serve: pois tudo se-reduz, ao que lhe-lembra, do-primeiro ano das-Instituições. Mas a verdade é, que estes tais nada sabem, de direito Civil. Examine-os V.P. sobre as Instituições Civis, e verá, que nem menos sobre isto respondem. Desforque, se quizerem dizer a verdade, devem confessar, que nada sabem de Direito: e tudo o que tem alcançado, é polo estilo que tenho dito. Conhece-se isto melhor, quando se-fala com aquelles, que nam seguíram o Foro; mas, despois de formados, ficáram em sua caza; ou ainda nam tem intrado, nos-empregos. Se V.P. fala a um destes; em algumas historias, e investidas da-Universidade; ou no-metodo de fazer atos; ou no-que succedeo a fulano, e sicrano, nos-seus atos; ouvilosá falar oras inteiras. Mas mude a conversafam, para a materia de estudos: entre-lhe bem dentro neles: ficam mudos. Se acaso dizem alguma coiza, sam palavras gerais: e logo puxam a conversafam, para os pontos das-suas conclusões &c. Disto está cheio o mundo: e assim cuido, que me-dispensará V.P., de produzir mais provas.

Nam me-admiro disto, porque conheço, que assim deve succeder: o que me-admiro é, que nam aja um unico omem, que refleta nisto, e reconheça quanto tempo perd.o, indo à Universidade por-este estilo. Sam tam cegos os omens, nesta materia; servem-se tam pouco do-seu juizo; e abraçam tam cegamente, tudo o que vem fazer aos outros; que nam é possível, nam digo eu examinar por-si só o cazo; mas nem menos ouvir dizer, o contrario. Apoitarei, que se V.P. diz a um Juiz, ou Advogado destes, que nada mais foi fazer à Universidade, doque perder lá oito anos, que podia empregar, em coiza mais util; gritará como um doido: Contudoiso, examinado o cazo sem paixão, nam á coiza mais verdadeira. Se diser a um destes, que um omem que estudou trez anos, Filozofia peripatetica; é tam capaz de advogar, tendo alguma pratica, como ele; dirá que ouve uma erezia: Contudoiso eu defendo, que é mais capaz.

Ao menos acostumado a provar, o que lhe-negam; e responder, ao que lhe-propoem; applicando-se ao Foro, e sabendo manejar os livros; saberá como deve tocar o ponto da-dificuldade, nas causas: o que certamente nam fará outro, que na Universidade nunca teve exercicio; de argumentar, e defender bem. Sabe V.P. muito bem, que nas escolas de Direito nam se-argumenta; e nos-atos tudo se-reduz a perguntas: onde, argumentar, e responder bem, é o que nam sabem os Juristas. Esta é a verdade. Mas o mundo é cego: e os Juristas nam quarem ceder das-suas pertensoens, e paixoens: e por isto se-acham tam poucos, que saibam fazer bem, a sua obrigasam.

Mas, deixando por-agora o Canonista Advogado; pasemos ao Catedratico. Depois do-Bacharel, e Formatura, entra a fazer atos grandes, segundo o estylo do-Jurista Civil: que é o mesmo que dizer, que, sem mudar o seu estylo, estuda certas materias; mete na-cabesa alguns textos, e algumas respostas a outros: com os quais se-doutora. Depois, ficando opozitor, continua de encher a cabesa, de textos, e algumas respostas a outros: e temos um Jurisconsulto completo. Negarmeá V.P. que este seja o metodo, desta Universidade? cuido que nam: pois eu acrecento, que nem menos este é metodo, de saber Canones. Nam duvido, que algum leitor particular, faça estudo mais fundado: o que digo é, que o comum segue este metodo. Certamente nenhum destes Canonistas, reduz os Canones à sua origem: buscando as fontes, de que manáram todas as leis Ecclesiasticas: mas caiem no-defeito dos-Juristas Civis, que é, parar na superficie, e nam passar das-postilas, que se-oferecem. Intendem, que tendo muitos textos na memoria, e muitos autores, que digam aquilo; tem chegado ao que deviam. Toda a galantaria de um professor consiste, em que, quando cita um autor, diga o capitulo, paragrafo, regra, pagina; e se é necessario, diga tambem, qual foi o impresor do-livro, por-que estudou. A isto chama-se ostentar erudisam, e ser grande letrado: e eu chamo-lhe perder tempo, e amofinar a paciencia, sem utilidade alguma. Que necessidade tem o estudante, de saber todas aquelas coizas? Quando eu sei o que diz a lei, e em que cazo; e que um ou dois interpretes assim-a-explicam; sei tudo o que basta: nas ocazioens, em que me-á-de ser necessario, servir-me dos-autores, nam tenho necessidade, de tantas miudezas. Quem compoem postilas, ou arrezoa, sempre vai ver os livros: e em tal cazo, pode citar com toda a individualisam. Onde aquela afetasam é ridicula, e prejudicial: por-

que obriga os omens, a occuparem-se com coizas, que nam ser-
vem; e encher a memoria com aquilo; quando deviam estudar,
outras coizas. O mesmo digo, do amontoar textos. Observei
muitas vezes, que de tantos textos que se-alegam, pouquissimos
são *in terminis*. Muitos entram por-via de interpretasam, e ou-
tros arrastadissimos: disto estam cheios os livros. Para que ser-
ve pois, repetir tanta coiza, que nam serve? Que um mestre,
o qual com muito estudo, tem aquistado noticia, de muitas coi-
zas; algumas vezes se-sirva, deste metodo; seria mais toleravel:
o que porem acho menos é, que digam ser isto necessario; e se-em-
preguem nele, nam por outro motivo mais, que para parecerem
eruditos: ensinando aos estudantes, conformar-se ao dito meto-
do; que na verdade é condenavel: pois nam avendo antinomias
de textos, ou outras coizas destas, nam tem necessidade o Ju-
rista, disto.

Esta preocupasam dos-Canonistas, é que os-tem prezos, den-
tro dos-seus livros, e postilas. Um Canonista cre, que para ele
nam á mais livros utis no-mundo, que o Decreto, Decretais,
Extravagantes: (nam falando agora nos-Interpretes) e assim todo
o seu ponto está, em telos bem na memoria, e abraçar tudo, o
que eles dizem. De Istoria, nada sabem: menos, de antiguida-
des Ecclesiasticas: sem as quais nam é possível, que se-saiba fun-
dadamente, o direito Canonico. Uma autoridade de um S. Pa-
dre, nam tem forsa, se acazo nam se-acha, no-Decreto de Gra-
ciano: e cadauma das-que ele traz, prova tudo. Cometem os
mesmos erros, que cometeo Graciano: e em sima ficam mui sa-
tisfeitos, de os-ter imitado. Mas isto, como digo, é sumamen-
te prejudicial. Sempre-me-admirei, que nas Escolas se-permeti-
se, semelhante livro ao de Graciano: e que os omens nam abri-
sem um dia os olhos, para nam fazer cazo de um livro, que
nem é lei, nem merece estimasam; porque nam ensina coiza al-
guma boa; e o metodo é pessimo: podendo nós ir buscar as au-
toridades, nos-Padres; sem andarmos detraz de Graciano, que
os-intendeo mal, e citou muita coiza falsa. Graciano nam sa-
bia, a istoria da-Igreja: nam tinha conhecimento algum funda-
do, das-antiguidades: ignorava totalmente, que coiza era criti-
ca, e metodo: e, para me-explicar em duas palavras, era um
omem, que escreveo no-mejo do-XII. seculo. E que coiza boa
se-pode esperar, daquele tempo? Foi abraçado o seu metodo na-
quele tempo, em que nam se-conhecia outra coiza. Uns expli-
caram-no: outros seguiram este exemplo. E eis aqui tem V. P.

Graciano, reinando nas escolas, sem ter autoridade alguma: e os omens obedecendo a Graciano, devendo somente obedecer, aos que tinham autoridade, de fazerem lei. Entam parece, que avia mais alguma desculpa: oje porem nam a-tem. O que daqui nace é, que os que seguem este metodo, e idolatram este livro, nam podem fazer coizas melhores, doque se-fez no-dito tempo.

Nam julgue V. P. que digo muito: fasa-me a merce, de fazer a experiencia; e entam me-dará a resposta. Se V. P. diz a um destes, que o Canonista deve saber fundamentamente, a historia dos-Concilios, e Antiga diciplina da-Igreja; ou que nam se-aprende, nos-tratados modernos dos-Forenses, ou no-simplez texto das-Decretais, ou das-Bulas; dirá, que V. P. é louco: sairá logo com Joam André, Barboza, Fagnano &c. e lhe-dirá, que neles é que se-á-de aprender tudo, o que á melhor na Canonica: e que tudo o mais sam coizas superfluas, e até impossiveis, para rezolver os cazos particulares. Isto dizem: mas certamente nam diriam isto, se tivesem saído, da-toca dos-seus autores; e visto a imensa planicie, do-Direito Canonico: pois conheceriam, que á muita coiza que se-deve saber, sem a qual pouco o nada servem, eses textos. Para me-explicar melhor, tomarei as coizas de alto.

O direito Canonico é aquella lei, que dirige as nosas afoens, para conseguír, a bemaventurança eterna. Esta definiçam abraçam, os mesmos Canonistas Forenses. Cristo, que fundou a sua Igreja, para nos-salvar; deu tambem faculdade aos seus Apostolos, para fazerem as leis, que melior se-conformassem, com a doutrina que lhe-enfinára. Desorteque, os primeiros que publicáram, o direito Divino; foram os que comessáram a publicar, o Ecclesiastico. Onde, dizia S. Paulo aos Corintios: *Præcipio, non ego, sed Dominus*: quando lhe-inculcava a lei Divina. *Ceteris ego dico, non Dominus*: quando lhe-propunha a Ecclesiastica. Comessáram estes leis, despois da-acensám de Cristo, quando os Apostolos fizeram em Jeruzalem, varios Concilios; para regular o modo, de pregar a fé Catolica. Muitas coizas escrevèram, outras disseram de viva voz: desorteque de uma e outra sorte comessáram, as leis Ecclesiasticas, e se-conserváram até nós. Os successores de Pedro na cadeira Romana, continuáram segundo a ordem dos-tempos, a fazer outras leis; acrescentando muitas, segundo o-pedia a necessidade. Isto mesmo se-praticava nos-Concilios, ou-Gerais, ou Particulares: nos-quais nam só se-determinava o Dogma, segundo a antiga tradiçam; mas tambem á Dici-

plina, ou aquilo que devemos executar. Naquele tempo direito Canonico, e Teologia, nam eram profissoens separadas: mas cada igreja tinha, o seu *codex canonum*, no-qual estava escrito, o que se-devia crer, e fazer: desorteque tudo, e ainda as penitencias estavam determinadas: e nam dependia do-arbitrio de cadaum, fazer, ou aconselhar, o que lhe-parecêse.

Eram conservados estes livros dos-Canones, com todo o cuidado, paraque a todos servissem. Para facilitar isto, fizeram-se varias colesoens, em diversos tempos. Sabemos, que no-V. seculo somente se-governava a Igreja Ocidental, pola colefam dos-canones Nicenos, e Sardicenses. Que ponco despois, se-acrecentou esta colefam, com os canones de muitos concilios, especialmente do-Calcedonense: e que em ambas as Igrejas a-recebêram, e se-governáram por-ela: cuja colefam confirmou ao despois, Justiniano (1). Sabemos, que no-VI. seculo se-introduziram tambem, em ambas as Igrejas, os canones chamados dos-Apostolos. Estas colesoens aumentáram-se sensivelmente com o tempo, porque diversos omens acrecentáram os canones, feitos por-diversos concilios, de Africa &c. e tambem algumas particulares determinasoens, de Bispos. Entre elas, a edisam de Dionizio Exiguo, teve grande aceitafam, no-Occidente; especialmente nas Espanhas. Nestes tempos, dilatando-se a jurisdicam dos-Pontifices, nam só sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os Seculares, em algumas coizas; e nacendo mil diñculdades, sobre a intelligencia dos-Canones; eomesáran a aparecer respostas, sobre todas estas coizas; que aumentáram sensivelmente, o corpo do-Direito. Desorteque dali paradiante, vemos engrosfar sensivelmente, de um dia para outro, o corpo das-leis Ecclesiasticas: Polos anos 836. um certo *Izidoro*, chamado *Mercator*, compoz uma colefam de canones, em que introduz muitas coizas falsas: entre elas as cartas decretais, dos-Papas dos-primeiros quatro seculos, até Siricio Papa: que sam supostas e inventadas por-ele. No XI. seculo apareceram, outras trez colesoens de canones, feitas por-varios Prelados. Mas polos anos 1151. *Graciano* fez outra colefam; em que comprehendeo a de *Dionizio*, *Izidoro*, e *Ivo*: acrecentando-lhe outros canones, e algumas autoridades de Padres. Como este Religiozo sabia pouco, introduzio nela, muito erro teologico, muito de Istoria, e muitas autoridades falsas e apocrifas. Con-

(1) *Novella CXXXI.*

tudoiso ; o seu livro teve acceitafam , e prevaleceo a todas as outras colefoens ; e ainda oje se-conferva . Despois , aumentando-se as dificuldades , e vendo-se os Papas obrigados , a regular o modo , de proceder nos-juizos &c. fizeram-se por-ordem dos-Papas , varias colefoens de Decretais , que compoem o Direito Novo : que sam as colefoens , de Gregorio IX. de Bonifacio VIII. de Clemente V. a de Joam XXII. e as Extravagantes comuas . Este é ó corpo do-Direito . A este se deve ajuntar , o Concilio de Trento , e as Regras de Cancellaria , que publicou Joam XXII. e pola maior parte sam , sobre as Beneficiais . Fóra disto , temos o Direito Novissimo , que é o Bulario Romano , em muitos volumes : que comprehende as Bulas antigas e novas , e que todos os dias se-aumentam . Basta que V. P. abra o Bulario , impremido ultimamente por-Mainardi , em Roma ; e achará , que é dobrado do-de Cherubino . Cherubino até Clemente X. exclusive , compoem seis volumes : e o Mainardi , continuando o Cherubino de Clemente X. até Clemente XII. faz oito volumes , que em tudo sam quatorze . Mas o que mais é para admirar está nisto , que , sendo o Cherubino diminuto , o Mainardi , que tornou a imprimir os Papas de Cherubino , como as Bulas ineditas até Clemente X. de seis volumes que eram , fez quinze : que com a continuafam sam vintetrez . E contudo , faltam-lhe as Bulas do-Papa presente , que sam ja dois volumes . Esta colefam nam tem , autoridade publica : namobstanteque seja impresa em Roma : onde é necessario , que produzam a Bula com o selo . Ponho no-mesmo numero , as Declarafoens da-Congregafam Interprete do-Concilio de Trento : as quais , se acazo nam aparecem , com o selo do-Cardial Prefeito , nam fazem lei .

Esta é a serie do-corpo do-Direito : a qual é tal , que quem bem a-confidera , fica pasmado , da-sua vastidam : e muito mais pasmará , se souber o que é necessario , para a-intender . A antiga diciplina da-Igreja mudou-se , polo direito Novo ; principalmente , desde o seculo X. para cá . Contudoiso , em muitas coizas observa-se o mesmo , que antigamente se-determinou : existem os mesmos canones , e col-soens deles : desorteque quem quer intender , o que entam se-fez , e oje se-faz ; e conhecer as diferensas e os motivos &c. necessita de muita erudisam . Onde , quando digo , que o direito Canonico é , uma colefam de canones , que em todos os seculos da-Igreja se-publicáram , para estabelecer a diciplina ecclesiastica ; é o mesmo que dizer , que quem os-quer intender , é necessario que saiba perfeisimamente , toda a isto-

a historia da-Igreja ; e especialmente dos-Concilioſ, nos-quais eles ſe-publicaram . Os meſmos que nam querem ſair , dos-livros que ſe-explicam , neſta Univerſidade ; ſam obrigados a confeſar , iſto que digo : pois comprehendendo *Graciano* , varias coleſoens de antigos canones ; quem o-quer intender , é neceſario que ſaiba iſto . O meſmo digo , das-outras coleſoens mais freſcas , que foram feitas , para diverſos cazos ; e alguns deles diferentes , dos-nosos modernos . Onde para os-intender , nam baſta ler ſimplezmente , o que diz o expoſitor ; é neceſario ſaber perfeitamente , a disciplina daquele tempo . O meſmo digo , das-autoridades dos-SS. PP. que ſe-citam no-Decreto . Eles eſcreviam para o ſeu tempo : aſimque quem nam ſabe , o que entam ſucedia , nam os-intende . A iſtoria Eccleſiaſtica , tem eſtreito parenteſco , com a Civil : e aſim necelira deſta , e dos-ſeus aceſorios ; e especialmente da-Geografia Sagrada , que moſtre as antigas divizoens dos-Patriarcados , e Igrejas Primaciais : pois ſem iſto , nam ſe-podem intender , muitos canones . Baſta ler o *Doujat = Praenotiones Canonica* , 4.º em que aponta os principios do-Direito ; para conhecer , quanta coiza é neceſaria , ao Canoniſta . No fim deſte livro traz , certos Indices utilifimos , da-Geografia Sagrada , da-ſerie dos-Pontifices , Padres , e Eſcritores Eccleſiaſticos ; com que moſtra , quanta luz pode daqui tirar , o Canoniſta . Mas nam pára aqui a galhoſa ; é neceſaria perfeita erudiſam do-Grego , para ler os Canones , e SS. PP. nas linguas originais , em que eſcreveram : porque naceſto alguma difficuldade , ou querendo examinar fundadamente , algumas coizas , é preciza eſta erudiſam . Quer-ſe alem diſo , perfeita Critica , para nam ſe-enganar , tomando uma coiza por-outra : um canone ſuposto , por-um verdadeiro : o que tem ſucedido , a omens mui grandes .

Eſta erudiſam , como diſe , é totalmente neceſaria , ao Cate-dratico : viſtoque o ſeu emprego nada mais é , que explicar o verdadeiro ſentido dos-textos , e reſponder às contrariedades . Cuido que facilmente me-concederám , eſta propozifam . Porem eu nam paro aqui , mas digo , que tambem em parte é neceſaria , ao Forenſe : para ſaber aplicar os textos , aos cazos particulares ; e nam attribuir aos Papas , coizas que eles nunca ſonharam . Ora eu ſormo grande conceito , dos-meſtres deſta Univerſidade , e os-considero cheios de ciencia ; mas diſe , e torno a dizer , que ſe V.P. diſer a alguns , que eſta erudiſam é neceſaria , para fazer a ſua obrigafam ; am-de fazer grande galhoſa , e diram : Eſte Padre é mui ſincero ; nunca abrio as Decretais ; e ja nos-quer enſi-

ensinar, como se-devem estudar! O que eu posso segurar a V. P. é, que tenho falado com muitos Bachareis, que saíram com muitos louvores, e oje sam Advogados, e Juizes; (e tambem falei com algum mestre) que nam sabiam de que cor era, a Istoria da-Igreja: e nem menos ouvíram dizer, que era necessaria. Nam falo na erudisam de Grego &c. porque nenhum a-tem: e parece-me que daqui posso argumentar mui bem, para os outros. Nem pode ser de outra sorte: vistoque esta é a preocupasam comua, deste Reino; que a Istoria para nenhum estudo é necessaria. O Teologo nam sabe Istoria: o Jurisconsulto Civil nem menos: sendo a ambos indispensavelmente necessaria: e que maravilha é, que a-nam-saiba o Canonista? Coutudoiso estes Senhores nam cesam de exagerar, a sua grande erudisam de Direito. Achei-me em certa caza de Lisboa, com um Advogado de bom nome, o qual, proguntando-me algumas coizas, de paizes estrangeiros; concluiu seriamente: Que Teologia, samente se-fazia na Espanha; e Direito, em Portugal: o que provou com alguns exemplos, de mestres da-Universidade, que, segundo dizia, tinham todos os textos na memoria. Mas a desgrafa era, que ele Advogado, era um dos-que o-nam-sabiam; como logo adverti, por-algumas parvoices que dise: e os exemplos que allegava, nada provavam para o cazo: pois samente mostravam, alguma memoria; que nós nam disputavamos: mas nam provavam melhor metodo, e erudisam; que era o noso ponto.

Que um estudante leia a explicasam, que faz um interprete de uma Decretal; e algum bocadinho de istoria, que introduz; poderá bastar naquele cazo: mas se ele nam tem estudado fundamentalmente, a Istoria da-Igreja, e da-sua diciplina; todos os momentos achará, dificuldades novas, e em todos cairá. Motivo polo qual, nam se-deve pedir emprestada a noticia, nas ocaziõens: mas ter feito tal fundamento de Istoria, que sirva de comentario perpetuo, a Lei: e o-tenha sempre prompto na memoria, para todos os cazos que lhe-sucedarem. Isto digo do-Forense: mas com muita mais razam o-devo dizer, do-Catedratico: o qual, se quer ser mestre, é necessario que tenha, todos os requizitos necesarios. Abra V. P. uma das-coleçoens de Concilios, v. g. a de *Roma*, ou de *Lupo*, ou a de *Binio* de Pariz, ou a do-*P. Labbe*, que é mais ampla; as quais duas ultimas tem os textos Gregos: veja as notas que escrevêram os omens doutos, aos ditos Concilios: e reconhecerá, quanto é necesario saber, para dizer que entende bem, os canones deles. Reconheçerá isto

melhor, se quizer ver as coleções de concilios Nacionais, de Reinos separados: como a de *Sirmondo*, de *Spelman* &c. ou a que fez o famoso *Beveregio* dos-concilios Gerais, recebidos na igreja Crega: em que comprehende, os escolios de Zonara, Balfamon, Aristenes &c. Gregos, alem dos-seus. Estes livros mostram bem, como se-devem estudar, estas coizas: pois é certo, que nam se-pode entender bem, o sentido de uma decizam; sem saber, quais eram as erezias, que turbavam a Igreja: e as alterações da-Diciplina, que o Concilio queria remediar. Isto é necessario sem duvida, a quem faz profissam, de explicar Canones. Ora nam sei, se V. P. achará muitos, que tenham ouvido nomiar, estes autores.

Emfim; a Istoria da-Igreja polo menos, (quando nam queiramos falar de outra erudissim) é necessaria a todo o Canonista: e dela deve comesar, este estudo. Onde despois que o Canonista, tem estudado a Civil, e Instituições Civis; antes de abrir livro algum de Canonica, deve ler a istoria da-Igreja. Se o estudante fosse educado, polo metodo que apontei em outras cartas, desorteque tivesse ja alguma noticia em compendio, da-Istoria Ecclesiastica; apontaria eu outro metodo: mas nam o-tendo, direi que este estudo, nam deve meter-lhe medo; porque observando bom metodo, é mais facil, doque muitos nam julgam. Primeiro, deve ler-se um compendio de Istoria. Se o estudante intendese Francez, ou Italiano, apontára eu belissimos livros: mas nam devendo pasar do-Latim, nam me-ocorrem muitos. Parece-me, que ja apontei em outra carta; o *Matthaus Bolernus*, para a istoria Sagrada antes de Cristo: e para despois dele, o *Ribory*; que é outro Francez da-mesma Religiam, e a-continua ate o ano 1676. Estes sam bons para o principio. Tambem pode servir, um compendio de ambas as ditas istorias em 12.º feito para uzo do-seminario de Padua, no-ano 1701. e outros que apontei. Acham-se outras istorias Ecclesiasticas: mas muitas sam escritas com pouco juizo, e critica: e outras nam se-podem soffrer. Das-melhores, é o *Gerardo du Bois* = *Histor. Ecclesiast.* fol. 1690. o *Rosveygo* Jezuita = *Historia Ecclesia a Christo usque ad Urbanum VIII.* que foi eleito em 1623. &c. Se o estudante intendese Francez, nam lhe-aconselhára senam, despois de um Compendio, ler a istoria Sacra do-P. *Calmer*, que acaba com a destruição de Jeruzalem, no-ano 70. de Cristo: e a da-Igreja de Cristo de *M. de Fleury*, que comesa na acensam de Cristo, e chega, com a continuassam, até o fim do-seculo XVI. porque
no-seu

no-feu genero sam belifimas , e escritas com grande critica , e piedade . No-mefmo tempo deve ter , algumas cartas de Geografia ; para buscar as Cidades , de que se-fala : especialmente da-Sagrada . Nesta materia é famozo , *Carolus a S. Paulo = Geographia sacra , tabulis designans quinque antiquos Patriarchatus ; cum explicat . A. B. C. fol. magn. anno 1641.* mas esta será cara . Em falta desta , podem-se buscar algumas cartas geograficas , das-Provincias que estuda . Quem quizer ler uma introduçam Latina , para a Geografia , pode servir-se do-*Luitz* ; que escreve uma belifima , impresa em 1692: e tem otimas cartas . De outras ja falei , em varias ocazioens .

Isto fuposto , no-fim deste segundo ano , em que estuda a iftoria da-Igreja , deve particularmente estudar , a iftoria do-Direito Canonico : cujo metodo ja fugerimos , no-Direito Civil , e polas mefmas razoens . Nam me-lembro ter lido muitos autores , nesta materia ; mas vi dois muito bons : um é *M. Doujat = Histoire du Droit Canonique* 12.º Paris 1677. outro é anonimo = *Abregé historique du Droit Canonique* . 12.º Lyon 1690. Segue-se a isto , estudar as Instituiçoens , do-direito Canonico : que proponham em poucas palavras , todo corpo do-Direito ; para se-formar conceito , das-fuas partes . Este é o defeito efencial , que eu acho nos-estudos , defa Univerfidade . Das-Instituiçoens Civis , pafa um omem a estudar , uma materia canonica . Daqui rezulta , que o estudante nunca fórma ideia , do-que estuda : mas é obrigado , a meter quatro textos na cabeça , sem saber , que proporfam tem com o Direito ; e porque nele se-introduziram ; e de que coizas dependem . A necessidade defte metodo que aponto , é tam evidente ; que ainda em um feculo pouco polido , como foi o XVI. chegou a fer conhecida . Um Jurifconfulto Italiano , chamado *Joam Paulo Lanceloto* , compoz as Instituiçoens Canonicas , que dedicou a Paulo IV. ou a feo fucefor Pio IV. porque á anos que o-vi : e ele mefmo compoz , os comentarios das-ditas . Contudo , nenhum Papa as-confirmou : aindaque fora jufto , que , reformando-as em algumas coizas , as-aprovaſem . Deſpois diſo , muitos Jurifconfultos efcreveram Instituiçoens , segundo os trez objetos do-Direito ; Peſoas , ou gerarchia Eccleziastica : Coizas ſagradas , como Sacramentos &c. e Juizos , ou afoens do-Foro . *Arnoldo Corvino* fez uma *Synopsis* Latina , do-Direito Canonico , que pode pafar por-Instituiçoens : é em 12.º impresa em *Paris* 1671. Das-modernas , o *P. Febo* Jezuíta efcreveo umas breves em 12.º , que nam ſam más . O *Weifner* , *Pirringh* , *Ple-*

tembergh todos trez Jezuitas, compuzeram as suas. Parecem-me porem melhores, e com melhor Latim, as de *Joam Vicente Gravina*, 8.º mas mais acomodadas ao Foro sam, as de *Francisco Maria Gasparri*, Advogado Romano: e sam escritas polo metodo escolastico, com argumentos, e respostas: em 4.º Em falta destes, pode servir o *Cabassutio = Oeconomia Juris Canonici*. O certo é, que este deve ser o estudo, de um principiante: e se um moço no-terceiro ano, se-aplica com cuidado, a estas Instituições; sempre com a pena na mão, fazendo compendios, e procurando ver as leis que o-ordenam; e por-meio da-historia, reconhecendo a origem, e ocasião delas; tem vencido mais da-metade, do-direito Canonico. No-quarto ano, e metade do-quinto, deverá o estudante ver, algumas materias do-direito Canonico; ou profundar as noticias, que tem estudado no-terceiro. Uma das-principais materias é, a de Beneficiis, para a qual pertence muita coiza: o Juspatronato, a Rezidencia nos-Beneficiis, as Oras Canonicas &c. Despois, profundar melhor a Dicipina da-Igreja, sobre os Sacramentos, e penas Ecclesiasticas. Quem sabe isto, nam sabe pouco. No-fim do-quinto ano, devia fazer os seus trez atos em Canones, polo estylo que já lhe-dise, falando das-Leis Civis.

Quando o estudante aqui chega, tem lugar examinar muitas coizas, com fundamento. Deve primeiro notar, a diferenca que se-dá, entre o Canonista, e o Teologo Moral. Quem examina bem o caso, reconhece, que nam á diferenca alguma sustancial. O emprego do-Canonista é, saber as leis que Igreja tem publicado, em todos os pontos da-sua dicipina: parte para saber, quais rezoluções deve oje executar; e parte para conhecer, o que antigamente se-executava; e para dali tirar luzes, para a decizam dos-cazos presentes. E isto mesmo deve saber o Moralista: pois nam poderá saber o que é, ou nam é pecado; sem saber, o que a Igreja tem determinado expresamente, com as suas leis modernas. Tem tambem o Moralista necessidade de saber, o que se-praticava antigamente, para ver como á-de aconselhar, nos-presentes cazos. Este é o verdadeiro Moral: e o rezolver todos os cazos; como fazem muitos, porque assim o-acháram escrito em outros livros; está exposto a mil erros. Nam ignora V. P., as bulhas que tem avido na Europa, sobre estes tais Cazuitas; que pola maior parte nam tem erudicão, nem exato juizo: e só tem memoria do-que lèram, em quatro Cazuitas, que fizeram opinioens de sua cabeça. Onde para evitar estas

arengas , deve-se recorrer à lei , que o-determina . Deve alem diso o Canonista , ter tambem noticia , das-leis divinas do-Antigo testamento ; para poder explicar muitas , do-Novo ; e determinar alguns cazos particulares . E tudo isto é tambem necessario , ao Teologo .

Onde temos , que em quanto à sustancia , Moralista , e Canonista é a mesma faculdade : ambos dirijem as almas dos-Catholicos , para conseguirem a bemaventurança : e antigamente assim se-praticava . A diversidade toda , de alguns seculos a esta parte , está nisto : que o Canonista executa as leis eclesiasticas , em quanto ao externo : executando a ordem dos-juizos : applicando as penas prescrites , aos cazos particulares : e conservando a disciplina exterior da-Igreja . O Moralista , julga de todas estas coizas , mas no-foro interno . Desorteque o que tem de mais o Canonista Forense é , saber a ordem dos-juizos , ou teia judicaria , e regular-se por-ela : o que nam necessita o Moralista . Mas tambem este necessita saber , a teia judicial interna : que consiste , na ciencia do-Confesor , de dirigir com prudencia e brandura , as consciencias dos-omens , para conseguir o seu fim : no-que consiste aquella particular erudicam , em que se distingue um officio , do-outro . Mas quanto ao Moralista , e Canonista Catedratico ; nenhuma diferença tem um , do-outro . O que digo a V. P. , porque vejo muitos Teologos , que se-persuadem ; que se abrissem as Decretais , metiam nam em seara alheia . Consideram infinita distancia entre uma , e outra coiza : e com este prejuizo , nam estudam o que devem , mas ficam toda a sua vida ignorantes . Polo contrario , os Senhores Canonistas se ouvem um Religiozo falar , em materia Canonica ; condenam isto , como um insulto que se-faz , à sua veneravel Faculdade : e respondem mui seriamente , que em Leis , só eles tem a privativa . O que provem , como disse , de que nem uns , nem outros conhecem fundamentalmente , a sua Faculdade .

Fóra destas coizas , deve notar o estudante , alguns defeitos do-direito Canonico , tanto antigo , como moderno . O antigo , formado por-aqueles veneraveis Bispos , que nam respiravam mais , que santidade ; queria em tudo , excessivo rigor : de que nam era muito capaz , a natureza umana . Todas aquellas leis , nam buscavam somente o bom , mas o perfeito . Esta disciplina , reformou-se com o tempo : e foram-se acomodando mais , ao poder e estado presente , da-natureza umana . Determináram-se muitas coizas , que ao principio se-intendiam mal : e ficou muito mais lu-

minozo, o direito Canonico. Estes sam os defeitos do-antigo. Mas por-outra parte, tinha muitas utilidades, que nam se-acham no-moderno. Eram breves, e claras as ditas leis, e pouco fugeitas a controversias. tudo o que era necesario se-continha nelas. os suditos obedeciam com mais facilidade a leis, que eram poucas, e notorias a todos: e nenhum podia alegar ignorancia. Despoisque os Papas, aumentáram a sua jurisdifam temporal, mudou-se totalmente isto: e o corpo do-Direito creceo desorte, que nam se-pode explicar. Pondo de parte o Decreto de Graciano, e contando somente as leis dos-Papas desde ese tempo; as Decretais todas, as Bulas, Breves, e Declaraçoens do-Concilio; compoem quantidade de volumes tal, que mete medo somente velos. Ouveram Papas modernos, e entre eles, Innocencio XII. Clemente XI. e tambem XII. &c. que só das-suas Bulas, se-compoem grandes volumes: e cada dia se-aumenta sensivelmente, o Bulario. Tudo isto é direito Canonico: porque os Papas nam fizeram estas Bulas, para divertimento; mas para regular os Povos: algumas, para toda a Cristandade: outras, para cazos particulares de algumas igrejas &c. (ponho de parte as que fizeram, para regulameneo temporal dos-seus estados, que nam sam muitas). O que suposto, quem pode ter de memoria, esta machina de volumes? Contudoiso sem alguma noticia deles; todos os momentos succederám inganos. Seja V.P. juiz em uma cauza de jurisdifam, v. g. entre um Bispo, e uma comunidade Religioza. sentencieie polo Bispo, porque assim lho-ensina, o direito Comum. dezembainha a Comunidade um privilegio do-Papa N. em que proibe ao Bispo, embarasar-se com aquilo: e lá vai a sentensa polos ares. Nós ambos somos Religiozos: mas aqui nam se-trata de defender as Religioens, mas a verdade: e por-ifo falo a V. P. com esta clareza, e sinceridade. Acham-se no-corpo do-Direito varias constituioens, como se nam estivessem: e o mesmo digo das-regras de Cancelaria: algumas das-quais, todos os dias se-estam revogando. O pior é, que succede o mesmo nas Bulas modernas. um Papa determina: outro, movido de outras razoens, revoga o mesmo. Publicára Benedito XIII. uma Bula geral, para regulamento dos-Beneficios: contudo esta revoga-se todos os dias; de que eu sou testemunha. O mais é, que o mesmissimo Papa, movido de algumas circumstancias novas, revoga às vezes, o que primeiro ordenára: e nam só o que ordenára *ad instantiam alicujus*; mas aquilo mesmo que ordenára *motu proprio*: o que varias vezes tenho prezenciado. Desorteque todos

dos os dias é necesario ter, novas noticias do-Direito: e consequentemente, os mais doutos Canonistas, sam principiantes na materia.

O outro defeito esencial consiste, na mesma ordem das-Bulas, e Breves. Elas estam cheias de tantas palavras ou obscuras, ou inutis; que nam podem menos, que cauzar confuzam. A mais breve Bula podia-se reduzir, à terceira parte, ou ainda a menos; se lhe-tirafem todos os sinonimos escuzados, que pola maior parte se-acham, do-meio para diante: e os periodos gerais, com que comem todas. Isto nam serve mais, que de aumentar confuzoens, e é um seminario perpetuo, de demandas. Vi uma vez uma demanda, em um celebre tribunal. Seria sobre alguma palavra nova, ou periodo obscuro? nam senhor: mas sobre um *Et*: que um Advogado defendia, que unia certas palavras; e outro, afirmava o contrario. E se V.P. abre estes Consulentes, achará muito disto. De que nace, que os Jurisconsultos, cada um a-interpreta polo seu modo: e fazem longuissimos arrezoados, sobre palavras bem claras.

Mas o pior que eu acho é, que as mesmas palavras decretorias das-Bulas, e Breves, no-estado presente, supoem-se como se nam estivessem. Que mais claro podia falar um legislador, doque dizendo por-estas palavras: = *Quibuscumque constitutionibus, & privilegiis a nobis vel predecessoribus nostris concessis, in contrarium non obstantibus: etiamsi de illis expressa ac peculiaris mentio fieri deberet* =. Parece-me que isto bastava, e so-bejava, para declarar a intensam do-Papa. Contudo, isto nam significa nada; porque os Senhores Canonistas querem, que as tais palavras sejam superfluas: e que se-deva expresamente revogar, o privilegio contrario. Mas que dirá V.P. se eu lhe-mostrare Breves, nos-quais expresamente se-revogou, o contrario privilegio; e contudo isto nam valeo? Li uma cauza entre um Bispo, e certos Religiozos, sobre jurisdicam. O Bispo alcansára a revogagam expresa, do-privilegio que alegavam os Frades. Um Cadá Turco sentenciára sem mais exame, contra os Frades: e com efeito asim o-julgavam todos, cuidando que estes se-aquietassem. Mas nada menos. Saíram com certa opiniam, de dois ou trez consulentes Canonistas, que afirmavam; faltava na dita revogagam, certa declarasamzinha, para ter todas as solenidades: e com isto embrulhou-se o negocio desorte, que o Bispo ficou de baixo. Outros alegam, que tem um Indulto no-corpo do-Direito, paraque os seus privilegios nam sejam revogados, sem deles se-fa-

zer expressa mençam: deste numero cuido que sam, os Cistercienses. Onde, quando o Papa revoga um privilegio, respondem, que o corpo do-Direito presume-se, na mente do-Legislador: e assim sabendo, que eles tem aquele privilegio; nam o-revogaria, sem expressa mençam. Esta razam parece sacrosanta aos Canonistas, que dela se-servem nas ocazioens. Mas a verdade é, que nam vale nada: e eu sei por-experiencia, que é falsa. O Papa comumente nam é informado, dos-privilegios que estam no-Direito; se acazo nam é um Papa doutissimo, como o presente: e ainda este tem tanto em que cuidar, que nam pode cuidar niso: os officiais dos-tribunais, menos ainda cuidam, ou sabem. Quando se-propoem uma coiza, se é clara a razam, concedem a grafa em virtude da-razam: se é obscura, e é negocio de Religiozos, pedem informaçam aos Procuradores Gerais, que estam na Curia: se é de Bispos, mandam ao mesmo Bispo, *pro informazione, & voto*. Desorteque quem assiste na curia Romana, e trata alguns negocios, reconhece perfeitamente isto. O que suposto, aquella regra, que o Legislador presume-se que saiba, todas as suas leis, é a maior falsidade do-mundo: e somente um belo pretexto, para fazer demandas; e para nam fazer cazo, das-constituiçoens dos-Papas.

Se o que eu exponho ao Papa, é a verdade: se nam deixo circumstancia alguma da-demanda, que tenho com uma pessoa: se o que relato basta, paraque o Papa forme conceito da-materia, e dê a sentença final nela: se o Papa assim informado, dá a razam, e revoga geralmente, todos os privilegios em contrario: Que mais seja necessario, para julgar-mos valida a resposta, isto é o que eu nam alcanço. Nam sei que consciencia tenham estes, que contrareiam isto: nem posso intender, porque estes Canonistas nam disputam tambem, se se-deve dar execusam, a um Breve de Extratempora, ou Dispensa de treze mezes, para um Diacono se-ordenar; e outras grafas matrimoniais, que todos os dias se-publicam; vistoque nelas, aindaque se-revoquem geralmente, as constituiçoens contrarias; nam se-explica, que constituiçoens sam as que o-proibem. A razam é a mesma: e talvez que com o tempo algum deles, se-rezolve a disputálo.

Este foi o motivo, porque muitos omens doutos e pios, dezejáram a reforma, do-direito Canonico: e que os Papas reduzissem, toda esta machina de leis, a um corpo determinado de doutrina: deitando fóra muita coiza inutil, e estabelecendo as que sam mais conformes à diciplina, que despois do-Concilio de Trento

to se-mostrou ; ser mais util à Igreja , e mais acomodada aos presentes costumes . Seria util aos Povos , ter uma lei certa , e clara , por-que se-governassem : os Juizes facilmente reconheceria-m nela , a justisa das-partes : e se-acabaria esta secunda seara de disputas ; pondo-se limites à demazia dos-Consulentes , e Tradistas . E damesma forte dezejavam , que se-modificásse tanta quantidade de privilegios : que se-puzessem em um só corpo , os que competem a todas as comunidades Religiozas : que se-cercessem alguns , que foram concedidos em outro tempo , e por-motivos que ja nam existem ; e oje , com grande prejuizo da-jurisdifam Eccleziastica , se-uzurpam . Desta sorte conheceriam todos , os privilegios que obstavam : e estando no-corpo do-Direito , ninguém os-podia ignorar : e a Igreja , e Povos seriam mais felizes . Certamente se ouve Papa capaz ; de fazer esta reforma , é este prezente . Ele tem todas as qualidades , de um grande Principe , e Pontifice . Grande erudifam de Direito , de Teologia , de Istoria : grande uzo de negocios : grande vontade de ajudar os Literatos : grandes ideias , e grande constancia de animo , para as-executar . Eu pedindo a Deus todos os dias nos-meus sacrificios , que o-conserve largos anos , lhe-peso tambem , que lhe-inspire esta boa vontade , de reformar a lei Canonica . Certamente immortalizaria com isto o seu nome ; como tem ja comesado , com outras reformas utilifimas , aos seus fuditos , e a toda a Cristandade .

Ora esta temeridade dos-Canonistas , é que tem feito o direito Canonico , ainda mais incerto , que o Civil : porque as leis de Justiniano estam juntas , e nam crecem ; aindaque crescam as explicaçoens : mas as Canonicas todos os dias crecem : e muitas acham-se enterradas em alguns archivos ; desforterque sem grande industria , e sagacidade nam se-podem descobrir : e de muitas somente por-tradisam se-sabe , que existem . Ponha V. P. alem diso , a grande abundancia de Canonistas Tradistas , e especialmente Consulentes ; que todos os dias estam interpretando as leis , com soffismas particulares ; e veja , se isto pode ter fim , ou se-pode soffrer . E daqui nasce , que os Juizes , seguindo o mesmo estylo , as-interpretam de modo , que é uma piedade . Conservo ainda oje por-grande raridade , uma Bula impresa , e algumas escrituras feitas , sobre a sua interpretaçam ; porque merecem ler-se . A Bula falava tam claro , que um rapaz que soubede Latin , a-intenderia : tinha alem diso a interpretaçam da-pratica , pois avia anos , que todos a-intendiam daquela sorte ; sem nunca

ocor-

ocorrer a ninguem , tal duvida . Meteo-se em cabeça a certas pessoas , com a esperanza de uma grossa preza , disputar a intelligencia da-Bula , e inclinála para a sua parte . Um procurador diligente , e douto defendia a Bula : e mostrava com razoes clarissimas , que nam era materia de disputa . Da-parte contraria, certo Advogado fez duas escrituras , mais cheias de sofismas , que de palavras . O Juiz , que tinha fama de grande Canonista , ajudado tambem de alguma recommendaam , votou contra o que defendia a Bula . Este nam queria dezistir : mas obrigado por-algumas violencias , e vendo que nam podia fazer mais nada ; deitou-se de fóra . Sucedeo-lhe outro Procurador : o qual ou porque nam foubèse mais , ou porque por-alguns motivos quizese, nam desgostar a parte contraria ; admetio a concordia , de pagar mais da-quarta parte , do-que pediam os autores : quando na realidade nam se-devia nada : pois a injustiza era tam manifesta , que os mais empenhados pola parte contraria , foram os primeiros , a oferecer a concordia &c. Devia o mesmo Juiz , révogar o seu decreto ; mas impedia-o o amor proprio . Neste caso excogitáram o arbitrio de dizer , que aindaque polo pasado nam se-devèse aquele dinheiro ; * * * dali em diante se-pagáse , por-aquele estilo . E eis aqui tem V. P. uma nova regra de Direito : porque até aqui dizia-se , que as Leis nam tinham *oculos retro* : mas daqui para diante deve dizer-se , que *respiciunt retro usque ad sex, & septem annos* : que tanto era o tempo , que tinha pasado . Com que consciencia obrigasem a parte , a pagar uma soma consideravel , em virtude deste decreto ; e fazer com isto , exemplo prejudicial a outros ; isto nam disputo agora , nem m'importa : unicamente digo o que passou , e leio nas ditas escrituras ; e a facilidade com que se-fazem estas interpretaçoens , de leis clarissimas .

Mas que remedio , dirá V. P. , tem isto ? o remedio é este : que tanto o Advogado , como o Juiz deve fugir , de todos estes Confulentes ; e acautelar-se tambem muito , nos-Tratadistas . Deve procurar a intelligencia da-Lei , em si mesma : vendo o fim que teve o Legislador , e as circunstancias , em que o-mandou . Esta é a chave das-Leis : e a isto chamam os nosos Italianos , *saber o espirito da-lei* . Nam deve regular-se por-palavrinhas , que tenham fugido da-pena , aos escritores , e compositores das-Bulas ; (os Papas nam compoem , nem lem as Bulas : mas em duas palavras lhe-escrevem o conteudo nelas , a que chamam Sumario : e isto

e isto é o que ele aprova, e afina) porque isto é afetadam ridicula, e mui prejudicial: mas quando tiver certa, a mente do-Papa, nam deve fazer cazo do-demais. Este estilo é aquilo, a que os nosos tambem chamam, *intendimento legal*: que comprehende logo, a forsa da-razam, e todas as suas circunstancias. Para isto serve a Logica, como ja lhe-dise, falando da-Jurisprudencia Civil; o que V. P. pode aplicar, a este cazo.

Quanto ao Catedratico, ou o que estuda na Universidade, para estudar as materias que deve; é necessario, que tenha boa eleisam, e conhecimento de livros. Nam deve fazer muito cazo dos-antigos, que sabiam pouco: mas passar aos mais modernos, e aos livros compostos em tempo, que a Istoria é mais luminosa. Mas nam deve crer, que seja obrigado a ver, tudo o que escrevèram os Modernos, tanto no-seculo pasado, como no-prezente: estes autores Repetentes, principalmente Tudescos, nam fazem mais, que copiar-se uns a outros. O *Layman*, o *Engel*, o *Pikler*, o *Reisfenstuel*, e muitos outros, que explicáram os cinco livros das-Decretais; copiáram-se fielmente. Quando V. P. ler no-frontispicio do-Pirrhing; *Jus Canonikum nova methodo*; nam mude de conceito; mas afente, que é a mesma coiza, posta com mais palavras, e talvez mais obscuras. Destes sempre escolheria, o mais breve; porque diz menos coizas más: ainda-que um mestre necesite, de ler os mais extensos, para ver tudo o que se-dise, na materia. Dos-modernos sempre me-agradou, o Van-Espen = *Jus Ecclesiasticum universum*: fol. 6. t. sempre me agradou, digo, pola solididade do-juizo; e erudisam que traz. Mas sobre tudo para quem estuda, o Gisbert = *Corpus Juris Canonici per regulas dispositum*: fol. v. 3. este autor pode ajudar muito um moso, para formar ideia, do-direito Canonico; polo metodo que observa. Alem diso, temos o P. Luiz du Mesnil = *Doctrina, & disciplina Ecclesia a Christo usque ad saculum XII. inclusive, ipsismet sacror. codic. & monum. verbis exposita* = fol. 4. v. Coloniae 1730. este era um Jezuita mui douto: e a sua obra é util, para a Teologia, e Canones. Estes livros, e outros semelhantes devem-se preferir, àquela machina de Repetentes; e Tratadistas; que nam sabem o que dizem, e nam ensinam coiza alguma particular. Para ter promptos os textos todos, do-direito Canonico, nam á melhor Concordancia, que o *Davis*. fol. 2. v. ele traz todos os textos do-Direito, e das-Glozas, por-alfabeto: e é obra necessaria, para os que ám-de estudar fundamen-

talmente ; e ainda para os Advogados, e Juizes, que querem ter promptas, as autoridades. Compoz tambem outra Concordancia, do-direito Civil.

Parece-me porem mui util, que, alem das-materias acima apontadas ; tomáse tambem alguma noticia, das-outras partes do-Direito, que andam fóra do-corpo dele. Falo destas Bulas extravagantes: das-Propozicoens condenadas ; e das-Declaraçoens da-Congregação do-Concilio. O metodo de adquerir esta noticia sem trabalho, é este. Escrever um Index, no-qual disponha as materias, que se-contem nestas colleçoens: v.g. Materia A. Bula do-Papa N. no-tomo X. ou XI. Declaram N. emanada no-ano N. &c. Materia C. o mesmo: &c. Desta sorte saberia nas ocaziões buscar, o que lhe-era necessario: e se com o tempo no-tal Index, quizesse apontar em duas palavras, o contendo ou na Decizam, ou na Bula ; podia compendiar uma obra ; que lhe-servise muito, para a Cadeira, e para o Foro. Nam digo, que o estudante antes de se-graduar, faça tudo isto: ainda que fei, que o-pode fazer um mofa applicado, e que estuda com metodo, e com a pena na mam : o que digo é, que despois de graduado, pode fazêlo o Catedratico ; e o Forense, quando estuda a pratica.

Passando à Pratica, esta se-deve regular : polo estylo da-Civil, como entam difemos. Despois de um ano, ou dois de pratica de Direito Civil, em que estude a teia Judicial ; deve passar à pratica Canonica. Onde poderá ver, nam só o que se-practica neste Reino, em materias Ecclesiasticas ; que eu chamo pratica Judicial ; mas tambem escrever o Index, que acima apontamos : e exercitar-se, escrevendo nas cauzas Ecclesiasticas ; fazendo as silvas de autoridades &c. Desta sorte em quatro anos, comprehendendo o ano de pratica Civil, pode o omem ser tam capaz, que dali pafe para Advogado, ou Juiz. Mas nam deve passar estes anos conversando, como muitos fazem : porque desta sorte, tanto importa ter um ano, como vinte. Deve escrever sempre, em algum estudo de um bom Advogado : e quando nam tiver cauzas verdadeiras, escrever sobre cauzas supostas ; pedindo ao Advogado, que lhe-dê um cazo Juridico ; e escrevendo no-tal cazo, como se fosse coiza verdadeira. Se no-mesmo estudo ouvêse outro mofa, que quizesse defender a parte contraria, seria melhor. Feito isto, o Advogado, ou mestre, lendo as escrituras, podia mostrar-lhe, em que tinham errado ; para outro dia

se-

se-emendarem . O que creio tambem se-deve fazer , no-direito Civil ; quando as causas nam sam tantas , que o moço possa aprender muito , no-dito estudo ou escritorio . Nam é crível , quanto se-adianta um moço , que estuda compondo desta sorte . E eu vejo , que ainda aqueles grandes Oradores de Roma , *Antonio , Sulpicio , Cota , Ortenso &c.* cuja fama estava geralmente estabelecida ; declamavam particularmente causas supostas , para se-instruirem , quando ouvessem de sair a publico : e lhe-aproveitava muito bem . Desde esse tempo , sempre se-cosmou este estylo , na Republica . E decendo aos nosos tempos , nas melhores Cidades de Italia , e em Roma , (perdo-me V. P. servir-me sempre , dos-exemplos da-minha patria , porque é defeito geral dos-nacionais) nam só os moços que estudam , fazem isto ; mas os mesmos Advogados moços se-ajuntam , para tratarem particularmente causas supostas ; informando o juiz ; defendendo o reo ; e escrevendo as suas razões , como se-pratica nos tribunais : o que eu prezenciei varias vezes . E contudo , nos-escritorios de Roma , nunca faltam causas verdadeiras . E por-que nam faremos isto em Portugal , onde os Canonistas tem pouco exercicio , na avocacia ; e nam muito , na judicatura ? Assimque este parece ser , o melhor metodo de se-adiantar . Se os Canones se-estudarem desta maneira , seguro a V. P. que só entam os Canonistas seriam capazes , de sustentarem os empregos , e serem Bispos : porque sem estas noticias , falta-lhe o que requerem os Canones , nestas Dignidades : como por-nosos pecados , todos os dias estamos vendo .

Concluo dizendo , que nem menos soffreria , que um Jurista Civil , se-graduasse em Canones , ou polo contrario : muito menos consentiria , que um Jurista Civil , unicamente por se-ter ordenado ; advogasse no-Eclesiastico ; ou fosse Juiz , Dezembargador , Vigario Geral , como todos os dias está succedendo . Ajuda muito o direito Civil , para a pratica , e muitas outras coizas : por-rem seguindo a estrada que aponte , de estudar Canones , pode um omem ter bastante noticia , de leis Civis : muito mais se se-exercitar bem , nos-primeiros dois anos de pratica . Digo somente , que sem saber fundadamente os Canones , nam é um Juiz capaz , de tratar e julgar , materias Eclesiasticas .

Isto é o que me-ocorre dizer a V. P. em uma Faculdade , que parece estar cem legoas longe , do-burel roto de um Capuchinho . V. P. que por-foisa quer ouvir-me , terá a bondade de

desculpar os meus erros : mas muito particularmente , de se-capacitar bem , das-minhas toscas razoens ; para as-saber explicar a elles , a quem as-propuzer . Em modo tal que , sendo eles Jurisconsultos , nam caiam no-defeito , tantas vezes censurado ; de condemnar as partes , sem serem ouvidas ; e sem examinarem as razoens , e sem as intenderem . Em V. P. nam á esse perigo : mas pode avelo nos-seus conhecidos : por-isto lhe-peço esta cautela : e peso tambem a Deus guarde a V. P. m. a.



C A R T A D E C I M A S E X T A .

S U M A R I O .

A Ponta-se o metodo de regular os estudos , em todas as escolas ; comefando da Gramatica , até à Teologia . Fazem-se algumas reflexoens particulares , sobre o modo de exercitar utilmente os rapazes , na Gramatica : em que se-reprovaam alguns esilos , introduzidos em Portugal . Modo util de exercitar os Medicos , e Cirurgioens . O mesmo sobre as Leis , Canones , e Teologia : onde se-aponta , como se-deve exercitar , os Confesores . Dá-se uma ideia , do-modo de instruir as Molheres ; e nam só nos-estudos , mas na economia , com utilidade da-Republica .



Eu amigo e senhor, A incumbencia que V. P. me-dá nesta sua carta , cuido que ja está de-zenpenhada , em todas as que lhe-tenho escrito : pois em cadauma dise , nam só como se-deve estudar ; mas quanto bastava para saber , de que modo se-deve regular o estudo , na escola . Contudoiso o favor que V. P. me-faz , de nam querer dar passo , sem a minha

diresam ; bem merece , que eu tome algum trabalho , para lhe-responder : e assim repetirei em breve , o que de pasagem dise , em varias cartas . E ponho de parte todos os cumprimentos , que V. P. me-faz ; que eu recebo , como provas manifestas da-sua amizade , e bondade ; sem genero algum de merecimento meu .

Direi pois a V. P. que os estudos para serem regulados , devem comesar desde o tempo , que os meninos comesam a ler , e escrever . Ponho por-agora de parte , a instrufam que lhe-devem dar , antes que comesem a ler . Ja se-sabe , que lhe-devem ensinar , os elementos da-Fé ; digo , as coizas mais principais : acostumálos a obedecer , e serem cortezes &c. E isto , mais com boa maneira , que com rigorozos castigos : o que certamente nam intendem muitos Pais , e Mestres . Porem o que V. P. quer saber é , a applicasam literaria ; daqual digo , que deve comesar ,

aos

aos sete anos . Ensinar a escrever aos rapazes , antes do-dito tempo , é perder o seu tempo ; como a experiencia me-tem mostrado . Na idade de sete anos , é que devem ensinar-lhe a escrever : nam se-cansando muito , em que faza bom carater : basta que nam seja mau , e que escreva facilmente , e corretamente : pois com o tempo , se-pode reformar a letra . Depois ensinar-lhe , as quatro primeiras operaçoens de Aritmetica , que sam necessarias , em todos os uzos da-vida . Nisto á grande descuido em Portugal : achando-se muita gente , nam digo infima , mas que veste camiza lavada , que nam sabe ler , nem escrever : outros que , suposto saibam alguma coiza , nam contejam : o que cauza sumo prejuizo , em todos os estados da-vida . Privam-se estes omens , do-maior divertimento , que pode ter um omem , quando está só ; que é , divertir-se com o seu livro . fazem-se escravos de todos os outros : pois para ajustar contas , conservar correspondencias , dependem dos-mais . Fóra de Portugal , vive-se de outra sorte . sam tam raros os plebeos , que nam saibam escrever , como aqui os que o-sabem . o muxila , o carniceiro , o sapateiro todos se-divertem , com os seus livros . Esta necessidade é tam clara , que todos a-experimentam : e assim nam podemos afaz condenar os Pais , que se-descuidam nesta materia . Devia tambem aver , em cada rua grande , ou ao menos bairro , uma escola do-Publico ; paraque todos os pobres pudessem mandar lá , os seus filhos : o que se-prática em varias partes . Achei-me em Cidades , onde avia escolas de mulheres , que ensinavam em cazas separadas , rapazes , e raparigas . Outras mulheres somente ensinavam , raparigas : e assistiam em cazas grandes , onde recebiam algumas donzelas onradas , e civis ; as quais seus Pais lhe-entregavam , para as-doutrinarem em todo o genero : e pagava cada uma quarrentamil reis cada ano , por-caza , e comedoria . Elas vinham às vezes vizitar os Pais , em companhia das-mestras : cadauma das-quais trazia quatro , ou cinco . Isto é pará os Pais , que nam podem por-si , ensinar os filhos : porque os que podem , nam tem desculpa , em nam fazelo .

Supondo pois , que os meninos sabem ja ler , e escrever , apontarei a V. P. o modo , de regular os estudos publicos , Dos-que se-fazem em cazas particulares , nam tenho que dizer ; pois devem conformar-se com os publicos , no-metodo : muito mais , porque tem mais tempo , para o-fazerem . Deve aver em todos os Colegios , e Universidades publicas , primeira escola , em que se-ensine , a lingua Portugueza . Nesta escola devem os

meninos, estudar a sua lingua, por-alguma Gramatica. O mestre mostrará, as oito partes da-orasam, na lingua Portugueza; que é a analogia das-vozes Portuguezas: o que se-reduz a mui poucas coizas, e somente a saber, os nomes daquelas vozes, que uzam os meninos; e reduzilos aos seus titulos. Depois; as principais regras de Sintaxe, ou uniam das-partes, e sua regencia: as miudezas, e anomalias devem-se reservar, para outro tempo; para nam carregar a memoria dos-rapazes, com tanta coiza. Mostrará tambem em um livro impresso, o exercicio das-regras: e os rapazes darão razam, das-partes todas da-orasam. Em terceiro lugar deve saber, a Orthografia da-sua lingua. E este estudo da-Gramatica Portugueza, se-deve fazer em trez mezes; os quais bastam para o que se quer: vistoque por-todo o ano da-Gramatica Latina, se-deve explicar a lingua Portugueza, meia ora cada dia; lendo algum capitulo, e explicando o mestre o que deve.

Feita esta preparasam, pode o estudante passar, à Gramatica Latina. Nam me-agrada aquela barafunda de escolas, que se-pratica em Portugal, sem sabermos por-que razam: porque as escolas de Gramatica, podem-se reduzir a quatro: em cadauma das-quais se-explique, uma parte da-Gramatica. Se os estudantes forem muitos, podem-se dobrar as clases, duas para cada parte da-Gramatica. Isto fazem em algumas Universidades, até nas Ciencias maiores: avendo diversas escolas, em que explican as mesmas materias, para dar lugar à quantidade dos-estudantes. Mas este cazo nam succederá facilmente, dispondo-se as clases, polo modo que dizemos: porque ensinando-lhe com facilidade, a Gramatica; estarão pouco tempo nas escolas, e darão lugar aos outros. Deverá pois o estudante, nos-nove mezes do-dito primeiro ano, ver as duas primeiras partes da-Gramatica Latina, que sam Analogia, e Sintaxe. Na Analogia sabendo o estudante, as declinaçoens dos-Nomes, e Verbos, tem vencido toda a difficuldade. A Sintaxe sendo como dizemos, reduz-se aos seis cazos do-Nome: e saber quando devemos uzar deles, e com que partes: o que nam é muito difficultozo. Se o mestre quizer imprimir bem estas coizas, na memoria dos-dicipulos; deve primeiro explicar-lhe, as regras todas: depois obrigarlos, a que escrevam as coizas, que apontar. v. g. Dando-lhe um Verbo da-primeira conjugasam, que escrevam todas as declinaçoens do-dito Verbo: o mesmo digo, dada uma regra de Sintaxe &c. O mestre pode dar um exemplo, apontando um periodo de Cicero:

cero : e dizer ao estudante , que escreva toda a regencia , do-dito periodo : despois , dará conta de tudo o que escreveo : e assim se-imprenirá na memoria .

Nam aprovo aquelle estylo , de mandar argumentar os rapazes , com grandes gritos ; caminhando paratraz , e para diante : e castigálos , se acazo nam advinham logo , o que o contrario lhe-progunta , com incrível velocidade . Com este estylo , ninguem pode saber bem , o que deve . E' necessario proguntar de vagar , e dar-lhe tempo paraque responda , e considera : pois se uma vez errar , na outra acertará . Nenhuma pessoa se-á-de servir do-Latim , com tanta velocidade : e nenhum omem , por quanto douto seja , se lhe-fizesem semelhantes proguntas , responderia , sem considerar e advertir , o que dizia . Os rapazes nam ám-de fazer milagres : quer-se com eles muita paciencia . O principal ponto do-mestre está , em explicar bem todas as regras , tanto da-sintaxe Regular , como Figurada : e pór exemplos sensíveis : servindo-se a miudo dos-exemplos , da-lingua Portugueza : pois fomite desta sorte é que se-intendem , e com muita facilidade , como sou testemunha de vista . Neste mesmo tempo deve-se continuar , o estudo da-lingua Portugueza , duas ou trez vezes cada semana : lendo em algum autor , alguns periodos : e explicando o sentido , e propriedade das-palavras ; e mandando aos estudantes , que o-expliquem por-turno , cadaum seu dia : no-que basta ocupar , meia ora . Nos-mais dias , na primeira meia ora de menhan , deve-se explicar Crónologia , e de tarde Geografia . Para isto devem estar na escola , duas cartas destas ; que só assim se-imprimem facilmente , na memoria . E terem os rapazes cuidado , de terem em caza alguma carta cronologica , e geografica , um mapamundo , e as quatro partes do-mundo . Estas noticias que se-dam aos rapazes , devem ser breves , e fomite as mais principais : pois com o tempo , aprendem-se as outras miudas , quando é necessario , para intender as istorias particulares . Onde , quando se-le alguma istoria particular v. g. Grega , ou Romana ; basta ter cuidado , de notar as epocas mais particulares : e quando se-incontra o nome de alguma cidade , ou rio &c. buscálo na carta : procurando ter , alguma carta particular , do-Imperio Grego , e Romano . Desta sorte aprende-se a Geografia , por-divertimento ; e a Crónologia , sem trabalho .

No-segundo ano deve estudar , as outras duas partes da-Grammatica , que sam Ortografia , e Quantidade das-silabas . Isto é mais facil : e pode-se fazer , nas primeiras oras da-lisam , tanto de

de menham, como de tarde. Depois devem traduzir Terencio, em Portuguez: e neste meio tempo os rapazes, repetem as regras de Gramatica, na explicafam que fazem, do-dito autor. Para o que deve o mestre, explicar poucas regras, mas estas bem servindo-se, como digo, do-metodo de explicar por-escrito, a dita lifam; e obrigálos a dar conta, doque escreveram. Neste tempo só se-procura explicar-lhe, o que é Latim puro: com o tempo se-explicará; o que é elegante, e ornado. Quando os rapazes escrevem a sua tradufam, deve o mestre emendar os erros, que cometem no-Portuguez: e no-mesmo tempo ensinar-lhe, que coiza é boa tradufam: no-que aprendem duas coizas ao mesmo tempo; e ambas com mais facilidade, doque dizendo-as de memoria. Com o tempo pode obrigálos, a traduzir alguma coiza, sem ser por-escrito: mas isto somente se-faz, quando tem bastante noticia: e entam é que tem lugar, explicar outros livros, como ja disse. Neste ano deve o mestre trez menhas cada semana, ou ainda mais, explicar um passo, ou dois da-Biblia: a qual por-este estilo se-pode acabar, no-dito ano: falo da-simplez istoria da-Biblia.

No-principio do-terceiro ano, pasará a outros autores, seguindo a ordem que apontei, nas minhas cartas: os quais se-devem traduzir, pola menhan. Quando os rapazes se-vam adiantando, devém fazer mais solidas reflexoens, de Gramatica. No-primeiro ano basta mostrar, o que é indispensavel: nos-outros, tem lugar explicar, as coizas particulares: nam digo com toda a extensam, que pode ser; mas dando aquela erudifam, que é necessaria a um rapaz. Se o mestre tem cuidado, de introduzir as noticias, quando sam necessarias; mandálas repetir aos rapazes; conseguirá o seu intento, sem trabalho algum: pois é incrível, quanto a voz do-mestre ajude os principiantes, e facilite a percesam. E estas mesmas dificuldades, se-podem explicar na Retorica, quando ocorrerem novas. Neste ano começa a compozifam todas as menhas, depois-da-tradufam: mas asuntos facis, cartas, comprimentos, algumas pequenas descriptoens; emfim materia breve. Este é o modo de saber bem Latim: porque o discurso familiar facilmente se-aprende, como ja disemos: e com o tempo podem-se aprender, outras coizas graves.

Tambem neste ano devem continuar, o estudo da-Istoria: nos-primeiros seis mezes, explicar as fabulas, e costumes das-naçoens Grega, e Romana, uma ora cada menhan: nos-ultimos seis mezes, explicar a istoria dos-antigos Imperios, e Republicas,

foza dos Romanos. Nisto da-Istoria deve o mestre proceder, com advertencia. Nam é facil, que os estudantes neste tempo, em que devem dar conta de outras coizas; se-apliquem inteiramente, a Istoria: nem o mestre deve ser tam rigorozo, que queira digam palavra por-palavra, o que ele lhe-explica. Mas se o mestre souber fazer, a sua obrigafam; pode adofar este estudo de-forte tal, que com pouco trabalho, se-tire grande utilidade. Basta que explique bem, um pafco de istoria dos-mais principis: e no-seguinte dia diga ao estudante, que explique a mesma istoria; polas palavras que melhor lhe-parecer: e proponha um premio, aos que no-fim da-semana, em que se-repitem as lifoens de Gramatica; repetirem tambem, as de Istoria. Isto obrigará os rapazes, a lerem a dita istoria, para lhe-tirarem a sustancia: e desta forte a-introduzirám na memoria: e sairám da-escola, com muitas noticias utis. Isto que digo aqui, é para compreender; todo o genero de estudos: porque quem nam quizefe, introduzire aqui a Istoria, podia rezervála para a Retorica, e Filozofia: no-qual tempo se-podia ir explicando. Mas as Antiguidades, e Fabulas, intendo que sam precizamente necessarias, nas Umanidades; para as-perceber bem: e é coiza que se-explica, com muita facilidade.

Da-Latinidade deve pafar o estudante, para a Retorica: o que se-deve fazer; no-quarto ano; no-qual se-pode aperfeifoar, na composifam, e intelligencia da-Latinidade. Se o mofo tiver estudado como dizemos; pode nos-trez anos ditos, ter mais noticia de Latim, doque muitos que se-ocupáram nele, anos bastantes: e pode por-si só intender, os outros livros, com o focorro do-feu Dicionario. Mas por-ifo aconselho que vá a Retorica, paraque saiba, nam só o que é falar, com palavras proprias; mas tambem, falar elegantemente. A Retorica ja se-sabe que deve ser, em Portuguez: e o estudante á-de primeiro compor, em Portuguez; e despois em Latim: como em seu lugar disse. Neste ano de Retorica, deve comefar a Gramatica Grega: pois sendo esta lingua tam necessaria, em todos os estudos; devem os estudantes sair das-escolas, com alguma noticia dela: e este ano é proprio para isto, vistoque os estudantes tem ja, conhecimento da-Latinidade, e sua Gramatica; que facilita o estudo da-Grega. Cada menhan a primeira meia ora, emprega-se em ler, e explicar, um bocado de Istoria. Despois, explica-se o Grego: primeiro as declinafoens de Nomes, e Verbos, (que é to-

é toda a difficuldade da-lingua) com as suas formaçoens . Se os dicipulos forem diligentes , e os mestres souberem explicar bem ; para isto bastam dois , ou trez mezes . Dali para diante explicará cada dia , quatro , ou cinco regras de algum autor facil : porque isto é o que importa no-Grego : compozifam nam é necessaria , nesta era . No-mesmo tempo que se-explica ; aprende-se , a Gramatica Grega . Para um rapaz , nada mais é necessario : poisque se ele intender cada dia , somente trez regras de Grego ; no-cabo do-ano saberá bastante : e se nam deixar este exercicio , polo espazo de trez , ou quatro anos ; conseguirá bastante erudifam , do-Grego .

Um amigo meu omem mui douto , que dirigia certo collegio de mosos nobres ; praticava o contrario , do-que aqui insinuo . No-mesmo tempo , que os meninos declinavam os Nomes , e Verbos Latinos ; lhe-mandava declinar os Gregos : e continuava este exercicio , nos-dois anos da-Gramatica Latina . Despois , explicava o Grego , como dizemos , em lugar da-Istoria . E confesou-me , que a experiencia lhe mostrára , que desta sorte os rapazes aprendiam o Grego , sem trabalho algum . Sei tambem , que em outros Seminarios , se-pratica o mesmo . E assim quem quize se deixar a Istoria , para outro tempo , v. g. para o ano da-Retorica ; podia no-dito tempo , ensinar o Grego : visto que a experiencia mostra , que se-poupa trabalho . Polo menos , no-terceiro ano ensinar as declinaçoens , e conjugaçoens bem ; e no-ano de Retorica , explicar os autores . Desta maneira teram os rapazes mais tempo , de a-estudar ; e com menos trabalho . Mas o modo que eu aponto , tem tambem algumas utilidades : e assim cadaum escolherá , o que lhe-parecer .

Despois disto segue-se a Retorica : da-qual o mestre explicará brevemente , as partes todas , e as diferentes sortes de estilos . Logo mandará compor alguma coiza , em Portuguez : começando por-afumtos breves , nos-trez generos de Eloquencia . Começará primeiro , polas cartas Portuguezas : dando somente aos rapazes , o argumento delas : e emendando-lhe ao despois , os defeitos que pode fazer , contra a sua propria lingua , e contra a Gramatica . E por-esta razam é superfluo neste ano , ler mais autores Portuguezes ; porque esta começifam é o melhor estudo , que se-pode fazer , da-lingua Portugueza . Despois , pasará ao estilo istorico : e tirará algum argumento da-mesma istoria , que se-explica pola menhan ; paraque os estudantes a-dilatem , escrevendo o dito cazo mui circunstanciado ; e variando isto , se-

gundo o arbitrio do-mestre : ou tambem a descrevam de um lugar , e de uma pessoa , ou coiza semelhante . Em terceiro lugar segue-se , dar-lhe algum argumento declamatorio , mas breve : Para facilitar isto , o melhor meio é este . Quando o mestre propoem algum argumento , que se-deve provar ; prozuntará ao rapaz , que razoens ele dá , sobre aquelle ponto . oufa as que ele dá , e ajude-o a produzilas : pois desta sorte acostuma-se a responder de repente , e escrever com facilidade . Quando o estudante tiver bastante noticia , dos-trez generos de Eloquencia ; em tal cazo pode empregar-se , em compor Latim : e isto pelo mesmo metodo , que o-fez em Vulgar . Nesta composizam Latina , nam terá dificuldade alguma , visto ter vencido todas , na composizam Portugueza : somente lhe-faltarám as palavras Latinas , e frases particulares da-lingua : ao que deve acudir e suprir o mestre , emendando-as , ou sugerindo-as . Encomende tambem aos rapazes , que leiam muito as orasoens de Cicero : nam digo as Verrinas , que sam enfadonhas , e só se-podem ler saltiadas ; mas as outras mais facis , e breves . Mas para conseguir profunda noticia desta lingua , ajudam muito os assumtos familiares , e breves : dos-quais com facilidade se-pasa , para os outros . E esta classe é necessario que frequentem , todos os que estudam Latinidade ; porque sem ela , nenhum pode intender , e escrever bem Latim : e com ela , pode saber muita coiza util , para todos os exercicios da-vida , e principalmente , para toda a sorte de estudos .

Ja disse , que nam devemos obrigar os rapazes , a irem à escola de Poetica ; que deve ser separada das-outras : mas se o estudante quizer estudála , pode ir neste ano de Retorica , de tarde : ou se for tam rapaz , que posa e queira perder nela outro ano , pode ir no-seguinte : e entam pode confirmar novamente , tudo o que estudou na Retorica . Aqui pois deve aprender primeiro , que coiza é Poetica : despois , que coiza é verso Portuguez , e Latino . Esta erudisam devem ter todos ; ainda os que nam querem ser Poetas ; e se-deve dar nas tardes de Retorica , aos rapazes . Querendo o moço compor , deve seguir o metodo , que em outra disemos : e deve tambem compor alguma coiza , em proza Latina , para se-exercitar . Neste ano pode o mestre explicar ao dicipulo , a istoria Romana da-Republica : e se o estudante nam quizer , ir à escola da-Poetica ; toda a istoria Romana tanto da-Republica , como dos-Imperadores , até a ruina do-Imperio no-Occidente ; se-pode explicar , nos-trez anos de

Filozofia ; empregando nisto , meia ora cada menhan : o que se-faz sem trabalho algum . Este é o metodo .

Tenho porem algumas coizas que advertir , neste particular . A primeira é , que nam se-devem admitir na mesma escola estudantes , que se-apliquem a diversas coizas ; porque produz grande confuzam . E' necessario que todos os mosos , estudem a mesma coiza ; e nam se-admitam na mesma escola , uns mais adiantados que outros : pois desta forte ouvirám todos , e intenderám , o que o mestre explica . Tenho conhecido , que os decurioens sam a cauza , de que nam se-aprenda bem . Eles sabem pouco mais , que os soldados simpleses ; e assim nam podem ensinar bem , aos outros : Sei que os mestres os-admitem , para nam se-canfarem : mas podiam buscar outros meios . Quando se-ensina a analogia das-vozes , declinaçoens de Nomes , e Verbos ; é necessario que o mestre tenha paciencia : vistoque esta é a maior difficuldade , da-lingua Latina ; e que quazi nada mais pede , que memoria . O que podem fazer nas Universidades , e publicos estudos é , dividir estes principiantes em duas escolas ; paraque tendo cada mestre menos , pudese dar melhor conta deles . E dentro da-mesma escola podia o mestre dividilos , em decurias : e em cadauma delas mandar , que um despois do-outro fosse dizendo a lisam : e prometer algum premio , aos outros nove que assistem , se acazo lhe-desem , algum quiza . Neste meio tempo o mestre , pascia pola escola , e chega-se umas vezes a um circulo , e outras a outro : e assim facilmente reconhece o estado , das-diferentes classes da-escola . Ou ter tambem algum subalerno , que intendese Latim ; o qual cuidase na metade da-escola , e o mestre na outra metade . Alem diso , sendo os dicipulos obrigados , a trazerem de caza escrita a lisam ; facilmente se-conhece , se a-sabem , ou nam . Nas escolas maiores , em que se-explica o Latim , nam pode aver decurioens : é necessario que o mestre , explique as coizas bem : o que nam sabem fazer , os decurioens . As lissoens conhecem-se , polo que elles trazem escrito : e o mestre pode proguntar a lisam , a quem lhe-parecer . Mas como nas escolas sempre á algum , que tem mais capacidade que os outros ; este basta para vigiar , o que fazem os mais : principalmente animando-o com alguma recompensa , das-costumadas onras da-escola &c. Cuida o mestre , em explicar bem o que deve ; e proguntar de repente , a algum dos-estudantes mais capazes , se o-intende ; e mandar-lhe , que o-explique aos outros : que com isto é que se-sabem as lissoens ; e nam com mandálas repetir de memoria .

Tambem seria necessario, introduzir nestes estudos, as concluzoens de Gramatica, Retorica, e Poetica: cujos exercicios aproveitam infinitamente, à Mocidade. Em Portugal é totalmente incognito, este exercicio: e ja achei mestre, que se-rio muito, quando lhe-falei nesta materia: de que eu conclui, que o dito ignorava o seu officio. Senam diga-me V. P. estamos ouvindo todos os dias, concluzoens publicas e semipublicas, sobre se a Logica tem por-objeto, os atos do-intendimento, ou as coizas: se se-dá universal a parte rei: se as especies imprefas sam final formal *in actu primo*: se a Materia apetece umas Formas mais, que outras: e semelhantes questoes, que nada servem neste mundo: E nam se-farám em Gramatica, e Retorica, que servem para entender a Latinidade, e Eloquencia; e tem uzo em todas as ciencias, a que um omem se-aplica? Mas o certo é, que nam á melhor exercicio que este. Nestas concluzoens pode-se argumentar tam bem, como na Filozofia. Acham-se difficuldades de Gramatica, que sam controversas entre os autores: e é bom saber, qual é a opiniam, que se-deve preferir. Acham-se pasos de autores antigos, que nam se-intendem, sem grande estudo: e é coiza util ouvir, como se-devem entender.

Quando destas concluzoens nam se-tiráse senam o gosto, de ouvir um rapaz, responder a qualquer difficuldade de Gramatica, que lhe-propoem, sobre algum texto que se-alega: ouvi-lo explicar, qualquer paso de Tito Livio, ou Virgilio: apontar e declarar a fabula: explicar a antiguidade: referir a historia do-dito paso: dilucidar a Geografia, quando incontra alguma cidade, ou rio, ou monte &c. Ou tambem explicar o artificio retorico, de um paso de Ciceró, ou Demostenes: dar razam da-Figura: fazer algumas reflexoens eticas, ou politicas sobre o paso que le &c. Seguro a V. P. que isto bastava, para que um omem de juizo, e doutrina, ficáse encantado um dia inteiro. Apostarei eu, que nam acha V. P. um destes mestres de Gramatica, que saiba fazer outro tanto. E na verdade isto, que nam parece nada, pede um estudo fundadissimo; o que pouquissimos tem. Ao menos ouvindo isto, apendo alguma coiza: Polo contrario ouvindo discorrer, dos-apetites da-Materia, nada aprendo; pois sam palavras sem significado. E daqui mesmo rezulta a utilidade, de quem defende: pois fica um moço bem fundado, naquella materia; e pode servir aos seus companheiros, e à Republica; que tem utilidade, que aja omens insignes, em todas as facultades.

Assimque pode o mestre escolher alguns estudantes, que tem
mais

mais talento , e ter particular cuidado de os-instruir , em todas as coizas que deve : paraque posam fazer concluzoens de Gramatica , e tambem de Retorica &c. Exercitálos algumas vezes na escola , paraque os outros vejam tambem , como devem fazer em publico : e defender algumas concluzoens de Gramatica , outras de Retorica , outras de tudo : em que entre Istoria &c. porque assim se-acostumam a falar com grafa , e dezembarafo ; e apparecer em publico com confiansa . Mas é necessario , que os arguentes se-lembrem , que argumentam a rapazes , e nam a omens consumados . Esta advertencia é muito necessaria em Portugal : porque os que aqui argumentam , nam vam com o fim , de declarar a verdade ; mas de embulhar o defendente . Seguro a V.P. que fiquei às vezes escandalizado , do-mao modo ; e pouca modestia que observei , em alguns arguentes ; ainda em materias bem graves . Uns gritavam que pareciam endemoninhados : como se o argumento tivesse maior forza ; por-ser dito com gritaria ! outros esgrimiam com os brasos : e alguns diziam palavras offensivas . Deve-se evitar isto , em toda a sorte de argumentos : especialmente quando se-fala , com criansas . Onde no-nosso caso devem propor as suas dificuldades , na materia afinada ; em Portuguez breve , e claro : e contentem-se quando o estudante , sofrivelmente responde ao caso : lembrando-se , que estas concluzoens fazem-se para os-ajudar e instruir , e nam para os-atarantar . E assim cadaum dos-arguentes deve considerar-se , como se fosse mestre da-quele defendente ; suministrando-lhe alguma vez a resposta : louvando-o quando acerta com ela : e procurando fazelo brilhar no-que pode : porque deve persuadir-se , que nestas materias á tanto que estudar , que muitos grandes Filologos , pasáram toda a sua vida estudando somente isto : dos-quais , estes mestres de Gramatica nam seriam capazes , de serem amanuenses .

Condenam os omens de juizo , certos exercicios publicos , que aqui se-praticam , de Tragedias , Proclamaçoens &c. porque o mestre e dicipulos sam obrigados , a perderem muito tempo , com uma coiza inutil ; que impede os estudos principais : E eu acrecento , que sam indignos , de todo o omem ingenuo . Quem á-de apparecer no-teatro , vestido comicamente para agradar ao publico ; chamem-lhe como quizerem , é um verdadeiro comediante : cujo emprego desprezado , em todos os seculos do-mundo , é indigno de pessoas bem criadas : alem de outras reflexoens , que se-podiam fazer . Tambem é para notar , que estas representaçoens pola maior parte , sam Latinas : e é coiza digna de rizo , que , sendo

do esta lingua morta , introduzam neste tempo , representações Latinas . Ainda os mesmos que intendem Latim , nam querem ouvir representar em Latim . Tem mais graça , ler uma comedia de Terencio , ou tragedia de Euripides , e Sofocles ; doque estas modernas , que sabe Deus como sam feitas : pois ainda as que temos de omens grandes , dos-dois seculos pasados ; nam chegam à galantaria das-antigas . Em uma palavra , o Latim nam tem oje graça no-teatro : porque sendo morta a pronuncia , nam comprehendamos a harmonia , do-verso Latino .

Louvo aquele exercicio , que os doutos Jezuitas praticam cada ano , de proporem os premios , aos que compoem n'um dia determinado , algum poema , ou orasam Latina . Quizera porem , que nam se-admetisem ao concurso , senam os que sam bem fundados , e eruditos nas Umanidades : que se-instruissem melhor , os que se-prepáram para este certame : e se-servissem menos , daquelles livros de romendos , de que copeiam fielmente , tota a noticia ; sem chegarem a perceber , que coiza é a delicadeza da-Poezia , ou próza Latina . Vi alguns , que conseguiram os premios , em uma e outra coiza ; e proguntados eles teltemunhas , nam sabiam responder sobre o merecimento , do-que tinham composto . Os que fazem isto , ficam toda a sua vida , com a desmedida prezunsam de Poetas , e Oradores ; e por consequencia , ignorantes . Também serião de grande utilidade , que os rapazes disefsem alguma orasam em publico , em alguns dias de festa ; para os-acostumar cedo , a nam terem vergonha do-auditorio . Para isto deviam os mestres , instruilos com cuidado particularmente , antes de salarem em publico .

Tambem se-deve advertir aos mestres , que tenham mais empenho , em serem amados e respeitados dos-dicipulos , doque temidos polo castigo . Nam é pequeno abuzo neste paiz , castigar os rapazes , quando nam sabem logo a lisam ; sem distinguir , se provem de ignorancia , ou de malicia . Estes rigorozos castigos pola maior parte produzem , tal averfam aos estudos ; que nam se-pode vencer , em todo o discurso da-vida . Falar a alguns destes no-estudo , é falar-lhe na morte . Provem isto primeiramente , da-feia carranca com que pintam os estudos : mandando-lhe estudar , uma quantidade de coizas , sem saberem que serventia tem : e dando-lhe muita pancada , se as-nam-repetem bem . Isto é uma crueldade , como ja apontei a V. P. em outra carta . O mestre deve explicar bem as materias , e facilitar os estudos : deve alem diso obrigar os estudantes , com maneiras agradaveis , e in-

e insinuar-se no-seu animo . Nam á coiza que nam fasa um omem, se lhe-sabem inspirar , a paixam propria . Muitos obram , polo interese do-premio : outros , pola gloria da-doutrina ; e por-um louvor dado em publico . Estas sam as armas , de que deve servir-se o mestre : deve procurar de ser amado , e no-mesmo tempo respeitado . O estudante que nam é sensível à dezonra , de se-ver repreendido publicamente , e outras coizas destas ; nam o-se-rá às palmatoadas . Alem diso se o estudante é muito rude , as palmatoadas nam lhe-dam juizo : se o-nam-é , á outro modo de o-regular . Confeso a V.P. que com grande gosto , e admirasam minha vi muitas vezes , mosos bem dezinquietos , mudarem de vida , tomados com boa maneira ; e samente com conversarem com alguma pefoa , que insensivelmente lhe-inspirava , pensamentos eroicos . Em uma palavra , o castigo deve ser a ultima coiza , e bem raras vezes : e deve o mestre intender , que o procurar todas as outras vias , nam é samente obrigasam leve , mas grave . Para isto é que os Pais lhe-entregam os Filhos , e para isto é que a Providencia o-destinou àquele emprego ; paraque busque os meios proprios de conduzir os meninos , ao fim de serem bons , e estudarem bem .

Neste particular , ainda á outra coiza que advertir , e vem a ser : que nestas escolas , principalmente de Latinidade , e Reticora , e Poetica , nam devem ensinar mestres mosos , que saiem das-escolas ; mas omens feitos . Um rapaz sabe pouco ; e assim nam pode ensinar nem muito , nem bem : alem diso nam tem toda a prudencia necesaria , nem tanta experiencia-do-mundo ; que saiba regular os animos , de tantas criaturas . Especialmente se-deve procurar um omem , que nam seja colerico : porque com colera , ninguem ensina bem : mas algum omem prudente , e de muita pa-xorra . Em Portugal os mestres adiantados , nam querem aplicar-se a estes estudos , a que chamam baixos : e mandam para eles , os rapazes . Isto é conhecer muito mal , que coiza sam Umidades . A Eloquencia , e Latinidade é tam nobre , como a Filozofia &c. e em outros paizes empregam-se nestes estudos , omens grandes : e nam de pasagem ; mas toda a sua vida . E por-isto á omens grandes , o que aqui raras vezes se-acha : e incontram-se também muitissimos dicipulos erudicissimos , em todo o genero de letras , umanas : o que V.P. de nenhuma sorte achará , neste Reino : pois os que sabem alguma coiza , sabem pouco ; e ese pouco aprenderam-no em sua caza , e com grande trabalho : o que nasce , de que nas escolas ensinam mal . Onde parece-me que seria

grande utilidade da-Republica ; que estas escolas ao menos de Retorica , e Poetica , se-defem a omens consumados ; e que estivesem nelas anos .

Falando agora do-numero das-Cadeiras , digo , que alem dos-quatro mestres , das-quatro partes da-Gramatica ; e do-mestre da-Latinidade , da-Retorica , e Poetica ; deve aver nas Universidades publicas , mestres de linguas Orientais , em escola separada : a saber , Grego , Ebreo , Caldeo , Siriaco , e Arabio : os quais todos podiam ensinar , na mesma escola : dois de menhan , e trez de tarde , cadaum sua ora . Na terceira ora de menhan , outro leitor devia explicar Retorica , magistralmente : quero dizer , um ano explicar , Cicero de *Inventione* : outro , de *Oratore ad Fratrem , ad Brutum , Topica , de Oratoriis Partitionibus* &c. outro ano explicar Longino , de *Sublimi* : despois Demetrio Falereo : alguns livros de Quintiliano &c. Assim se-faz em algumas Universidades . Porque aindaque nos-Colegios se-ensine Retorica , no-quarto ano ; aquella escola é para os rapazes , aos quais só se-podem explicar , as coizas mais gerais : mas nam se-explicam os autores antigos : o que porem se-deve fazer , na Cadeira de Retorica das-Universidades . Mas este de Retorica , bastava que explicasse 3. dias na semana : nos-outros dois dias podia outro mestre na mesma ora , explicar os principios da-Poezia ; digo , a Poetica de Aristoteles . Tambem o leitor de Grego da-Universidade , nam só deve explicar , os rudimentos da-Gramatica ; mas na segunda meia ora explicar cada ano algum autor , v. g. Demostenes , ou Isocrates : alguns epigramas melhores da-Anthologia &c. O mesmo digo do leitor de Ebraico , o qual é justo que explique , ou algum livro da-Escritura ; ou ainda melhor , algum tratado dos-Rabinos , que seja breve , e facil : v. g. *Maimonides* &c. O de Caldeo devia explicar , Daniel &c. e a maneira de escrever dos-Rabinos : &c. os mais leitores podiam explicar os melhores autores , da-materia que tratam . Isto digo das-Universidades , em que as coizas se-tratam com dignidade . Nos-outros estudos como Colegios &c. o mesmo mestre que ensina Latim , deve ensinar o Grego : e nam o-sabendo , buscar outro capaz : porque sem noticia do-Grego , nam devem sair das-Umanidades .

Despois da-Retorica , segue-se a Filozofia ; que se-deve explicar em quatro escolas . Falo das-Universidades publicas , em que comumente se-faz esta divizam ; para dar lugar , a mais cursos de Filozofia . No-primeiro ano estuda-se a Logica : com esta advertencia porem , que na primeira ora de menhan Aritmetica ;

e acabada ella, nos-mezes seguintes Algebra: o restante da-menhan, Logica. De tarde a primeira ora, Geometria &c. o mais tempo, Logica. A qual sendo polo estylo que aponte, como-difisimamente se-aprende, no-dito ano. Se a Algebra nam se-acaba neste ano, continua-se no-seguinte de Fizica: porque um destes estudos nam impede o outro. Nam digo que o estudante deva faber Algebra, perfeitamente; o que pediria quando menos, dois anos inteiros; mas o que basta para intender, as demonstraçoens de Fizica: pois, como ja lhe-dife, aos que nam tem alguma noticia de Geometria, e Aritmetica; parece, a Fizica, mysterio occultissimo. No-segundo, e terceiro ano deve-se estudar a Fizica, que trata da-natureza do-Corpo, e do-Espirito: lendo dois ou trez dias na semana, alguma coiza da-istoria das-experiencias, que se-tem feito, na-materia que se-explica: as principais das-quais deve o mestre explicar ao estudante, nos-ditos dias; uma ora cada tarde: se acazo nam ouvèse mestre separado, para estas coizas. Sei, que isto podia compendiar-se mais, como dife a V. P. em outra carta: e nos-fins do-terceiro ano, dar-lhe alguma ideia da-Etica: Mas eu quero dar-lhe todo o tempo necessario: e por-isto emprego nestas Filozofias os trez anos; e rezervo a Etica para o quarto: a qual sendo bem-explicada, ajudará muito para a intelligencia da-Lei, e Teologia; e poupará nela muita repetisam superflua. Mas ponhamos que dizem, que os rapazes nam podem estudar tanto, no-primeiro ano &c. Neste cazo podem ao-menos, no-primeiro ano de Logica, explicar-lhe pola menhan em um mez, toda a Aritmetica: o que facilmente se-faz. Dèspois, na dita primeira ora de menhan, e de tarde, explicar os Elementos de Euclides; que no-dito tempo facilmente se-concluem. As seçoens Conicas, Problemas de Archimedes &c. como tambem a Algebra, podem-se explicar na primeira ora, nos-dois anos de Fizica. E desta forte se-ajusta tudo. Quero que os rapazes entrem na Fizica, ao menos com os Elementos de Euclides, e Aritmetica; porque sem isto, nam é possivel intendela: fique o quarto ano, para a Etica. Fóra das-Universidades, em que a Filozofia se-compreende em trez anos; é necessario explicar a Fizica, em ano e meio; seguindo ou o segundo, ou o primeiro metodo que apontamos: e na ultima metade do-terceiro ano, dar alguma ideia da-Etica: porque esta é a Logica, das-Faculdades maiores.

Desta forte podem-se repartir as Cadeiras de Filozofia, por-quatro; que ensinam em quatro escolas diferentes. Parece-me porem

que em uma Universidade, ou qualquer estudo publico, v. g. o collegio de S. Antam; devem acrescentar, quinto leitor de Filozofia Experimental: cujo emprego seja fomite, fazer as experiencias, e explicálas: e que em duas tardes da-semana o-faza, em uma das-ditas; ou, avendo comodidade, em escola separada. Nesta escola deviam aver armarios separados, com todos os instrumentos de Filozofia, que se-inventáram para confirmar os raciocinios, de Fizica moderna. Estes fazem-se em Amsterdam, Londres, e outras partes do-Norte: e ultimamente em Pariz o Abade *Nolet* os-fazia, com muita perfeisam, e barateza: desorteque com seiscentos mil reis, se-podiam comprar todos. O que posto, duas tardes na semana, v. g. quintas, e sabados os estudantes da-Fizica, quero dizer, do-segundo, e terceiro ano; nam deviam ter escolas de Filozofia, mas fomite ir às experiencias; as quais o mestre devia fazer, nas materias que fose tratando: e fazêlas bem patentes aos estudantes, explicando-lhe matematicamente, a razam de todos os fenomenos: porque isto nam custa trabalho, e imprime desorte a Filozofia na cabeça, que nam é facil esquecerla. Nem á melhor modo de persuadir, que esta: porque as experiencias sam constantes: e os Peritaticos nam tem que responder àquilo, senam estarem calados. No-cazo que algum estudante nam intendese, a razam da-experiencia; podia propor ao mestre, as suas duvidas; e este explicar-lhas desorte, que o-intendefem todos. Para este efeito necessitava-se de um mestre, que fose bem pratico das-machinas: que as-soubese manejar, e servir-se delas com ligeireza: porque vi alguns, que por-nam saberem uzar bem delas, quebráram algumas. Advirto isto, porque nem todos os mestres, sam capazes destas coizas: mas se o mestre tiver estudado como deve ser; o mesmo mestre de Filozofia, pode fazer as experiencias, nos-ditos dias; como vi praticar, em varias partes de Italia. Para este efeito deve ter uma casa separada, ou armarios grandes na mesma escola; em que estejam conservados os instrumentos, com todos os petrechos necessarios. Em algumas Universidades de Italia, o leitor de Filozofia experimental, nam só é diverso dos-outros; mas o mais estimado: e tem de ordenado, dois contos de reis desta moeda. Nam-e obrigado a dar mais lisoens, que nove ou dez cada ano: o que faz com grandissimo concurso. Mas dá particularmente lissam aos que querem, em dias determinados.

Porem tornando ao noso cazo; digo, que o leitor de experiencias, deve seguir este metodo. Explicar primeiro as coizas

gerais: depois as particulares. Começar pelas experiencias que mostram, a incompreensivel divizibilidade da-materia: mostrando tambem com o microscopio, pequenissimos viventes, em toda a parte: os poros dos-corpos &c. Logo as propriedades do-movimento, compresam, e virtude elastica. As leis gerais do-movimento, consideradas tanto nos-corpos solidos, como nos-fluidos. As leis do-pezo dos-corpos tanto solidos, como fluidos. O equilibrio dos-corpos. O pezo, e equilibrio dos-solidos, comparado com o dos-fluidos. As leis dos-movimentos compostos de diferentes diresoens, tanto nos-solidos, como nos-fluidos. Os principios da-Mecanica, e applicasam das-machinas simples, às compostas. Destas coizas gerais, pasar às particulares. Provar o pezo, virtude elastica, e outras propriedades do-Ar. Propriedades da-Agua considerada em dois estados, de solida, e fluida. Propriedades do-Fogo, e da-Luz, considerada em quanto ao seu movimento. Propriedades da-Luz, considerada a respeito das-Cores. Movimentos dos-Planetas, e suas distancias da-Terra. Explicar as leis dos-corpos Electricos: as propriedades do-Iman, e dos-Metais. Estes sam os fundamentos da-Fizica; e que se-provavam com experiencias constantes: para as quais sam necessarias, muitissimas machinas. E este simplez curso de Filozofia mecanica, bastava para abrir os olhos, a todo o mundo; e dezinganáo, que a Fizica nam sam discursos aereos, sobre os appetites da-Materia &c. mas sam raciocinios fundados, em experiencias incontrovertidas; e regulados polos principios da-Matematica, que tambem sam incontrovertidos. Seguro a V. P. que se acazo introduzisem este estilo; a Fizica seria um divertimento, para os rapazes: e ao menos, saberiam alguma coiza certa.

Passando daqui aos mestres de Filozofia, nam sei se é melhor, que ensinam alguns anos na mesma escola, ao menos quatro ou cinco anos cadaum, a mesma faculdade: v. g. um por-este tempo Logica, outro Fizica &c. ou se deve o mesmo mestre, mudar-se todos os anos, e ir com os mesmos dicipulos por-todas as escolas. Nisto á varias opinioens. Muitos omens doutos asentam, que era melhor o primeiro arbitrio: porque nestes anos de estudo, os mestres aquiltariam grande doutrina, e saberiam ensinar melhor: nam de outra forte que praticam aqui, os doutos Jezuitas, com os mestres de Matematica. Sendo certo, que um rapaz que entra nas escolas; nam tem todo o conhecimento que é necessario, para ser mestre, e saber ensinar. Mas isto poderia praticar-se, nas Universidades; em que os mestres vem
de

de sua caza, ensinar às escolas. E com effeito em outros paizes; os mestres nunca se-mudam, senam por-morte dos-antecessores, ou se sobem a outras cadeiras: e algumas vezes, nem menos nestes cazos. Mas certamente nam é praticavel nos-Colegios, em que os Religiosos ensinam: porque todos querem ser mestres, sem repararem se sam, ou nam capazes diso.

Alem destas escolas, deve aver uma escola de Matematica, na qual nam só se-explique Geometria; mas todas as partes da-Matematica: paraque aqueles que nam sam Filozofos, e querem saber alguma coiza dela, o-posam conseguir. Este mestre deve cada ano explicar, sua materia: v. g. Trigonometria, Astronomia, Nautica, Gnomonica, Architettura Militar, Mecanica, &c. desorteque em certo numero de anos complete, todo o curso de Matematica. Em outras partes estas materias estam divididas, por-varios leitores; que no-mesmo tempo, mas em diferentes escolas, explicam diferentes partes. Onde nam só um leitor explica Euclides, &c. mas á outro leitor de Astronomia, e Nautica; de Mecanica; de Architettura Militar, e Civil: e em alguma Universidade, até á mestre de Pintura, e Escultura. E na verdade isto nam só é mais decorozo e grandiozo, mas sem comparasam mais util; para os que querem, despois de Euclides, estudar uma materia determinada. Mas isto para estes paizes, seria uma novidade estravagante. E eu me-contentaria, se ouvese ao menos um leitor de Matematica, que explicasse em determinados anos, estas ciencias: porque o mestre de Filozofia nem pode, nem deve saber tudo isto. Nas Universidades porem deviam acrescentar, outros leitores. Ainda supondo, que o Colegio das-Artes, seja membro desta Universidade; contudo sempre na Universidade deviam ter, outros leitores fixos: Um, que explicasse Logica, e Metafizica: outro, Fizica geral: o terceiro, Experimental: o quarto, Etica. Alem diso um leitor de Matematica, outro de Astronomia e Nautica, e finalmente outro de Architettura Civil, e Militar. Em outras partes nam obstanteque aja Colegios, semelhantes a esse das-Artes, sempre a Universidade tem estes leitores: aos quais todos os anos asinam, as mais utis materias; e a explicasam de alguns autores antigos, que as-trataram. Damesma sorte que asina disemos, que o leitor de Retorica da-Universidade, nam deve explicar aquelas miudezas, que se-ensinam aos rapazes, nos-Colegios de criasam; mas coizas maiores: asim tambem os mais leitores; porque iso quer dizer Universidade, que supoem, nam rapazes totalmente

novifos, mas mofos, e omens desbastados. Onde o leitor de Logica, nam só explica as Instituiçoens Logicas, mas tambem lhe mandarám explicar, um tratado de Platam, ou Epicuro na sua Logica &c. O mefmo digo da-Fizica, e Etica; o qual ultimo explica tambem, algum tratado de Aristoteles, v. g. *ad Nicomachum* &c. O leitor de Astronomia, nam só explica as Instituiçoens desta ciencia, mas tambem a *Spharica Theodosii Tripolitæ, scholiis Astronomicis illustrata*; ou outra semelhante. O de Mathematica, alem do-curfo corrente, explicará as sefoens Conicas, de *Apollonio Pergeo*, ou outro antigo. Isto verdadeiramente é util, paraque qualquer pofa intender, os antigos autores: e é digno de uma Universidade grande, como efa sua. E como nas Universidades comumente se-ensina, trez oras de menhan, e trez de tarde; á tempo para todos explicarem. Pode-se explicar a Logica, Fizica, e Etica, de menhan: de tarde, Mathematica, Astronomia, Architettura Civil e Militar, tudo na mefma escola. O leitor de Fizica experimental, nam podendo explicar nõdo tempo, deve ter a sua ora na quinta feira, v. g. outra nõdomingo pola menhan: como vi praticar aos leitores de Istoria &c. em alguma Universidade de Italia: que explicavam nõdomingo, e ferias. E na verdade querendo um curiozo ir ouvir, alguma explicafam da-Istoria, ou das-Ciencias; porque nam averá um leitor, que as-explique? Nem todos podem, ou nem todos querem, fazer um curso inteiro de estudos: e por-ifo é jufto, que aja leitores, que expliquem diferentes materias.

Mas neste lugar nam pofso deixar de dizer a V.P. que me escandalizei muito, de ver o modo com que estes estudantes recebem, os que alguma vez querem ouvir, os leitores. Uma pefoa que nam é do-gremio da-Universidade, nam pode intrar neja; e nem menos um estudante de uma escola, pode intrar em outra. Quando aparece um secular, fazem-lhe mil insolencias: comemam a raspar os pés, afobiar, e às vezes a maltratálo com as maons, tirar-lhe a cabeleira, e outras afoens indignas. Os mefmos Religiozos, quando querem ir affistir a algum ato; nam vam seguros destas rapaziadas. Isto porem é a coiza mais indigna, que se-pode considerar: e admiro-me muito que os Reformadores, nam castiguem e reformem, eftas temeridades. A Universidade, e qualquer estudo publico, deve ter a porta aberta, para quem quer ir ouvir os leitores: nam é necesario, que feja do-gremio; basta que feja uma pefoa limpa. Que os matriculados, e outros que gozam os privilegios, tenham suas leis; muito bem: os outros de-

devent ir vestidos como quizerem, e quando quizerem. Em outros Reinos os estudos publicos estam abertos, para quem quen ir ouvir: ou sejam Religiozos, ou Seculares &c. E eu vi alguns Ministros, e Inviados &c. de Monarcas, e Bispos, irem asistir as lisoens das-experiencias fizicas, quando lhe-parecia; e tambem à Medicina, e Teologia. Em Padua, vam até os mesmos Cavalheiros, e Senadores Venezianos ouvir quando lhe-parece, alguns leitores de Teologia, ou qualquer outro que lhe-parece, e tenha fama: os quais leitores nam fazem lisoens comuas; mas cada lisam é uma orasam, e disertasam: e eu ainda despois de Religiozo, nunca deixei de ir algumas vezes ouvilos, quando me-achei em partes, onde avia estudos publicos. Os leitores, é estudantes eram os primeiros, que recebiam com boa maneira, os Ospedes: e nunca se-dise nada a ninguem. Este modo de receber, e esta asabilidade, e cortezia, alem de ser virtude moral, mui louvavel em todos; é obrigasam nas peaos bem educadas: que se-devem distinguir da-plebe, com estas virtudes. E isto agrada desorte aos Estrangeiros, e Ospedes, que saiem dali dizendo bem: quando polo contrario, do-modo comque os estudantes Portuguezes os-recebem, por-fora ám-de dizer muito mal. Creia V. P. que neste particular, é necesario reformar muitas coizas: porque os danos que daqui rezultam, sam maiores doque talvez nam intendem, os que disarfasam a emenda.

As concluzoens devem-se fazer no-fim de cada ano, nas materias que se-tratarem: e tambem cada semana, outras particulares disputas. Mas o principal é, explicar bem todas as partes da-Filozofia; porque só desta sorte se-intendem. Menos lisoens, e mais explicaçoens. A disputa sim tem lugar; mas é quando um omem sabe bem, a materia: pois só assim é que occurrem as difficuldades, a quem argumenta; e as respostas, a quem defende. Mas deve o estudante em primeiro lugar, despir-se de todas as raivas, e argumentar com paxorra. Avemos de dar orelhas às razoens, que sam as que persuadem; nam às gritarias, que nada concluem. Antes quem se-ensada muito, perde os melhores argumentos; que sem duvida lhe-ocorreriam, se meditáse com sangue frio, o que diz. Deve em segundo lugar o arguente cuidar muito, em nam argumentar com sofismas; mas com razoens claras, e que firam directamente a questam, se as-acha: e nam occupar o tempo, com ridicularias. Neste particular é mui galante, o estilo de muitos Portuguezes: quando ouvem algum argumento, de Filozofia moderna, &c. saiem logo com a resposta: Iso dilo

fulano, ou sicrano : e julgam com isto, ter respondido ao argumento . como se dizendo-o muitos, por-isto perdese alguma coiza da-sua forsa ! Isto me succedeo algumas vezes : e especialmente em uma ocaziam, em que argumentei a um moço, contra a redondeza da-Terra, que ele defendia . Cuidou que dizia uma grande coiza, respondendo-me, que aquilo se-achava no-Feijoo . como se eu lhe-disese, que a noticia me-viera da-India, por-algum postilham particular ! Eu respondi, que tinha muito gosto, que o-disefem outros : e que esa era a minha maior prova, que o-disefem omens tam doutos, como os das-famozas Academias de Londres, e Pariz ; donde ele dizia, que o-tirára o Feijoo : e que isto mesmo me-dava ocaziam para dizer, que ele defendia uma falsidade : visto nam ter experiencias, para deitar abaixo, as que eu produzia, pola minha parte . Cuidou o dito, que me-envergonhava com a noticia ; e nam fez mais, que mostrar a sua ignorancia . A verdade é, que eu aindaque tive-se lido, alguma coiza do-Feijoo ; nam tinha visto nele, a tal especie : mas nos-autores, que tratam a materia ; e que o dito defendente nem menos tinha ouvido nomiar, quanto mais lido . Nem o Feijoo, como ja adverti, é omem capaz de se-estudarem nele, as materias : vistoque só dezingana os ignorantes : os doutos estam dezinganados, polos mesmos livros que ele leo : e nos-Paradoxos é tam superficial, que só serve para os que nunca estudaram, Filozofia moderna . Em outra ocaziam propuz a um Religiozo, uma difficuldade de Gramatica ; e respondeo-me, que aquilo o-dizia certo autor Francez . Eu confeso a V. P. que nam tinha lido o tal autor : mas li outros, de que ele talvez se-servise . Porem com toda esta jatancia, o Frade nam respondeo ao argumento . Onde o omem prudente, deve fugir deste estilo : pezar a razam em si, e reparar nam em quem o-diz, mas o que diz : e preparar-se para responder com razoens, e nam com diterios . O dezejo que muitos tem, de dizerem coizas novas nos-argumentos, é que faz que digam, parvoices : pois nam tendo tanta doutrina, para poderem produzir, difficuldades novas ; necessariamente diram ridicularias .

Mas era melhor, que estas concluçoens no-fim de cada ano, fossem exames publicos ; emque os mestres lhe proguntassem miudamente, as coizas principais, em todas as materias . Isto tem outra forsa, e efeito, doque as concluçoens publicas ; em que cadaum argumenta, no-que lhe-vem à cabeça . Mas sejam como forem, deve ser um ato em cada materia, no-fim do-ano . E

no-quarto ano depois do-ultimo, dar-lhe o grau de Licenciado, ou de Doutor. Mas quando o Doutoramento, por-seguir o costume antigo, devêse ser em outro dia; trez questoens de Logica, Fizica, e Etica, que prováse nam polo metodo da-escola, mas magistralmente; e uma breve orasam, em que lhe-argumentalem *ad honorem*; bastava para o dito ato. Mas estudem eles a Filozofia como devem, e falam os atos como lhe-parecer.

Da-Medicina pouco tenho que acrescentar, ao que disse a V.P. na carta em que falei nela. O Medico deve estudar Filozofia, segundo disemos: pois sem esse principio, nam pode dar um passo, na boa Medicina: nam sendo esta outra coiza mais, que a Fizica particular do-corpo humano. A Etica é menos necessaria ao Medico: e com o tempo pode estudar alguma coiza dela, para regulamento da-sua vida. No-primeiro ano de Medicina, deve estudar fundadamente, Anatomia; segundo apontei na minha carta: indo duas ou trez vezes na semana ao Ospital, ver nos-cadaveres, a materia que estuda. Parece-me que é muito mais util, estudar juntamente a Fiziologia, ou uzo das-partes, doque rezervála para o seguinte ano. E assim na 2. ora de menhan deve ir à escola, em que outro mestre explique, o uzo das-partes. Este estudo nam embarasa o outro, antes o-ajuda: pois vendo bem as partes, facilmente se-conhece o uzo: e este exame confirma novamente, a ideia que tem formado, da-dita parte. Esta é a primeira parte, das-Instituiçoens. No-segundo ano, estuda as mais partes, das-Instituiçoens Medicas; que sam a Patologia, Semeiotica, Hugiene, e Therapeutica. No-terceiro ano deve estudar a Pratica pola menhan, ou o tratado *de cognoscendis, & curandis morbis*: indo de tarde ao Ospital, verificar sobre os doentes, as coizas que estudou: tendo cuidado de nam ver muitos doentes; mas escolher alguns, para neles observar, o que estuda: e escrevendo tudo o que observa. Este metodo dá mais doutrina em trez anos, doque o metodo comum em vinte. No-mesmo terceiro ano deve estudar, os tratados particulares; indo ouvir os leitores, que expliquem as doensas das-Molheres, e Meninos: doensas da-Cabesa: do-Peito: do-Abdomen ou baixo ventre: no-que se-compreende tudo. Neste mesmo ano deve trez tardes na semana, ir ouvir alguma coiza, da-istoria dos-Simplezes, que servem para a Medicina: e frequentar o Ospital, para se-fundar bem na Pratica.

No-fim de cada ano, deve fazer um exame particular, das-matérias

terias que estudou no-dito ano: e seria bom propor cada semana, algum ponto, dos-mais importantes, para que se-disputáse na escola. O quarto ano podia-se empregar, em fazer atos: os quaes eu reduziria a trez, cadaum no-fim de trez mezes. 1.º em Anatomia. 2.º nas Instituiçoens Medicas, ou Teoria Medica. 3.º nas Instituiçoens da-Praxe Medica. Deste modo poderá o estudante, tornar a ler as materias, que tem estudado, e profundálas: vendo nam só as Instituiçoens, mas os melhores autores, que tratáram as materias particularmente; para poder responder sobre elas. E neste quarto ano eu lhe-dera, o grao de Bacharel; e, fazendo mais um ato, de Doutor: mas com proibisam de nam curar, senam despois de trez anos de pratica; provada nos-Ospitais, com frequencia continuada: pois neste tempo tinha o moso ocaziam, de profundar as materias, e exercitar bem a sua pratica.

Quanto ao modo de exercitar esta pratica, agradou-me sempre aquele, que observam os nosos Italianos, e tambem praticam outros Reinos: em que os Medicos, despois de graduados, concorrem para assistir nos-Ospitais, uns cinco anos antes de curarem. Aos mosos que saíram das-escolas, dam-se dois cazos: e dentro em meia ora, os-rezolvem por-escrito, na mesma camera em que estam os prezidentes. Os que sam melhores, preferem aos outros, e entram no-Ospital: o qual sendo grande, tem quatro destes Medicos, ou ainda mais. O Ospital é obrigado a sustentálos: da-lhe caza, e vestido: e uma boa livraria para estudarem: e toda a sorte de instrumentos fizicos, para fazerem as experiencias. Tem oras determinadas, em que assistem por-turmo: desorteque sempre um esteja prompto, quando o-chamarem. Deve o Medico assistente, acompanhar o Medico do-Ospital, quando vem fazer a vizita; e escrever os remedios, que este prescreve aos doentes, para os-mandar executar: porque a ele pertence, cuidar niso; e informar o seu Medico, quando vem. Tem alem disto o Ospital, quatro ou cinco incizores de cadaveres: que sam obrigados, a abrirem todos os cadaveres, que lhe-ordenar o Medico assistente. Desta sorte podem fazer as suas observaçoens, quando lhe-parece; com grande utilidade sua, e da-Republica.

Mas como nem todos os Medicos podem, intrar nos-Ospitais; á outro metodo, de os-exercitar na pratica, que se-reduz a isto. O Medico novo apresenta-se, ao Medico velho do-Ospital: este o-conduz a dois, ou trez, ou mais leitoes, e pergunta-lhe, qual é aquella enfermidade: e quando o novo a-acerta;

encarrega-lhe a cura, dos-tais doentes. O novifo vai curálos, todos os dias: e quando torna o Medico velho; da-lhe conta de tudo, o que tem feito. Se acazo tem errado, o Medico velho o-emenda: e desta sorte aprende bem. Muitos destes mosos escrevem miudamente os fenomenos, das-doensas que lhe-encarregam: cujas iforias confervam, e delas aprendem muito: e muitas vezes tem fucedido, que estes Medicos que escrevem a iforia, das-doensas que observam; tenham, em virtude delas, faido nam só bons Medicos, mas perfeitos autores. E com effeito creio que nenhum Medico, pode tirar proveito das-fuas observafoens; se nam escreve com cuidado, tudo o que observa: para fe-servir nas ocazioens. Este é o metodo de fazer-se letrado.

Os Cirurgioens tambem costumam, estudar nos-Ospitais, abitando neles dafamefma forte, que os Medicos. Comefam fervindo os doentes: e até certo tempo, nam tem paga: mas aprendem fe querem, e fervem no-Ospital, a tudo o que é nefcfario. Todos os anos fe-fazem anatomias, pola maior parte no-Inverno, ou Quaresma; onde os que estudam fam obrigados cadaum, fazer fua lifam publica; mostrando alguma parte, do-corpo umano. Os Medicos tambem entram nefsa lifa, e desta sorte fe-fazem omens. Com o tempo dam-lhe outros empregos, de algum emolumento: até que deipois de alguns anos faiem Cirurgioens, e vam curar pola Cidade; ou o mefmo Ospital, lhe-dá falfario. Tem alem difo mefres pagos de Anatomia, e Cirurgia, que vam dar duas lifoens cada femana, uma ora: e fempre fam os melhores Cirurgioens da-Cidade. Em algumas partes, e efpecialmente em Pariz, tem uma caza particular no-Ospital, em que recebem as molheres prenhes, e pobres, quinze dias antes do-parto. Os Cirurgioens vizitam-nas, e sabem tam bem conhecer, quantos dias lhe-faltam, que quazi mais fe-inganam. Estas molheres parem, diante dos-Cirurgioens: os quais nelas ensinam aos dicipulos, como fe-ám-de regular, nos-partos de tempo, e antes de tempo: como devem nos-partos dificis, dilatar fuavemente com a mam, a boca do-utero: romper as tunicas do-feto: voltar a crianfa que apresenta a barriga, ou costas: tirála polos pés, que é o mais feuro: tirar a placenta: pargar a madre, de algum fangué coalhado, que cauza perigozos fluxos de fangué. No-cazo que a crianfa morra, ou apodrefa, como fe-pode tirar: com que inftrumetos, e tenazes &c. Esta noticia é fuamamente importante, para livrar a vida a muitas molheres; que frequentemente morrem, por-culpa dos-Cirurgioens, que ignoram

como se-fazem estas operasoens ; e tambem para salvar a vida , ou ao menos a alma , a muitas criansas , que morrem no-parto : sendo certo que as parteiras , sam todas ignorantissimas . Basta que V. P. leia a bela obra , que sobre os partos compoz , *M. de Mauriceau* , em Francez , 4.º (que oje se-acha tambem , em Italiano) para conhecer , com quanta facilidade um Cirurgiam destre , pode livrar da-morte , estas innocentes criaturas . O mesmo autor compoz outro tomo , das observasoens que fez , em varios partos . Tive particular consolafam , de ler esta obra ; que verdadeiramente é boa , e erudita . Quanto ao escrupulo , que tem as molheres Portuguezas , de nam quererem parir , em prezença de Cirurgiam experimentado ; nam lhe-chamo vergonha , mas parvoice . Uma molher doente , e em perigo , nam só costumá chamar o Cirurgiam , paraque a-reconhefa toda ; mas em consciencia o-deve fazer . E que maior perigo , que o parto ? em que periga nam uma , mas duas vidas ; que frequentemente se-perdem , por-culpa desta chamada vergonha . A modestia e pejo , é mui louvavel em todos , e principalmente nas molheres : mas á-de ser em diferente sentido : muito mais porque os Cirurgioens , sendo cazados , e tementes de Deus , tem toda a boa prezunsam , pola sua parte . Para as outras coizas das-paridas , deve deixar-se o cuidado às molheres ; mas nisto dos-partos , em que sempre á perigo ; nunca ine-fiára das-parteiras : as quais só mandam chamar o Cirurgiam , quando a crianfa , ou a maen ja está morta . E assim estes escrupulos , parecem-me mui ridiculos , e prejudiciais . Esta é a pratica dos-Ospitais , em outros Reinos ! Prouvera a Deus , que em Portugal se-praticáse este metodo ! veria-mos sem duvida , outra sorte de Medicos , e Cirurgioens : o Publico receberia outro beneficio : e o dinheiro que nisto se-empregáse , seríá o que fructaria mais às Cidades , e daria onra á Nasam .

Admiro-me quando vejo o descuido , com que se-procede nesta materia ; nam digo nas Aldeias , mas nas Cidades grandes , e nesta Universidade , e ainda na Corte . Nam sei se isto provém , porque os que administram os Ospitais , nam tem quem os-advirta , nesta materia : ou se é porque os Medicos velhos , embarasam a reforma . Mas seja como for , é grande dano para a Republica . Seríá muito melhor , que parte do-dinheiro que gastam em doces , e galinhas , com tanto prejuizo dos-doentes ; como advertem os omens doutos ; se-convertêse em pagar a alguns Profesores bons , como tambem Medicos , e Cirurgioens assistentes . Sendo oje notorio , que a dieta dos-doentes , deve ser diferente da-

que-

quela, que aqui geralmente se-prática. Isto é o que fazem, em outros Reinos: e isto é, tambem, o que devem fazer aqui.

Tornando pois ao estudo da-Medicina, digo, que o estudante de Medicina, que frequenta a Universidade; deve no-3. e 4. ano ir uma vez na semana, à Chímica. Na qual escola um mestre explique primeiro, a teoria da-Chímica: despois, a pratica: e faça alguma operafam, diante dos-seus dicipulos. Isto nam embarafa os dicipulos, e dá grande luz para a Fizica, e Medicina. Nos-dois mezes da-Primavera do-terceiro, e quarto ano, nam deve aver lifam de tarde, mas deve o leitor de Botanica, ir ao orto Medico, mostrar as Plantas aos dicipulos: o que em outros Reinos costumam fazer, pasando. Este orto Medico, costuma ter todas as plantas, divididas em canteiros: e o leitor vai mostrando aos dicipulos, as ditas; e explicando o nome delas, e mil coizas curiozas de Fizica. Costuma esta lifam durar, uma ora e meia: e aprende-se mais na dita ora vendo-as, doque lendo anos inteiros, ou vendo as figuras nos-livros, que nunca chegam a representálas bem.

Passando ao Cirurgiam, que quer estudar fóra do-Ospital; despois do-primeiro ano de Anatomia, e Ulzo das-partes; deve no-segundo ir pola menhan, à Teoria da-Cirurgia: e de tarde ao Ospital, ver abrir os cadaveres, e fazer as outras operafoens. Desta forte com dois anos de teoria, (no-fim de cadaum deve fazer um ato publico, na materia que estudou: v. g. Anatomia, e Cirurgia) e quatro de pratica boa, pôde ser omem grande. E antes dese tempo, nam lhe-daria licença, para curar: mas obrigaria a fazer, todos os exercicios de Anatomia, que fazem os que assistem nos-Ospitais: e sem provarem a dita assistencia, e fazerem no-fim dos-quatro anos, o seu exame de pratica, diante dos-Cirurgioens; nam os-deixaria curar.

Seguem-se as Cadeiras da-Universidade: as quais se-podem reduzir a estas. Na primeira ora de menham, Anatomia. Este leitor só pode ler, quatro mezes d'inverno, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março: porque só neste tempo, se-podem abrir os cadaveres sem fedor, e mandar vir dos-Ospitais, as partes preparadas, para as mostrar, e explicar aos ouvintes. Deve alem diso dois dias na semana, explicar tudo no-Ospital, mostrando as partes, no-mesmo cadaver: pois só assim se-forma conceito. No-resto do-ano, nesta mesma ora deve outro explicar, a Higiene. Na 2. ora de menham, explica outro a Fiziologia, ou uzo das-partes. Na 3. outro, Instituoens de Cirurgia, e suas de-

demonstraçoens : nam só para os Cirurgioens , mas para os Medicos adiantados , que querem ter noticia , desta materia ; como na verdade devem : pois o Medico é obrigado saber , a Teoria da-Cirurgia , como em outra carta disse . De tarde o primeiro leitor deve explicar , a Pathologia : o segundo , a Semeliotica : o terceiro a Praxe medica , seu de *Cognoscendis* , & *Curandis morbis* . Este leitor em algumas Universidades costuma varios dias , explicar a sua materia no-Ospital , sobre os doentes . E ali mesmo , despois de vizitar os leitos , em uma caza separada faz uma breve disertafam ; um ano na materia de *Urinis* , outro ano na de *Pulsibus* : que sam noticias mui necessarias , para a Praxe . E isto mesmo se-devia fazer cá .

Em outra escola separada deve aver leitores , dos-tratados particulares . O primeiro de menhan , deve tratar de *morbis Mulierum* , & *Infantum* : explicando cada ano , uma parte daquela materia . O segundo , de *morbis Capitis* : o terceiro , de *morbis Pectoris* &c. De tarde o primeiro leitor , de *morbis Abdominis* : os quais incidentemente explicam , as outras partes anexas a estas . E nisto se comprehende , quazi toda a Medicina . O segundo leitor de tarde deve explicar , os Aforismos de Iprocates , materia utilissima : mas isto basta que se fasa , trez dias na semana . Nos-outros dias outro leitor , devia explicar na mesma ora , o tratado de *Febribus* . Na terceira ora de tarde , deve aver outro leitor de istoria Natural , que explique , nam digo todas as particularidades da-Fizica ; mas os Simplezes Exoticos , que podem servir para a Medicina : divididos nos trez reinos , Animal , Vegetal , e Mineral . Este leitor deve com grande criterio explicar , quais sam os que verdadeiramente tem virtude , e como se-prova : de que partes se-compoem &c. Nam pode V.P. crer , quanto isto sirva à Medicina , e quam necessario seja , para livrar os Medicos , de mil prejuizos . Mas como este leitor basta que explique , 3. dias na semana ; nos-outros dois dias , nesta mesma ora deve aver outro leitor , de Chimica ; que explique as Instituiçoens dela : e algumas vezes fasa , as experiencias necessarias . Esta noticia é tambem necessaria , ao Medico . Deve alem disto aver leitor de Botanica , como ja disse : o qual só explica , dois mezes do-ano , na segunda ora de tarde : o que faz no orto Medico , que deve ter a Universidade . No-qual seria justo ouvêse tambem , una caza vizinha , paraque em tempo de chuva , ou por-outra cauza , podêse nela explicar a materia , aos ouvintes ; e fazer as suas disertaçoes no-principio , e fim de cada ano : co-

mo fazem em outros Reinos, e ainda em Roma: a cujas differençaes vai assistir, alem dos-omens doutos, muita nobreza, e Cardiais. Parece-me que desta sorte, ficava tudo bem disposto, com decoro da-Universidade, e utilidade da-Republica.

Podia aqui advertir tambem, que os Ospitais se-deviam fabricar, diferentemente do-que sam: com janelas altas, defronte de outras: que se-abrissem de dia, para ventilar o ar: pois de respirar aquele ar, embebido de tam pessimos effluvios, nace[m] mil enfermidades: como tem mostrado, alguns Medicos doutissimos. Mas esta reflexam me-conduziria mui longe, e me-empenharia falar em muitas coizas, que nam quero. Assim só-digo, que nestes mesmos Ospitais, se-pode praticar; abrindo janelas no-alto da-fabrica, para dar mais luz, e melhor ar aos corredores. Desta sorte seriam estes Ospitais mais suportaveis ao olfato, doque nam sam: e mais salutiferos para os doentes, e para os que assistem neles. Em Roma nam á Ospital, que nam tenha o seu organo, para divertir os doentes quando comem: mas cá nam querem estas muzicas. Emfim deixemos de parte estas coizas * * *

Sobre o Direito dise a V.P., o que me-parece bastava. Se o estudante estuda, polo modo que acima aponto; desorteque na Gramatica, e Filozofia tenha estudado, a istoria Civil, especialmente a Romana; e despois a Etica: pode intrar logo a estudar a Lei. Porem se o-nam-tem feito, deve fazêlo, no-primeiro ano de Leis. Primeiro deve estudar a Etica, istoricamente: para ver os principios, da-lei Natural, e das-Gentes. Despois no-mesmo ano, a istoria Universal por-um compendio; e um bocadinho de Cronologia, e Geografia: e especialmente deve aplicar-se, à istoria Romana, tanto da-Republica, como dos-Imperadores: ao menos até o fim do-Imperio, no-Occidente.

No-fim ler a istoria do-direito Romano, que serve de commentario, à Lei. Feito isto, no-principio do-segundo ano deve ler, o texto das-Instituiçoens de Justiniano: que em dois mezes se-podem acabar maravilhozamente. Despois destes prolegomenos, deve no-restante dese ano, e no-terceiro, estudar as principais materias do-Direito, e que comprehendem muitas outras; que sam os Contratos, e Ultimas Vontades. Para isto é necessario, que saiba brevemente, quais sam as materias de Direito: quais as que nam se-praticam oje; e quais as que mais se-uzam no-Foro. O mestre terá cuidado de explicar isto, apontando as que sam mais principais: e o estudante notará brevemente, em que livros do-Direito se-acham; para saber, como se-á-de servir delas.

delas . No-quarto ano estudar  outras materias principais , do-Direito . O quinto ano rezervaria eu , para duas materias , que nesa Universidade nam se-tratam , mas que se-devem ensinar com cuidado : a primeira , sam as Institui ens Criminais . Nam sei fe falei a V.P. nisto : o que sei   , que importa muito para o Foro ; ou o estudante queira seguir as Varas , ou ficar no-Escritorio . Bem   verdade , que no-ultimo livro das-Institui ens de Justiniano , alguma coiza se-diz desta materia , mas confuzamente . Por-cujo motivo os Leitores de algumas partes , principalmente de Italia , ditam duas Institui ens : umas Civis , em que explicam tudo o que diz Justiniano , pola ordem dos-titulos , tirando os pontos criminais : outras criminais , em que somente se-trata , do-que   crime : e cada leitor explica as suas . A verdade   , que isto   sumamente util , e necesario , para quem  -de seguir aquella vida : pois em poucas palavras pode ver , o que deve praticar , em juizos gravissimos . Quem tem visto o Direito , estuda isto facilmente em dois mezes . O *Ursina* Romano compoz estas Institui ens , com muita clareza , divididas em quatro partes : na 1. trata dos-crimes meramente eclesiasticos . na 2. dos-meramente seculares . na 3. dos-mixtisorj . na 4. das-coizas comuas a todos os delitos . Verdade   , que   bastante-mente extenso : mas dele se-pode tirar , o que for mais necesario : e se alguem fizese este compendio , seria util para todos ; e podia-se estudar tambem , no-fim do-ano das-Institui ens Civis . A isto segue-se estudar , a lei publica do-Reino , ou *Jus Lusitano* , principalmente aquilo em que se-diversifica , da-lei Comua : Quais sam as Regalias dos-Reis : como se podem concordar com as da-Igreja , sem ofender nem umas , nem outras : e outras coizas semelhantes , que sam necessarias , e utis . E isto pode um mestre explicar , com muita facilidade , em pouco tempo : e podia tambem escrever-se , paraque os estudantes se-regulassem , sem muito trabalho . No-fim deste ano os atos , como ja apontei em outra carta .

Daqui fica claro , quantos leitores sam necessarios , para este estudo . Um de Etica , diferente do-que difemos na Filozofia . Este nam s  deve explicar a Etica , que trata do-direito Natural ; mas a Politica : e assim podemos-lhe chamar , leitor de Politica : bem que em muitas Universidades sejam diferentes . Um de historia Civil , que tambem explique a Romana , no-ultimo quarto da-sua ora . O terceiro de Institui ens Civis : e estes trez lem na mesma menhan , cadaum sua ora . De tarde trez leitores :

Na primeira ora, explicam-se Instituições criminaes: na segunda ora, 3.º e 4.º livro das-Instituições Civis: na terceira, uma materia principal das-Pandetas; que lhe-devem assignar cada ano. v.g. um ano, de *Inofficioso Testamento*, & de *Legitima*: outro ano, de *Legatis*, & *Fideicommissis*: outro, de *Substitutionibus* &c. E estes deviam ser obrigados, acabar a materia, nam uma em dez anos, como às vezes succede; mas quando muito, acabála em dois anos, e publicála manuscrita; para que os estudantes pobres a-pudessem copiar, e aproveitar-se dela, em falta de outros livros. Na segunda escola de Leis, o leitor primario devia explicar, o *Jus Lusitanum*. O segundo leitor, *Jus Feudale*: dando uma expozisam metodica, de todo o direito Feudal. O terceiro, outra materia das-Pandetas. De tarde o primeiro, Codigo: outro, Autenticas: e outro, alguma materia das-mais uzuais, e utis no-Foro. Deste modo, avendo dois leitores de Instituições Civis, podia o estudante facilmente acabá-las em um ano; porque tinha dois, que continuamente as-explicavam.

Quanto ao modo, com que o estudante pode frequentar, as escolas de Direito; claramente se-colhe, do-que disemos. No-ano, e tempo em que estuda a Etica, ou Istoria, e Instituições de Justiniano; nam deve aplicar-se, a outras materias; mas a uma só: pois nestes principios, aplicar-se a muitas coizas é embaraço, para saber alguma bem. Quando se-entra nos-tratados do-Direito, entam podem-se frequentar, duas escolas nõ-mesmo dia; e ler duas materias juntas: e quando está mais adiantado, nam condenaria, que às vezes fosse ouvir, alguma explicasam do-Codigo, e das-Pandetas. Mas a verdade é, que menos coizas se-estudam juntas, e melhor se-sabe cadauma: e eu sempre seria de parecer, ler pouco, e entendê-lo; que muito, sem utilidade. Sobre a Politica, nam tenho que lhe-dizer; pois no-primeiro ano de Etica, se-aprendem os principios dela. Mas quando o estudante é graduado, ou fique na Universidade, ou siga os bancos; entam é que deve procurar, de ter mais noticia dela: como ja dise na carta da-Etica, e lei Civil.

Ajunto o direito Canonico com o Civil, pola semelhansa que ambos tem. Ja se-sabe, que no-primeiro ano deve estudar, Istoria, e Instituições Civis, da-mesma sorte que asima disemos: o que tudo se-pode fazer, no-dito ano. No-principio do-segundo ano, istoria Eccleziastica antes, e despois de Cristo; especialmente esta segunda: ao principio por-Compendio: despois mais

extensa: e com o tempo, quando se-examinam as coizas particulares, é necessario profundála bem. Istoria do-direito Canonico em breve: Isto pode-se fazer, na metade do-ano. Na-outra metade, estudar as Instituiçoens Canonicas: e se as-nam-acabar, continuam-se no-seguinte ano. No-terceiro, e quarto ano, e principios do-quinto, materias de Direito, como já disemos, sempre as mais principais: v. g. *de Sacramentis*, *Beneficiis*, *Jure Patronatus* &c. Despois os atos, como no-direito Civil: o ultimo dos-quais, fose o grao de Bacharel. Despois disto, se quizez fazer concluzoens magnas, com elas lhe-daria o grao de Doutor; ou no-fim dese ano, ou no-principio do-sexto: e isto sem as costumadas ceremonias, que sam as maiores afetaçoens do-mundo, e nam significam nada. Uma orasam que disêse o doutorando, sobre um e-outra Direito: e querendo tambem, um ou dois argumentos por-ceremonia: um breve comprimento com que o-louváse um Doutor; devia bastar, nam só para este doutoramento em Canones, mas para as-Leis, e Teologia. A sagra-sam de uma igreja, ou de um altar principal, que costumam ser funçoens eternas; eu as-vi fazer ao Papa, com toda a magnificencia, em menos da-metade do-tempo, que se-gasta cá, em um Doutoramento. O aparato destes doutoramentos é estrondozo: a funsam eterna: e saie dali amofinado o que se-doutora, e os que lhe-assistem. Contudo, esta grande solenidade, examinada sem paixam, e espremidá na-mam, nam produz nada: porque nem serve para mostrar, a ciência do-doutorando; nem para divertimento, dos-que assistem. Isto nada mais é, que um mau costume inveterado, que os reformadores deviam emendar. Em outros Reinos mais alumiaados, e mais cheios de omens doutos, chamam a isto ridicularias, e sojem delas. Tambem aquelas lisoens de ponto, tanto no-Bacharel, como no-Licenciado; deviam-se desferrar, como já dise. Para provar se um omem sabe, basta replicar os atos, em diferentes materias; e examinálos bem nelas: isto serve ao estudante: e nam aquele ato de memoria, que nada significa. Mas quando nam quizesem deixar o estilo, da-lisam de ponto, podiam reduzila a meia ora. Alem disto, nam deviam tirar o ponto, abrindo eazualmente o livro: porque se-expoem, a achar uma materia esterilissima, e inutil no-Foro; deque nam se-pode tirar, coiza nenhuma boa. Era melhor, ter em uma hora, os melhores pontos, e mais secundos dos-Direitos, ou Teologia; e tirálos por-forte: porque assim estava seguro de ter materia, em que-pudez discorrer, e lustrar. Sobre

a pratica -, nam tenho que acrescentar , ao que disse do-direito Civil . Digo fomite , que o Canonista deve tambem no-quinto ano , ler as instituiçoens Criminaes : pois sam necesarias ao dito : sendo que quazi todo o emprego do-Canonista , nas materias Ecclesiasticas , consiste , em executar as penas .

Dos-leitores de Canonica , um deve explicar na primeira ora de menhan , Istoria , e Diciplina Ecclesiastica : na segunda ora outro , as Instituiçoens Canonicas : na terceira outro , uma materia de Canonica . De tarde o primeiro , a segunda parte das-Instituiçoens Canonicas . Depois , dois leitores , cadaum seu tratado de-Canonica . Em outra escola podiam explicar os textos , e suas materias : pola menhan Graciano , e as Decretais , e Sexto : de tarde Clementinas , Extravagantes ; e o terceiro , o Concilio de Trento , Regras de Cancelaria &c. Se a escola civil fosse pequena , para os que estudam Instituiçoens Criminaes ; podiam introduzir aqui de tarde , outro leitor dela . Em algumas Universidades costumam , duplicar as escolas mais frequentadas : v. g. de Medicina , e Leis : e em duas escolas , dois leitores explicam na mesma ora , as mesmas materias : paraque os estudantes que nam cabem em uma , vam à outra . E o mesmo se-podia fazer aqui .

Falta-nos fomite a Teologia : da-qual porem fica dito o que basta , para saber , como se-deve regular . O primeiro prolegomeno do-Teologo deve ser , a istoria da-Igreja antiga , e nova : que ja supoem a istoria Civil , com todos os seus apendices . Aindaque o estudante tivesse tido , alguma ideia desta istoria , por-compendio ; devia estudála aqui novamente , com todo o cuidado : como tambem a da-Teologia , para evitar mil erros , que cometem os Teologos , por-ignorar a istoria , da-sua profissam . Isto pode-se fazer , na metade do-ano : na outra deve ler , algumas instituiçoens da-Teologia . Parecerá isto erezia , a estes que nam sabem , que coiza é metodo : mas a verdade é , que é necessario : e nam a maior razam , para ambos os Direitos , doque para a Teologia . Se neles é necesario , para explicar em poucas palavras , o que se-acha espalhado , por-muitos volumes ; e poder o estudante com facilidade , ver o corpo do-Direito , a ordem dos-tratados , e dependencia que uns tem dos-outros ; isto mesmo se-verifica na Teologia : na qual quem nam tem noticia disto , nam pode formar conceito dela . Vi averá anos , um tomo em oitavo , que explicava em breve , todas as rezoluçoens da-Teologia Dogmatica , com um principal fundamento : e tambem comprehendia ; o Moral : Tambem o *Danes* explica o mesmo . Seria util

util ter dois tominhos, um que tratáse da Dogmatica, e outro do-Moral: aindaque para o rapaz nestes principios bastava, que lese o primeiro: nam digo que aprenda tudo de memoria; mas que o-leia bem, e veja as rezoluçoens, e ordem dos-tratados. Para isto pode servir o *Abelly*, em dois tominhos em oitavo; que segue esta ordem, com pouca diferença. Acham-se outras Instituiçoens mais extensas, como sam as do *Juvenino* em 5. tomos em 12. mas tem suas coizas reprovadas: e as do *Habert*, também em 5. tomos. Estas para se-lerem ao principio, sam grandes: para se-estudarem em todos os trez anos, sam breves: porque o estudante, que á-de seguir os estudos, necessita de noticias mais profundas. Contudo elas tem seu uzo, os autores as-fizeram para os Seminarios, em que pola maior parte se-ensnam rapazes, que devem ir instruir no-campo, ou em outra parte, os Fieis. Falo dos-que áin-de ser Parrocos fóra das-Cidades: ou também daqueles mosos que se-querem ordenar, para ficarem simpleses Beneficiados nas igrejas, ou simpleses capelaens, ou clerigos em suas cazas: e que estudam em Lisboa, ou em outra parte, onde nam á Universidades. Para estes digo, que sam otimos estes livros: principalmente o *Juvenino*, (tirando o que é mau) porque explicam em poucas palavras, os fundamentos, e as melhores difficuldades. Desorte-que para estes, é melhor saber aquilo, que nam saber nada.

Acham-se todos os dias destes Clerigos, e mritos Parrocos, que mal sabem ler, e nam intendem bem Latim. Alguns, com quatro cazos de Moral mal entrouxados, tem oje Parroquias; os quais, proguntados pola sua religiam, nam sabem, nam digo eu responder, ás difficuldades grandes; mas nem menos declarar isto, que crem. Neste particular devo dizer sinceramente a V. P. que a ignorancia é maior, que nam se-imagina. Nam tenho visto Clero secular tam ignorante, como o de Portugal: e isto mesmo me-confesáram ingennamente, alguns Portuguezes, que tem visto outros paizes. E por-isto a estes se-deve acudir, nam com estudos cansados; mas facis, e breves. Os outros, que querem fundadamente estudar Teologia, necessitam nestes trez anos, estudar polo menos, duas materias cada ano; como apontei em outra carta, em que falei a V. P. na Teologia. No-quinto ano deve fazer atos publicos, de trez em trez mezes: os quais eu reduziria a trez: dois em materias Dogmatico-Especulativas: e o ultimo em Moral. Determinando as materias, que cadaum devia defender, e o numero dos-póntos delas: As materias sejam as mais principais: qua-

quatro em cada ato: e em cadauma delas introduzir, nam só os Dogmas, mas tambem as istoricas, que sam necessarias, para illustrar o Dogma. Uma das materias devia ser a Escritura: tambem o tratado de Incarnasam, Trindade, Graça, Igreja, Sacramentos. Desta sorte, devendo o estudante repasar novamente, o que tinha estudado; podia fundar-se bem na materia, e entendela bem. Todos estes trez atos, deviam ser de aprovasam, para se poder formar conceito, da-sua erudisam. Sendo aprovado no-ultimo, no-mesmo instante lhe-daria, o grao de Bacharel. Querendo-se doutorar, devia fazer mais outro ato publico, a que podemos chamar, concluzoens Magnas: em que podia pôr, alem das materias propostas, outras diferentes. Feito isto, no-mesmo dia lhe-dava, o grao de Doutor: ou senam quando quize-se, e polo modo que acima apontamos, falando do-Direito. As outras ceremonias de atos, ja acima disse a V. P. que sam imposturas: porque os ignorantes, doutoram-se com tudo isto: e os doutos, nam necessitam disto, para mostrarem a sua capacidade.

Se os estudantes se instruissem desta maneira, e veria V. P. quam diferente doutrina traziam das-escolas: e ainda aqueles mesmos que nam estudam mais, que os quatro anos de Teologia, sem se-doutorarem; (como succede em Lisboa, e outras partes, em que nam á Universidade) tirariam alguma doutrina boa: e se nam fossem Teologos perfeitos, ao menos tendo os verdadeiros principios, podiam regular-se no-estudo, e adiantar-se. Em uma palavra, saberiam falar: o que comumente nam se-acha nestes clerigos; principalmente nos-que nam seguiram, as Universidades. Nam cuide V. P. que é encarecimento meu: a experiencia por-si só fala. De um curso de trez anos, que comumente se-ensina Teologia em Lisboa, a maior parte deles dezempáram a escola: e acha-se o mestre no-fim do-trienio, com doze, ou quinze estudantes. Os que se-foram no-primeiro ano, ja se-sabe que nam intendem nada, de Teologia. Mas estes mesmos que a-frequentam até o fim, examinados sobre ela, nada sabem disto. Quando muito responderám sobre duas, ou trez questoes mal engruladas: porque se os-aperta bem, como me-sucedeo amim, verá que totalmente nam respondem. Neste tempo ou ja sam Sacerdotes; ou estam em vesporas disto. Muitos, que nam tiveram mais, que o primeiro ano: muitos, que só a Filozofia: e muitos, que nem menos Filozofia, mas somente duas regras de Larraga; tambem se-ordenam de missa, e esta é a maior parte. Todos estes pertendem beneficios, e igrejas: e aceitarám tam-
bem

ham Bispos, se lhos-derem: e se V. P. investigar, o que elles cuidam, achará que julgam na sua consciencia, que sam mui capazes. Mas eu tomára que me-difese, com que consciencia se-ordenam, e aceitam empregos ecclesiasticos; aqueles que nam sabem, que coiza é ser Ecclesiastico? Que digo eu ser Ecclesiastico? achei ja sacerdotes, que nam intendiam, o que liam no-Breviario, e no-Misal: e pronunciavam palavras, que nem Latinas eram, nem Gregas, nem Ebraicas; mas inventadas por-elles: porque tais coizas nam se-achavam, no-Misal. Admiro-me deles: mas admiro-me muito mais dos-Bispos, que ordenam estes ignorantes. Estes Prelados sam devedores de todos os inconvenientes, que nadem desta ignorancia: e responderám em um tribunal retissimo, a todas estas objecções, que nam tem resposta.

Este é um dos-motivos porque digo a V. P. que o Clero secular deste Reino, é ignorante: pois os Bispos cuidam pouco nisto. Nam deviam ordenar, senam omens capazes. Deviam fundar Seminarios, e neles mandar ensinar, nam só Gramatica, o que nem menos muitos Bispos cuidam; mas ter bons mestres de Filozofia, e Teologia, e Liturgia; que instruissem perfectamente os rapazes na-piedade, e na erudissem Ecclesiastica. Isto é o que fazem os Bispos, em outros Reinos: e destes Seminarios tiram os Clerigos, para os-mandárem para as Parroquias do-Campo, e tambem da-Cidade. Eu conheci Bispos, e alguns deles Cardiaes, os quais em caza sua mandáram fabricar escolas, para beneficio de todos, os que queriam seguir, o estudo Ecclesiastico: e nelas avia leitores de Filozofia, Teologia, Leis, e Canones, pagos polo Arcebispo: d'onde saiam omens grandissimos, em todo o genero: e nos-Seminarios, ensinavam as Umanidades, lingua Grega, e Ebreia. Aqui nos-seminarios Episcopais só se-aprende, algum bocadinho de má Muzica. a Gramatica pola maior parte, vam aprendê-la fora. no-mais nam cuidam os Bispos. Muitissimas igrejas pasam de uns para outros renunciadas; muitas vezes rapazes, ou gente como Deus sabe. Por-iso os Parrocicos da-Cidade sabem pouco: e os do-Campo nada.

Para instruir os Parrocicos, e Confesores da-Cidade, pratica-se em Roma um meio, suave a todos, e utilissimo ao Publico. Todos os Confesores, e Parrocicos das-igrejas, que estam vizinhas a um convento, onde á leitores; sam obrigados duas tardes na semana, irem ao dito convento: onde, prezidindo o leitor de Moral, cada Confesor expõem um cazo, que lhe-deram quinze dias antes; e o-defende uma ora. Cada dia segue-se outro:

desorte que cada um ou argumenta, ou defende. Desta sorte, com pouquissimo ou nenhum trabalho, se lembra cada um do que sabe; e aprende o que nam sabe: e fazem-se omens doutos. Quem falta sem justa cauza, é apontado e multado. Ponho agora de parte outros exercicios, que os doutissimos Jezuitas, sempre zelozos da-utilidade dos-proximos; fazem por-sua devosam, em muitas partes, para instruir os Sacerdotes: um deles é este. Em uma camera grande da-Caza Profesa, ajuntam-se duas tardes na semana Clerigos, e outros mosos, que se-aplicam ao estudo Ecclesiastico; nam rapazes, mas aqueles que já tem acabado as escolas, e querem exercitar-se para Confesores, ou para outro exercicio. Um deles expoem academicamente, uma questam de Teologia Moral, ou de Liturgia, ou de Canonica, ou Diciplicina Ecclesiastica, segundo a distribuifam. Acabada a orasam; argumenta um ou dois, se á tempo. Assiste a isto um Jezuita de autoridade, que nam tem mais emprego, que exercitar-se nisto. Quando o defendente erra, ele o-adverte, e com toda a caridade e cortezia lhe-ensina, como deve dizer, e responder. desta sorte exercitam-se todos. Vizinho a esta caza está outra camera, com uma grande estante de livros; os quais o Padre empresta, a quem quer ver ali, algum ponto. Sucedeo-me alguma vez, intrar nestes exercicios; e vi neles muita gente boa: e alguns Bispos, e Patriarcas, que por-sua curiozidade iam ouvir, e aprender. Sei, que isto se-podia tambem praticar em S. Roque, ou em outra parte: mas nam peso tanto: o que digo a V. P. é, que o exercicio dos-Confesores, é sumamente necesario, e podia-se dispor sem trabalho algum. v. g. S. Juliam, S. Justa, S. Nicolao, Martires, S. Paulo, podiam ir ao Espirito Santo: outras Parroquias, a S. Domingos: outras a S. Roque &c. Se acazo os Sacerdotes se-instruifem deste modo; os que da-Cidade partifem para o Campo, fariam a sua obrigasam: e sem tanta repetifam de exames, (que é o unico meio, que muitos Bispos julgam ser util) podiam ser Parrocos zelantes, e doutos.

Daqui pasando ás Cadeiras de Teologia, digo, que com poucos Leitores, se-pode fazer tudo. Deve aver uma cadeira de Escritura, na qual se-expliquem os Prolegomenos da-Escritura, e sucefivamente os livros Sagrados pola sua ordem: explicando principalmente, o sentido Literal: rezolvendo todas as difficuldades istoricas, que nacam do-texto. E o mesmo pode ir explicando cada ano, algum bocado da-Armonia Evangelica. Isto basta que se-faza, uma ora cada menhan. Na segunda ora outro expli-

plica as Instituições Teologicas : em modo tal , que cada ano deve explicar em poucas palavras , a serie , e rezoluções mais fundadas , de toda a Teologia ; para dar alguma luz , aos principiantes . O terceiro Leitor deve explicar , a Teologia Positiva , continuando o curso das-materias , todos os anos . De tarde o primeiro Leitor explicará Moral : nam secamente , Moral de Casos , mas de Tratados ; explicando as questões historicas , que incidentalmente occorrem : e mostrando os verdadeiros principios , dos-quais devemos tirar as decizações , dos-casos particulares . O segundo Leitor deve explicar , algumas das-principais controversias , que os Catholicos tem , com os Erejes modernos . O terceiro Leitor deve explicar , todos os livros *de Gratia* de S. Agostinho , cada ano seu tratado . Este Leitor é sumamente necessario , para os que querem alcançar , a verdadeira mente do-S. Doutor . Em todos os seculos a Igreja explicou , todas as difficuldades da-Gracia de Cristo , com a doutrina de S. Agostinho . Onde importa muito ao Teologo saber , qual foi a mente do-tal Santo . Mas este Leitor nam deve explicar S. Agostinho , inclinando-o para alguma particular Escola : mas declarando simplesmente , o sentido do-Santo , tirado dos-seus livros , com as luzes da-historia Ecclesiastica . Querendo introduzir mais cadeiras , podiam fazê-lo em outra escola separada : e pôr nela alguns leitores , cadaum dos-quais explicasse sua materia : os de menhan , Positivo-Especulativa : os de tarde , Moral . Aquella cadeira de *Escoto* , de *Durando* &c. totalmente se-devem pôr de parte : porque se elas obrigam , a explicar o dito autor , é fenezia : porque nem *Escoto* , nem *Durando* sam textos , que devam explicar-se : e na era presente , nem menos se-devem ler . Se nam obrigam a isto , sam intus ; e em seu lugar se-devia ler , a verdadeira Teologia . O mesmo digo , da-cadeira de *S. Tomaz* . Este santo , tambem nam é autor Sagrado , paraque devamos fugeitar-nos , ao que ele diz : é um doutor Escolastico . Onde , pondo de parte a sua grande santidade , que veneramos como devemos ; o que ele diz , se é em materia de Dogma , deve-se abraçar , nam porque ele o-diz ; mas porque o-diz a Igreja : Se é em materia opinativa , devemos olhar , para os fundamentos que dá , e nam para quem o-diz . Pola mesma , e ainda com maior razam deviam introduzir , cadeira de S. Jeronimo , Ambrozio , Crizostomo , Bazilio &c. O certo é , que nestes particulares nam devemos fugeitar-nos , à autoridade de nenhum ; mas à razam : e defender a Teologia , que cre a Igreja Catoli-

tolica Romana, nam a que dizem, os particulares doutores; Mas quando nam pudessem dispensar-se de explicar, a Suma de S. Tomaz, ao menos para utilidade daqueles, que juráram as ditas opinioens; podia-se explicar nesta segunda escola, uma ora de tarde: nam introduzindo opinioens novas, nem comentarios; mas explicando a pura mente do-S. Doutor, que sempre é a mais racionavel.

Neste lugar ocorre-me dizer, que nos-outros Reinos da-Europa, o primeiro dia, que se-abrem os estudos em Outubro, cada escola tem a sua orasam Latina, a que chamam *augural*. v.g. um Leitor recita a de Teologia: outro das-cadeiras maiores, outra de Medicina, Lei Civil, Canonica, Filozofia, Istoria, Rectorica &c. o que muitas vezes se-faz, em dias seguidos, paraque todos as-posam ouvir. Isto é digno de um estudo publico: e sempre se-faz, com grande concurso dos-doutos, da-Nobreza, e às vezes Cardiais. E em alguma Universidade, como Padua, nam a-faz o Leitor, mas um dos-melhores dicipulos; para o-acostumar a falar em publico: e nam é o mestre que a-faz, mas ele mesmo. Cada ano tem seu assunto diferente, o qual a Universidade às vezes costuma afinar, ao Orador. Tambem em varias Universidades, morrendo um Profesor, lhe-fazem exequias publicas, com a assistencia da-Universidade: e um Leitor recita o seu elogio funebre, em Latim: E tambem isto é decorozo, e util, para animar os omens, a que sigam a virtude. Seria tambem mui louvavel, que se-introduzise este costume nesa Universidade, e semelhantes lugares de letras, e virtude.

Concluo lembrando a V. P. que em outros Reinos, tem-se fundado Seminarios seculares, para os Nobres: onde os rapazes aprendem, nam só as Ciencias, mas as partes de cavalheiros, e artes liberaes; dançar, tanger, cavalgar &c. Tem oras determinadas, para o estudo: nas outras, estuda cadaum aquela arte liberal, que quer: e com grande destreza e prudencia manejam as inclinacioens, daqueles meninos. De tarde, acabado o estudo, vam passar em ranchos de dez ou doze, com o prefeito. Muitos destes Seminarios, sam governados por-alguns Religiozos: v. g. Jezuitas, das-Escolas Pias, Barnabitas &c. todos clerigos Regulares. Outros por-sacerdotes Seculares: e os colegiais vestem de abade de curto. Esta instituisam é famosa. Ali Fidalgos, e Principes metem os seus filhos: nam tem os apertos, que ca vemos em Portugal: e saiem omens feitos, ou ao menos muito eruditos, e cul-

e cultos. Prouvera a Deus, que ca se-introduzise este costume, para civilizar a Mocidade.

Isto é o que me-parece, basta dizer agora, sobre a dispozisam dos-estudos altos: nam só porque V.P. comprehende mui bem, todas estas coizas, sem que eu lhas-diga; mas tambem, porque nas cartas que tenho mandadõ, (se é que as-conferva) unindo-as a esta, achará tudo o que dezejava saber, nesta materia; e assim nam direi mais.

ESTUDO DAS-MOLHERES.

Mas antes que acabe, tocarei um ponto que se-deve unir, aos estudos que apontamos; e vem azer, o estudo das-Molheres. Parecerá paradoxo, a estes Catoens Portuguezes, ouvir dizer, que as Molheres devem estudar: contudo se examinarem o caso, conhecerám, que nam é nenhuma parvoice, ou coiza nova; mas bem uzual, e racionavel. Polo que toca à capacidade, é loucura persuadir-se, que as Molheres tenham menos, que os Omens. Elas nam sam de outra especie no-que toca a alma: e a diferença do-sexo nam tem parentesco, com a diferença do-intendimento. A experiencia podia, e devia dezinganar estes omens. Nós ouvimos todos os dias molheres, que discorrem tam bem, como os omens: e achamos nas istorias molheres, que souberam as Ciencias muito melhor, que alguns grandes leitores, que nós ambos conhecemos. Se o acharem-se muitas, que discorrem mal, fosse argumento bastante para dizer, que nam sam capazes; com mais razam o-podiamos dizer, de muitos omens. Compare V. P. uma Freira mosa da-Corte, com um Galego de mezes; e verá quem leva ventagem. De que nace esta diferença? da-aplicasam e exercicio, que um tem, e outro nam tem. Se das-molheres se-aplicasem aos estudos tantas, quantos entre os omens, entam veriamos quem reinava.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande, que as molheres estudem. Elas, principalmente as maens de familia, sam as nosas mestras, nos-primeiros anos da-nosa vida: elas nos-ensinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das-coizas. E que coiza boa nos-ám-de ensinar, se elas nam sabem o que dizem? Certamente, que os prejuizos que nos-metem na cabeça, na nosa primeira meninise; sam sumamente prejudiciais, em todos os estados da-vida: e quer-se um grande estudo e reflexam, para se-despir deles. Alem diso, elas governam a caza: e a diresam do-economico, fica na esfera da-sua jurisdicam. E que coiza boa po-

de fazer uma molher , que nam tem alguma ideia da-economia ? Alem diso , o estudo pode formar ós costumes , dando belissimos ditames , para a vida : e uma molher que tem , alguma noticia deles , pode nas oras ociozas , empregar-se em coiza util , e onesta ; no-mesmo tempo que outras se-empregam , em levandades repreensiveis . Muito mais , porque nam acho texto algum da-lei , ou Sagrada , ou Profana ; que obrigue as Molheres a serem tolas , e nam saberem falar . As Freiras ja se-sabe , que devem saber mais alguma coiza ; porque ám-de ler livros Latinos . Mas eu digo , que ainda as cazadas , e donzelas , podem achar grande utilidade , na noticia dos-livros . Persuado-me , que a maior parte dos-omens cazados , que nam fazem gosto , de conversar com suas molheres ; e vam a outras partes , procurar divertimentos pouco innocentes ; é porque as-acham tolas , no-trato : e este é o motivo , que aumenta aquele desgosto , que naturalmente se-acha , no-contínuo trato de marido com molher . Certo é , que uma molher de juizo exercitado , saberá adosar o animo agreste , de um marido aspero , e ignorante : ou saberá entreter melhor , a dispozisam de animo , de um marido erudito ; doque outra , que nam tem estas qualidades : e desta sorte reinará melhor a paz nas familias . O mesmo digo das-donzelas , a respeito dos-parentes . Enfim esta materia é de tanta considerasam , para a Republica , que um omem tam pio , e douto , como *M. de Fenelon* Arcebispo de Cambrai ; compoz um belissimo tratado , sobre esta materia : (e despois dele alguns autores Francezes , e Italianos , que eu li) em que ensina , como se-deve regular este estudo : e as utilidades que dele se-podem tirar . Ao que eu podia acrescentar , algumas experiencias , e reflexoens minhas , feitas sobre as applicaçoens que observei , em algumas molheres .

Reduzindo pois em pouco , o que se-pode dizer nesta materia , principalmente acomodando-me ao estilo de Portugal ; digo , que com as molheres se-deve praticar o mesmo , que apontei dos-rapazes . O primeiro estudo das-maens deve ser , enlinar-lhe por-si , ou , tendo possibilidade , por-meio de outra pessoa capaz , os primeiros elementos da-Fé . &c. explicando-lhe bem todas estas coizas : o que podem fazer , desde a idade de cinco anos , até os sete . Despois , ler , e escrever Portuguez corretamente . Isto é o que rara molher sabe fazer , em Portugal . Nam digo eu escrever corretamente , pois ainda nam achei alguma , que o-fizesse ; mas digo , que pouquissimas sabem ler , e escrever ; e muito me

nos; fazer ambas as coizas correntemente. Ortografia, e Pontualsam, nenhuma as-conhece. As cartas das-mulheres sam escritas, polo estylo das-Bulas, sem virgulas nem pontos: e alguma que os-poem, pola maior parte é fóra do-seu lugar. Este é um grande defeito: porque daqui nace o nam saber ler, e por-consequencia, o nam intender as coizas: deve-se emendar com cuidado, este defeito. Neste mesmo tempo explicam-se melhor, os misterios da-nossa Fé: ornando-os com algumas istorias do-testamento Velho, e Novo: que servem para impresos bem, na memoria. Sei, que neste paiz nam á livros vulgares, que expliquem bem estas coizas: e erã melhor, que alguns Religiozos, em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas escuzadas; compuzesem um breve Catechismo historico, util para a Mocidade: porque a chamada *Cartilha* do-mestre Inacio, é coiza indigna: ou polo menos traduzir de alguma lingua estrangeira, belissimos livros que se-acham nesta materia. Principalmente seriam utis, os livros que tem figuras; como um Francez, que se-intitula, *Figuras da-Biblia*: e traz a istoria to-la da-Escritura em figuras, com breves explicaçoens. Nam é crível, quanto este estudo entre na-cabeça dos-meninos, sem parecer que estudam, mas que se-divertem. Este é o ponto principal, nos-estudos dos-rapazes: nam amofinar-lhe a paciencia: mas instruilos como quem se-diverte. Por-iso me-agrada aquele metodo, que alguns observam, ainda antes de lhe-ensinar a escrever; pintar as letras do-Alfabeto, nas costas das-cartas de jogar, e por-modo de divertimento jogar com eles: ensinar-lhe que letra é: mandar-lha proferir: e ilas ajuntando. Desta forte, quando aos sete anos se-ensina a ler, tem a crianca vencido, a metade da-dificuldade sem o-advertir, e facilmente lerá.

Quando a menina sabe ler, e escrever soffrivelmente, deve-lhe o mestre dar-alguma ideia, da-Gramatica Portugueza: a qual neste principio se-reduz, a pouquissimas coizas. Mostrar-lhe nos-livros que le, as oito partes da-orasam: ensinar-lhe, a forsa delas: a declinasam do-Nome: e alguma coiza da-conjugasam dos-Verbos. Que o Verbo pede cazo &c. e outras coizas gerais. Em terceiro lugar a Pontualsam, e Ortografia correta. Isto compete a rapazes, e raparigas: mas eu principalmente o-digo, das-femias: porque os rapazes, que ám-de seguir os estudos, devem nas escolas estudar mais.

Depois disto, devem-lhe ensinar, as quatro primeiras ope-

raoens de Aritmetica : as quais sam todos os instantes necessarias, para a economia da-caza. Isto aprende-se em quinze dias, com facilidade, avendo um mestre, que o-saiba explicar bem : pois bem se-ve, que do-ler para diante, requer-se mestre : vistoque as maens nara tem todo o tempo, ou paciencia, ou doutrina para iso.

Posto isto, que é o fundamento de toda a educasam, e a que nem menos se-deve dar, o nome de estudo ; tem lugar um estudo mais solido, que é o da-Istoria. Isto deve comesar, por-uma carta Geografica : na qual o mestre vá mostrando, as principais partes do-mundo, especialmente a Palestina, e tudo o que pertence à istoria Santa. Isto faz-se brevemente ; e tendo cuidado de procurar na carta, as Cidades de que se-fala ; sabe-se quanto basta, para o prezente cazo : e sendo este exercicio continuo, pode com pouco trabalho, aprender muita coiza util. Despois, dilatará aquella ideia da-istoria Santa, que aprendera no-catechismo ; explicando cada dia, um passo de-istoria : e no seguinte dia mandando-lhe repetir, a instancia dela. Com esta ocaziam pode incidentemente explicar, a divizam dos-tempos, e serie deles, e as mais famozas epocas, do-Antigo testamento ; para estabelecer o fundamento da-Istoria : sendoque para este estudo que apontamos, basta nma ideia : e nam é necessaria, uma escrupuloza Cronologia. Esta istoria da-Biblia regula o estudo, de qualquer outra : e serve de confirmar qualquer pesoa na sua fé, e religiam : que nada mais é, que uma colesam de verdades, reveladas em ambos os Testamentos : e serve tambem, para intender os sermoens, e deles tirar fruto.

Segue-se explicar-lhe em um Compendio, de proporcionada extensam, a istoria Profana, especialmente a Grega, e a Romana : nas quais se-acham famozos exemplos, de todas as virtudes morais, proprios para regula as afoens, e animálas. Estas istorias devem-se ler devagar : e nos-passos famozos devem-se fazer, as necessarias reflexoens : porque sem isto é ler, como o Papagaio. Tambem é coiza util, mandar-lhe escrever o compendio, ou rezumo de algum passo que lèram. Desta sorte imprime-se na memoria o que se-estuda, e aprende-se a escrever bem : porque o mestre pode emendar os defeitos de escriptura, se é que os-tem : e ensinar-lhe a pôr em poucas palavras, e com clareza, o seu parecer ; sem deixar circumstancia esencial. Isto serve muito para as conversaoens, para tratar negocios, e fazer mil outras
coi-

coizas, que todos os dias sam necessarias nesta vida .

Depois da-istoria Universal, segue-se a particular de Portugal . E justo, que as mulheres saibam, a istoria da-sua patria: e vejam o que tem avido bom, e mau, na istoria do-seu Reino. Nam digo, que devam ler tudo, o que se-vai escrevendo na Academia Real, sobre esta materia: basta que se-sirvam de um Compendio: ou leiam, o de Faria &c. No-mesmo tempo aprendem, ou se-aperfeisoam, na lingua Espanhola; que serve muito para ler as istorias, e outras obras daquela Nafam .

Estes estudos tem a particularidade, de nam impedir os mais necessarios, e que sam proprios das-mulheres: falo da-economia, que se-pode aprender no-mesmo tempo, que se-faz o outro. Diz M. Rolin com razam, que este é o fim, para que a Providencia as-poz neste mundo; para ajudarem os maridos, ou parentes; empregando-se nas coizas domesticas, no-mesmo tempo que eles se-aplicam, às de fóra . Por-este nome de Economia intendo, saber o prezo de todas as coizas, necessarias para uma caza, e a melhor qualidade delas: como tambem, em que tempo se-devem fazer, as provizoens de caza: o que importa muito, para poder poupar. Tambem, como se-deve preparar um jantar, e com a menor despeza, em cada tempo do-ano: e outras coizas destas. Isto nam parece nada, aos ignorantes: mas parece importante, a quem reflete, que da-falta destas coizas nasce, fazerem-se gastos superfluos, com ruina das-familias. Vemos todos os dias, muitas Senhoras, e V. P. conhece algumas, arruinaem as suas cazas e rendas, com coizas, que talvez nam sam superfluas, mas porque nam-sabem gastar: e assim empregam dez, no-que vale trez. Isto nam é grandeza, é ridicularia, e ignorancia. Grandeza chamo eu, saber gastar quando se-deve, e como se-deve: dar esmolas proporcionadas: ajudar os aflitos, e benemeritos: pagar as dividas de algumas peoas onradas, opremidas com este pezo: e outras coizas destas. Polo contrario, quando vejo deitar o dinheiro na rua, e gastálo sem reflexam, chamo-lhe solenissima loucura. Alem diso deve uma donzela aprender a ter, o seu livro de contas: em que asente a receita, e despeza: porque sem isto nam á caza regulada. Deve tambem ter alguma ideia, do-modo de conservar, e aumentar as rendas, das-suas fazendas. Succede todos os dias, que as Senhoras fiquem viúvas, e tutoras de seus filhos; ou senhoras absolutas de muitas fazendas: e neste cazo, se nam tem alguma ideia, e conhecimento destas coizas;

nam

nam podem deixar de arruinar os seus bens , aindaque lhes-pã-
 refa, que tem feitores de consciencia . Esta é uma erudisam que
 uma mulher de juizo , pode facilissimamente ir suministrando , às
 suas filhas , e filhos ; porque em todo o tempo serve . Conheci
 uma Princeza , que era exatissima nessa materia de Economia : e
 sabia tanto , como um omem bem instruido . Mas esta Senhora
 tam economica por-uma parte , tanto nos-vestidos , como no-de-
 mais ; era tam grandioza em outras coizas , que eu sei com to-
 da a certeza , que empregava todos os anos , cincoenta contos
 de reis , em esmolas : parte , que dava aos seus vafalos , nos-feu-
 dos que tinha : e grande parte , na Cidade em que assistia : e a
 ela recorriam todos os aflitos , como a verdadeira maen : e avia
 muita gente onrada , que tinham mezadas determinadas , com que
 sustentavam , grandes familias . Isto é o que eu chamo , fazer
 bom uzo da-economia . Nem todos o-podem fazer : confesso :
 mas todos podem saber de economia quanto basta , para nam
 se-arruinarem .

A segunda parte da-economia ponho eu , no-trabalho das-maons .
 Este emprego é mui necessario , para tirar o ocio ; e tambem para
 saber administrar bem a caza : e para os pobres , é sumamente
 necessario , aprender a cozer bem , fazer bem meias , romen-
 dar , e outras coizas de caza . Acham-se mulheres plebeias , e
 eu vi algumas , que o-nam-sabem fazer : o que cauza sumo
 prejuizo , em uma familia . Mas quando a Senhora fosse tam rica ,
 que nam necesitáse diso ; sempre o-devia aprender , para conhe-
 cer bem , as coizas de que necessita &c. e podia empregar o dito
 trabalho , em esmolas de pobres , de igrejas &c. Tambem nisto
 à muita preocupasam , neste Reino . As Senhoras ou desprezam
 o trabalho , ou só fazem coizas , que era melhor que as-nam
 fizesem , porque sam vaidades ridiculas . Nam condeno a gran-
 deza e aseio nos-vestidos , que sam proprios do-seu grao : aprovo ,
 e louvo : o que condeno é , aquela machina de vestidos escuza-
 dos , e outras coizas por-todos os titulos superfluas . Neste par-
 ticular a Istoria , pode comesar a servir , às ditas Senhoras ; para
 lhe-mostrar , que muitas nam só nobres , ou fidalgas ; mas alguns
 fueros asima , Princezas soberanas , Imperatrizes &c. se-aplicavam
 a tecer , e outras obras de maons : e julgavam ser esta uma parte
 principal , da-sua educasam . *Otaviano Augusto* , que nam era
 um Rei pequeno , mas o mais potente dos-Imperadores , e omem
 de juizo perfeito ; tendo particular cuidado , da-educasam de sua
 filha

filha *Julia*, para a-constituir Princeza digna, de lhe-suceder no-trono; especialmente lhe-ordenava, que trabalháse em coizas de lan: e com effeito nisto se-empregou nos-primeiros anos, imitando a sua maen. A istoria Romana, por-nam falar agora na Grega, nos-suministra, mil exemplos destes. As Senhoras Romanas tinham isto por-grande gloria: e osomens prudentes da-Republica, quando elogiavam as mulheres; (isto sucedia nos-elogios funebres, que pronunciavam os parentes, ou nas istorias) punham isto, na cabe-seira da-lista. Livio, que era um omem tam prudente, e de grande mente, avendo de louvar *Lucrecia*; nam descreve a sua beleza, ou alguma das-muitas prerogativas que possuia: mas diz, que se-entretinha com as suas aias trabalhando em lan: *Lucretiam nocte sera non in convivio luxuque, sed deditam lana, inter ancillas sedentem inveniunt*. E se decessmos a estes ultimos tempos, veremos um grande Imperador, que foi o Czar *Pedro*, (nem menos osomens despezáram isto) applicado a fabricar com as suas maons um navio, em uma terra estrangeira; para poder regular os arsenais, nas suas terras: o que lhe-frutou muito bem. E eu vi algum Rei, e Principes Soberanos, que nas oras de descanso, se-aplicavam a algumas artes, nam só liberaes, e pertencentes à guerra; mas a outras galantarias, em que trabalhavam com toda a perfeisam: e vi alguma Rainha, que tambem fiava. Emfim isto é tam claro, que cuido que com difficuldade se-achará, quem o-negue.

Quanto ao cantar, e tocar instrumentos, nam me-pareco ser de precisa necessidade às mulheres, ainda civis. Se se-aprendêse quanto bastava, para entreter, ou no-campo, ou em caza, a sua familia; nam o-condenaria. Succede algumas vezes, que uma filha que canta, e toca, diverte um pai, ou maen, que padece enfermidades abituais: e neste cazo o ter estas prendas, poder virtude, e ter merecimento. Pode tambem uma senhora, aprender estas partes, para se-divertir a si, nas oras ociozas, e entreter-se modestamente: e disto digo o mesmo. Mas empregar dinheiro, e tempo consideravel nestas coizas, uma donzella que pola maior parte nam se-serve disto, despois de cazada &c. nam me-parece louvavel. Quanto às que se-destinam para Freiras, é justo que aprendam o que é necessario, para os tais empregos: principalmente tocar organ. Nas senhoras Grandes nam é tam condenavel, aplicar-se mais a estes divertimentos innocentes; se o-fazem com o fim, de nam estarem ociozas. O que

porem me-parece necesario, a uma Senhora que tem boa educação, é, aprender alguma coisa a dançar: nam para se-servir de todas as galantarias, que ensinam os mestres; mas para aprender o que é necesario, a uma pessoa, que á-de tratar com gente bem educada, e de nascimento. Por-falta deste exercicio, vemos muita gente, que anda torta, e com alcorcova: outras nam sabem fazer uma mezura: e quando entram em uma camera, em que está gente, nam sabem encontrar as pessoas: comprimentar com boa maneira: e em uma palavra, faltam a todas as ceremonias, que sam necessarias, a gente bem educada. Isto porem é uma coisa, que ofende muito a vista. E assim a maen devia cuidar, que o mestre ensinasse estas coisas, e as-instruisse bem. Daqui para diante, nam me-parece que seja util; tirando o que já disse, de aprender o que basta, para que em uma ocaziam de quinta &c. possa dançar um menuete, e divertir-se com os seus parentes, e conhecidos. Deste parecer é tambem, o douto M. Rolin.

Proguntarmeá V. P. o meu parecer, sobre o estudo da-lingua Latina: no-que á diversidade de pareceres, ainda entre omens mui doutos: alguns, que absolutamente o-proibem: outros, que o-querem. Eu, sem intrar agora a disputar o caso, direi o que me-parece. Já se-sabe, que nam salamos das-molheres ordinarias: porque estas basta que saibam, as coisas de caça, e ler em um livro &c. Istoria, Latim, e outras destas coisas, nam sam tanto necessarias. Falo das-pessoas civis, e nobres: e destas digo, que o estudar Latim, a algumas é necesario; e sam as Freiras: porque me-parece ridiculo, que leiam continuamente Latim, sem o-intenderem. Das-outras as que tiverem mais tempo, nam me-parece improprio, que o-estudem. E porque nam á-de uma Senhora, que le a Istoria, intender um bocado de Latim, para ler a dita, na sua lingua original? porque nam poderá uma Senhora, inclinada à piedade, ler a Escritura, principalmente o Ecleziastico &c. em Latim? Ponho de parte, tantos exemplos de mulheres doudas, que podia citar; algumas das-quais eu conheci, e tratei: e talvez que alguma delas soubesse mais Latim, doque muitos profesoress, que nós conhecemos * * Falo somente da-razam intrinseca: e respondo, que nam acho incoerencia alguma, mas antes é coisa mui louvavel. Mas neste caso deve-se seguir uma estrada, diferente da dos-rapazes, e só propria para molheres. A Gramatica seja tam breve, quanto pode ser: a qual o mestre deve encurtar ainda mais, ex-

plicando em voz , muitas coizas : e logo intrar na explicafam , de algum autor facil . As molheres nam é necefario , que falem o Latim : basta que o-intendam : o que fe-deve , e pode fazer , polo modo mais breve do-mundo . Desta forte intenderiam as Freiras , o que lem : e muitas Seculares teriam mais gofio , e tirariam mais utilidade , de ler os livros . Isto é o que me-ocorre em breve , e tenho tambem lido em alguns autores . Certamente , que a educafam das-molheres neste Reino , é pessima : e os omens quazi as-confideram , como animais de outra especie : e nam só pouco aptas , mas incapazes de qualquer genero de estudo , e erudifam . Mas fe os Pais , e Maens confiderafem bem a materia , veriam que tem graviffima obrigafam , de as-ensinar melhor : e que de o-nam-fazerem , resulta graviffimo prejuizo á Republica , tanto nas coizas publicas , como domesticas .

Com ifto acabo a prezente carta : e o que V. P. me-tem pedido , sobre o metodo dos-estudos : que ; fe bem me-lembro , cuidando que os-temos corrido todos . Nestas cartas tenho dito a V. P. o que me-tem ocorrido , parte efcrevendo em prefa ; e parte nam podendo , por-falta de livros , examinar tudo o que queria : que é o mefmo que dizer , que efcrevi , expondo-me a cometer muito erro . Contudo como quer que a fufstancia fe-configa , os erros me-perdoará V. P. O que lhe-peso é , que ou nam comunique estas cartas ; ou o-fafa com muita cautela . Sam infinitos os ignorantes : e nefa Cidade nam á poucos : e estes feram os primeiros , que diram mal , e censurarám uma materia , que eles nam intendem pataca . Fuja V. P. desta cafta de gente : ou ao menos tape-lhe a boca , examinando primeiro , fe tem todos os requizitos , que a Logica ensina ferem necefarios , em quem á-de julgar , das-materias alheias . Aos outros amigos nosos mais capazes * * * diga-lhe o que lhe-parecer : mas nam fe-interne muito , sem primeiro lhe-tomar o pulfo : pois dife , e torno a dizer , que muita gente as-nam-intenderá : e estes feram os primeiros , e mais rigidos cenfores . A mim pouco me-importa ifo , porque a verdade triumphá : contudo nam quero desgoftrar ninguem . Se pois fuceder que V. P. com o tempo , o que dezejo , fubir á maiores cargos , ou tiver introdufam com pefoas Grandes , Principes &c. nefe cazo pode infnuar-lhe , algumas destas noticias , como coiza fua : e fe agradarem , e tiverem effeito , *te patrem patrie appellabo* . Mas pefo-lhe que oculte fempre , o nome do-auctor : porque fe aqui fe-fouber , que um Eftrangeiro dife ifo , acaba-

bou-se a razam, e parecerá muito mal. Isto que digo aqui, nam prejudica à nosa amizade. V.P. nam me-poupe, em coiza nenhuma de seu gosto: pois com toda a sinceridade de amigo direi, se o-poso fazer, ou nam; ou responderei quando puder. Sobre os outros pontos de Filologia, em que me-fala nesta ultima carta; responderei na primeira conjuntura. Nam quero agora confundir uma coiza, com outra: e tambem quero poupar-lhe a matraca, de ler carta ainda mais comprida. Guarde Deus a V.P. muitos anos.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

ERROS	EMENDEM-SE
Tendo achado que estes erros sam mais frequentes nesta edisam; por isto dou uma regra geral, para se-emendarem: os outros abaixo se-notam.	
engano, dezengano, enganar, dezenganar	ingano, dezingano, inganar, dezinganar
comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes que se-formam destes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.	compremir, impremir, oprimir &c.
entrar, encontrar, emportar, informar, engenhar, ingenho: e vozes, e nomes que destes nacam.	intrar, incontrar, importar, informar, ingenhar &c.
O acento que se-acha nos monossilabos já, lê, vê, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dê, dá, dás más só pôr verbo &c. para os-distinguir das particulas e vozes semelhantes. Como tambem em pé, pés, e outra rarissima.	

ERROS	EMENDEM-SE
Pag. 1. regra 15. milésima	milezima
P. 4. r. 25. ò meu	o meu
r. 38. Física	Fizica
P. 5. r. 23. objectos	objetos
r. 19. una	uma
r. 38. à parte rei	a parte rei
P. 6. r. 18. una	uma
r. 21. a qui	aqui
P. 8. r. 1. por que	porque
r. 12. e esta	é esta
r. 26. lhe-dé	lhe-dê
P. 9. r. 9. pez	pés
P. 10. r. 8. discipulos	dicipulos
r. 14. discipulos	dicipulos.
r. 23. alguna	alguma
P. 12. r. 19. a questam	a questam
P. 15. r. 9. se-parados	separados
P. 17. r. 3. aqucles	aquelas

	P. 23.	rezervam-nâs	rezervam-nas
	r. 34.	daquelas	daquelas
	r. 39.	o mesmo	o mesmo
P. 18.	r. 19.	Causas	Cauzas
	r. 28.	preciso	precizo
	r. 31.	corresponde	conresponde
P. 20.	r. 9.	ningum	ninguem
P. 21.	r. 13.	religioso	religiozo
	r. 15.	Fariseos	Farizeos.
P. 22.	r. 1.	à vista	à vista
	r. 10.	gordos	grandes
P. 24.	r. 2.	se-occupa	se-occupa
P. 26.	r. 1.	Filozia	Filozofia
	r. 2.	oque	o que
P. 27.	r. 22.	<i>Substancia</i>	<i>Substantia</i>
	r. ult.	imediatamente	imediatamente
P. 31.	r. 10.	Jesuita	Jezuita
	r. 35.	sentenza	sentença
P. 33.	r. 15.	conhecer	conhecer
P. 35.	r. 17.	de agua?	de agua:
P. 36.	r. 33.	ciencia	ciencia
P. 40.	r. 10.	aredor	arredor.
P. 41.	r. 39.	erar	errar
P. 42.	r. 13.	livos	livros
P. 43.	r. 28.	tradado	tratado
P. 45.	r. 20.	Jesuita	Jezuita
P. 51.	r. 39.	corpes	corpos
P. 52.	r. 2.	refrasam	refrasam
	r. 29.	semelhantes	semelhantes
P. 56.	r. 21.	à mesma	a mesma
P. 62.	r. 31.	reconhece	reconhece
P. 67.	r. 5.	qua	que
	r. 21.	vicioso	viciozo
P. 68.	r. 22.	asam	asám
P. 69.	r. 38.	dinheiro	dinheiro
P. 70.	r. 7.	confiste	confiste
P. 74.	r. 25.	discipulo	dicipulo
P. 76.	r. 3.	na-Corte	na Corte
P. 79.	r. 21.	à lei	à lei
	r. 39.	creatura	criatura
P. 80.	r. 36.	defenio	definio
P. 87.	r. 36.	ou mas	ou más
P. 89.	r. 33.	è corpo	é corpo
P. 94.	r. ult.	diminue-se	deminue-se
P. 98.	r. 26.	Peripatico	Peripatetico
P. 101.	r. 21.	<i>Phyfico</i>	<i>Phyfico</i>
P. 108.	r. 31.	femea	femia
P. 109.	r. 35.	o um	ou um
P. 111.	r. 24.	suspeitoza	suspeitoza
P. 116.	r. 1.	perfeitissimos	perfeitissimos
	r. 24.26.	poder	puder
P. 117.	r. 21.	de-teta	da-teta
	r. 26.	Anotomia	Anatomia
P. 121.	r. 32.	está	esta

P. 122. r. 1.	diminuífam	deminuífam
P. 134. r. 38.	mas	más
P. 137. r. 13.	tradinhos	tratadinhos
P. 138. r. 7.	me-ocorrer	me-ocorrer
P. 142. r. 10.	conheçêse	conhecêse
P. 143. r. 14.	acrecendi	accrecendi
P. 155. r. 2.	o-tem	a-tem
P. 157. r. 2.	que Lem	que lem
r. 15.	naquele, cazo	naquele cazo,
P. 158. r. 17.	comprehenderia	compreenderia
P. 173. r. 16.	inga nos	inganos
P. 175. r. 19.	coecos	caecos
P. 182. r. 4.	agunta-se	ajunta-se
P. 183. r. 17.	distrebuir	distribuir.
P. 184. r. 14.	lecito	licito
P. 187. r. 12.	diminuir	deminuir
P. 192. r. 22.	da-vida-civil	da-vida civil
P. 197. r. 9.	Petro	Pedro
P. 205. r. 1.	expalhado	espalhado
r. 17.	perre	parte
r. 28.	columnas	colunas
P. 207. r. 17.	contrebuio	contribuio
P. 210. r. 13.	ocazioens-necesarias	ocazioens necesarias
P. 212. r. 32.	Petro	Pedro
r. 34.	tida	tido
P. 219. r. 15.	prezidindo	prezidindo
P. 220. r. 3.	conhecer	conhecer
r. 30.	Itaiiano	Italiano
P. 221. r. 5.	Esta	Estas
P. 223. r. 2.	a sua	a suma
P. 224. r. 18.	na quela	naquela
P. 227. r. Pen.	E specialmente	Especialmente
P. 235. r. 26.	melor	melhor
P. 236. r. 11.	ponco	pouco
P. 237. r. 12.	comprehende	compreende
r. 19.	diminuto	deminuto
P. 242. r. 26.	que Igreja	que a Igreja
P. 257. r. 1.	menham	menhan
r. 16.	menhas	menhas
P. 263. r. 27.	taucc	tanto
P. 267. r. 10.	parece, a Fizica	parece a Fizica,
P. 268. r. 20.	Peritateticos	Peripateticos
P. 270. r. 5.	Religiosos	Religiosos
P. 271. r. 16.	Architettura	Architettura
P. 278. r. ult.	Institutoens	Institutoens
P. 280. r. 14.	foportaveis	suportaveis

62 / 261
53

7/184
2

